UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

YUKA ITO

ENSINO DE LÍNGUA JAPONESA NO NÚCLEO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DA UECE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ORAL DOS PROFESSORES E PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA

FORTALEZA
2010

YUKA ITO

ENSINO DE LÍNGUA JAPONESA NO NÚCLEO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DA UECE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ORAL DOS PROFESSORES E PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de Concentração: Estudos da Linguagem).

Orientador: Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho.
Co-orientador: Profa. Dr. Laura Tey Iwakami.

FORTALEZA
2010

I893e

Ito, Yuka

Ensino de língua japonesa no Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE: Análise da produção oral dos professores e proposta de atividade didática./Yuka Ito – Fortaleza, 2010.

195 p.il.

Orientador: Profº Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Ensino de Língua estrangeira 2. Pronúncia 3. Língua japonesa. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 400

YUKA ITO

ENSINO DE LÍNGUA JAPONESA NO NÚCLEO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DA UECE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO ORAL DOS PROFESSORES E PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de Concentração: Estudos da Linguagem).

Aprovada em 23/09/2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho - UECE (Presidente)

Profa. Dra. Laura Tey Iwakami - UECE (Vice-Presidente)

Profa. Dra. Lolko Matsubara Morales – USP (1º Examinador)

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes – UECE (2º Examinador)

Dedico a presente dissertação a todos os familiares, professores, amigos, colegas do trabalho e alunos que me incentivaram na busca de meus objetivos profissionais.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão de bolsas de estudo, incentivo financeiro constante que me propiciou crescimento profissional e pessoal ao participar de diversos congressos e eventos similares.

Ao Curso de Mestrado em Linguística Aplicada, pelo conhecimento acadêmico que enriqueceu minha vida profissional e pessoal ao longo do curso.

Ao Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará - UECE, instituição onde lecionava, pela possibilidade de oferecer lugar para realizar a prática de ensino e campo de pesquisa para realizar esta dissertação, e por sempre possibilitar meu crescimento profissional e pessoal.

Ao meu Professor Orientador, Wilson Júnior de Araújo Carvalho, pelos inúmeros e valiosos comentários realizados em todo o processo para concluir este trabalho.

À minha Professora Co-orientadora e Coordenadora do Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE, Profa. Dr. Laura Tey Iwakami, pela ajuda que me ofereceu profissionalmente, pelos importantes comentários na qualificação do projeto do presente estudo e durante todo o processo de pesquisa. E a seus demais familiares, pelo apoio que sempre me deram.

À Profa. Dr. Leiko Matsubara Morales, pela participação como membro da banca examinadora que avaliou o presente estudo e pelos importantes comentários recebidos durante a defesa.

Ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes, pelos importantes comentários feitos durante a qualificação do projeto e bem como na defesa da dissertação como membro da banca examinadora que avaliou o presente estudo.

Aos colaboradores japoneses, pela participação nesta pesquisa como avaliadores de pronúncia dos Sujeitos participantes desta pesquisa.

A todos os colegas professores do Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE, pela participação durante o processo desta pesquisa e apoio pessoal em diversos momentos.

À minha família, pelo seu imenso carinho e incentivo, de longe.

Aos meus amigos, Wadison Nogueira Melo e Francisco Jadilton Lima Pereira, pela ajuda na elaboração de redação e tradução dos textos em japonês durante todo o processo deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como tema o ensino de pronúncia da Língua Japonesa no Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará, verificando a pronúncia dos professores do referido curso e o tratamento do ensino de pronúncia. Após a análise, objetiva-se apresentar propostas didáticas para um ensino de pronúncia para o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos. A pesquisa fundamenta-se nos estudos fonéticos e fonológicos de Cagliari (1999), Massini-Cagliari (1992), Barbosa (2000), Collischonn (1996), Kashima (2005), Koizumi (1993), nas teorias sobre ensino de línguas estrangeiras de Brown (2000), Sasaki (1994), sobre a interlíngua de Corder (1972), Ellis (1982) e GASS.Susan.M & GASS. Larry.Selinker (1997), nas pesquisas acerca de problemas de pronúncia de aprendizes de línguas estrangeiras de Silva (2006), Toda (2003), Tasugawa (1999), Ogawara (1997), e, ainda, nas propostas didáticas de Toda (2004, 2008), Isomura (2009), e Imada (1989). Considera-se a hipótese de que, na percepção de algumas dificuldades na pronúncia da língua japonesa dos professores, devido à diferença no sistema fonético e fonológico dos dois idiomas, japonês e português, tais pronúncias são fenômenos de interlíngua, e não erro. O diagnóstico para a pesquisa foi realizado em quatro etapas: leitura em voz alta; observação de aula; análise de materiais utilizados no curso; e, por fim, realização de oficina de pronúncia da língua japonesa com a aplicação de um questionário com todos os professores do referido curso. Revelou-se, pelos dados obtidos, que o ensino de pronúncia é restrito ao Semestre I, quando é introduzida a escrita japonesa, *Hiragana* e *Katakana*, a qual é ligada ao ritmo da língua. Pelo teste de leitura em voz alta com quatro professores selecionados durante a pesquisa, verificou-se que há algumas inadequações de pronúncia, que podem ser identificadas como interlíngua. Ao aplicar o questionário com a Coordenadora do curso, entende-se que não houve oportunidade de realizar especificamente uma orientação sobre ensino de pronúncia da língua japonesa até o momento. Dentro desse ambiente, os professores do referido curso reconhecem a importância do ensino da pronúncia, especialmente, o tratamento de acento e ritmo. Porém, como não havia orientação sistemática voltada ao ensino de pronúncia, sua prática é realizada de acordo com a experiência e criatividade de cada professor. A análise de materiais didáticos permitiu-nos verificar que o ensino da pronúncia requer muito a intuição dos alunos mediante repetição e imitação de modelo de áudio. Pela análise conjunta dos dados obtidos, entende-se que os professores necessitam de um estudo focalizado no ensino da pronúncia, e, consequentemente, poderem aprimorar a aprendizagem dos alunos. Assim, com base nessa afirmação e nos resultados obtidos, elabora-se uma proposta didática para o ensino da pronúncia da língua japonesa, que possibilite promover, de forma coerente, a melhoria das habilidades orais dos alunos, servindo, também, aos professores como um estudo para aperfeiçoamento da sua própria prática oral e docente.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Estrangeira. Pronúncia. Língua japonesa.

ABSTRACT

This paper is about the teaching of the Japanese Language's pronunciation at Núcleo de Línguas Estrangeiras - UECE. The aim of this work is to check the pronunciation of the teachers from this course and the treatment given to the teaching of pronunciation. After the analysis, some proposals for a didactic teaching of pronunciation to the development of the students' oral skills will be presented. This research is based on phonetic and phonological studies of Cagliari (1999), Massini-Cagliari (1992), Barbosa (2000), Collischonn (1996), Kashima (2005), Koizumi (1993); on the theories about foreign language teaching of Brown (2000), Sasaki (1994); on the interlanguage of Corder (1972), Ellis (1982) and e GASS. Susan. M & GASS. Larry. Selinker (1997); on the researches concerning the problems of pronunciation of foreign languages learners of Silva (2006), Toda (2003), Tasugawa (1999), Ogawara (1997); and also on the didactic proposals of Toda (2004, 2008), Isomura (2009) and Imada (1989). The hypothesis considered in this paper is that in the perception of some difficulties on pronunciation of the Japanese teachers, due to the difference in phonetic and phonological system of the two languages, Japanese and Portuguese, such pronunciations are interlanguage phenomena, not error. The diagnosis for the research was conducted in four stages: reading aloud; classroom observation; analysis of materials used in the course; and, finally, conducting a workshop on pronunciation of the Japanese language by applying a questionnaire to all teachers of this Japanese course. It was proved by the data obtained that the teaching of pronunciation is restricted to Semester I, when the Japanese writing is introduced, Hiragana and Katakana, which is connected to the rhythm of this language. By the reading aloud test with four teachers selected for the survey, it was found that there are some inadequacies in pronunciation, which can be identified as interlanguage. After applying the questionnaire with the coordinator of the course, it was understood that there was no opportunity to be held specifically a guidance about the pronunciation teaching of the Japanese language until now. Within this environment, the teachers of this course recognize the importance of the pronunciation teaching, especially the treatment of rhythm and stress. However, as there was no systematic guidance related to the pronunciation teaching, its practice is performed in accordance with the experience and creativity of each teacher. The analysis of instructional materials allowed us to verify that the teaching of pronunciation requires much intuition of students through the repetition and the audio imitation model. After the analysis of the data, we noticed that the teachers need a focused study on the teaching of pronunciation, so that they can improve the student's learning. So based on this statement and the results, it draws up a proposal for the teaching of pronunciation of the Japanese language, making it possible to promote and to improve the oral skills of students, serving also as a studying for teachers to improve their oral teaching and their own oral practice.

KEYWORDS: Foreign Language Teaching. Pronunciation. Japanese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Movimento utilizado no *Verbo-tonal Method* 24

Figura 2: *Prosody Graf* (KAWANO; KUSHIDA; TSUKIJI; MATSUZAKI, 2004 p.iv) 24

Figura 3: Estrutura silábica da teoria auto-segmental (COLLISCHON, 1996, p95) 26

Figura 4: Estrutura silábica da teoria métrica (COLLISCHON, 1996, p96) 26

Figura 5: Árvore de estrutura de sílaba pesada/leve (COLLISCHON, 1996, p98) 26

Figura 6: Árvore de estrutura de *mora* (COLLISCHON, 1996, p100) 27

Figura 7: Árvore de estrutura de *mora*: vogais longas e ditongo (COLLISCHON, 1996, p.100) 27

Figura 8: Estrutura interna de sílaba do português (COLLISCHON, 1996, p. 110).....27

Figura 9: Uso de escrita japonesa (ISHIZAWA; TOYODA, 1998, p. 3) 39

Figura 10: Explicação de acento da língua japonesa (KAWARAZAKI, 1980, p.x e xi) 82

Figura11: Exercício para pronunciar o som de [ɸ] (TODA, 2004, p.100) 110

Figura12: Exercício para pronunciar o som de [ɸ] - 2 (ISOMURA, 2009, p31) 111

Figura 13: Exercício de prolongamento da palavra *eiga* /eːga/ - uso de movimento de mão. (TODA, 2004, p.18) 112

Figura 14: Exercício de pausa da palavra *chotto* /tʃoQto/ - uso de movimento de mão (TODA, 2004, p.19) 113

Figura15: Exercício para fixar o número de *moras* – uso de movimento do corpo com a palavra *obaasan* /obaːsan/ (TODA, 2004, p.19) 114

Figura16: Exercícios para aprender o ritmo com a unidade de “pé” (TANAKA; KUBOZONO, 1999, p. 53) 115

Figura 17: Exercício para fixar acento da palavra: uso do movimento de braço com palavras *sakana* /sakaNa/ e *tamago* /tamago/ (ISOMURA, 2009, p.92) 117

Figura 18: Exercício para fixar acento: uso do movimento de cabeça com palavras *sakana* /sakaNa/ e *tamago* /tamago/ (ISOMURA, 2009, p.93) 117

Figura 19: Exercício para fxar acento - uso de partitura musical com palavras *sakana* /sakaNa/, *tamago* /tamago/ e *tomato* /tomato/ (ISOMURA, 2009, p.93) 118

Figura 20: Exercício para aprender a pronúncia de palavras homônimas (TODA, 2008, p.42) 119

Figura 21: *Prosody Graf* (KAWANO; KUSHIDA; TSUKIJI; MATSUZAKI, 2004 p. iv) 120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferença de significado entre duas variações de tonicidade 3 29
Quadro 2 - Possibilidades de interpretação da expressão *kyōiku* 30
Quadro 3 - Distribuição de tom de três palavras, "*tori*", "*niku*" e "*toriniku*" 30
Quadro 4 - Explicação gramatical da frase "*torinikukatta*" 31
Quadro 5 - Combinação de uma consoante e uma vogal em *rōma-ji* representada por um caractere em *Hiragana* e *Katakana* 34
Quadro 6 - Combinação de duas consoantes e uma vogal em *rōma-ji* epresentada por dois caracteres em *Hiragana* e *Katakana* 35
Quadro 7 - Combinação de duas consoantes dobradas em *Hiragana e Rōma-ji* 36
Quadro 8 - Número de *moras* da palavra "*kaji*" (incêndio) 37
Quadro 9 - Número de *moras* da palavra "*kanji*" (ideograma) 38
Quadro 10 - Número de *moras* da palavra *kitte* (selo) 38
Quadro 11 - Número de *moras* da palavra *kite* (o verbo "vir") 38
Quadro 12 - Explicação da leitura de っ (tsu) escrita em tamanho menor 39
Quadro 13 - Número de *moras* da palavra *obāsan* (avó) 39
Quadro 14 - Número de *moras* da palavra *obasan* (tia) 40
Quadro 15 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *kouten* e *shinkansen* 40
Quadro 16 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *megane* e *tabemonoya* 40
Quadro 17 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *kyūtto* 41
Quadro 18 - Número de *moras* e divisão de pé com um enunciado *okuttandeshō* 41
Quadro 19 - Alteração de número de *mora* durante a produção oral 41
Quadro 20 – Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português42
Quadro 21- Símbolos fonéticos consonantais da língua japonesa 43
Quadro 22 - Símbolos fonéticos das vogais do português 43
Quadro 23 - Símbolos fonéticos das vogais do japonês 43
Quadro 24 - Frases que podem causar ambiguidades na produção oral por aprendizes46
Quadro 25 - Diferença no acento da palavra *seki* 66
Quadro 26 - Diferença no acento da expressão *moushimashita* 66
Quadro 27 - Diferença de acento na expressão *kurumade* 66
Quadro 28 - Diferença de acento na palavra *sankai* 68

Quadro 29 - Diferença de acento na expressão *kurumade* 68
Quadro 30 - Tratamento de elementos de pronúncia no Semestre I 94
Quadro 31- Tratamento de elementos de pronúncia no Semestre II em diante 95
Quadro 32 - Divisão de *mora* de um slogan de regras de trânsito no Japão 116
Quadro 33 - Roteiro do diálogo do Exercício 11 121

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....7
LISTA DE QUADROS 8
1 INTRODUÇÃO 14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....19
2.1 Ensino de Línguas Estrangeiras e importância de ensino de pronúncia 19
2.2 Ensino de Pronúncia de Línguas Estrangeiras 22
2.3 Definição e conceituação de termos utilizados neste trabalho 25
2.3.1 Sílaba 25
2.3.2 Acento.....28
2.3.2.1 Acento da língua portuguesa.....28
2.3.2.2 Acento da língua japonesa 29
2.3.3 Ritmo 32
2.3.3.1 Ritmo da língua portuguesa 32
2.3.3.2 Ritmo da língua japonesa.....33
2.3.3.2.1 Sistema da escrita japonesa e o conceito de *mora* 33
2.3.3.2.2 *Mora* especial, *Hiragana* e *Katakana* 37
2.3.3.2.3 Mais uma unidade de ritmo da língua japonesa 40
2.3.4 Diferença nos aspectos segmentais entre as duas línguas 42
2.3.5 Interlíngua 44
2.35.1 Caso dos brasileiros 47
3 METODOLOGIA 49
3.1 Contexto da pesquisa.....49
3.2 Sujeitos da pesquisa.....52
3.2.1 Professores do Curso de Japonês do NLE e seu material de ensino 53
3.2.2 Sujeitos participantes A 55
3.2.3 Sujeitos participantes B.....56
3.3 Procedimentos da pesquisa 56
3.3.1 Teste de leitura em voz alta 56
3.3.1.1 Instrumento de leitura em voz alta - roteiro de leitura 57
3.3.1.2 Procedimento de gravação de leitura em voz alta 58

3.3.1.3 Procedimento de teste de leitura em voz alta 58
3.3.1.3.1 Colaboradores japoneses 59
3.3.1.4 Submissão de gravação de leitura em voz alta 59
3.3.1.4.1. Teste de leitura em voz alta 59
3.3.2 Observação de aula 60
3.3.2.1 Procedimento de observação de aula 60
3.3.3 Análise de materiais didáticos 61
3.3.4 Oficina de pronúncia da língua japonesa 61
3.3.4.1 Materiais 62
3.3.4.2 Procedimentos da oficina 62
3.3.5 Aplicação do questionário 62
3.3.5.1 Questionários aplicados 63
3.3.5.2 Procedimento de aplicação de questionários 64
3.3.6 Análise de dados 64
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO 65
4.1 Teste de leitura em voz alta 65
4.2 Observação de aula 69
4.2.1 Sujeito participante A-1 70
4.2.2 Sujeito participante A-2 73
4.2.3 Sujeito participante A-3 75
4.2.4 Sujeito participante A-4 77
4.3 Materiais didáticos 79
4.3.1 Nihongo: Kana-Uma Introdução ao Silabário Japonês 81
4.3.2 Apostila Kana Nyuumon-Introdução ao Kana 83
4.3.3 Shin Nihongo no Kiso e Minnna no Nihongo 84
4.3.4 A coleção do Minna no Nihongo 85
4.3.4.1 Conteúdo do material de áudio 86
4.3.5 Reflexão sobre materiais 87
4.4 Oficina de pronúncia da língua japonesa 89
4.4.1 Uso de materiais didáticos 90
4.4.2 Como aprendeu a pronúncia da língua japonesa? 91

4.4.3 O que ensinam? 93
4.4.4 Quando ensinam? 97
4.4.5 Como ensinam? 98
4.4.6 Sobre oficina de pronúncia 98
4.5 Discussão sobre os dados obtidos 100
5 PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADE DIDÁTICA 107
5.1 O quê, como e quando ensinar? 107
5.2 Atividades didáticas de pronúncia 109
5.2.1 Atividades para o ensino de aspectos segmentais 110
5.2.2 Atividades para o ensino de ritmo 112
5.2.3 Atividades para o ensino de acento 116
5.2.4 Sugestões para o desenvolvimento de atividades inseridas por Sujeitos participantes A e B 121
5.2.4.1 Modificação de atividades adotadas nos livros 121
5.2.4.2 Gravação de produção oral 123
5.2.4.3 Teatro 124
5.2.4.4 Pesquisa sobre materiais para o estudo de pronúncia 125
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 131
APÊNDICES 136
Apêndice A: Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia (pesquisa-piloto) 136
Apêndice B: Roteiro de leitura em voz alta para os Sujeitos participantes A 139
Apêndice C: Teste de leitura em voz alta 143
Apêndice D: Tradução do roteiro de leitura em voz alta 146
Apêndice E: Perfil dos Sujeitos participantes A 151
Apêndice F: Perfil dos colaboradores japoneses 155
Apêndice G: Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa 156
Apêndice H: Questionário respondido sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa 161
Apêndice I: Questionário para coordenadora do curso de japonês do NLE 186

ANEXOS 187

Anexo A: Tabela de escrita japonesa: *Hiragana, Katakana* e *Rōmaji* (*Minna no Nihongo* I, p.3) 188

Anexo B: Explicação sobre pronúncia (Livro-tradução e notas gramáticas do *Minnna no Nihongo I* p. 4-7) 189

Anexo C: Instrução de ensino de pronúncia (Livro-instrução de metodologia do livro texto principal do *Minnna no Nihongo I* p. 30-34) 1

Anexo D: Pares mínimos de *moras* especiais do livro *Hatsuon* (IMADA, 1989, p.164-167) 191

Anexo E: Pares mínimos e homônimos de moras especiais do livro *Hatsuon* (IMADA, 1989, p.171, 189) 192

Anexo F: Marcas indicadoras de acento da língua japonesa do livro *Hatsuon* (IMADA, 1989, p.102) 193

Anexo G: Dicionário de japonês português (COELHO, 1998, p. 11) 194

Anexo H: Dicionário de acento da língua japonesa (NHK, 1998, p. 6-7) 195

1 INTRODUÇÃO

Quando um indivíduo se dispõe a aprender uma língua estrangeira, em geral, uma de suas finalidades é utilizá-la como meio de comunicação. Essa comunicação pode ocorrer tanto através da escrita (cartas, *e-mails*, bate-papos *online*, etc.) quanto através da fala. É bem provável que aprendizes de língua estrangeira tenham como um de seus objetivos conseguirem se comunicar com certa fluência na língua-alvo, tanto com nativos como com outros aprendizes da língua em estudo. O fato de as línguas apresentarem estruturas organizacionais diferenciadas em diversos aspectos faz com que o aprendiz de língua estrangeira venha a enfrentar, no decorrer do processo de aprendizagem, algumas dificuldades no desenvolvimento das seguintes habilidades: escrita, leitura, compreensão auditiva e oralidade.

Quanto à oralidade, é verdade que, em algumas situações interativas entre falantes, mesmo que as palavras não sejam articuladas adequadamente, pode-se transmitir o princípio da mensagem através de uma negociação/interação durante o decorrer da conversa. Porém, em determinadas situações interativas, embora se processe uma negociação/interação entre os falantes, se o conjunto de aspectos envolvidos na produção oral (entoação, aspectos segmentais, pausas, prolongamento, etc.) não se manifestarem adequadamente na oralidade do falante aprendiz, sua intenção pode não ser transmitida. Além disso, podem-se criar situações não muito agradáveis, onde, por exemplo, o interlocutor constrói uma má impressão do falante aprendiz ou constrói uma interpretação equivocada da mensagem que lhe foi transmitida.

Ao refletir sobre a prática de ensino no Curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (UECE)[1], como professora, nativa e falante de língua japonesa, percebia-se, com freqüência, algumas produções orais inadequadas da língua japonesa na fala dos alunos e dos professores, cuja língua materna é o português, na interação diária com os mesmos.

Na interação com os professores do Curso, houve também comentários sobre as dificuldades de aprendizagem de pronúncia da língua japonesa. E, sempre que tratamos deste assunto, os professores e alunos do referido Curso, que já tiveram contato com japoneses, comentam que sentem dificuldades de entender o idioma quando este é produzido oralmente

[1] A partir de agora, sempre que usarmos a sigla NLE estaremos nos referindo ao Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará.

por um nativo. Além disso, continuam eles, que os japoneses, em alguns momentos, também não entendem suas falas.

Para saber qual é o entendimento dos professores do Curso de japonês - NLE da UECE, sujeitos desta pesquisa, sobre o ensino e a aprendizagem da pronúncia da língua japonesa, aplicamos um questionário (vide apêndice A) com os mesmos, como pesquisa-piloto. Os comentários observados no dia-a-dia a que nos referimos foram reafirmados pelos professores do curso nesses questionários aplicados. O questionário foi baseado no trabalho de Toda (2003), a fim de investigar as idéias sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa dos professores deste curso. A devolução do questionário era voluntária e conseguimos recolher respostas de cinco professores.

Através das respostas recolhidas dos professores, pudemos observar que, quanto ao ensino de pronúncia, apenas um professor respondeu que sempre corrige a pronúncia dos alunos e os outros corrigem de acordo com a importância do aspecto de pronúncia que eles avaliam que deveria ser corrigido.

Apresentamos algumas respostas sobre ensino e aprendizagem de pronúncia da língua japonesa:

- Conforme a pessoa fica mais velha, também aumenta a dificuldade em adquirir a pronúncia dos novos sons da língua estudada. Nesse sentido, acho que uns 60% a 80% seja suficiente para uma boa comunicação e interação com a língua estudada.
- Acredito que seja importante se ter uma boa pronúncia, porém, acredito que a importância seria mais para se ter mais confiança em si mesmo para poder se comunicar em língua estrangeira.

Dentre os cinco professores, dois professores avaliaram sua pronúncia como “ruim” e outros avaliaram como “razoável” ou “boa”. Porém, é interessante apresentar o comentário de um professor que avaliou sua pronúncia como “boa”. Este avalia sua pronúncia como “boa”, mas isso não significa que é igual à do nativo, e tem a consciência de que:

- Bem, com essas questões percebi que embora eu queira ter uma ótima pronúncia e semelhante a do nativo, eu não faço nenhum esforço para alcançar isso. Está na hora de eu começar a refletir sobre a minha própria pronúncia e buscar melhorá-la, principalmente porque os alunos, de uma forma ou de outra, acabam tendo o professor como um modelo e tentam imitar a sua pronúncia. Sei que minha pronúncia se difere bastante com a do nativo e não quero que meus alunos aprendam a pronunciar o japonês erroneamente por minha causa.

Assim, inicialmente, estávamos apoiados apenas em observações livres, porém, após a aplicação deste questionário-piloto, conseguimos verificar a necessidade de refletir, de

modo científico, sobre a questão do ensino de pronúncia no curso. Quando se observam os comentários dos professores, vemos que nenhum professor descarta o ensino da pronúncia da língua japonesa no seu curso e a maioria possui a atitude/desejo de melhorar sua pronúncia.

Considerando os comentários dos professores deste curso, eles tentam, ao máximo, criar um ambiente de comunicação oral em japonês na sala de aula com seus alunos. Porém, apesar de terem levado em consideração a importância do ensino de pronúncia, ainda parece haver dúvida sobre como e quando tratar o ensino de pronúncia no curso. Esses professores são concludentes do próprio Curso onde ensinam atualmente. Como não há Letras Japonês no Curso de Graduação da UECE, através do qual poderiam se formar como profesores de língua japonesa, então, na maioria dos casos, o método de ensino de pronúncia dependia ao autoditatismo de cada professor. E, segundo a Coordenadora do referido curso, as orientações pedagógicas não vinham sendo muito focalizadas no ensino de pronúncia durante a existência do curso, apesar de o curso ter como objetivo o desenvolvimento da habilidade oral. Talvez por isso, pudemos observar que o ensino de pronúncia da língua japonesa não foi tratado como prioridade da mesma forma como o foi quanto ao ensino de estrutura gramatical.

Contudo, talvez seja natural não haver forte preocupação com o aperfeiçoamento de pronúncia, uma vez uma vez que a efetivação de situações comunicativas de fala entre aprendizes de japonês e falantes naturais e nativos de língua japonesa é uma raridade. E consequentemente, talvez por isso não esteja sendo priorizado o ensino de pronúncia nesse curso. No entanto, nessa pesquisa, interessa-nos focar o fenômeno que, até então, tem se mostrado a principal causa pela qual o conjunto de aspectos envolvidos na produção oral não estaria sendo destacado em seu todo no curso de japonês do NLE, a saber: a produção oral dos professores deste curso não tem sido desenvolvida de modo satisfatório para atingir seu objetivo do estudo e, posteriormente, do ensino.

Graças ao material recebido pela Fundação Japão[2], como doação, o curso possui livros sobre o ensino da língua japonesa e da sua pronúncia. Dessa forma, é necessário encontrar uma abordagem para que os materiais sejam utilizados de uma maneira satisfatória. E, se os professores não aproveitam os materiais que pertencem ao Curso, como trabalhariam, então, o ensino de pronúncia da língua japonesa em sala de aula? Em outras palavras, os

[2] Fundação Japão (*Japan Foundation*) é uma instituição com a qual o curso vem trabalhando desde o início. A instituição, segundo seu site oficial, é definida como:
"A Fundação Japão é uma organização vinculada ao Ministério das Relações Exteriores do Japão, estabelecida em 1972, cujo objetivo é promover o intercâmbio cultural e a compreensão mútua entre o Japão e outros países." (http://www.fjsp.org.br/fundacao/index.htm)

professores deste curso precisam dar um pouco mais de atenção à importância no tratamento desse assunto.

Há pesquisas sobre a produção oral dos aprendizes de línguas estrangeiras desenvolvidas no Brasil, como de Joko (1987) que tratam sobre pronúncia da línguajaonesa pelos brasileiros, cujas língua materna é portugês brasileiro. Também no Japão, mesmo que haja pesquisas sobre produção oral da língua japonesa pelo falante de coreano, de chinês ou de inglês e o ensino de pronúncia voltado a cada falante de língua-mãe, mostra-se uma carência de pesquisa sobre a pronúncia de falantes de português do Brasil.

Considerando a situação acima descrita, dispomo-nos, em nossa pesquisa, analisar as produções orais dos atuais professores do Curso de Japonês do NLE cuja língua materna é o português, refletir como os mesmos aprenderam a pronúncia da língua japonesa quando alunos do Curso e, posteriormente, como passam a ensiná-la. Por fim, propomos sugerir atividades didáticas complementares que auxiliem esses professores tanto no aperfeiçoamento de suas falas quanto na prática do ensino da pronúncia em sala de aula. Assim, temos as seguintes questões:

a) Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE?
b) De que forma e quais atividades didáticas são desenvolvidas pelos professores do curso de japonês do NLE para o ensino de pronúncia da língua japonesa, no que diz respeito ao tom, à duração e aos elementos segmentais?
c) Quais atividades didáticas poderiam ser propostas a este Curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas?

Dessa forma, essa pesquisa tem por objetivo analisar a pronúncia dos professores do Curso de Japonês do NLE e o tratamento do ensino da pronúncia. Com base no resultado da análise, apresentaremos propostas de atividades didáticas complementares sobre a pronúncia da língua japonesa auxiliando, assim, tanto o aperfeiçoamento da fala dos professores, como a prática de ensino da pronúncia da língua japonesa, visando uma comunicação oral compreensível por parte dos alunos.

O resultado dessa pesquisa pretende contribuir como um levantamento de dados sobre Curso de japonês do NLE. Tomando-se esta pesquisa como base, desejamos estimular o interesse em trabalhar com a pronúncia da língua japonesa no planejamento do curso, e,

consequentemente, desenvolver a competência comunicativa de todos os membros, professores e alunos do referido curso de japonês.

O trabalho consta de seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução onde buscamos refletir sobre os problemas enfrentados pelos aprendizes do Curso de Japonês do NLE na aprendizagem de pronúncia da língua japonesa, assim como apresentamos também a justificativa, os objetivos e as questões desta pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica sobre a qual a pesquisa foi construída. Nele tratamos do ensino de línguas estrangeiras e da importância do ensino de pronúncia, do ensino de pronúncia de línguas estrangeiras, e apresentaremos a definição e a conceituação dos termos utilizados neste trabalho.

No terceiro capítulo, descreveremos a metodologia da pesquisa, com a apresentação do contexto, dos sujeitos e dos procedimentos da pesquisa.

No quarto capítulo, analisaremos os dados obtidos na pesquisa através do teste de leitura em voz alta, das observações de aula, da análise do material didático e da oficina de pronúncia da língua japonesa. No final do capítulo, faremos uma conclusão sobre a análise e discussão.

No quinto capítulo, apresentaremos uma proposta didática para o ensino de pronúncia do japonês elaborada com base nos resultados obtidos da análise dos dados.

No sexto e último capítulo, apresentaremos nossas considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como vimos na seção anterior, o ensino de pronúncia é um aspecto importante para desenvolver a comunicação oral dos aprendizes do Curso de japonês do NLE. Para destacar o ensino de pronúncia da língua japonesa, precisa-se verificar a necessidade do referido curso, e também, é preciso que os professores compreendam a importância de ensinar a pronúncia deste idioma.

Como um dos objetivos do curso de Japonês em relação à pronúncia, deveria se destacar problemas de acento e de ritmo que poderiam causar um mau entendimento durante a comunicação oral caso não fosse pronunciado de acordo com o sistema fonético ou fonológico da língua japonesa.

Para perseguir o objetivo acima, desta pesquisa, nesta sessão, descrevemos os estudos que fundamentam a investigação desta pesquisa.

2.1 Ensino de Línguas Estrangeiras e Importância do Ensino de Pronúncia

No ensino de línguas estrangeiras, ainda no início das teorizações, a prática oral não era considerada como prioritária. O chamado Método Clássico e/ou Método Gramática e Tradução era o predominante até o surgimento do Método Direto e do Método Áudio-lingual no século XIX.

O Método de Gramática e Tradução, segundo Brown (1993), focalizava o ensino de gramática através da tradução e explicação de vocabulário em um contexto isolado e não a prática oral.

Quanto ao Método Direto, a posição de Saveur (1826~1907 apud RIBEIRO, 2006), iniciador da proposta desse método, é que: “uma língua estrangeira deve ser aprendida da mesma maneira que a língua materna foi aprendida”. Assim, para o ensino de Língua Estrangeira, a comunicação durante a aula deveria ser realizada na língua-alvo, pressupondo uma certa tradução da língua materna para a língua-alvo, principalmente através de processos mentais. Dessa forma, podemos perceber as principais características dessa abordagem: “ênfase na habilidade áudio-oral; contato direto com a língua de estudo; exclusão do uso da Língua Materna em sala de aula” (RIBEIRO, 2006). No Método Áudio-lingual, o principal objetivo do método áudio-lingual era “a aquisição de ‘estruturas linguísticas’ (Wilkins, 1978:110; Larsen-Freeman,1986:41, apud. Paiva, 2004). Paiva (2004) afirma que;

> O material didático era organizado em uma seqüência de estruturas gramaticais selecionadas em um nível progressivo de dificuldades e as estruturas eram repetidas várias vezes para que os aprendizes as automatizassem (PAIVA, 2004).

Assim, tanto o Método Direto quanto o Áudio-Lingual priorizam a habilidade oral através do uso da língua estudada. Com esses métodos, os alunos seguem uma "fala modelo". O exercício de prática de repetição e substituição de partes das sentenças-modelo constituía a prática controlada mais frequente.

Já o Método Áudio-visual traz um certo desenvolvimento ao Método Áudio-lingual. Segundo Ribeiro (2006), apresentava

> ... diálogos contextualizados e não sentenças isoladas e soltas, empregava uma certa variedade de técnicas transformacionais com o uso combinado do gravador e do projetor de "slides", de cartões ilustrativos e de objetos reais. (RIBEIRO, 2006).

No século XX, várias abordagens de ensino de línguas estrangeiras foram discutidas, e as principais foram: a Sistemática, a Estrutural, a Funcional/Nocional e a Comunicativa.

Os métodos Áudio-lingual e Áudio-visual refletiam a Abordagem Estrutural.

A Abordagem Funcional/Nocional focaliza a maneira como a língua era usada em interações. Na citação de Ribeiro (2006), podemos perceber a característica desta abordagem:

> Na Abordagem Funcional/Nocional os aprendizes são colocados no centro do processo de ensino-aprendizagem, exercendo um papel mais atuante no que se refere à análise do material lingüístico e à expressão de suas próprias idéias durante a produção. Há também, por parte do professor, uma maior tolerância ao erro e um maior encorajamento às tentativas de expressão. (RIBEIRO, 2006)

Quanto à Abordagem Comunicativa, ela tem sua raiz na Abordagem Funcional/Nocional. Sobre essa abordagem, Paiva (2004) ressalta que "o lema é apresentar e usar linguagem autêntica e a língua-alvo passa a ser não apenas o objeto de estudo, mas também o meio de comunicação". Sobre os materiais e suas práticas é Ribeiro (2006) quem enfatiza:

> Os materiais didáticos lançados a partir da década de 80 e as práticas de ensino observadas ilustram aspectos transformativo-generativos, formação de hábitos através do estímulo-resposta, práticas menos guiadas para a expressão e compreensão de noções e de funções comunicativas. No entanto, essas práticas são conduzidas através de tarefas que inserem os aprendizes em um contexto de real necessidade de comunicação. Os aprendizes estão se tornando, cada vez mais, agentes reflexivos e responsáveis por sua aprendizagem e pelo ensino. (RIBEIRO, 2006)

Brown (2003), na tentativa de definir a abordagem comunicativa mostrou quatro características principais:

> 1 Os objetivos da sala de aula são focados em *todos* os componentes da competência comunicativa e não apenas restritos aos componentes gramaticais ou linguísticos.
> 2 Técnicas de linguagem são desenvolvidas para que os aprendizes façam uso pragmático, autêntico e funcional da linguagem para propósitos significativos. Formas de linguagem organizacional não são o foco, mas sim aspectos linguísticos que *possibilitam* que o aluno atinja seus objetivos.
> 3 A fluência e a exatidão são vistas como princípios complementares às técnicas da abordagem comunicativa. Às vezes é dada maior importância à fluência do que à exatidão a fim de manter os aprendizes engajados no uso significativo da linguagem.
> 4 Na sala de aula comunicativa, é exigido que os aprendizes usem a língua de forma produtiva e receptiva em contextos autênticos e/ou não ensaiados.[3]
>
> (BROWN, 2003, p. 245, tradução nossa)

Brown (2003), porém, enfatizou que a abordagem comunicativa, que prioriza a competência comunicativa do falante, não dá importância às regras gramaticais como as abordagens tradicionais. Para Brown, isso poderia trazer dificuldades para professores não-falantes nativos que não possuem uma proficiência suficiente para ensinar uma segunda língua, pois essa abordagem necessitaria mais da fala espontânea e de uma situação autêntica. Nesse sentido, para os professores não-falantes nativos, os diálogos, os *drills*, exercícios preparados e a discussão sobre as regras gramaticais teriam mais vantagens, uma vez que se sentiriam mais seguros numa sala de aula.

Sasaki (1994) observou que, no caso do ensino de língua japonesa no Japão, a Abordagem Comunicativa, que foca o uso da linguagem voltada à comunicação dos aprendizes, estaria sendo mais aceita graças a críticas contra o Método Áudio-lingual, que se volta para o ensino de padrões de estruturas gramaticais e a execução de exercícios de repetição. Porém, ainda segundo Sasaki (1994), quem apoiava o Método Áudio-lingual defendia que um professor experiente compreenderia o que os materiais didáticos organizados pelo Método Áudio-lingual pretendem ensinar e, então, esse professor introduziria habilmente o contexto real a partir desse material para realizar a prática comunicativa na sua sala de aula.

---

[3] 1. Classroom goals are focused on *all* of the components of communicative competence and not restricted to grammatical or linguistic competence.
2. Language techniques are designed to engage learners in the pragmatic, authentic, functional use of language for meaningful purpose. Organizational language forms are not the central focus but farther aspects of language that *enable* the learner to accomplish those purposes.
3. Fluency and accuracy are seen as complementary principles underlying communicative techniques. At times fluency may have to take on more importance than accuracy in order to keep learners meaningfully engaged in language use.
4. In the communicative classroom, students ultimately have to use the language, productively and receptively, in unrehearsed contexts.

Continuando, Sasaki (1994), diz que não há garantia de que todos os professores tenham essa capacidade ou consciência de refletir seu método de ensino na própria sala de aula. Então, Sasaki interessou-se em procurar uma proposta para utilizar os pontos positivos do Método Áudio-lingual e da Abordagem Comunicativa, esclarecendo, assim, que o objetivo dos professores de língua japonesa é, sem dúvidas, aumentar o desempenho e a capacidade de uso da língua estudada pelos aprendizes do idioma japonês. Esta visão também poderia ser levada em consideração ao ensino de outros idiomas.

2.2 Ensino de Pronúncia de Línguas Estrangeiras

No ensino de línguas estrangeiras, o ensino de pronúncia é influenciado pelos estudos de abordagem estruturalista, que introduzem exercícios visando à estruturação da língua através da utilização de pares mínimos. O Método Áudio-lingual, que utiliza essa prática, é criticado principalmente por partidários da abordagem comunicativa, porque os exercícios de repetição de palavras em pares mínimos são descontextualizados e há pouca ênfase no nível supra-segmental.

Depois que a Abordagem Comunicativa foi introduzida na área do ensino de línguas estrangeiras, as atividades como "*role play*", que englobam situações reais, tornaram-se mais predominantes do que exercícios de repetição de frases-padrão. Dessa forma, como a Abordagem Comunicativa tenta focalizar o estabelecimento da comunicação e não a exatidão da sua pronúncia seguindo o sistema fonético e fonológico de uma língua estudada, a imagem do ensino de pronúncia tornou-se um estudo menosprezado e os exercícios de pronúncia de pares mínimos foram mais criticados.

Toda (2008), um linguista japonês, afirma que, enquanto o ensino de pronúncia estava começando a ser criticado, defensores da Abordagem Comunicativa perceberam a importância do ensino da pronúncia para o estabelecimento da comunicação e, assim, voltou a ser valorizada a importância do ensino de pronúncia, uma vez que a pronúncia que não segue o sistema fonético e fonológico pode impedir a transmissão das informações ou a intenção do falante durante a comunicação. Por fim, Toda (2008) traz propostas de ensino de pronúncia discutidas no Japão, que poderemos adaptar ao contexto da nossa pesquisa, discussão que retomaremos logo a baixo.

No Brasil, conforme o trabalho de Silva (2006), foram sugeridos quatro pontos a serem considerados no ensino de Línguas Estrangeiras, a saber:

> a. O ensino de língua estrangeira deve levar em conta as categorias sonoras (e gramaticais) mais frequentes na língua estrangeira.
> b. Os sons (estruturas) equivalentes nas duas línguas devem ter as suas particularidades fonéticas específicas (detalhe fonético) explicadas.
> c. Os sons novos na língua-alvo devem ser categorizados, na medida do possível, a partir de sons já conhecidos na língua materna.
> d. O ensino de pronúncia deve ser privilegiado desde o início da aprendizagem de uma língua estrangeira.
>
> (SILVA, 2006, p.4)

Assim, a preocupação com o ensino de pronúncia de língua estrangeira, possui algo em comum, independendo do idioma a ser ensinado e o contexto do ensino.

Para entendermos melhor a tendência atual do ensino de pronúncia da língua japonesa no Japão, vamos verificar, no livro *Nihongo Kyōiku to Onsei*[4] (TODA, 2008) como autores japoneses tratam a pronúncia da língua japonesa em relação ao ensino, à metodologia e à aprendizagem do japonês.

Segundo Toda (2008), um dos primeiros materiais de ensino de pronúncia da língua japonesa foi organizado por Toki e Murata (1989) e era dividido em quatro elementos: vogal, consoante, acentuação e entonação. Por sua vez, Tanaka e Kubozono (1999) acrescentaram, em seus escritos, as regras sobre o sistema fonético da língua japonesa. Tais autores mostram a língua, através dos homônimos, as diferenças no nível lexical e frasal, juntamente com os sinais indicando o acento. Tanto as publicações de Toki e Murata (1989), como as de Tanaka e Kubozono (1999) são acompanhadas por material de áudio gravado por um japonês nativo com a pronúncia da língua japonesa padrão.

Existe, por outro lado, uma outra abordagem, através do método chamado *Verbo-tonal Method*, que é uma tentativa de ensinar a pronúncia da língua japonesa percebendo a frase toda e não as palavras separadamente, e explica o lugar de queda de tom de cada palavra através dos segmentos moraicos. Segundo Kawaguchi (2008), o *Verbo-tonal Method* possui outro nome: "SGAV (*Methode structro-global audio-visuelles*)", baseado em uma teoria chamada *Verbo-tonal System*. Esta teoria visa à relação entre percepção e reprodução de sonoridade de uma língua, originalmente utilizado na terapia dos portadores de deficiência de fala e audição e também no ensino de língua estrangeira. O *Verbo-tonal Method* foi utilizado no livro de ensino de francês, na França, na década de 1960 e, posteriormente, chamou a

[4] "Ensino de japonês e sua pronúncia" (tradução nossa)

atenção dos pesquisadores japoneses para a área de ensino de língua estrangeira. A característica peculiar deste método é utilizar o movimento do corpo para indicar o ritmo ou acento da língua japonesa principalmente, utilizando o movimento de mão. Para ensinar o tom, utiliza o movimento do corpo inteiro. Mostramos a figura 1 para entender melhor a explicação.

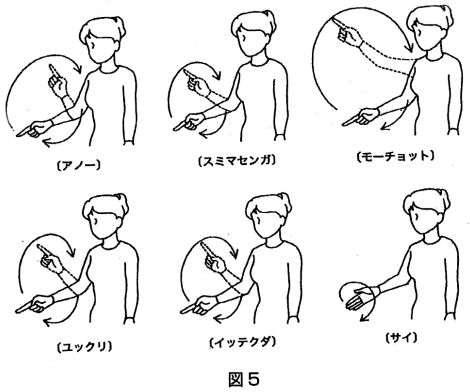


Figura 1 - Movimento utilizado no *Verbo-tonal Method* (Kawaguchi, 2008, p. 126)

Há outro método que focaliza a questão fonológica, utilizando um gráfico chamado *Prosody Graf* baseado na linha gráfica de F0[5], para poder visualizar a mudança melódica da língua japonesa no nível frasal. Mostraremos um modelo deste gráfico na figura 3.

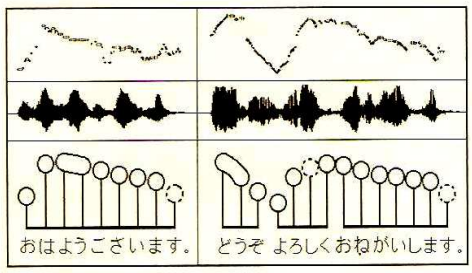


Figura 2 - *Prosody Graf* (KAWANO; KUSHIDA; TSUKIJI; MATSUZAKI, 2004 p.iv)

Pode-se observar que a maioria dos autores prefere que o ensino de pronúncia da língua japonesa não siga o método Áudio-lingual, ou seja, que não focalize a estrutura ou o sistema de pronúncia dos segmentos através dos exercícios de pares mínimos. Isso talvez porque, atualmente, o ensino de línguas estrangeiras tem a tendência de se basear na abordagem comunicativa. Consequentemente, evita focalizar as unidades mínimas da linguagem e prioriza tratar a linguagem como um todo. Porém, como diz Toda (2008), no caso de ensino da pronúncia, para se aprender a entoação frasal, é preciso aprender o acento

[5] F0 significa a frequência fundamental. Termo derivado do estudo da física do som e usado na FONÉTICA ACÚSTICA, indicando o componente de frequência mais baixa em uma onda sonora complexa. [...] A noção de "fundamental", ou F0, é de particular relevância para o estudo da ENTONAÇÃO, onde mostra uma correspondência consideravelmente próxima com os movimentos de PITCH envolvidos. (David, 1985, p121-122)

de cada palavra e, para aprender onde fica o núcleo do acento de cada palavra, é preciso aprender onde há a queda de tom; para isso, é preciso ter uma noção de *mora* e da existência de dois tipos de unidade rítmica, e assim, julgou-se necessário voltar aos conteúdos que os estruturalistas tomaram.

O ensino de pronúncia da língua japonesa, atualmente, toma mais de uma abordagem para atingir o seu objetivo, como na discussão do livro de Toda (2008). Assim, recomenda-se aos professores utilizar exercícios de pares mínimos e de repetição de áudio, mas ao mesmo tempo, preparar o conteúdo para inseri-lo no ensino de pronúncia de um modo mais contextualizado.

Assim, apesar da tendência atual de um ensino voltado para uma abordagem comunicativa, parece que os pesquisadores do ensino também estão vendo a necessidade de reforçar o ensino da pronúncia da língua japonesa enfocando os aspectos da entoação frasal, seu ritmo acento e unidade de sílaba. A nosso ver, esta preocupação como o segmento fonético pode contribuir positivamente no ensino comunicativo de língua japonesa como uma Língua estrangeira. Seguindo essa tendência, nossa próxima seção tratará de definir sílaba, ritmo e acento dentro da estrutura fonológica da língua.

2.3 Definição e conceituação de termos utilizados neste trabalho

Nesta seção, apresentamos os sistemas fonéticos e fonológicos dos idiomas português e japonês. Para tanto, explicaremos alguns termos que serão utilizados no decorrer dessa pesquisa.

2.3.1 Sílaba

Segundo Collischonn (1996), há basicamente duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria auto-segmental e a teoria métrica da sílaba e, apesar de os pesquisadores concordarem que a sílaba tem um papel central na hierarquia fonológica, não há unanimidade de entendimento quanto à sua estrutura interna. A teoria auto-segmental entende a sílaba como “um nó ao qual estão ligados diretamente os segmentos” (KAHN, 1976, apud. COLLISCHONN, 1996, p.95). Nessa teoria, a sílaba será apresentada como na figura abaixo.

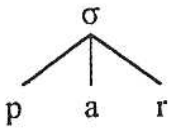


Figura 3 - Estrutura silábica da teoria auto-segmental (COLLISCHON, 1996, p95)

Quanto à teoria métrica, segundo Collischonn (1996), a sílaba é estruturada conforme apresentada na figura 4. Conforme Selkirk (1982), a estrutura de sílaba é representada baseando-se em propostas feitas anteriormente por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969).

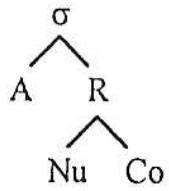


Figura 4 - Estrutura silábica da teoria métrica (COLLISCHON, 1996, p96)

Collischonn (1996), explica esta figura da seguinte maneira.

> Uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto (Nu), pode ser vazia. (COLLISCHONN, 1996, p.96)

A diferença entre a primeira teoria e a segunda diz respeito ao relacionamento entre cada elemento no interior da sílaba. A primeira teoria prevê que o relacionamento entre os três elementos é igual, enquanto a segunda teoria prevê um relacionamento muito mais estreito entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre esta vogal e a consoante do ataque. Com base na segunda teoria, podemos observar sílabas pesadas e leves, o que se reflete nas regras de atribuição de acento e também na atribuição de tom, em línguas tonais.

Seguimos o exemplo de Collischonn (1996), que faz a distinção entre sílaba pesada e leve como uma distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não-ramificada, e não pelo número de elemento constituído na sílaba. Por exemplo, na palavra *lacrima* o acento cai na antepenúltima sílaba, mesmo que a sílaba 'cri' possua três elementos. Já em *peperci*, a sílaba 'per' possui três elementos. Verificamos a estrutura interna de cada sílaba.

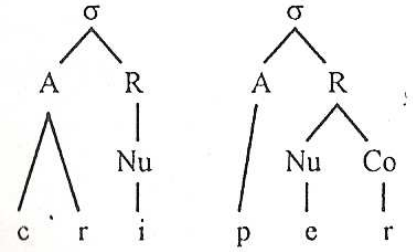


Figura 5 - Árvore de estrutura de sílaba pesada/leve (COLLISCHON, 1996, p98)

Podemos verificar aqui, como Collischonn (1996) definiu, “a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas como rima ramificada e sílaba com rima não ramificada.” (COLLISCHONN, 1996, p.99)

Uma proposta diferente sobre a sílaba é feita por Hyman (1985), que apresenta *mora* como as sílabas que consistem em constituintes ou unidades de peso, defendendo a idéia de Troubetzkoy (1939). Uma sílaba pesada consiste em duas *moras* e uma sílaba leve, em uma *mora*. Veremos na seguinte figura, que se utiliza o símbolo “μ” para representar a *mora*.

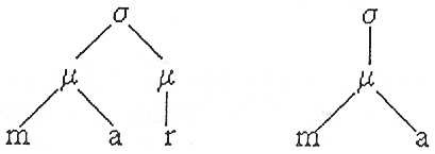


Figura 6 - Árvore de estrutura de *mora* (COLLISCHON, 1996, p100)

Caso de vogais longas e ditongos são associados a duas *moras*. “a:” representa vigais longas e “w” representa o ditongo. Verificamos a estrutura de *mora* na figura

Figura 7 - árvore de estrutura de *mora*: vogais longas e ditongo (COLLISCHON, 1996, p.100)

Assim, existem duas propostas sobre sílaba. No caso do português, seguimos a teoria métrica para entender a sílaba, e do japonês, utilizaremos a proposta de *mora* para continuar este trabalho.

No modelo silábico do português, segundo Collischonn (1996), não há acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba pode conter. Porém, o mesmo apresenta o padrão de modelo silábico do português da seguinte forma:

V	é
VC	ar
VCC	instante
CV	cá
CVC	lar
CVCC	monstro
CCV	tri
CCVC	tres
CCVCC	transporte
VV	aula
CVV	lei
CCVV	grau
CCVVC	claustro

Figura 8 - Estrutura interna de sílaba do português (COLLISCHON, 1996, p. 110)

Quanto ao japonês, segundo Koizumi (1993), a unidade mínima do ponto de vista fonológico poderia ser representada como mora cujas estruturas são V, CV, CyV e M. M indica mora especial que representa /N/, /Q/ e /R/[6]. E o prolongamento de vogal /V:/ seria contado como duas moras /VV/ com a qualidade igual entre elas.

A qualidade da mora é diferente de sílaba. Explicaremos melhor a diferença entre sílaba e mora juntamente com o acento, ritmo e escrita japonesa em seções seguintes.

2.3.2 Acento

Nesta seção, apresentamos algumas considerações sobre o acento da língua portuguesa e da língua japonesa.

2.3.2.1 Acento da língua portuguesa

Cantoni (2009) relata que a maioria dos teóricos apontam para quatro aspectos fundamentais do acento do português brasileiro: aplica-se nas três últimas sílabas da palavra; a natureza acústico-articulatória apresenta um aumento de duração e intensidade; a funcionalidade é um contraste lexical, mas com restrições; e a distribuição de padrões está presente na paroxítona com maior frequência.

Quanto ao primeiro e ao quarto dos aspectos acima citados, sobre a posição do acento e a distribuição de padrão de acento, Bisol (1992) afirma que "no português brasileiro, o acento se restringe a uma janela de três sílabas, ao fim da palavra, formando oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas" (BISOL, 1992 apud CANTONI, 2009, p.94). Afirma também que as palavras paroxítonas são mais freqüentes do que as proparoxítonas e oxítonas.

A natureza acústico-articulatória do acento do português brasileiro é mencionada no trabalho de Massini-Cagliari (1992) através de uma investigação experimental. A conclusão deste experimento relata que, a sílaba tônica é caracterizada por sua maior duração, o que é suficiente para fazer crer que a duração deve ser o principal correlato físico do acento no português do Brasil. Desse modo, recorrendo a um exemplo mencionado por Cantoni (2009), em uma palavra como *es**pa**ço*, a sílaba ***pa*** será mais longa e mais intensa que as outras sílabas.

Quanto à funcionalidade do acento, ainda segundo Cantoni (2009, p. 94), "o acento é o responsável pelo contraste lexical em palavras como ***sá**bia*, *sa**bi**a* e *sabi**á***. No entanto, não é

[6] Explicaremos detalhadamente estas duas *moras* na seção 2.3.3.

tão fácil encontrar pares mínimos dentro da mesma classe de palavras". Segundo a autora, os pares abaixo exemplificam a funcionalidade do acento em PB: *cara* x *cará*, no caso dos nomes, e *comeram* x *comerão*, no caso dos verbos.

2.3.2.2 Acento da língua japonesa

Segundo Silva (2005), existem línguas cujos núcleos silábicos carregam tons, cujas características são tons altos, médios e baixos ou tons de contorno como "médio-alto". A língua japonesa é categorizada como língua tonal que possui tons altos e baixos. Diferentemente da língua portuguesa, cujas sílabas tônicas ou acentuadas são produzidas de maneira que sejam percebidas auditivamente como tendo duração mais longa e mais alta (em termos de intensidade), em japonês há uma mudança de direção da curva melódica em um enunciado.

Tomaremos como exemplo a palavra japonesa "ame". A diferença de tonicidade aparece entre as *moras* "a"/a/ e "me" /me/. Esta palavra possui duas moras e a mudança de tom é marcada pela *mora*. "Ame" apresenta duas possibilidades de tonicidade, uma em que o tom mais alto recai sobre o "a" e outra onde é o tom mais baixo que recai sobre o "a". Mesmo possuindo o mesmo número de *moras*, dependendo do tom, o significado pode mudar de "chuva" para "bala (doce)". A marcação de tonicidade é representada por **H** (alto) e **L** (baixo) conforme apresentamos no Quadro1.

Língua japonesa	Significado em língua portuguesa
"*a me*" **H L**	Chuva
"*a me*" **L H**	Bala (doce)

Quadro 1 - Diferença de significado entre duas variações de tonicidade

Neste caso, na primeira palavra, o "a" é pronunciado com o tom mais alto do que "me"; já na segunda palavra, é o inverso, ou seja, o "*a*" é mais baixo do que "me". Mesmo produzindo essa palavra com uma tonicidade inadequada, pode-se entender o significado das palavras pelo contexto da conversa, mas quando se leva em consideração a tonicidade de uma frase, surge uma possível de ambiguidade no seu sentido.

Se essa palavra, "ame", fosse pronunciada seguindo o sistema fonológico da língua portuguesa, a sílaba tônica estaria no primeiro segmento, "a", e consequentemente, "a"

poderia ser produzida com a maior intensidade (tom alto) e duração (um pouco prolongado) em relação à outra sílaba.

A tonicidade é responsável pela distinção da sintaxe também. Tomando como exemplo a expressão "*kyōiku*", ela poderia ter dois significados distintos. Podemos observar melhor no Quadro 2 a seguir.

Escrita em *rōma-ji*	Divisão moráica e tonicidade	Significado em português
Kyōiku	*kyo u i ku* **L H H H**	Educação
	kyo u i ku **H L L H**	Irei hoje.

Quadro 2- Possibilidades de interpretação da expressão *kyōiku*

Surgiram essas diferenças porque, pelo sistema da tonicidade japonesa, há apenas um segmento alto dentro de uma palavra, ou seja, uma vez que aparece **H** e ocorre mudança para **L**, não ocorre mais uma mudança para **H** dentro de uma mesma palavra. O primeiro exemplo é composto de uma palavra, enquanto que o segundo é composto de duas palavras. O segmento onde ocorre a queda de tom é chamado "núcleo". Para aprender a tonicidade da língua japonesa, precisa-se de um bom conhecimento de distribuição do "núcleo".

Mesmo conhecendo a distribuição da tonicidade de cada palavra, quando juntamos duas palavras para formarmos outra, dependendo da palavra ou da ordem gramatical, a posição do tom alto pode ser modificada. Para entender melhor, vamos ver o exemplo no Quadro 3:

Palavras em japonês	Significado em português
to ri **L H**	Pássaro
ni ku **L H**	Carne
to ri ni ku **L H H H**	Carne de pássaro[7] (frango)

Quadro 3: Distribuição de tom de três palavras, "*tori*", "*niku*" e "*toriniku*"

Agora, tomando o exemplo de Kashima (2005), verificamos aqui três expressões diferentes no Quadro 4[8] mostrando o significado e a tonicidade de cada palavra nas três frases.

[7] Geralmente, a palavra "*toriniku*" se refere ao frango, porém colocamos a tradução como "carne de pássaro" para poder justificar a alteração de tom de acordo com a ordem lexical da língua japonesa.
[8] O quadro foi modificado pela autora deste projeto baseado no livro de Kashima (2005)

	Significado em português	Divisão de *mora*
Frase a) *Torinikukatta*	Comprei frango.	to ri ni ku ka t ta **L H H H H H H**
Toriniku	Frango	to ri ni ku **L H H H**
Katta	Passado do verbo "comprar"	ka t ta **L H H**
Frase b) *Torinikukatta*	Foi difícil pegar.	to ri ni ku ka t ta **L H H H L L H**
Torinikui	Junção de duas palavras "toru" e "nikui". "toru" significa pegar e "nikui" é sufixo para acrescentar o significado "difícil".	to Ru **H L** ni ku i **L H L** Junção de dois segmentos to ri ni ku i **L H H H L**
Katta	Sufixo para modificar o verbo para o passado	ka t ta **L L H**
Frase c) *Torinikukatta*	Odiava pássaro.	to ri ni ku ka t ta **L H L H L L L**
Tori	Pássaro	to ri **L H**
Nikui	adjetivo odiar	ni ku i **L H L**
Katta	Sufixo para modificar o adjetivo para o passado	ka t ta **L L H**
Nikukatta	Odiava	ni ku ka t ta **L H L L L**

Quadro 4- Explicação gramatical da frase "*torinikukatta*"

Na escrita japonesa, não existem símbolos gráficos de acentuação como na escrita da língua portuguesa. Como o *kanji* representa a idéia na sua escrita, em frases escritas em japonês, utilizando-se do *hiragana* e do *kanji* dentro da mesma frase, pode-se identificar o significado facilmente. Nesse caso, as três frases serão escritas como: a) 鶏肉買った (Comprei frango); b) 取りにくかった (Foi difícil pegar); c) 鳥憎かった(Odiava pássaro). Um japonês nativo, primeiramente, faz a identificação da frase e, em seguida, faz a diferença na tonicidade no momento de leitura em voz alta de acordo com a escrita. Então, se não tiver o *kanji* e não souber o contexto em que a frase está sendo inserida, o japonês não saberá quais tonicidades serão adequadas.

2.3.3 Ritmo

Apresentaremos, nesta seção, o sistema rítmico dos dois idiomas para poder compreender melhor a diferença entre eles.

2.3.3.1 Ritmo da língua portuguesa

O ritmo, nessa seção, está ligado à idéia de tempo, duração. Cagliari (1992) afirma que uma das consequências desta visão temporal de ritmo é a frequente divisão das línguas em dois grupos: línguas de ritmo silábico e línguas de ritmo acentual, cuja definição será determinada através da noção de *isocronia*[9] (também, consequência dessa visão temporal do ritmo). Na língua de ritmo silábico, a duração de sílaba é fornecida pelo processo de produção de sílabas e elas recorrem a intervalos iguais de tempo – elas são *isócronas.* Quanto às línguas de ritmo acentual, a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de acentos, os pulsos dos acentos e, portanto, as sílabas acentuadas são *isócronas'*

No caso da língua portuguesa, segundo Silva (2005), a relação entre o acento primário, o acento secundário e a ausência de acento leva à construção do ritmo da fala, ou seja, a língua portuguesa possui um tipo de acentuação que leva à construção do ritmo da fala. A duração da vogal acentuada é percebida como mais longa em relação às vogais não acentuadas. Assim, a categorização de ritmo da língua portuguesa é de ritmo acentual.

Segundo Massini-Cagliari (1992), se for considerada apenas a noção de *isocronia*, o português poderia ser classificado como uma língua de ritmo acentual.

Conforme Cagliari. L. (1945), "na formação de pés fonéticos[10], sempre ficam onde ficarem as sílabas contíguas das palavras às quais se agregam." (Cagliari. L., p35), e o ritmo do português forma pés fonéticos que se iniciam sempre em uma sílaba acentuada.

Por fim, no trabalho de Massini-Cagliari (1992), afirma que algumas medidas classificam o português como língua de ritmo acentual, enquanto outras como de ritmo silábico, baseando-se nos resultados das pesquisas feitas, tais como Major (1981, 1985) e Moraes e Leite (1989).

Esse trabalho se interessa na aprendizagem da pronúncia da língua japonesa por parte dos brasileiros falantes de português, pois a classificação rígida do ritmo do português não é o

[9] No ritmo isócrono, as silabas acentuadas recaem em intervalos aproximadamente regulares em todo o enunciado.
[10] "Pé" indica uma unidade de ritmo em línguas com isocronia e que ele aponta "onde as sílabas tônicas recaem aproximadamente em intervalos regulares por todo o enunciado" (CRYSTAL, 1985, p199).

foco principal para chegar aos nossos objetivos. Porém, é interessante mencionar aqui, como o trabalho de Barbosa (2000), há evidência de que a língua portuguesa de observar, na sua produção o ritmo misto: acentual e silábico.

2.3.3.2 Ritmo da língua japonesa

Dentre os aspectos que envolvem a produção oral, o sistema de ritmo da língua japonesa possui uma característica distinta da língua portuguesa. Existem autores como Major (1981, apud Cagliari, 1992, p.42), que consideram um tipo de ritmo, isto é, o ritmo de *mora*. A característica do ritmo de *mora* é que as *moras* são aproximadamente iguais em relação à duração e não apresentam uma implicação de intensidade dentro de uma *mora*. Major considera que a língua japonesa é um tipo de língua de ritmo moraico. Neste trabalho assumimos a posição de Major, considerando que o japonês é uma língua de ritmo moraico para continuar nossa discussão.

Uma vez que a escrita japonesa é fortemente ligada ao sistema do ritmo, nesta parte explicamos o sistema rítmico (*mora*) da língua japonesa mais detalhadamente juntamente com a escrita da mesma.

2.3.3.2.1 Sistema da escrita japonesa e o conceito de *mora*

A língua japonesa possui quatro tipos de escrita: *Hiragana*, *Katakana*, *Rōma-ji*[11] e *Kanji*. As escritas *Hiragana* e *Katakana* são escritas fonossilábicas, e o *Rōma-ji* é um tipo de escrita em alfabeto romano para a conveniência dos estrangeiros que não são familiarizados com a escrita *Hiragana* e *Katakana*. O *Kanji*, uma escrita conhecido em português como "ideograma", teve origem na China e foi introduzido no Japão por volta do século VI. Apesar de ter nome "ideograma", o *Kanji* é sempre figurativo, ou seja, não apenas representa uma idéia, mas também apresenta a figura dos elementos físicos da natureza através da qual faz representar tanto elementos concretos como abstratos da realidade. Então, ele é letra, mas também, é palavra ao mesmo tempo. Tal sistema de escrita, o *Kanji*, foi adotado no sistema da escrita japonesa e veio sendo modificado ao longo dos anos.

[11] No livro de Koizumi (1993), foram apresentados três tipos de *rōma-ji*, porém existem outras maneiras de escrever em *rōma-ji* de acordo com a conveniência de quem escreve. O presente trabalho adota o sistema *Hepburn* para apresentar a leitura de palavras e frases em japonês.

Quando o *Hiragana* e *Katakana* são representados em *rōma-ji*, as duas escritas são apresentadas, basicamente, com apenas uma vogal ou uma combinação de consoante(s) e uma vogal. Porém, há uma exceção, em que a consoante "**n**" corresponde a uma letra tanto em *Hiragana* ん como em *Katakana* ン. E essas duas escritas são utilizadas para os sons não representados com *Kanji*. Assim, questões fonológicas são muito ligadas à escrita de *Hiragana* e *Katakana*.

Vejamos, no Quadro 5 a seguir, os três sistemas de escrita. Na ordem da esquerda para direita, no interior de cada célula do quadro, temos o *rôma-ji*, o *Hiragana* e o *Katakana*. Destacamos, em vermelho, a letra ん(em *Hiragana*) e ン (em *Katakana*) dentro do quadro. Essa letra será discutida posteriormente como uma característica peculiar da língua japonesa.

a あ ア	i い イ	u う ウ	e え エ	o お オ
ka か カ	ki き キ	ku く ク	Ke け ケ	ko こ コ
sa さ サ	shi し シ	su す ス	se せ セ	so そ ソ
ta た タ	chi ち チ	tsu つ ツ	te て テ	to と ト
na な ナ	ni に ニ	nu ぬ ヌ	Ne ね ネ	no の ノ
ha は ハ	hi ひ ヒ	fu ふ フ	He へ ヘ	ho ほ ホ
ma ま マ	mi み ミ	mu む ム	Me め メ	mo も モ
ya や ヤ	--	yu ゆ ユ	--	yo よ ヨ
ra ら ラ	ri り リ	ru る ル	re れ レ	ro ろ ロ
wa わ ワ	--	--	--	wo を ヲ
n ん ン	--	--	--	--
ga が ガ	gi ぎ ギ	gu ぐ グ	Ge げ ゲ	go ご ゴ
za ざ ザ	ji じ ジ	zu ず ズ	ze ぜ ゼ	zo ぞ ゾ
da だ ダ	ji ぢ ヂ	zu づ ヅ	De で デ	do ど ド
ba ば バ	bi び ビ	bu ぶ ブ	Be べ ベ	bo ぼ ボ
pa ぱ パ	pi ぴ ピ	pu ぷ プ	Pe ぺ ペ	po ぽ ポ

Quadro 5-Combinação de uma consoante e uma vogal em *rōma-ji* representada por uma caractere em *Hiragana* e *Katakana*

Além das escritas acima, temos combinações formadas por dois caracteres japoneses: um maiúsculo[12] e um minúsculo. Vejamos, no quadro 6, o caso das letras *ya* や ヤ, yu ゆ ュ e *yo* よ ョ escritas em tamanho menor.

kya きゃ キャ	--	kyu きゅ キュ	--	kyo きょ キョ
sha しゃ シャ	--	shu しゅ シュ	--	sho しょ ショ
cha ちゃ チャ	--	chu ちゅ チュ	--	cho ちょ チョ
nya にゃ ニャ	--	nyu にゅ ニュ	--	nyo にょ ニョ
hya ひゃ ヒャ	--	hyu ひゅ ヒュ	--	hyo ひょ ヒョ
mya みゃ ミャ	--	myu みゅ ミュ	--	myo みょ ミョ
rya りゃ リャ	--	ryu りゅ リュ	--	ryo りょ リョ
gya ぎゃ ギャ	--	gyu ぎゅ ギュ	--	gyo ぎょ ぎょ
ja じゃ ジャ		ju じゅ ジュ	--	jo じょ ジョ
ja じゃジャ		ju じゅジュ		jo じょジョ
bya びゃ ビャ	--	byu びゅ ビュ	--	byo びょ ビョ
pya ぴゃ ピャ	--	pyu ぴゅ ピュ	--	pyo ぴょ ピョ

Quadro 6 - Combinação de duas consoantes e uma vogal em *rōma-ji* representada por dois caracteres em *Hiragana* e *Katakana*

Temos mais uma escrita que é diferenciada em relação ao tamanho da letra. Trata-se da letra “っ” /tsu/. Ela pode se apresentar em forma minúscula, da mesma forma que o exemplo anterior *ya* や ヤ, *yu* ゆ ュ e yo よ ョ. A letra “っ” escrita em tamanho menor em *Hiragana* e *Katakana* serve para representar o som mudo (ou pausa) produzido pela fala. Em *rōma-ji*, essa letra “っ”, *tsu*, é representada com as consoantes **p, t, k** e **s,** repetidas. Porém, seguindo a escrita *rōma-ji Hepburn*, alguns sons mudos são representados por duas consoantes diferentes, cujas combinações estão grifadas em vermelho[13].

[12] Apesar de não existirem as denominações de maiúsculas e minúsculas no sistema de escrita japonesa, há letras, como “や” “ゆ” “よ” “つ” que apresentam uma forma menor em relação às outras letras.

[13] Os exemplos no quadro de “っ” foram baseados do livro de Koizimi 1993. Sobre símbolos como /Q/, /R/ e /N/ serão explicados seção 2.3.3.2.2.

pp-	いっぱい **Ipp**ai /iQpai/ [ippai]	いっぴき **Ipp**iki /iQpiki/ [ippiki]	いっぷく **Ipp**uku /ipQpɯkɯ/ [ippuku]	いっぺん **Ipp**en /iQpeNn/ [ippen]	いっぽん **Ipp**on /iQpoN/ [ippon]
tt-	いったい **Itt**ai /iQtai/ [ittai]	いっちゃく **Itch**aku /iQʧaku/ [itʧaku]	いっつう **Itt**suu /iQtsɯR/ [ittsɯ:]	いってい **Itt**ei /iQtei/ [itten]	いっとう **Itt**ou /iQtoR/ [itto:]
kk-	いっかい **Ikk**ai /iQkai/ [ikkai]	いっき Ikki /iQki/ [ikki]	いっく **Ikk**u /iQkɯ/ [ikku]	いっけん **Ikk**en /iQkeN/ [ikken]	いっこう **Ikk**ou /iQkoR/ [ikko:]
ss-	いっさい **Iss**ai /iQsai/ [issai]	いっしん **Iss**hin /iQʃiN/ [iʃʃin]	いっすん **Iss**un /iQsɯN/ [issun]	いっせん **Iss**en /iQeN/ [issen]	いっそん **Iss**on /iQsoN/ [isson]

Quadro 7- Combinação de duas consoantes dobradas em *hiragana e rōma-ji*

Na língua japonesa, os quatro tipos de escrita são utilizados dentro de uma mesma frase, dependendo da necessidade e practicidade. Reproduzimos aqui, a explicação dada no livro didático *Minna no nihongo I* para verificar sobre o uso de cada tipo de escrita japonesa.

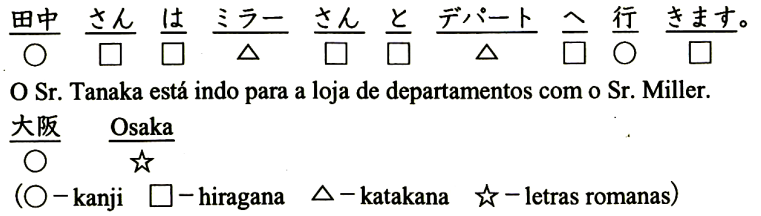


Figura 09 - Uso de escrita japonesa (ISHIZAWA; TOYODA, 1998, p. 3)

Uma razão para esta organização é que o *Kanji* auxilia na compreensão em leitura silenciosa quando houver uma homonímia. Então, geralmente, utiliza-se o *Kanji* para facilitar a compreensão por parte do leitor. Um exemplo de trava-língua japonês mostra claramente como é importante a inserção do *Kanji*:

うらにわにはにわ、にわにはにわのにわとりがいる
Ura niwa niwa niwa, niwa niwa niwano niwatorigairu

Nesse caso, existem muitos “niwa” numa frase, e cada “niwa” possui um significado diferente: são, quintal, jardim, dois pássaros e um conjunto de particulas “ni” e “wa”. Se estivesse escrita com *Kanji* a frase ficará assim:

うらにわ　にわ　にわ　にわ　にわとり
裏庭には二羽、庭には二羽の　鶏　がいる
Ura niwa niwa niwa, niwa niwa niwano niwatorigairu

Cada “niwa” corresponde ao seguintes significados: quintal (裏庭, apenas a segunda parte do *Kanji*), jardim (庭), dois pássaros (二羽) e um conjunto de particulas “ni” (に) e “wa” (は). O significado desta frase é “Há dois galos no quintal e dois galos no jardim da casa”. Com a inserção do *Kanji*, como está mostrado acima, visualmente, o significado da frase ficaria muito claro por parte dos leitores. Para facilitar a leitura para aqueles que não tenham ainda o conhecimento de *Kanji*, coloca-se uma leitura auxiliar logo acima de cada *Kanji*, também acima exemplificado. Em outras palavras, o *Kanji*, pode simplificar a compreensão do sentido da frase por parte do leitor.

2.3.3.2.2 *Mora* especial, *Hiragana* e *Katakana*

Algumas *moras* possuem características peculiares na língua japonesa e são chamadas de *moras* especiais. Segundo Koizumi (1993), Kashima (2005), Tanaka e, Kubozono (1999) e Toda (2003), existem três *moras* especiais: /N/, /Q/ e /R/. /N/ representa as seguintes possibilidades de realização: [n], [m] ou [ŋ]. A realização desses três fonemas poderá ser representado como /N/, sendo uma única letra <n> em *rōma-ji*, tendo a mesma duração que outras *moras*. Se ela não for considerada como *mora*, poderá alterar o sentido da palavra. Como, por exemplo, “*kanji*” e “*kaji*”. Para visualizar melhor, veremos as diferenças entre essas duas palavras no quadro.

Número de *moras*	**1º**	**2º**
Mora	ka	Ji
Representação fonológica	/ka/	/ji/

Quadro 8 - Número de *moras* da palavra “*kaji*” (incêndio)

Número de *moras*	**1º**	**2º**	**3º**
Mora	Ka	N	ji
Representação fonológica	/ka/	/N/	/ji/

Quadro 9 - Número de *moras* da palavra "*kanji*" (ideograma)

A palavra "*kanji*" possui três *moras* /ka/, /N/ e /ji/ e significa "letra chinesa", por sua vez, a outra palavra, "*kaji*", possui apenas duas *moras* /ka/ e /ji/ e significa "incêndio". Assim, a existência da *mora* /N/, no caso de *Hiragana* ou *Katakana*, ん(ン)[14] que corresponde a letra <n> em português, carrega a responsabilidade de diferenciar o significado da palavra japonesa.

Em seguida, mostraremos outro exemplo de mora especial /Q/, das palavras que possuem a letra つ(ツ), cuja leitura é /tsu/, escrita em menor tamanho do que as outras letras. Ela indica uma pausa ou um pequeno momento silencioso mantendo a mesma duração entre as outras *moras*. Comparamos aqui, as duas palavras em japonês, きって *kitte* e きて *kite*.

Número de *moras*	**1º**	**2º**	**3º**
Mora	Ki	t	te
Representação fonológica	/ki/	/Q/	/te/

Quadro 10 - Número de *moras* da palavra *kitte* (selo)

Número de *moras*	**1º**	**2º**
Mora	ki	te
Representação fonológica	/ki/	/te/

Quadro 11 - Número de *moras* da palavra *kite* (o verbo "vir")

Então, a palavra きて(キテ) *kite* /kite/ significa "vir", mas quando se insere a letra つ(ツ) "tsu" menor, em *rôma-ji* essa letra corresponde à duplicação da consoante <t> como em きって(キッテ) *kitte* /kiQte/, significa "selo". Caso não se insira uma pausa com a duração suficiente entre き(キ) ki e て(テ) te, o interlocutor pode não entender sua mensagem através da comunicação oral.

Para pronunciar mora /Q/ mantendo o ritmo de acordo com o sistema fonológico do japonês, o livro *Hatsuon* (Kawase; Sugihara; Ueno, 1980, p. 102-109) explica da seguinte maneira. Vejamos aqui, o resumo da explicação sobre modo de pronunciar esta letra.

[14] A primeira letra está escrita em *Hiragana* e a segunda (que está em parentes) em *Katakana*.

Antes do som [p],	A retenção do ar dentro da boca pelo fechamento dos lábios prolonga-se por mais um momento antes de som sair da boca com explosão.
Antes de som [t] e [ts]	O som sai sem explosão e o contato da ponta da língua prolonga-se por mais um momento antes de o som sair da boca.
Antes de [tʃ]	O fechamento prolonga-se mais um momento, com a língua na posição para a pronúncia do som [tʃ].
Antes de [k]	O fechamento prolonga-se por mais um momento, com a língua numa posição para a pronúncia do som [k].
Antes de [s] e [ʃ]	O som fricativo surdo é pronunciado com mais um momento de duração da mesma maneira da articulação do som [s].

Quadro 12 - Explicação da leitura de っ (tsu) escrita em tamanho menor

Assim, esse livro explica que é um "prolongamento" parcial ([s] e [ʃ]), e não uma "pausa", porém o importante é a manutenção suficiente da duração de *mora* para diferenciar o significado da palavra.

Mais um aspecto importante para se citar aqui é o de quando há duas vogais contíguas seguidas dentro de uma mesma palavra. Como vimos na explicação de *mora* na seção 2.3.1, duas vogais /V:/ serão consideradas como duas *moras* /VV/. Seguimos ao Isomura (2009), representaremos esta *mora* como [:] quando for transcrição fonética e /R/ quando for representação fonológica. Uma palavra como *ob**aa**san* /obaRsan/, as duas vogais contíguas são percebidas como um prolongamento da primeira vogal repetida. E, em *rōma-ji Hepburn*, o "a", é representado como *ob**ā**san*, com a barra em cima de "a". Em *Hiragana* e *Katakana*, simplesmente se insere cada tipo de letra, assim como "おば**あ**さん" em *Hiragana*, e "オバ**ア**サン" em *Katakana*.

O número de *moras* determina o significado das palavras, temos que ler de acordo com a escrita em *Hiragana* ou *Katakana*, e também, manter a duração de cada *mora* equivalente às outras. Por exemplo, continuando com o exemplo da palavra *ob**ā**san*, que significa avó, podemos dizer que possui cinco *moras*, porém, se omitirmos a segunda vogal "a" e pronunciarmos *ob**a**san* como uma palavra que possui quatro *moras*, o sentido muda para "tia". Os quadros 10 e 11 mostram visualmente a diferença no número de *moras* dessas duas palavras:

Número de *moras*	**1º**	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**
Mora	O	BA	A	sa	n
Representação fonológica	/o/	/ba/	/R/	/sa/	/N/

Quadro 13 - Número de *moras* da palavra *obāsan* (avó)

Número de *moras*	**1º**	**2º**	**3º**	**4º**
Mora	O	ba	sa	n
Representação fonológica	/o/	/ba/	/sa/	/N/

Quadro 14 - Número de *moras* da palavra *obasan* (tia)

Assim, se diminuir ou prolongar a *mora* /a/ dessas duas palavras, ***obāsan*** /obaRsaN/ e ***obasan*** /obasaN/ elas vão adquirir ou perder uma *mora* e, ao mesmo tempo, vão adquirir sentidos diferentes conforme o número de moras. No caso do exemplo destas duas palavras, se ela perder/adquirir a *mora* /R/, por causa da produção inadequada, vai perder o sentido em língua japonesa.

Assim, a unidade mínima que constrói o ritmo da língua japonesa é *mora* e a manutenção da duração de *mora* é importante para manter o número *moras* para a construção do significado em língua japonesa.

2.3.3.2.3 Mais uma unidade de ritmo da língua japonesa

Como vimos agora, o termo *mora* é uma unidade mínima que constrói o ritmo da língua japonesa. Kubozono (1999) explica que os falantes nativos de língua japonesa têm uma forte tendência de pronunciar palavras dividindo-as em pequenos grupos de duas *moras*. O autor chama esses pequenos grupos de *foot*[15], cujo grupo é um elemento que constrói o ritmo da língua japonesa. *Foot* ou "pé" da língua japonesa, conforme Isomura (2009), é considerado como bimoraico, cuja estrutura é baseada em duas *moras.* Para que possamos entender melhor como se dá a distribuição de "pé" nas palavras japonesas, vamos ver os exemplos seguintes:

	Divisão de moras	Divisão de "pé"
Kouten	Ko / ɯ / te / n	Koɯ / tem
Shinkansen	Shi / N / ka / N / se / N	ShiN / kaN / seN

Quadro 15 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *kouten* e *shinkansen*

No caso de palavras com números ímpares de *moras*, a divisão de pé se dá da seguinte forma:

	Divisão de *moras*	Divisão de "pé"
Megane	me / ga / ne	Mega / ne
Tabemonoya	Ta / be / mo / no / ya	Tabe / mono / ya

Quadro 16 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *megane* e *tabemonoya*

[15] Ver a nota de rodapé 10. Utilizamos este termo *foot* como "pé" em português para continuar a explicação sobre pé da língua japonesa.

Porém, quando se trata da divisão de “pé” em palavras onde existem *moras* especiais (/R/,/Q/, ou /N/) ou semivogal /j/, não há uma concordância entre os autores. Isso ocorre devido ao fato de as *moras* especiais terem características muito próprias e diferentes umas das outras. Por exemplo, a palavra “*kyūtto*” (onomatopéia que indica o barulho de algo que está sendo apertado ou o barulho de uma freada brusca), dependendo do autor, pode ter duas divisões de “pé” diferentes, como vemos no quadro seguinte:

	Divisão de *moras*	Divisão de “pé”
Kyūtto	kjɯ / ɯ / Q / to	Kju / u Q / to
		Kju u Q / to

Quadro 17 - Número de *moras* e divisão de pé de palavra *kyūtto*

No nível frasal, vamos ver as divisões de “pé” possíveis da frase *Okuttandeshō* que possui *moras* especiais em vários segmentos:

	Número de moras	Divisão de “pé”
Okuttandeshou	O / kɯ / Q / ta / n / de / sho / ɯ	O / kut / tan / de / shou
	1 2 3 4 5 6 7 8	O ku t / ta N de / sho u

Quadro 18 - Número de *moras* e divisão de pé com um enunciado *okuttandeshō*

Independente de como as teorias determinam o que o “pé” indica dentro do sistema da língua japonesa, é evidente que o falante de língua japonesa possui uma tendência de conglomerar mais de uma *mora* para construir o ritmo de fala.

Kubozono (1999) explica essa questão utilizando a numeração da língua japonesa. Quando se contam números em japonês de um a três, usa-se *ichi* /ichi/, *ni* /ni/ e *san* /saN/[16]. Há uma tendência de a segunda *mora* /i/ do *ni* /ni/ ser prolongada para manter o ritmo de fala ajustado para criar um pé constituído por duas *moras*. Explicamos melhor no quadro 19.

Número de *mora*	Número de *mora* durante a produção oral
Ich i / ni / sa N	Ich i / ni **i** / sa N
2 1 2	2 2 2

Quadro 19 – Alteração de número de *mora* durante a produção oral

Assim, podemos entender que a unidade mínima que constrói a língua japonesa é chamada *mora* e, baseando-se na *mora*, o ritmo da língua japonesa é construído através da organização do “pé”

[16] A contagem em língua japonesa. A tradução em ordem seria “um, dois e três”.

2.3.4 Diferenças nos aspectos segmentais entre as duas línguas

Em relação aos aspectos fonéticos, existem alguns fones da língua japonesa que não existem na língua portuguesa e vice-versa. Assim, por causa da distribuição dos sons, algumas pronúncias podem não coincidir com o sistema da língua japonesa. Na maioria dos casos, a diferença de segmentos não influencia a alteração de número de *moras*, porém a nasalização da vogal ou a inserção de semivogal, por exemplo, poderia alterar o número de *moras*. Para tanto, é interessante conhecer os fones dos dois idiomas.

Veremos os fones consonantais de cada língua no quadro a seguir. Os fones que estão grifados em verde não existem no sistema fonético da língua japonesa. Utilizamos o quadro "Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português" organizado por Silva (2005, p.37).

Articulação Maneira	 Lugar	Bi labial	Labio dental	Dental ou alveolar	Alveo palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	Desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		X ɣ	h ɦ
Nasal	Voz	m		n		ɲ ÿ		
Tepe	Voz			ɾ				
Vibrante	Voz			r̈				
Retrolexa	Voz			ɹ				
Lateral	Voz			l ɬ		ʎ lʲ		

Quadro 20 - Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português

Em seguida, mostraremos os fones consonantais da língua japonesa no quadro, segundo Imada (2002, p.14). Os fones que estão grifados em amarelo são os que não existem na língua portuguesa.

		Bi labial	Labio dental	Dental ou alveolar	Alveo Palatal	Palatal	Bilabial velar	Velar	Glotal
Oclusiva	desv	p		t	ɲ			k	ʔ
	voz	b		d				g	
Africada	desv			ts	tʃ				
	voz			dz	ʤ				
Fricativa	desv	ɸ		s	ʃ	ç			H
	voz			z	ʒ				
Nasal	Voz	M		m				ŋ	
Tepe	Voz			ɾ					
Vibrante	Voz			ɺ					
Semivogal	voz					j	W		

Quadro 21 - Símbolos fonéticos consonantais da língua japonesa

Veremos agora, as diferenças nas vogais. Mostraremos primeiramente as vogais orais e nasais do português (SILVA, 2005) e em seguida, as vogais do japonês (IMADA 1989)

	Anterior		Central		Posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não rred
Alta		i ɪ ĩ			u ʊ ũ	
Média-alta		e ẽ			o õ	
Média-baixa		ɛ		ə	ɔ	
Baixa				a, ã		

Quadro 22 - Símbolos fonéticos das vogais do português

	Anterior		Central		Posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não rred
Alta		i				ɯ
Média-alta		e				O
Média-baixa						
Baixa				a		

Quadro 23- Símbolos fonéticos das vogais do japonês

Podemos verificar, claramente nos quadros, que há muito mais fones no português do que no japonês. Além dos fones vocálicos orais, há também vogais nasais no português: ã, ẽ, ĩ, õ e ũ.

De acordo com a diferença no sistema fonético e fonológico entre as duas línguas, poder-se-ia observar que as pronúncias que não seguem o sistema fonético do japonês são produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa, como por exemplo:

a) Vogal /ɯ/ que não existe no português, substituída por /u/ ou /ʊ/.

Exemplo: palavra *ushi* /ɯʃi/ a ser pronunciada como [uˈʃi] ou [ʊˈʃi]

b) Vogais de sílabas que se tornam não pronunciadas antes das consoantes desvozeadas “k”, “s”, “t” e “h”.

Exemplo: A palavra きく/kiku/ ao ser pronunciada como [kiˈku] (O fonema /i/ é o som não pronunciando, diferentemente do português no qual ocorre geralmente em vogais não acentuadas no final da palavra.).

c) Fonemas que não existem em português (/ts/, /ɸ/)

Exemplo: palavra *tsunami* /tsunami/ a ser pronunciada como [tʃisunami]

Exemplo: palavra *fune* /ɸune/ a ser pronunciada como [fuˈne].

d) Vogal de uma sílaba acompanhada com fonema /n/ e vogal de uma sílaba antes de um fonema /n/ ou /m/

Exemplo: a palavra *nani* /nani/ a ser pronunciada como [nãˈni]

Exemplo: a palavra que possui três moras *tamago* /tamaŋo/ a ser pronunciada como [tãmaˈgo]

e) Aumento de um fonema /j/, ao mesmo tempo, nasalização da vogal anterior a uma consoante “n” ou “m”.

Exemplo: a palavra *sensei* /seNsei/ a ser pronunciada como [sẽjsei]

Na próxima seção, apresentamos a teoria de interlíngua para verificar o ponto de vista sobre influência da língua-mãe na aprendizagem de uma língua estrangeira.

2.3.5 Interlíngua

Apresentaremos aqui, o termo interlíngua para estabelecer o ponto de vista de como nosso trabalho trata a pronúncia dos aprendizes brasileiros de língua japonesa.

Na perspectiva de Corder (1981), a Análise Contrastiva limitou-se a prever os erros, porque estes poderiam ser vistos sob dois ângulos: erros interlinguais e erros intralinguais. O primeiro indica a transferência das regras da língua-mãe para uma língua estrangeira e o segundo indica erros que são resultados do processamento da própria língua estrangeira.

Assim, a interlíngua trata de um sistema que representa um contínuo entre a língua materna e a língua-alvo do aprendiz, construído durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua.

Ellis (1983) menciona que o termo "interlíngua" foi cunhado por Selinker, (1967) e está sendo expresso de maneira um pouco diferente por cada pesquisador, existindo alguns termos semelhantes como "*Approximative System"* (sistema aproximado) de Nemser (1971), "*idiosyncratic dialect* (dialeto idiossincrático) de Corder (1971). Ellis (1983) explica que:

> A idéia principal da teoria de Interlíngua é que o aprendiz constrói uma série de hipóteses sobre a gramática da língua-alvo e, conscientemente ou inconscientemente, as testa em um contexto de aprendizagem formal ou informal. (ELLIS, 1983, p.207, tradução nossa)[17]

Por sua vez, Gass e Selinker (1994) afirmam que a interlíngua é um sistema composto por inúmeros elementos oriundos não somente da língua materna, mas também da língua alvo de um aprendiz de língua estrangeira (LE) ou de segunda língua (L2). Além disso, há elementos na interlíngua cujas origens não são da língua materna nem da língua alvo. O mais importante sobre a noção de interlíngua é que o próprio aprendiz impõe estruturas nos dados lingüísticos disponíveis e formula um sistema internalizado da língua alvo.

Assim, o termo indica que um aprendiz de línguas estrangeiras ou segunda língua cria suas próprias regras gramaticais da língua-alvo, diferentemente da língua estrangeira e da língua materna. Consequentemente, os fenômenos podem ser observados na produção oral dos aprendizes de uma língua estrangeira.

Com esse ponto de vista, Toda (2003) revelou que é difícil definir se a causa da dificuldade na aprendizagem de pronúncia da língua japonesa vem da língua materna ou se é independente da mesma. Mas diz que, de acordo com vários trabalhos feitos, a aprendizagem do sistema de fonológico relacionado à *mora* especial é um dos aspectos difíceis de aprender independente da língua-mãe, podendo ocorrer tanto elipse como epêntese da *mora* especial. Desta forma, poderiam ser observadas as inadequações de pronúncia da língua japonesa pelos aprendizes brasileiros que estudam a língua japonesa, especificamente, os aprendizes do caso do Curso de japonês do NLE, porém, isto não deve ser considerado como erro, mas sim, como um tipo de interlíngua dos mesmos. Toda (2003) mostrou exemplos que podem ser percebidos

[17] The principple tenent of IL theory, that the learner constructs for himself a series of hypotheses aboutthe Grammar of the target language and consciously or unconsciously tests these out in formal or informal learning contet.

na produção dos estrangeiros. Veja o Quadro 24, que foi organizado com base no trabalho de Toda (2003).

	Distribuição moráica	Número de mora	Significado em português
a)	Ki te (kudasai) /ki/ /te/ **H L**	2	Venha aqui, por favor.
b)	Ki te (kudasai) /ki/ /te/ **L H**	2	Vista, por favor.
c)	Ki t te (kudasai) /ki/ /Q/ /te/ **H L L**	3	Corte, por favor.
d)	Ki t te (kudasai) /ki/ /Q/ /te/ **L H H**	3	Dê-me o selo, por favor.
e)	Ki i te (kudasai) /ki/ /R/ /te/ **L H H**	3	Escute, por favor.

Quadro 24 - Frases que podem causar ambiguidades na produção oral por aprendizes

Observando as frases (a), (b) e (e) no quadro 24, podem ocorrer as seguintes ambigüidades em termos de número de *moras*: Podemos notar que a palavra “kite” /kite/, nas frases (a) e (b), possui duas *moras*. Com relação à palavra “kite” /kite/, embora possua somente duas *moras*, existem aprendizes que têm a tendência de acrescentar uma *mora* /i/ entre as moras /ki/ e /te/, ou seja, pronunciando a *mora* /ki/ mais prolongada do que deveria. Se isso acontecer, o interlocutor poderá entender a frase (e) com o sentido de “Escute, por favor”.

Continuando com os mesmos exemplos das frases (a) e (b) “Kite kudasai”, outro fenômeno observado na produção dos aprendizes seria a inserção de uma pausa entre “ki” e “te”. Se isso acontecer, a frase será entendida como da frase (d), “Kitte kudasai” (Corte, por favor). Há também a possibilidade do fenômeno contrário, onde o aprendiz oculta o prolongamento da palavra “kiite” /kiRte/ na frase (e) e pronunciar como da frase (a) ou (b), ou ainda há possibilidade de ocultar o “i” e inserir a pausa “kitte”/kiQte/ como da frase (d).

Quanto à tonicidade, se trocar o tom alto e baixo entre as frases (a) e (b) ou entre (c) e (d) poderá alterar o sentido da frase. Sendo assim, em uma produção inadequada de ritmo ou de tonicidade, poderá ocorrer alteração de sentido.

Para os falantes de língua japoneses, a compreensão e/ou confirmação da intenção do falante estrangeiro poderá ocorrer através da análise do contexto aplicado ao resto da sentença ou ao ambiente onde a frase está sendo inserida, procurando os significados equivalentes na

medida em que se produz a fala. Contudo, dependendo do ambiente, a produção do aprendiz poderia fazer com que o sentido fosse interpretado de outra maneira.

Vamos imaginar que as frases (d) e (e) fossem utilizadas em um caixa de uma agência do correio: Um cliente chega ao caixa e produz a frase (d), “kitte kudasai” (Dê-me o selo, por favor), mas, devido à ambiguidade de pronúncia da segunda *mora*, o mesmo produziu a frase (d) de uma forma que poderia ser entendida como a frase (e) “kiite kudasai” (Escute, por favor). O funcionário entenderia a mensagem do cliente como sendo “kiite kudasai” (Escute, por favor), então ele esperaria o cliente mencionar algo mais, enquanto o cliente ficaria esperando até que o funcionário se levantesse para entregar o selo.

Como vimos nos exemplos anteriores, os aprendizes de língua japonesa poderiam ter dificuldades nesses aspectos fonológicos, pois, além de precisar manter o número de *mora*, o falante necessita diferenciar o tom dentro da palavra, caso contrário, o interlocutor pode não compreender as intenções do falante. Veremos na sessão seguinte, as influências de pronúncia do caso dos aprendizes brasileiros que estudam japonês.

2.3.5.1 Caso dos brasileiros

Como existem diferenças de sistema fonético e fonológico entre a língua portuguesa e a japonesa, possivelmente, serão observadas produções orais que não seguem o sistema da língua estudada, nesse caso a japonesa, pelos aprendizes falantes de língua portuguesa.

Tasugawa (1999) analisou a leitura de palavras em voz alta de dois brasileiros aprendizes de japonês com nível avançado, residentes no Japão. O nível dos dois aprendizes é considerado avançado e suas falas são bem razoáveis, podendo até serem percebidas como a de um nativo. Porém, apesar de a fala deles não ser percebida como a de estrangeiros, especialistas percebem a influência da língua-mãe na produção oral em alguns aspectos. A pesquisa foi feita através da análise de gravação de leitura em voz alta desses aprendizes. Na seleção de palavras, o número de *moras* e a tonicidade foram levados em consideração. E, como foi apresentado no trabalho de Toda (2003), o sistema fonológico da língua japonesa é considerado como uma das dificuldades comuns para os aprendizes deste idioma.

Nesse trabalho, o referido autor concluiu que os fenômenos encontrados em comum, percebidos como não característicos do sistema fonológico da língua japonesa, em alguns casos, eram de influência da língua portuguesa, mas também foram encontrados alguns aspectos que não eram do sistema de nenhuma das duas, sendo um sistema que os próprios

aprendizes estabeleceram durante sua aprendizagem. Em outras palavras, esses fenômenos podem ser categorizados como um sistema fonológico da interlíngua desses aprendizes.

O trabalho por ele realizado observou dois brasileiros descendentes de japoneses, sendo que um já tinha estudado na sua infância em um ambiente onde se falava a língua japonesa. Não foi citado de qual região eles eram, pois, o resultado da análise poderia variar com a variação linguística do português brasileiro e o(s) idioma(s) que estavam sendo utilizados no ambiente onde os informantes desta pesquisa foram criados.

Porém, poderíamos nos basear no resultado da pesquisa acima para refletir sobre o nosso ambiente de pesquisa, no caso do Curso de Japonês do NLE. Como os informantes da nossa pesquisa são brasileiros e falantes de português, a dificuldade na aprendizagem em língua japonesa poderia ser semelhante ao caso pesquisado por Tasugawa (1999). Essa pesquisa está relacionada à aprendizagem do ritmo moraico.Já, no caso da Língua Portuguesa, esta possui características de ritmo acentual e parcialmente silábico, diferindo do sistema fonológico da língua japonesa, que é um sistema moraico. Assim, o que poderia acontecer com os aprendizes de japonês, falantes de português, seria a dificuldade de produzir, adequqdqmente, a duração da *mora.*

Considerando os estudos feitos pelos pesquisadores acima, nossa pesquisa seguirá a procurar o que o curso de japonês do NLE necessita e a descrever como ele vem trabalhando até agora, para fazer algumas propostas de melhoria do ensino. No seguinte capítulo, apresentaremos o processo desta pesquisa para buscar as respostas à questão de pesquisa, baseando-nos nas discussões feitas neste capítulo.

3 METODOLOGIA

Neste estudo, desenvolveremos uma pesquisa de caráter qualitativo-descritiva, cuja ênfase investigativa é a análise das produções orais dos professores de japonês do NLE da UECE e, a partir disso, a proposição de atividades didáticas complementares que destaquem as peculiaridades de pronúncia essenciais da língua japonesa. O intuito do nosso trabalho é contribuir para que os professores desse curso passem a ensinar com maior adequação o conjunto de aspectos envolvidos na produção oral do idioma japonês.

3.1 Contexto da pesquisa

Nossa pesquisa foi realizada no contexto educacional do Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras (NLE) da UECE. O NLE funciona como projeto de extensão mantido pela Universidade Estadual do Ceará e como campo de prática dos alunos do curso de Letras bem como dos alunos do Mestrado em Linguística Aplicada da mesma universidade. Assim, pelas regras dessa instituição, os professores do NLE são professores-bolsistas que estão cursando a graduação em Letras-licenciatura ou alunos do Mestrado da mesma universidade. O NLE oferece cursos de idiomas tais como inglês, espanhol, francês, italiano, japonês, grego e latim. Apesar de o italiano e o japonês não possuírem cursos de graduação na UECE, o NLE abriu cursos desses dois idiomas porque havia uma demanda na comunidade. Os cursos são abertos à comunidade para aqueles que concluíram o Ensino Fundamental.

Escolhemos o curso de japonês do NLE como local dessa pesquisa porque o mesmo funciona dentro da mesma universidade que o Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada e porque a própria pesquisadora faz parte do corpo docente do curso. Isso facilitou a colaboração dos participantes do curso, além da possibilidade de haver uma contribuição significativa nas atividades para o curso de japonês e para o grupo de formação de professores de língua japonesa.

O Curso de Japonês, segundo informações adquiridas no NLE e respostas colhidas através de questionário aplicado com a coordenadora do curso, foi estabelecido oficialmente na instituição referida em 1993, com o objetivo de atender aos interessados em conhecer e aprender a língua e cultura japonesa, bem como divulgá-las.

Inicialmente, o corpo discente do curso era composto, em sua maioria, por pessoas envolvidas com atividades culturais tradicionais e religiosas do Japão. Dos cerca de 150

alunos matriculados no período de 2010.1, percebeu-se uma mudança do perfil desses alunos. Em outras palavras, houve um aumento do público que tem por intuito aprender a língua japonesa, a fim de intensificar seu envolvimento com a cultura-*pop* japonesa (música, *mangá*[18], *animê*[19], filmes, etc.). Assim, uma das características deste curso é sempre estar adequando seu planejamento pedagógico, principalmente nas seleções de material paradidático, ao perfil dos alunos que procuram o curso, para que assim o curso de japonês do NLE possa atender aos desejos e às necessidades desses alunos.

Cada período letivo dos cursos do NLE tem carga horária de 60h/a e cada aula tem a duração de 45 minutos. O curso está atualmente estruturado em duas partes: uma de nível básico e outra de nível intermediário inicial[20]. O nível básico corresponde aos Semestres I a VI, enquanto que o nível intermediário inicial corresponde aos Semestres VII e VIII. Os Semestres VII e VIII são optativos e oferecidos quando há número suficiente de alunos para abrir uma turma. O quadro de turmas apresenta a seguinte composição: Semestre I – 2 turmas; Semestre II – 2 turmas; Semestre III – 2 turmas; Semestres de IV a VII – 1 turma cada. No período 2009.2, não houve turma de Semestre VIII, então, ao todo, havia nove turmas. No período de 2010.1, abrimos duas turmas de Semestre I e formou-se uma turma de Semestre VIII com 11 alunos, totalizando dessa forma, no período 2010.1, onze turmas com o total de 150 alunos matriculados no curso. Normalmente, cada turma é assumida por um único professor, mas há casos também de turmas assumidas por dois professores[21].

Além das atividades em sala de aula, o curso organiza concursos de oratória em língua japonesa para desenvolver a produção oral dos alunos e, ao mesmo tempo, para selecionar candidatos para o concurso de oratória da etapa regional nordestina, organizado pela Fundação Japão. Mais uma atividade destacada, organizada pelo curso, é o concurso de karaokê[22] que tem o intuito de incentivar a integração entre alunos de semestres diferentes e, também, "abrir as portas" do curso para que o público em geral conheça as suas atividades e interaja com seus alunos, professores e monitores. Em 2007, a etapa nordestina do concurso de oratória em língua japonesa foi realizada em Fortaleza e, em 2008, a etapa nordestina do concurso de karaokê foi também realizada em Fortaleza, sendo ambas organizadas pelo curso de japonês do NLE e promovidas pela Fundação Japão.

---

[18] Livros de histórias em quadrinhos produzidos em estilo japonês.
[19] Desenhos animados de origem japonesa.
[20] A estruturação em níveis do referido Curso está baseado nas referências de níveis de proficiência estabelecidos pelo Ministério da Educação do Japão.
[21] Como foi o caso da turma Semestre I-A no período 2009.2.
[22] Uma diversão com a participação de caontores amaodr. Palavra japonesa que é formada pela junção de *kara* ('vazio') e *oke* (abreviação de *orchestra*, pronunciada *ōkesutora* em japonês).

Segundo a coordenadora do curso de japonês do NLE, desde o início do funcionamento do curso, ele tem recebido apoio e reconhecimento de instituições ligadas ao Japão, tais como, Consulado Geral do Japão, em Recife; Fundação Japão e *Japan Internacional Cooperation* (JICA) [23], e da própria Universidade Estadual do Ceará. O curso, que iniciou suas atividades com certas dificuldades, teve um crescimento significativo e hoje podemos dizer que ele funciona plenamente, constituindo-se de seis semestres diferentes de nível básico e dois semestres de nível pré-intermediário.

No que se refere ao quadro de professores que atuam no referido curso, havia, em 2010.1, uma coordenadora e dez professores[24]. A coordenação é realizada por uma professora do Curso de Letras da UECE. Ela é brasileira nata, de ascendência japonesa, e falante de português e japonês. Quanto ao corpo docente do curso, há uma professora japonesa nativa, nascida em Tóquio e falante de língua japonesa como língua-mãe, aluna do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada da mesma universidade (a autora deste projeto) e dez professores brasileiros, sendo que alguns já concluíram o curso e outros ainda estão cursando o nível intermediário.

Nem os alunos nem os professores brasileiros do curso possuem, em sua maioria, experiência de moradia no Japão, não são descendentes de japoneses e não foram criados em um local em que houvesse a necessidade do uso da língua japonesa. Na cidade de Fortaleza, há uma associação nipo-brasileira criada por descendentes de japoneses, o Instituto Nipo-Brasileiro do Ceará, com o qual o curso mantém relações sempre que possível.

Não há um ambiente onde seja necessário o uso da língua japonesa, pois mesmo entre os membros do Instituto é utilizada a língua portuguesa como meio de comunicação. Assim, as práticas de conversação do idioma japonês pelos professores do curso acontecem, basicamente, entre eles próprios ou em ambiente virtual (*Skype*, *MSN*, ou outros meios virtuais em que possam praticar a comunicação oral *online*) que eles descobriram pessoalmente.

Com base no questionário respondido pela coordenadora, podemos ressaltar que o curso sempre se encontrava com carência de professores. Segundo as condições estruturais do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE, seus Cursos de Idiomas seriam vinculados aos Cursos de Graduação em Línguas Estrangeiras (Inglês, Francês e Espanhol) e os professores desses Cursos devem ser estagiários-bolsistas, alunos do Curso de Letras (LE) da UECE. Porém, como não há Curso de Letras-Japonês na graduação da UECE, diferentemente das

[23] Agência de Cooperação Internacional do Japão
[24] A autora desta pesquisa também está incluída no número de professores.

outras línguas inseridas no NLE, com exceção do italiano, os professores do curso de japonês não têm um vínculo necessário com a UECE. Possuem, no entanto, conhecimentos básicos da Língua Japonesa, adquiridos através de estudos feitos no próprio curso em que atualmente ensinam, necessários para o ensino básico da língua japonesa.

Em 2006, foi criado o Grupo de Monitores e Professores do Curso de Japonês do NLE para superar a constante carência de professores que o Curso enfrentava e principalmente para formar os próprios professores do Curso, criando um ambiente de discussão onde se pudesse desenvolver conhecimentos linguísticos do japonês e refletir como lidar com o ambiente sociodiscursivo da sala de aula, direcionados pela coordenadora do Curso de japonês do NLE.

Em 2010.1, além dos dez professores[25], cinco monitores estavam participando desse grupo. O grupo realiza reuniões, todas as sextas-feiras, nas quais são feitas discussões sobre assuntos observados nas salas de aula, seminários sobre ensino de línguas, incluindo a japonesa, e também são abordados temas de interesse relacionados à língua e à cultura japonesa, visando sempre um ensino que possa trazer uma melhora qualitativa ao curso. Enquanto os professores dão suas aulas, monitores acompanham os professores na preparação de aulas, selecionam os materiais para serem utilizados, observam as atividades feitas pelo professor e ajudam a refletir sobre essas aulas, colaborando, assim, para as discussões nas reuniões do grupo. Além dessas atividades, o grupo organiza eventos educacionais e culturais, como concursos de oratória e karaokê, semana de cultura japonesa na UECE, etc.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Primeiramente, apresentaremos o perfil dos professores do curso de japonês como um todo, e em seguida, apresentaremos especificamente os Sujeitos Participantes A e B. Todas as informações sobre os professores foram obtidas em fevereiro de 2010 através de um questionário chamado “Questionário de ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa” (apêndice G). Sobre este questionário, falaremos mais adiante.e compuseram

Categorizamos quatro professores como sujeitos participantes A: aqueles que participaram de todas as etapas desta pesquisa (gravação de leitura em voz alta, observação de aulas, aplicação de todos os questionários e aula experimental); como sujeitos participantes B, os outros professores que participaram apenas da aplicação de questionário e da aula

[25] A pesquisadora também participa deste grupo e trabalha juntamente com professores e monitores.

experimental de pronúncia da língua japonesa. Houve divisão de grupos de Sujeitos participantes em A e B em razão da limitação de tempo para observar aulas de todos os professores do referido curso. Assim, escolhemos quatro turmas de níveis de conhecimento diferenciados e seus respectivos professores que compuseram o grupo de Sujeitos participantes A, e os outros professores como sujeitos do Grupo B.

3.2.1 Professores do Curso de Japonês do NLE e seu material de ensino

Havia sete professores no curso de japonês do NLE no momento em que iniciamos a pesquisa em 2009.2. Já em 2010.1, mais duas professoras foram incluídas no curso, totalizando nove professores[26]. A faixa etária dos professores varia entre 21 e 33 anos. Os professores também são universitários, na sua maioria, e frequentam cursos de Graduação em Artes plásticas, Direito, Engenharia Civil, Filosofia, Jornalismo, Letras-Inglês - bacharelado, e Serviço Social. Apenas um professor faz o curso de licenciatura, porém em Letras - Francês. Todos os professores, sujeitos da pesquisa, são brasileiros, sem ascendência japonesa, nascidos e criados em Fortaleza, Ceará. Todos os nove professores do referido curso foram criados em local em que não havia necessidade de uso da língua japonesa.

Um dos objetivos desta pesquisa é analisar a produção oral dos professores e investigar sobre o ensino/aprendizagem em relação à pronúncia da língua japonesa do curso de japonês do NLE. Assim, escolhemos apenas quatro professores para realizar a gravação de leitura em voz alta e a observação de suas aulas a fim de analisar a produção oral de cada professor e o tratamento de pronúncia da língua desses professores em sala de aula. Para investigar melhor como a pronúncia da língua japonesa era tratada no ensino/aprendizagem da língua japonesa no curso todo, aplicamos um questionário sobre o assunto com todos os professores. Baseados nos dados obtidos, propomos ao curso atividades didáticas que possam servir de referência para o ensino de pronúncia, assim como atividades que possam servir de referência aos professores para a melhoria de suas pronúncias da língua japonesa.

Os professores raramente encontram oportunidades de estar em um ambiente em que seja necessário o uso exclusivo da língua japonesa, uma vez que, como vimos, quase não há falantes da língua japonesa em Fortaleza. Podemos dizer isso através dos comentários obtidos nos questionários. Porém, a maioria possui experiência de interação com japoneses nativos em língua japonesa por meio da internet (*SKYPE*, *MSN* e outros programas que

[26] Salientamos que a partir deste momento, pesquisadora deste trabalho, apesar de professora do Curso, não faz parte desse total, pois não é sujeito da pesquisa.

disponibilizam um ambiente de comunicação oral *online*) ou com japoneses nativos que vêm a Fortaleza por algum motivo, embora com estes últimos o contato tenha sido por curto período de tempo. Mesmo assim, alguns professores demonstraram que houve poucas oportunidades de comunicação exclusiva em língua japonesa, uma vez que os japoneses nativos com quem os professores tiveram contato, inclusive a autora desta pesquisa, tinham como objetivo praticar a língua portuguesa como meio de interação aqui na cidade. Desta forma, os professores e os nativos japoneses misturavam o português e o japonês para se comunicarem.

Os professores do grupo pesquisado foram estudantes do próprio curso em que atualmente ensinam. O tempo de estudo de língua japonesa desse grupo de professores pesquisados, incluindo também aqueles que fizeram os dois semestres intermediários optativos e o período em que os professores continuaram a estudar como autodidatas, varia entre quatro e dez anos. Porém, em relação ao conhecimento linguístico, todos possuem pelo menos o terceiro nível de proficiência de língua japonesa[27], resultado a que se chegou mediante aplicação de um simulado do Teste de Proficiência em Língua Japonesa. O nível três do teste é considerado como de transição entre o nível básico e o nível intermediário.

Quanto ao material de ensino, o nome do livro que vinha sendo utilizado, antes de 2004, no referido curso era o *Shin Nihongo no Kiso*[28] (AOTS, 1980). A mudança do material, em 2004, deu-se devido à sugestão, pela Fundação Japão, de uma nova versão do livro didático utilizado pelo curso. O livro que substituiu o anterior foi o *Minna no Nihongo*[29] (ISHIZAWA, TOYODA, 1998). Os dois livros didáticos têm a mesma metodologia e a diferença está na contextualização dos diálogos e exemplos do texto no decorrer dos livros. Desta forma, os professores mais antigos passaram a utilizar um material didático diferente do material que utilizavam quando eles eram alunos.

Todos os livros e materiais didáticos utilizados no Curso tratam de uma variação de japonês conhecida como japonês-padrão e consequentemente, todos os professores, que estudaram no próprio curso, estudaram a língua padrão japonesa acompanhando o livro didático. Contudo, os mesmos assistem a programas da televisão japonesa gravados ou filmes, principalmente através da Internet, visualizados na tela do computador e escutam músicas em

[27] O nível de proficiência de Língua Japonesa é determinado com base no Teste de Proficiência em Língua Japonesa (*Japanese Language Proficiency Test*) produzido e aplicado pela Fundação Japão em todas as partes do mundo, em um determinado dia e horário.
[28] "Novo japonês básico" (tradução nossa)
[29] "Japonês para todos" (tradução nossa)

japonês, o que indica a possibilidade de eles possuírem conhecimentos sobre a pronúncia de alguns dialetos da língua japonesa.

3.2.2 Sujeitos participantes A

No segundo semestre de 2009, tivemos duas turmas de Semestre I, duas de Semestre II, duas de Semestre III, e uma turma para cada semestre do IV a VII. Os quatro professores tidos como sujeitos participantes A foram escolhidos a partir do nosso foco de interesse em determinados semestres. O Semestre I foi objeto do nosso interesse, particularmente devido ao seu conteúdo, uma vez que inclui o ensino de escrita fonossilábica japonesa, *Hiragana e Katakana*, cuja matéria é muito ligada à pronúncia da língua japonesa. Também tivemos interesse em observar possíveis diferenças na metodologia de como os professores tratam o ensino de pronúncia da língua japonesa em turmas de diferentes níveis. Assim, escolhemos dois professores das duas turmas do Semestre I. Denominamos Semestre I-A uma turma que começa às 18hs, e outra turma de Semestre I-B, que começa às 20hs.

Para observar o tratamento do ensino de pronúncia da língua japonesa nas turmas de outros níveis, tomamos mais dois professores como Sujeitos participantes A, e observamos se houve ou não alguma diferença por causa do nível de conhecimento linguístico de japonês dos alunos.

É claro que o nível de conhecimento da língua japonesa dos alunos de cada turma é diferente, e consequentemente, isso pode limitar a utilização de japonês pelos professores nas aulas. Porém, esta pesquisa não possui o objetivo de avaliar a frequência de uso da língua japonesa dos professores na sala de aula, e sim observar a frequência com que os professores tratam da pronúncia em sala de aula. Dessa forma, o nível de conhecimento de japonês da turma não influencia os resultados desta pesquisa.

Denominamos o professor do Semestre I-A como Sujeito participante A-1, o professor do Semestre I-B como Sujeito participante A-2, o professor do Semestre III como Sujeito participante A-3 e o professor do Semestre V, como Sujeito participante A-4. Esses quatro professores, Sujeitos participantes A, acompanharam todos os procedimentos desta pesquisa: coleta de dados (gravação de leitura em voz alta e análise de pronúncia), observações de aulas, aula experimental de pronúncia da língua japonesa para os professores do curso de japonês do NLE. Os procedimentos de cada etapa da pesquisa serão apresentados no capítulo 3.4. O perfil dos Sujeitos participantes A está em apêndice E.

3.2.3 Sujeitos participantes B

Para responder à última questão da pesquisa “Quais atividades didáticas poderiam ser propostas a este curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas?”, torna-se importante conhecer as opiniões sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa de todos os professores do curso de japonês do NLE, para termos uma idéia geral de como os professores abordam a questão da pronúncia. Para isso, incluímos os outros cinco professores do curso que não se enquadravam como Sujeitos participantes A e os denominamos como Sujeitos participantes B. Aplicamos o mesmo questionário aplicado com os Sujeitos participantes A, a fim de refletir sobre as questões de pesquisa elencadas na introdução deste trabalho.

3.3 Procedimentos da pesquisa

A coleta de dados de nossa pesquisa foi efetivada, basicamente, com as seguintes etapas: 1) teste de leitura em voz alta, 2) observação de aulas 3) Análise do material didático. 4) Oficina de pronúncia da língua japonesa com os professores do curso de japonês do NLE e aplicação de questionários. Nas sessões seguintes, descreveremos, detalhadamente, cada etapa da coleta de dados.

3.3.1 Teste de leitura em voz alta

O teste de leitura em voz alta foi realizado com o objetivo de responder à primeira questão de pesquisa “Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE?”. Temos três instrumentos para realizar esta etapa: roteiro de leitura em voz alta (ver apêndice B), a gravação de leitura desse roteiro pelos Sujeitos participantes A, e, finalmente, o teste de leitura em voz alta (ver apêndice C). A tradução de do roteiro de leitura em voz alta está em apêndice D.

Para realizar o teste de leitura em voz alta, prosseguimos com as seguintes etapas: 1) gravação de roteiro de leitura em voz alta 2) submissão de gravação de leitura de roteiro em voz alta aos colaboradores japoneses 3) Diagnostico da pronúncia dos Sujeitos participantes A, através do teste de leitura em voz alta, feito pelos colaboradores nativos japoneses.

O roteiro de leitura em voz alta foi organizado pela pesquisadora, focalizando os aspectos fonológicos que poderia causar a interferência na identificação dos significados das palavras. Quanto ao teste de leitura em voz alta, o objetivo desta etapa é utilizar a percepção dos falantes nativos japoneses para analisar a produção oral dos Sujeitos participantes A. Assim, o teste de leitura em voz alta foi criado para que os colaboradores, japoneses nativos, pudessem diagnosticar a gravação de leitura em voz alta. Os dados provenientes dos colaboradores servem como critério para a análise da produção oral dos sujeitos.

Enfim, o objetivo desta etapa é investigar a pronúncia dos Sujeitos participantes A junto a falantes de língua japonesa como língua materna, pois achamos conveniente (efetuar este teste) para que a análise não ficasse apenas restrita à impressão de uma japonesa nativa, autora deste trabalho. Apresentaremos agora os instrumentos e procedimentos da gravação de leitura em voz alta, e, em seguida, apresentaremos os instrumentos e procedimentos do teste de leitura em voz alta foram estudados para responder à primeira questão de pesquisa “Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE?”. Para realizar essa etapa, utilizamos instrumentos tais como: a) roteiro de leitura em voz alta. A análise desta gravação foi feita pela autora dessa pesquisa, porém, organizamos um teste de leitura em voz alta para que fosse diagnosticada a gravação de leitura em voz alta pelos japoneses nativos. O objetivo desta etapa é investigar a pronúncia dos Sujeitos participantes A e, para isso, solicitamos, junto aos falantes que possuem a língua japonesa como a língua materna, que efetuem esse teste, para que a análise não ficasse apenas com a impressão de uma japonesa nativa, autora deste trabalho.

3.3.1.1 Instrumento de leitura em voz alta - Roteiro de leitura

Para averiguarmos a produção oral em japonês pelos Sujeitos participantes A, julgamos conveniente gravar sua leitura de texto em voz alta. Para tanto, elaboramos um roteiro em que reunimos pares mínimos e frases que incluem os pares mínimos, os quais, se não pronunciados de acordo com sistema fonológico da língua japonesa, podem causar ambiguidades de sentido (ver apêndice B). Dispomos esses pares mínimos em doze questões. Cada questão traz palavras ou frases que serão pronunciadas pelos Sujeitos participantes A.

Para seleção das palavras e frases, utilizamos os livros *Hatsuon* (IMADA, 1989) [30] e *Nihongo no Hatsuon Kyōshitsu* (KUBOZONO; TANAKA, 1999) [31] que apresentam as

[30] Pronúncia (tradução nossa)

palavras de pares mínimos que podem causar ambiguidade na compreensão por parte do interlocutor. No processo de elaboração do teste, focalizamos cinco pontos: moras especiais de *moras* /N/, /Q/ e /R/[32] e semivogal /j/, responsáveis pelo número de *moras*, e tom diferenciado nas palavras com mesmo número de *mora*.

As questões 1 e 2 tratam do prolongamento, as questões 3 e 4 estão relacionadas à semivogal /j/, as questões 5 e 6 estão relacionadas ao som de /N/, as questões 7 e 8 estão relacionadas à pausa /Q/ e as questões 9 e 10 estão relacionadas ao tom. Quanto às questões 11 e 12, misturamos todas as características do sistema de ritmo e acentuação. Nas questões 1, 3, 5, 7 e 9, colocamos palavras soltas, e nas questões 2, 4, 6, 8, 10, 11 e 12, colocamos o par mínimo numa frase.

3.3.1.2 Procedimento de gravação de leitura em voz alta

Para efetuar a gravação de leitura em voz alta, cada professor foi chamado individualmente. A gravação de leitura em voz alta foi feito em outubro de 2009, em uma sala de aula normal da Universidade Estadual do Ceará em que estavam presentes apenas o sujeito e a pesquisadora. Escolhemos uma sala onde havia o mínimo de ruídos possíveis. Primeiramente, o roteiro foi entregue para o professor poder verificar o tamanho e o conteúdo do texto e a pesquisadora respondeu às perguntas relacionadas à leitura de *Kanji* ou dúvidas sobre como responder às questões. No roteiro, existem palavras que não são familiares aos professores, porém, como o foco desta pesquisa é a pronúncia e não o conhecimento de vocabulário, caso tivessem perguntas, a pesquisadora responderia sobre os significados das palavras no roteiro. A pesquisadora não mencionou aos Sujeitos Participantes A como eles deveriam pronunciar as palavras, em especial, o tom e o ritmo das palavras colocadas no roteiro. A gravação foi feita com o aparelho de gravador “SANYO STEREO ICR-S170M”.

3.3.1.3 Procedimento de teste de leitura em voz alta

Submetemos aos japoneses a gravação de leitura em voz alta dos Sujeitos participantes A, a fim de reforçar a análise da produção oral dos mesmos pela autora.

---

[31] “Aula de pronúncia da língua japonesa” (tradução nossa)
[32] /N/ representa o som de /n/, /m/, ou /ŋ/, /R/ representa prolongamento da vogal, e /Q/ representa uma pausa. Cada símbolo representa uma *mora*.

Para verificar alguns fenômenos da produção oral dos Sujeitos participantes A, pedimos a colaboração de japoneses nativos que estavam no Brasil durante esta etapa a fim de confirmar, através da análise desses japoneses, as observações feitas pela autora sobre a produção oral dos professores do curso de japonês do NLE.
Apresentaremos a seguir os colaboradores japoneses.

3.3.1.3.1 Colaboradores japoneses

Para investigarmos a produção oral dos sujeitos desta pesquisa, pedimos a colaboração de quatro japoneses nativos que estavam no Ceará. A seleção dos colaboradores japoneses levou em conta os seguintes critérios:

- Deveriam apresentar, em uma conversa livre com a pesquisadora, sinais de percepção e compreensão do ritmo e da acentuação da língua japonesa padrão.

Incluímos os quatro japoneses nativos como sujeitos colaboradores dessa pesquisa, pois todos mostraram o perfil adequado para investigar a produção oral dos sujeitos participantes A. No decorrer do nosso estudo, esses japoneses nativos, que foram selecionados e colaboraram na efetivação de nossa pesquisa, serão citados como colaboradores.

O perfil desses colaboradores que auxiliaram em nossa investigação será mostrado no apêndice F.

3.3.1.4 Submissão de gravação e teste de leitura em voz alta

As gravações de leitura em voz alta dos Sujeitos participantes A foram submetidas aos colaboradores em dois momentos diferentes. A primeira submissão foi com os colaboradores A e B, na biblioteca do Centro Comunitário da comunidade onde a ONG se situa, e, na segunda submissão, foi realizada no mesmo local, no dia seguinte com os colaboradores C e D.

3.3.1.4.1 Teste de leitura em voz alta

O teste, que foi elaborado para que os colaboradores diagnostiquem a pronúncia dos sujeitos identificando os significados das palavras, possui doze questões. A estrutura do teste acompanha o roteiro da leitura em voz alta. Nas questões 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 12, colocamos

possíveis significados de acordo com a pronúncia dos *Sujeitos participantes A*, e nas questões 2, 4, 6, 8 e 10, pedimos aos colaboradores para que escrevessem as palavras que eles ouvissem na gravação ou que marcassem a opção “sem identificação”.

3.3.2 Observação de aula

As observações de aulas foram iniciadas em 2009.2, no começo de agosto. As observações foram feitas com os dois primeiros semestres (primeiro semestre A e primeiro semestre B) durante 20 horas/aula cada um; com o terceiro semestre, durante 22horas/aula e com quinto semestre, durante 14 horas/aula. A pesquisadora esteve presente na sala de aula juntamente com os alunos.

A diferença da duração de observação ocorreu devido ao calendário do programa e ao tempo disponível da pesquisadora. Porém, esta diferença não influencia no resultado desta pesquisa, porque o foco da pesquisa é observar as abordagens dos professores sobre pronúncia na sala de aula, e não a quantidade de palavras, ou frases que eles utilizam na sala de aula.

3.3.2.1 Procedimento de observação de aula

Primeiramente, pedimos a permissão da coordenadora para efetivar as observações de aula. Em seguida, conversamos com os sujeitos participantes A e pedimos a permissão de cada professor. Os fenômenos observados foram registrados a partir das gravações e das anotações da pesquisadora. Todos os professores concordaram com a presença da pesquisadora e com a gravação do áudio das aulas. A gravação foi feita em vários momentos durante as observações, porém, esta gravação foi utilizada pela pesquisadora como apoio reminiscente. Então, a qualidade das gravações não é ótima, porém, não interfere na discussão sobre a observação. A gravação foi feita com o aparelho de gravador “SANYO STEREO ICR-S170M”.

Para responder às questões desta pesquisa, focalizamos os seguintes pontos durante a observação:

1) Elementos sobre a pronúncia, (pronúncia de fone, duração de *mora* e tom), e o tratamento desses elementos em sala de aula;

2) Pronúncia da língua japonesa dos professores que pode dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambigüidade da produção

3.3.3 Análise de materiais didáticos

Analisamos aqui, os materiais didáticos adotados no curso de japonês do NLE. *Shin Nihongo no Kiso*[33] (ATOS, 1980), *Minna no Nihongo I*[34] *- Livro texto principal* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998), *Minna no Nihongo I-Livro tradução e notas gramaticais* (ISHIZAWA; TOYODA, 1999), *Nihongo: Kana–Uma introdução ao silabário japonês*[35] (KAWARAZAKI, 1980), a apostila *Kana Nyūmon*[36] (Curso de japonês do NLE, 2007).

Verificaremos que tipo de abordagem está sendo tomada, para que tipo de público está sendo organizada e o tratamento sobre o ensino de pronúncia da língua japonesa no livro didático.

3.3.4 Oficina de pronúncia da língua japonesa

A oficina de pronúncia da língua japonesa foi realizada no período do dia 11 a 15 e de 25 a 28 de janeiro e de 1 a 4 de fevereiro de 2010 (26 horas/aula) com o objetivo de procurar pensamentos/idéias dos professores sobre o ensino/aprendizagem deste tema, sob orientação da coordenadora do curso de japonês do NLE como parte desta pesquisa, e também como contribuição para o referido curso de japonês. Para tanto, esta aula experimental focalizou três aspectos: 1) Oferecer um momento para estudar o sistema fonético e fonológico da língua japonesa para aprimorar seus conhecimentos prévios, 2) Trocar idéias sobre a abordagem/metodologia de ensino de pronúncia de cada professor na sala de aula, 3) Praticar a pronúncia para ter mais segurança na sua produção oral em língua japonesa.

Posteriormente, aplicamos um questionário chamado "Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa" com todos os professores e um questionário sobre ensino de pronúncia da língua japonesa do Curso de japonês de NLE com a coordenadora do referido curso. Veremos primeiramente, a oficina de pronúncia da língua japonesa. Em seguida, veremos a aplicação de questionários.

---

[33] "Novo japonês básico" (tradução nossa)
[34] "Japonês para todos" (tradução nossa)
[35] O nome do livro está misturado em dois idiomas, português e japonês. A parte de japonês significa Japonês: "silabário japonês". (tradução nossa)
[36] "Introdução ao silabário japonês" (tradução nossa)

3.3.4.1 Materiais

Foi feita uma releitura dos materiais didáticos adotados no curso de japonês do NLE tais como: *Minna no Nihongo–Livro texto principal* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998), *Minna no Nihongo I–Livro tradução e notas gramaticais* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998), *Nihongo: Kana –Uma introdução ao silabário japonês* (KAWARAZAKI, 1980), a apostila *Kana Nyūmon* (Curso de Japonês do NLE, 2007)[37].

E, foram propostos os seguintes materiais para ensino de pronúncia: *Nihongo no hatsuon kyoushitsu*[38] (KUBOZONO, 2004), "*Nihongo kyouiku wo mezasu hito no tame no kiso kara manabu onsleigaku*[39] (KASHIMA, 2005), "*Ichinichi juppun no hatsuon renshū* (KAWANO; KUSHIDA; TUSUKIJI; MATSUZAKI, 2004)[40] e *Hatsuon*[41] (IMADA , 1989).

3.3.4.2 Procedimentos da oficina

Após a permissão da Coordenadora do Curso de japonês do NLE, elaboramos materiais de revisão e selecionamos materiais do curso que não estavam sendo consultados com muita frequência na realização das aulas.

Levando em consideração o horário mais conveniente para todos os professores, convocamos os professores para a aula durante as férias do NLE, apresentando a importância e a necessidade da revisão do sistema fonético e fonológico entre as duas línguas, português e japonês, e a revisão e a discussão sobre os livros didáticos adotados neste curso, focalizando as partes que tratam a pronúncia. E também, por fim, praticar a pronúncia desta língua para refletir e aprimorar sua própria produção oral.

3.3.5 Aplicação do questionário

Inicialmente, estávamos apoiados apenas em observações livres sobre as opiniões dos professores do curso de japonês do NLE em relação ao ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa. A aplicação do questionário tem por objetivo verificar a necessidade de refletir, de modo mais científico, sobre a questão do ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa no referido curso. Temos dois questionários: a) Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa e b) Questionário para a coordenadora do curso de japonês do NLE para verificar o tratamento do ensino de pronúncia da língua

[37] Tradução de livros foram apresentadas nas notas de rodapé 38,39,40.
[38] Curso de pronúncia japonesa - Teoria e prática (tradução nossa)
[39] Introdução a linguística para os professores de língua japonesa (tradução nossa)
[40] Praticar pronúncia dez minutos por dia (tradução nossa)
[41] Pronúncia (tradução nossa)

japonesa no decorrer da história deste curso. No processo de elaboração do questionário, todos os questionários foram elaborados com base na metodologia de elaboração de questionário de Gonçalves (2005), Dörnyei (2009). Apresentaremos os questionários a seguir:

3.3.5.1 Questionários aplicados

Dois tipos de questionários foram aplicados durante esta pesquisa. Descrevemos nesta seção cada questionário.

a) Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa

Esse questionário (ver apêndice G) é um dos principais desta pesquisa como fonte de informações sobre professores do curso de japonês e tenta investigar o perfil dos mesmos, o processo de aprendizagem da língua deles, em especial, a metodologia de ensino de pronúncia da língua japonesa adotada em sala de aula no curso do NLE e as reflexões sobre a aula experimental de pronúncia da língua japonesa realizada pela pesquisadora em janeiro de 2010.

Para a elaboração deste questionário, seguimos, o modelo de questionário estruturado pela linguista japonesa Toda (2006). Além do modelo de Toda (2006), utilizamos o modelo de questionário estruturado pela linguista japonesa Ogawara (1997). O questionário produzido por Toda (2006) foi aplicado para alunos de diversos países, residentes no Japão, em um curso de língua japonesa para estrangeiros, a fim de investigar o interesse desses alunos em aprender a pronúncia da língua-alvo. Assim, visto que nosso questionário se destinava a um público de perfil diferenciado do perfil dos Sujeitos da pesquisa de Toda (2006) (professores de japonês, nascidos e residentes no Brasil, cuja língua materna é o português), decidimos alterar algumas perguntas incoerentes à realidade, até então, vivida pelos sujeitos participantes da nossa pesquisa.

O questionário aplicado é composto de cinco partes: 1) Dados pessoais; 2) Sobre o estudo de japonês e pronúncia deste idioma; 3) Sobre o ensino de língua japonesa; 4) Sobre o ensino de pronúncia; 5) Sobre a aula experimental de pronúncia da língua japonesa. Esse questionário foi aplicado com Sujeitos participantes A e B, ou seja, todos os professores do curso.

b) Questionário para coordenadora do curso de japonês do NLE

Este questionário (apêndice I) foi aplicado com a coordenadora do curso de japonês do NLE com o objetivo de conhecer o curso de japonês do NLE com uma visão geral, e para

tanto, investigamos a sua breve história em geral, seu objetivo, o perfil do curso e dos professores, sua metodologia de ensino e o tratamento do ensino de pronúncia do curso.

3.3.5.2 Procedimento de aplicação dos questionários

Os questionários foram enviados aos professores e à coordenadora, e reenviados respondidos para a pesquisadora por e-mail, um meio com o qual todos eles estavam familiarizados. Quando havia dúvidas sobre o preenchimento do questionário, estas eram resolvidas pela pesquisadora em encontros realizados com cada participante ou por e-mail. Todos os sujeitos, Sujeitos participantes A e B, ou seja, professores e a coordenadora do curso responderam ao questionário.

3.3.6 Análise de dados

Nesta parte, analisaremos os dados obtidos no teste de leitura, observação de aula, analise de materiais didáticos, oficina de pronúncia da língua japonesa, e questionário respondidos, tentaremos responder as questões desta pesquisa. Elencamos todos os dados obtidos para refletir sobre as tendências de tratamento de ensino de pronúncia da língua japonesa do referido curso e, ao mesmo tempo, tentaremos compreender o pensamento dos professores sobre o ensino de pronúncia desta língua. Ao prosseguir a metodologia mostrada neste capítulo, faremos a proposta didática para concluir esta pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos as análises de todos os dados obtidos durante essa pesquisa para refletir a proposta didática sobre ensino pronúncia da língua japonesa para o Curso de Japonês do NLE. Primeiramente, apresentaremos os dados obtidos através do teste de leitura em voz alta, observação das aulas, análise de materiais didáticos, oficina de pronúncia da língua japonesa. Ao final desta seção, faremos uma reflexão sobre a análise e discussão feitas durante a coleta de dados.

4.1 Teste de leitura em voz alta

Gravamos as leituras de texto em voz alta dos Sujeitos participantes A para diagnosticar a sua pronúncia, e para isso, solicitamos, junto aos falantes que possuem a língua japonesa como a língua materna que efetuassem esse teste para que a análise não fosse apenas a impressão de uma japonesa nativa, a autora deste trabalho.

O roteiro para “leitura em voz alta” (ver apêndice B) para os Sujeitos participantes efetuarem a leitura em voz alta foi organizado para responder à primeira questão desta pesquisa “Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE?”. Levou-se em consideração aspectos focalizados no ritmo e no acento, que podem alterar o significado das palavras caso não sejam pronunciados de acordo com seu sistema fonológico.

A gravação da leitura dos Sujeitos participantes A foi submetida, primeiramente, aos colaboradores 1 e 2, na biblioteca do Centro Comunitário da comunidade onde uma ONG[42] japonesa se situa, e, no dia seguinte, aos colaboradores 3 e 4.

Através do processo descrito acima, foram esclarecidos alguns aspectos comuns percebidos pelos japoneses ao analisar as produções orais dos Sujeitos participantes A. Houve pronúncias dos Sujeitos participantes A que deixaram os colaboradores japoneses em dúvida sobre qual seria o sentido da palavra que estavam pronunciando. Isso ocorreu com frequência maior na parte de identificação de palavras pelo tom, por exemplo, *seki* /seki/ (tosse) e *seki* /seki/ (assento) dentro de uma frase “席にもどってせきをした(/sekini modotte seki wo

[42] O nome da ONG é Criança de Luz

shita/)" [43], entre enunciados *moushimashita* /mouʃimaʃita/ (o verbo falar no passado) e *moushimashita* /mouʃimaʃita/ (o verbo fazer no passado) [44], ou *kurumade* /kɯrumade/ na frase "はい、それでは来るまで待ってます(/hai, soredewa kurumade maQte imasu/ que significa "esperarei então, até você chegar)" e *kurumade* /kɯrumade/ (no carro) "はい、それでは車で待ってます(/hai, soredewa kurumade maQte imasu / que significa "esperarei então, no carro")"[45]. Veremos visualmente a diferença de tom entre cada exemplo.

	Seki	*Seki*
Divisão de mora	/se ki/	/se ki/
Acento	**L H**	**H L**
Em português	Tosse	Assento

Quadro 25- Diferença no acento da palavra *seki*

	moushimashita	*Moushimashita*
Divisão de mora	/mo R ʃi ma ʃi ta/	/mo R ʃi ma ʃi ta/
Acento	**L H H H L L**	**H L L H L L**
Em português	Verbo falar no passado	Verbo fazer no passado

Quadro 26- Diferença no acento da expressão *moushimashita*

	Kurmade	*Kurumade*
Divisão de mora	/ku ru ma de/	/ku ru ma de/
Acento	**H L L L**	**L H H H**
Em português	Verbo "chegar" e advérbio "até"	Substantivo "carro" e partícula "de"

Quadro 27 - Diferença no acento da expressão *kurumade*

As respostas revelaram que, se os colaboradores japoneses tivessem que escrever o som que eles escutaram e não tivessem alternativas no teste, eles teriam mais discordâncias nas respostas entre eles. Por exemplo, quando o Sujeito participante A-1 produziu a palavra "*oki*" /oki/ (alto mar), que só possui duas *moras* /o/ e /ki/, os colaboradores japoneses A, C e E colocaram uma palavra que não foi esperada pela pesquisadora: "*hōki*" [hoːki] (vassoura), que possui três *moras*. Porém a dúvida não foi apenas no prolongamento, mas outro aspecto, a inserção da consoante "h" antes de "o".

Se existisse uma opção que os fizesse raciocinar no que eles escutaram e nas alternativas do teste, como por exemplo, nas questões 1, 3, 5, 7, 9, 11 ou 12, os colaboradores japoneses talvez "acertassem" as questões de múltipla escolha, mas nas questões abertas, 2, 4,

[43] Verifique Apêndice B, a questão 10.10
[44] Verifique Apêndice B, a questão 12.2
[45] Verifique Apêndice B, a questão 12.3

6, 8 ou 10, como os próprios colaboradores japoneses tiveram que perceber o som que eles escutaram e o significado, a resposta variou mais do que nas de múltipla escolha.

Por exemplo, o caso do Sujeito participante A-1, na questão 10.4, a palavra escrita no roteiro para leitura em voz alta era *kashiya* /kaʃìja/ (casa para alugar), porém, dois colaboradores colocaram interrogação indicando que não tinham entendido, um compreendeu como *kasha* /kaʃa/ (que não tem significado em língua japonesa), e outro compreendeu como sendo *kaisha* /kaiʃa/ (empresa). No caso do Sujeito participante A-2, na questão 10.5, a palavra escrita no roteiro para leitura em voz alta era *kame* /kame/ (pote), porém, dois responderam *kami* /kami/ (papel), outro respondeu *kage* /kaŋ(g)e/ (sombra). Apenas um respondeu *kame* /kame/ (pote) que correspondeu à intenção do Sujeito participante A-2. No caso do Sujeito participante A-3, a palavra escrita no roteiro para leitura em voz alta é *oki* /oki/ na questão 2.3, porém um percebeu como sendo *ouchi* /outʃi/ (casa), e na pronúncia do mesmo Sujeito na questão 6.3, a palavra escrita no roteiro para leitura em voz alta era *buka* /buka/ (subordinado), porém, um percebeu como sendo *bukka* /buQka/(preço) e outro percebeu como sendo *buta* /buta/ (porco).

A questão 2 focalizou o prolongamento para identificar o significado da palavra e a questão 10 analisa a pronúncia que pode influenciar a identificação de significado de acordo com o tom. Porém, a percepção dos colaboradores japoneses não se limitou apenas ao elemento focalizado em cada questão, surgindo dúvidas também em outros elementos.

Um juiz comentou que palavras soltas poderiam ser mais difíceis de compreender do que palavras dentro de frases, pois palavras que estão em frases poderiam ter seus significados imaginados pelo contexto ou reconstruídos com base no seu senso comum.

Mais um comentário interessante foi que, como os colaboradores japoneses tinham consciência de que a gravação havia sido feita por aprendizes da língua japonesa, ou seja, não falantes de japonês como língua materna, tiveram uma atenção maior para compreender o som do que no dia-a-dia, apesar de terem sido alertados pela pesquisadora para que prestassem atenção no som em si antes de começar a análise. Desta forma, houve um resultado que mostrou claramente a compreensão dos colaboradores japoneses sendo atribuída ao sentido que seria mais comum e não pela sua pronúncia. Por exemplo, na questão 10.8, a palavra selecionada 産科医 “*sankai*”, “obstetra” em português, foi utilizada para formar par com palavras onde só há diferença no tom, são as palavras 三回・三階 /saNkai/, “terceira vez” ou “terceiro andar” em português. De acordo com a elaboração da frase, poderia haver dois sentidos:

a. *Sankai he sankai itta* (Fui ao obstetra três vezes)

b. *Sankai he sankai itta* (Fui ao terceiro andar três vezes)

	a) Sankai	*b) Sankai*
Rōma-ji	sa n ka i	sa n ka i
Divisão de *mora*	/sa N ka i/	/sa N ka i/
Acento	**L H H L**	**L H H H**

Quadro 28- Diferença de acento na palavra *sankai*

Como a primeira frase não é tão utilizada no dia-a-dia, mesmo que fosse pronunciada de acordo com seu sistema fonológico, poderia ser compreendida no uso mais comum, ou seja, terceiro andar. E, evidentemente, todos compreenderam como "terceiro andar" e não como "obstetra".

Porém, quando houve duas frases que são de uso comum no dia-a-dia e que possuíam pares mínimos na diferença no tom, como na questão 12.3:

a. *Hai, soredewa kurumade matteimasu* (Esperarei então, até você chegar.)

b. *Hai, soredewa kurumade matteimasu* (Esperarei então, no carro.)

	a) kurumade	*b) kurumade*
Rōma-ji	ku ru ma de	ku ru ma de
Divisão de *mora*	/ku ru ma de/	/ku ru ma de/
Acento	**H L L L**	**L H H H**

Quadro 29- Diferença de acento na expressão *kurumade*

Os colaboradores japoneses ficaram com dúvida maior, porque ambas faziam sentido e poderiam ser realizadas frequentemente no dia-a-dia. Neste caso, tudo dependia da produção oral dos sujeitos participantes A. E aqui, nós precisamos dar uma importância à pronúncia, porque mesmo que os nativos falantes da língua-alvo tivessem prestado uma atenção maior para compreender a produção oral dos aprendizes do seu idioma, eles poderiam não compreender a fala de acordo com a intenção do falante.

Porém, é interessante ressaltar que em termos de modo de avaliação, um colaborador comentou que na análise da quarta gravação, foi mais fácil avaliar os significados, porque já poderia prever a palavra a seguir, então a avaliação poderia ser feita de forma mais favorável para a quarta gravação do que para a primeira.

Considerando todos os comentários acima, podemos refletir que a avaliação de pronúncia dos Sujeitos participantes A não foi feita somente com a percepção de som em si, mas também com uma tentativa dos nativos de compreender a pronúncia dos mesmos. Os nativos consideraram aspectos relativos à semântica, assim como levantaram hipóteses sobre

o contexto enunciativo em que a produção em análise poderia ocorrer na língua japonesa. Porém, há questões em que, mesmo havendo atenção especial dos colaboradores japoneses na compreensão da pronúncia dos Sujeitos participantes A, o resultado dessa tentativa não chegou a uma resposta única. Principalmente nas questões onde os colaboradores japoneses precisavam escrever as palavras que eram pronunciadas, em vez de escolher uma entre as quatro alternativas.

Depois dessa etapa, a observação que vem sendo feita pela pesquisadora sobre a pronúncia dos Sujeitos participantes A durante a convivência com eles no curso, há aproximadamente três anos, foi confirmada. A percepção da pesquisadora sobre a pronúncia dos Sujeitos participantes A que pode causar ambiguidade na compreensão e que, eventualmente, causa interferência na comunicação em língua japonesa por causa da pronúncia, coincidiu parcialmente com as percepções dos quatro colaboradores japoneses, principalmente nas questões de acento e ritmo.

Na próxima seção, observaremos as aulas dos Sujeitos participantes A para ter um subsidio para refletir sobre a questão de pesquisa b. De que forma e quais atividades didáticas são desenvolvidas pelos professores do curso de japonês do NLE para o ensino de pronúncia da língua japonesa, no que diz respeito ao tom, à duração e aos elementos segmentais?

4.2 Observação de aula

As observações das aulas foram iniciadas em 2009.2, no começo de agosto. As observações foram feitas com duas turmas de semestres I (Semestre I. A e Semestre I. B), com uma turma do Semestre III e com uma turma do Semestre V, incluindo o período da prova oral aplicada pelos mesmos. A pesquisadora estava presente na sala de aula juntamente com os alunos.

Os pontos observados nessa observação de aula foram baseados nas questões da pesquisa para verificar o tratamento do ensino de pronúncia e a pronúncia dos professores em sala de aula. Assim, durante a observação, focalizamos os seguintes pontos:

1) Elementos sobre a pronúncia (pronúncia de fones, duração de *mora* e tom) e frequência de tratamento desses elementos em sala de aula;
2) Pronúncia da língua japonesa dos professores que pode dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambiguidade da produção.

Todos os professores concordaram com a presença da pesquisadora e com a gravação de áudio das aulas. Então, os fenômenos observados foram registrados a partir de anotações da pesquisadora. A gravação foi feita em vários momentos durante as observações, porém, a utilização deste material foi somente como apoio à memória da pesquisadora e não como análise acústica. Então, a qualidade das gravações não é ótima, porém, não interfere na discussão sobre esta sessão.

Considerando as informações obtidas através do questionário utilizado nesta pesquisa, o questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa respondido por Sujeitos participantes A, todos os Sujeitos participantes A concluíram o Semestre VIII do Curso de Japonês no NLE da UECE, denominado 'Nível Avançado', correspondendo ao Nível 3 na Proficiência da Língua Japonesa, dentre as categorias determinadas pela Fundação Japão. Dentre esses Sujeitos, há diferenças na sua experiência de prática oral em língua japonesa principalmente em relação à duração de tempo de convivência com japoneses no Brasil ou estada no Japão. Tais Sujeitos possuem capacidade para estabelecer a comunicação oral em língua japonesa com fluência suficiente para transimtir a mensagem.

Descreveremos agora, as observações obtidas nas salas de aula de cada Sujeito participante A. Primeiramente, apresentamos sobre a turma assumida pelo Sujeito participante A-1 e o perfil do mesmo sintetizadamente[46]. Em seguida, descrevemos os itens observados durante esta observação.

4.2.1 Sujeito participante A-1

1. Turma	Semestre I-A, terças e quintas feiras 18:30 a 20:00
2. Número de alunos	12
3. Duração de observação de aula	20 horas/aula durante dois meses
4. Curso onde estudou japonês	Curso de japonês do NLE
5. O período de ingresso no curso de japonês	Março de 2000
6. O período de término do curso de japonês	Novembro de 2003 (terminou até oitavo semestre)
7. Nível e área de estudo	Superior completo. Letras Licenciatura Português/Inglês da Universidade Federal do Ceará
8. Cidade natal e de criação	Fortaleza
9. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não

[46] O perfil mais detalhado de cada Sujeito participante A encontra-se no Apêndice E.

10. Experiência de estadia no Japão	Não
11. Interação com japonês nativo	Sim • Amigos japoneses nativos na internet. • Alguns dias com japoneses nativos quando esteve em São Paulo.
12. Período e instituição em que começou a ensinar japonês	PROLIN[47]: Agosto de 2006 a junho de 2007 NLE: Agosto de 2009

1) Elementos sobre a pronúncia (pronúncia de fone, duração de *mora* e tom), e o tratamento desses elementos em sala de aula.

Um dos elementos observados foi a indicação do prolongamento de palavras. O professor apontou a questão do prolongamento, da palavra *biru* que apareceu no texto. O aluno leu o "*i*" de maneira que ele pudesse ser percebido como prolongado na leitura desta palavra em voz alta, pronunciando-a *bi**i**ru* [biːru]. Neste momento, enfatizou a importância do prolongamento utilizando outro exemplo e explicou que o prolongamento muda o significado das palavras. No caso destas duas palavras, *biru* /biru/ sem prolongamento no /i/ tendo duas *moras* significa "prédio", enquanto a palavra *bi**i**ru* /biːru/ com prolongamento no /i/ tendo três *moras* significa "cerveja".

Porém, na conversa espontânea com um aluno durante a aula, o professor não corrigiu a eliminação ou inserção de prolongamento, por exemplo, quando a palavra *kyōshitsu* /kjoːʃitʃu/ (sala de aula) foi pronunciada como *kyoshitsu* [kjoʃitʃu] sendo eliminado o prolongamento ou a palavra *shukudai* /ʃjukudai/ (tarefas de casa) foi pronunciada como *shūkudai* [ʃjuːkudai].

Em geral, o tratamento de pronúncia restringiu-se ao aspecto do ritmo da língua japonesa e não ao acento.

2) Pronúncia da língua japonesa pelos professores que poderia dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambiguidade na produção

Durante a observação, puderam ser percebidas pronúncias que não seguem o sistema fonético da língua japonesa, principalmente na produção de vogais. Por exemplo, a pronúncia da vogal "a" tende a ser nasalizada, principalmente quando pronuncia uma partícula da língua japonesa, o "wa" (/wa/), e no final da frase com uma palavra terminada em "a". Mas, isso não impediria a compreensão por parte do interlocutor. O que poderia interferir na compreensão

[47] Projeto de Inclusão de Línguas (PROLIN). O PROLIN é uma iniciativa da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PRAE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

do interlocutor seria em relação ao tom. Em nível lexical, houve troca das distribuições de tom de determinadas palavras, tais como *denwa* /deNwa/ (telefone), *suteki* /suteki/ (maravilhoso), ou *watashi* /wataʃi/ (eu), que apareceram várias vezes na lição que o Sujeito participante A estava ensinando. Poderia ocorrer uma ambiguidade nessas palavras citadas acima. Comparamos a produção desta palavra do professor e a distribuição de tom na língua japonesa.

Acento em japonês	Acento do professor 1
de n wa	*de n wa*
L H H	**H L L**

Se o Sujeito participante A-1 não mantiver a duração da *mora* "n" com esta acentuação, poderá ser percebido como *dewa* /dewa/ (então) com seus acentos sendo "de" **H** e "wa" **L**.

No caso da palavra *suteki* /suteki/ (maravilhoso), poderia ser alterado o sentido. Vejamos aqui, a possibilidade de alteração do seu significado.

Tonicidade em japonês
su te ki
L H H

A pronúncia desta palavra foi percebida como se tivesse alterado a distribuição de tom e a *mora* "te" foi percebida como se tivesse sido prolongada.

Tonicidade em japonês	Tonicidade do Sujeito participante A-1
su te ki	*su te e ki*
L H H	**L H L L**

Isso poderia ser confundido com outra palavra. Nesse caso, poderia alterar o significado de "maravilhoso" para "carne assada na chapa". Durante a conversa, os interlocutores poderiam imaginar a intenção que ele queria expressar, porém, isso poderia dificultar a compreensão e impedir o raciocínio do interlocutor durante a conversa.

Outro caso é a palavra *watashi* /wataʃi/que significa "eu". Vejamos o acento na pronúncia do Sujeito A-1.

Acento em japonês	Acento do Sujeito participante A-1
wa ta shi	*wa ta shi*
/wa ta ʃi/	[wa ta ʃi]
L H H	**L H L**

Através da pronúncia do Sujeito participante A-1, pudemos entender o significado desta palavra pelo contexto da frase, porém, poderia interferir o fluxo da conversa fazendo com que o interlocutor passe a dar mais atenção ao que está sendo dito, a fim de compreender a real intenção do Sujeito A-1.

4.2.2 Sujeito participante A-2

1. Turma	Semestre I-B, terças e quintas-feiras, das 20hs às 21h30min.
2. Número de alunos	8
3. Duração de observação de aula	20 hora/aula
4. Curso onde estudou japonês	Senac (até segundo semestre) NLE (de terceiro até oitavo semestre)
5. O período de ingresso no curso de japonês	Março de 2005 (Senac) Março de 2006 (teste de nível – 3º semestre)
6. O período de término do curso de japonês	Novembro de 2008 (terminou até oitavo semestre)
7. Nível de estudo	Superior incompleto. Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará
8. Cidade natal de criação	Fortaleza
9. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de criação	Não
10. Experiência de estada no Japão	Não
11. Interação com japonês nativo	Não
12. Periodo e instituição em que começou a ensinar japonês	Março de 2008 NLE

1) Elementos sobre a pronúncia, (pronúncia de fone, duração de *mora* e tom), e o tratamento desses elementos em sala de aula

O elemento ao qual o Sujeito participante A-2 deu mais atenção na produção oral dos alunos foi a questão do ritmo, principalmente a eliminação da pausa e a inclusão da semivogal /j/. Porém, ele prioriza a fluência dos alunos e, quando estes fazem leitura de frases em voz alta, ele não se preocupa em corrigir os detalhes de suas pronúncias, pedindo somente que eles as repitam quando estes não as realizam de maneira fluente, fazendo interrupções indevidas no meio de sua produção.

Em uma determinada aula, ele explicou o som de [ŋ] utilizando a transcrição fonética para mostrar a diferença de [n] e [ŋ] dizendo que ele mesmo não ganhou ainda o costume de produzir este som. Ao escrever os símbolos no quadro, a turma reagiu como se não estivesse gostando da maneira que ele ia continuar. Podia-se perceber que os alunos, não queriam assistir a uma aula muito específica sobre este assunto. Ele continuou a explicação com um exemplo da palavra em inglês *swing*, para facilitar a identificação deste som, e por fim, todos compreenderam e ficaram satisfeitos com a explicação do professor.

Em outra aula, uma aluna se apresentou como bancária em japonês, pronunciando a sentença "*Watashi wa ginkōin desu*". Nesse caso, não foi uma fala espontânea, porém, ela eliminou o prolongamento da palavra *ginkō**i**n* /giNko**R**iN/, que está destacado em negrito.

Além disso, o acento da palavra *watashi* /wataʃi/ foi diferente do acento da língua japonesa, e o professor não corrigiu talvez por dar mais importância ao estabelecimento da comunicação oral e não da pronúncia.

Podemos observar que a abordagem desse professor é mais caracterizada como uma abordagem comunicativa, priorizando o estabelecimento da comunicação e utilizando os assuntos do cotidiano ou pessoal. Por outro lado, ele utiliza a metodologia que o livro traz: a repetição e substituição de palavras e frases.

2) Pronúncia da língua japonesa pelos professores que poderia dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambiguidade na produção

O sujeito participante A-2 produz oralmente frases em japonês com entoação frasal razoável para não deixar o interlocutor japonês nativo, no caso, a autora dessa pesquisa, em dúvida quanto ao significado da frase. Quanto ao ritmo, ele produz a duração de cada *mora* de modo inteligível. Porém, pode-se observar a inadequação na acentuação de palavras soltas. Por exemplo, a palavra *gakusei* /gakusei/ (estudante) foi pronunciada por ele com a distribuição do tom diferente da língua japonesa.

Acento em japonês	Acento do Sujeito participante A-2
ga ku se i	*ga ku se i*
/ga ku se i /	/ga ku se i /
L H H H	**L L H L**

Da maneira como o Sujeito participante A-2 pronunciou, poderia não fazer sentido como uma palavra da língua japonesa, já que não há palavra com o mesmo número de *moras*, a mesma sequência de *mora*, e a mesma distribuição de tom.

Outro exemplo, o som do “よ” /yo/ (yo) com o tamanho menor na escrita, como na palavra *byōin* /byoRiN/ (hospital) foi produzido por esse Sujeito participante A-2 de forma adequada quanto ao número de *moras*, porém o tom da primeira *mora* “byo” foi produzido alto.

Acento em japonês	Acento do Sujeito participante A-2
byo u i n	*byo u i n*
/byo R i N /	[byo : i n]
L H H H	**H L L L**

Com esta pronúncia do Sujeito participante A-2, tem-se a possibilidade de ser percebida como a outra palavra, *biyōin* /biyoRiN/ (cabeleireiro) porque, apesar de número de

moras ser diferente, a distribuição do tom é parecida. Veremos aqui o acento da palavra *biyōin* /biyoRiN/ (cabeleireiro).

Acento em japonês

bi	*yo*	*u*	*i*	*n*
/bi	yo	R	i	N/
L	**H**	**L**	**L**	**L**

Assim, quando se vai pronunciar uma palavra em japonês, precisa-se manter o numero de *moras* e respeitar o acento de tal palavra.

Mais um aspecto observado e que não segue o sistema fonológico da língua japonesa foi na palavra tsugi /tsugi/ que significa “próximo” em português.

Acento em japonês	Acento do Sujeito A-2
tsugi	tsugi
/tsu gi /	[tsu gi]
L H	**H L**

Podemos compreender o significado desta palavra pelo contexto, porém, poderia ter uma certa interferência na comunicação oral espontânea.

Quando foram inseridos vocábulos novos no capítulo da aula observada, percebeu-se que o professor os lia primeiro e depois os alunos repetiam tais palavras. Mas, neste momento, percebeu-se que os acentos de alguns vocábulos apresentados por esse Sujeito não seguiam o sistema fonológico da língua japonesa. Assim, o Sujeito participante A-2 tem o cuidado de inserir momentos para a comunicação oral em sala de aula, porém, eventualmente, foram percebidas inadequações no seu acento.

4.2.3 Sujeito participante A-3

1. Turma	Semestre III, segundas e quartas-feiras, das 16h30min às 18hs
2. Número de alunos	16
3. Duração de observação de alua	22 horas/aula durante dois meses (inclusive no dia da prova oral)
4. Curso onde estudou japonês	Curso de japonês do NLE
5. O período de ingresso no curso de japonês	Março de 2002
6. O período de término do curso de japonês	Novembro de 2005 (terminou até oitavo semestre)
7. Nível e área de estudo	Superior completo. Curso de Letras Bacharelado Inglês – Universidade Esadual do Ceará

8. Cidade natal e de criação	Fortaleza
9. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
10. Experiência de estadia no Japão	Sim. Seis semanas (janeiro a fevereiro de 2009)
11. Interação com japonês nativo	Sim. • Hospedou duas japonesas em sua residência. (no entanto sempre se comunicavam em português, uma vez que elas vieram pra aprender essa língua). • Durante a experiência de estadia no Japão, por seis semanas. • No *SKYPE*, com os amigos coreanos falantes de japonês.
12. Período e instituição em que começou a ensinar japonês	Agosto de 2008 NLE

1) Elementos sobre a pronúncia (pronúncia de fone, duração de *mora* ou tom) e o tratamento de pronúncia dos alunos na aula.

O Sujeito participante A-3 utiliza palavras, frases e estruturas gramaticais que ainda não tinham sido estudadas pela turma, inclusive interjeições de modo coloquial, tais como *usō* [uso:] (meu deus!), Sugoijyan [sugoidʒjan] (muito bem!), e, assim como outros professores, ele tenta utilizar o japonês também, porém no caso dele, é a linguagem mais informal, em sala de aula. Durante a observação, não foram verificadas muitas interações com os alunos, em japonês. Também não foram observadas correções de pronúncia durante a aula. Isso talvez tenha sido porque o conteúdo que estava sendo abordado na aula não exigia a produção oral dos alunos, pois o Sujeito participante A-3 fazia uma explicação sobre a elaboração de redação na sala de aula e a explicação gramatical da nova lição. Houve um exercício de leitura de vocábulos novos da lição. O professor leu os novos vocábulos e pediu para os alunos repetirem em conjunto. Foram percebidas, algumas vezes, pronúncias inadequadas do Sujeito A-3, em particular, a mudança de tom alto e baixo dentro de uma palavra, porém, alunos pronunciavam da mesma maneira que o Sujeito A-3 pronunciou. Na maioria dos casos, foi corrigida somente uma leitura de *Hiragana* que não seguia o sistema fonológico da língua japonesa quando um aluno fez a leitura de um texto.

2) Pronúncia da língua japonesa pelos professores que poderia dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambiguidade na produção

A característica de pronúncia deste professor é a inadequação na manutenção da duração de *mora*, principalmente a pausa, “っ” /tsu/ (tsu) escrita com o tamanho menor,

prolongamento. Por exemplo, durante uma aula, ele repetiu a mesma palavra *jyūsho* /ʤuRʃo/ por três vezes, mas todas as vezes, produziu do mesmo modo, eliminando o prolongamento. Esta palavra possui três *moras*, tais como /ʤuu/, /u/ e /ʃo/, porém, ele pronunciou com duas *moras*, /ʤju/ e /ʃo/. A possível ambiguidade que poderia ocorrer é o interlocutor compreender a palavra *jisho* /ʤiʃo/ que possui duas *moras* como /ʤi/ e /ʃo/e significa "dicionário". Poderia ocorrer a ambiguidade porque estas duas palavras possuem a distribuição de tom parecida.

Acento da palavra "endereço"	Acento da palavra "dicionário"
jyu u sho	*ji sho*
/ʤu R ʃo /	/ʤi ʃo/
H L L	**H L**

Outro ponto que poderia observar como característica dele é a entoação de uma expressão *tatoeba.* Este significa "por exemplo", porém, na produção oral deste sujeito, a distribuição de tom não estava correspondendo ao desta palavra japonesa, e também pode-se perceber que, caso a última *mora* esteja um pouco prolongada, consequentemente, alteraria o número de *mora*.

Acento em japonês	Acento do professor 3
ta to e ba	*ta to e ba a*
/ta to e ba/	[ta to e ba :]
L H L L	**L H H H L**

Essa inadequação não mudaria o sentido da palavra, porque não há outra palavra que possa ser entendida pela substituição de distribuição de tom ou de número de *mora*. Assim, não ocorreria ambiguidade na compreensão por parte do interlocutor, porém, isso poderia interromper o fluxo da conversa, fazendo com que o interlocutor tente entender o significado dessa palavra caso ele não tenha conseguido compreender a intenção do falante.

4.2.4 Sujeito participante A-4

1. Turma	Semestre V, segundas e quartas-feiras 18:30 a 20:00
2. Número de alunos	7
3. Duração de observação de alua	14horas/aula durante dois meses (inclusive prova oral)
4. Curso onde estudou japonês	Curso de japonês do NLE
5. O período de ingresso no curso de japonês	Agosto de 2001

6. O período de término do curso de japonês	Junho de 2005
7. Nível e área de estudo	Superior incompleto. Letras Francês, Licenciatura na Universidade Estadual do Ceará
8. Cidade natal e de criação	Fortaleza
9. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
10. Experiência de estadia no Japão	Não
11. Interação com japonês nativo	Sim. • Seis meses na sua residência com um japonês • No total, quatro meses com outro japonês • Hospedou mais de 10 japoneses na sua residência que chegaram a Fortaleza em períodos diferentes.
12. Período e instituição em que começou a ensinar japonês	Agosto de 2005 PROLIN Março de 2006 NLE

1) Elementos sobre a pronúncia (pronúncia de fone, duração de *mora* ou tom) e o tratamento de pronúncia dos alunos na aula.

Como este sujeito prioriza a manutenção da comunicação, foi observada poucas vezes a correção de pronúncia dos alunos. O período coincidiu com a matéria que ensina a fala de modo informal e mostra a importância da entoação frasal que poderia mudar o significado ou transmitir a sua emoção apenas pela diferença da entoação. Ele explicou claramente as diferenças, utilizando o livro didático para ensinar este capítulo e seguindo as explicações apresentadas com a mudança melódica indicada pela seta como "→","↗", ou "↘", porém, raramente apontou algo durante a produção oral dos alunos, quando responderam em voz alta durante o exercício. Ele utilizou essa marca de um modo mais expositivo e não como exercício de pronúncia

2) Pronúncia da língua japonesa pelos professores, que poderia dificultar a compreensão do interlocutor devido à ambiguidade na produção

Observa-se maior frequência de uso da língua japonesa deste professor, nas suas aulas, comparando com outros professores. Isso poderia ser natural, pois a turma é mais avançada e isso poderia permitir estabelecer a comunicação oral com mais facilidade. Como ele produziu mais japonês, poderiam ser percebidas mais características da fala do japonês deste professor.

Primeiramente, ele costuma produzir palavras com a distribuição de tom e o ritmo que não segue o do japonês, principalmente as palavras de origem inglesa que foram inseridas

no japonês, como por exemplo, a palavra *tāminaru* /ta R mi na ru/ que significa “terminal de ônibus” em português, a pronúncia dele foi da seguinte forma:

Acento da língua japonesa	Acento do Sujeito A-4
tāminaru	*Taminā́ru*
/ta R mi na ru /	[ta mi na : ru]
H L L L L	**L L H L L**

Com a pronúncia do Sujeito participante A-4, o interlocutor pode não compreender o significado, pois não há palavra equivalente a essa pronúncia na língua japonesa.

Outra característica percebida é que ele coloca o tom alto no início da frase. Quanto ao ritmo, houve um momento que, ao ouvir a pronúncia dele, um aluno perguntou se existia pausa, a letra “っ” (tsu) escrita em tamanho menor, numa palavra nova que ele introduziu e que não havia sido apresentada no livro didático.

O Sujeito participante A-4 utiliza o material de áudio durante a aula. Logo após a audição, ele costuma repetir o modelo da fala do material um pouco mais devagar. Neste momento, ele produz tanto o acento como o ritmo de acordo com a língua japonesa, porém, quanto mais o tempo passava, mais ele lia o modelo seguindo a característica da fala dele.

4.3 Materiais didáticos

Segundo o questionário respondido pela Coordenadora do Curso de japonês do NLE, no início da história do referido curso, o objetivo era trabalhar a escrita japonesa e a conversação com os alunos através do método áudio-lingual que foi adotado no primeiro livro didático *Gijyutsu kenshuusei no nihongo* (JICA, 1985)[48]. Posteriormente, o curso foi adotando novos livros didáticos tais como: *Nihongo shyoho* (The Japan Foundation Japanese Language Institute, 1981) [49] e, após este livro, *Shin nihongo no kiso* (AOTS, 1989) [50], porém o objetivo inicial do curso foi mantido.

Houve uma mudança de livro didático na tentativa de melhorar o material do curso, com a ajuda de doações da Fundação Japão. Assim, desde 2004.1, o curso adotou uma coleção de livros didáticos chamada *Minna no Nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) [51], que é uma versão nova do *Shin nihongo no kiso* (ATOS, 1989). No início, o referido curso

[48] Japonês para estagiários técnicos (tradução nossa)
[49] Japonês básico (tradução nossa)
[50] Novo japonês básico (tradução nossa)
[51] Japonês para todos (tradução nossa)

recebeu uma parte da coleção deste livro *Minna no Nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) e, aos poucos, o curso solicitou outros livros complementares dessa coleção à Fundação Japão.

Então, os materiais didáticos utilizados no Curso de Japonês do NLE no semestre 2009.2 são: o volume I e II da coleção do livro *Minna no Nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998).

A coleção do livro *Minna no Nihongo I e II* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) é composta por um Livro – texto principal (escrito em japonês) acompanhado com material de áudio, um manual de ensino (escrito em japonês), um Livro - explicação gramatical (escrito em português), dois cadernos de exercício gramatical, um caderno de exercício de compreensão auditiva (com material de áudio) e um caderno de exercício de compreensão textual. Os alunos do curso dispõem do livro principal e do livro de explicação gramatical.

O curso trata a escrita japonesa, *Hiragana, Katakana* e *kanji*[52], e para introduzir *Hiragana* e *Katakana*, utilizava um livro chamado *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário japonês.* A partir de 2007, adotou uma apostila organizada por um professor do próprio curso. O motivo da organização de apostila era aumentar o número e variação de exercícios e vocábulos mais utilizados no contexto do referido curso. Esta apostila é utilizada nos primeiros meses do semestre I; a coleção do livro *Minna no Nihongo I* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998), é utilizada durante os seis primeiros semestres e a coleção do *Minna no Nihongo II* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998) está sendo utilizado nos semestres VII e VIII.

Além da apostila *Kana nyuumon* (MELLO, 2007) e da coleção *Minna no Nihongo I* e *II* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998), o curso possui diversos livros didáticos e paradidáticos para consulta. Todos os materiais estão disponíveis aos professores para complementar o ensino dos conteúdos em sala de aula. Hoje, o curso trabalha, além da escrita japonesa e da conversação básica, os aspectos gramaticais, textuais e de compreensão auditiva do idioma japonês.

Uma parte dos Sujeitos participantes A e B utilizou o *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) e outros utilizaram a apostila para estudar a escrita japonesa. Da mesma forma, uma parte deles utilizou *Shin nihongo no kiso* (ATOS, 1989) e outros utilizaram (ou ainda utilizam) a coleção do *Minna no Nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) Em seguida, apresentaremos a estrutura dos livros e apostilas adotadas pelo Curso de japonês do NLE com o objetivo de identificar como a pronúncia da

[52] Segundo comentário da Coordenadora do Curso de japonês do NLE, o ensino de *Kanji* (em torno de 1900 *kanjis*) não estava firmado dentro dos objetivos do Curso, portanto, o seu ensino ficava a critério de cada professor.

língua japonesa está (ou estava) sendo explicada no livro para tratar o ensino de pronúncia da língua japonesa.

4.3.1 Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês

Até 2007.1, este livro estava sendo utilizado para ensinar *Hiragana* e *Katakana* nos primeiros dois meses do período inicial do curso. O objetivo desse livro é, como o título indica, introduzir a escrita silabário da língua japonesa. O livro foi organizado, voltado para as pessoas que desejam estudar japonês, sendo que existe a versão com a tradução em português. Ele é constituído por quatro partes, "Prefácio", "Descrição do Texto e Recomendações para a Sua Utilização", a parte de ensino de *Hiragana* e, por fim, a parte de ensino de *Katakana*.

A seção de *Hiragana* é constituída de dez capítulos com duas provas para avaliar a aprendizagem dos alunos, uma prova após o capítulo 5, e a outra após o capítulo 10. Para finalizar a parte do *Hiragana*, o livro contém um apêndice sobre as origens do *Hiragana*. A seção de *Katakana*, por sua vez, é constituída de quatro capítulos. O sistema da escrita *Hiragara* e *Katakana* do japonês é bem relacionado ao ritmo da língua japonesa relacionada à *mora*, pois além da escrita japonesa, os capítulos de 6 a 9 são de explicações sobre pausa, prolongamento.

No capítulo 6, pausa está explicada em seguinte maneira:

> A pronúncia de consoantes dobradas (como acontece no italiano ou no latim, por exemplo) é indicada por um pequeno [っ] que precede o <u>*Kana*</u> que deverá ser pronunciado de tal maneira. Esse [っ] também terá duração de uma sílaba. (KAWARAZAKI, 1992, p.27)

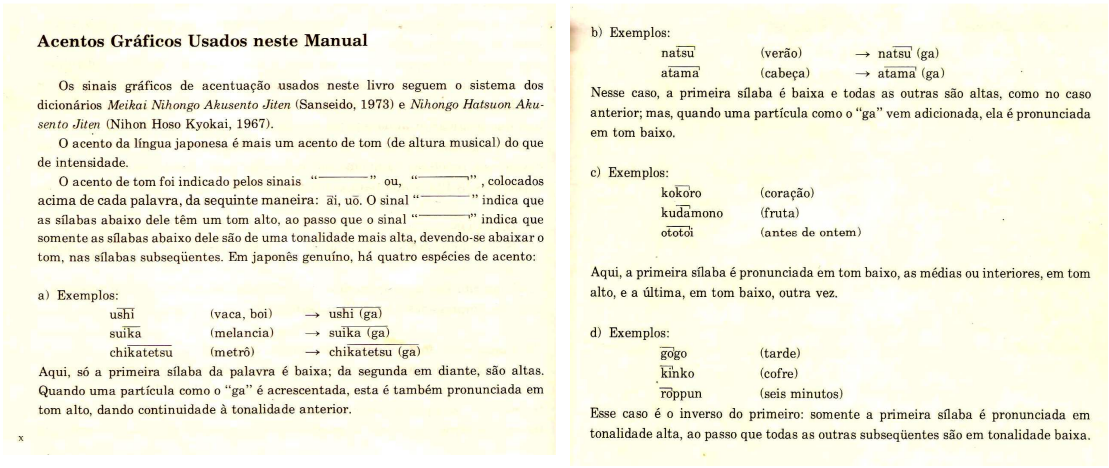
Na explicação original em língua japonesa, não foram citados os exemplos do italiano e latim. Supostamente, esta explicação foi modificada para leitores que têm a língua portuguesa como língua materna e que possuem conhecimento de outras línguas de origem latina.

O capítulo 7 introduz o prolongamento. A existência do prolongamento influencia o número de *moras*, e consequentemente pode alterar o sentido da palavra. Embora o assunto seja relacionado ao número de *moras*, no sistema rítmico da língua japonesa há apenas os exemplos de vocábulos que incluem prolongamento e não há explicação sobre *mora*, isto é, uma unidade mínima que constrói o ritmo da língua japonesa. Uma *mora* possui a mesma duração entre outras *moras*. Sua função dentro do sistema rítmico da língua japonesa é que o número de *moras* determina o significado da palavra na língua japonesa.

Os capítulos seguintes, 8 e 9, tratam de や(ya) [ya], ゆ(yu) [yɯ] e よ(yo) [yo] com a escrita menor, sem mencionar o aspecto do ritmo. Os capítulos que ensinam a escrita *Katakana*, não mencionam nada em relação ao ritmo. O termo "*mora*" não é adotado no livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) apesar de a unidade silábica da língua japonesa ser chamada de "mora".

Quanto ao acento, o livro a explica na parte inicial, "Descrição do Texto e Recomendações para a Sua Utilização", e mostra os sinais de acentuação dos vocábulos das lições em notas de rodapé. Mostraremos a explicação sobre acentuação apresentada no livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980).

Abaixo apresentamos as instruções e os exemplos sobre o ensino do acento da língua japonesa que constam no livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980):



Acentos Gráficos Usados neste Manual

Os sinais gráficos de acentuação usados neste livro seguem o sistema dos dicionários *Meikai Nihongo Akusento Jiten* (Sanseido, 1973) e *Nihongo Hatsuon Akusento Jiten* (Nihon Hoso Kyokai, 1967).

O acento da língua japonesa é mais um acento de tom (de altura musical) do que de intensidade.

O acento de tom foi indicado pelos sinais "‾‾‾‾" ou, "‾‾‾‾", colocados acima de cada palavra, da sequinte maneira: āi, uō. O sinal "‾‾‾‾" indica que as sílabas abaixo dele têm um tom alto, ao passo que o sinal "‾‾‾‾" indica que somente as sílabas abaixo dele são de uma tonalidade mais alta, devendo-se abaixar o tom, nas sílabas subseqüentes. Em japonês genuíno, há quatro espécies de acento:

a) Exemplos:

ushī	(vaca, boi)	→ ushī (ga)
suīka	(melancia)	→ suīka (ga)
chikatetsu	(metrô)	→ chikatetsu (ga)

Aqui, só a primeira sílaba da palavra é baixa; da segunda em diante, são altas. Quando uma partícula como o "ga" é acrescentada, esta é também pronunciada em tom alto, dando continuidade à tonalidade anterior.

x

b) Exemplos:

natsu	(verão)	→ natsu (ga)
atama	(cabeça)	→ atama (ga)

Nesse caso, a primeira sílaba é baixa e todas as outras são altas, como no caso anterior; mas, quando uma partícula como o "ga" vem adicionada, ela é pronunciada em tom baixo.

c) Exemplos:

kokoro	(coração)
kudamono	(fruta)
ototoi	(antes de ontem)

Aqui, a primeira sílaba é pronunciada em tom baixo, as médias ou interiores, em tom alto, e a última, em tom baixo, outra vez.

d) Exemplos:

gogo	(tarde)
kinko	(cofre)
roppun	(seis minutos)

Esse caso é o inverso do primeiro: somente a primeira sílaba é pronunciada em tonalidade alta, ao passo que todas as outras subseqüentes são em tonalidade baixa.

Figura 10 - Explicação de acento da língua japonesa (KAWARAZAKI, 1980, p.x e xi)

É interessante ressaltar que, na parte inicial, existe uma explicação sobre o uso deste livro. Nessa parte, é dito que o livro é acompanhado de uma fita cassete para familiarizar os aprendizes com a sonoridade do japonês-padrão. Assim, as explicações sobre o ritmo e o acento da língua japonesa foram dadas juntamente com a introdução da escrita silabário japonês.

Porém, no curso, não se encontra a fita cassete e quando foi perguntado sobre esse material de áudio que acompanha o livro, durante a oficina de pronúncia da língua japonesa ministrada pela autora desta pesquisa[53], todos os professores que aprenderam a escrita japonesa com esse livro comentaram que não estudaram com a fita cassete quando eram alunos. E os mesmos, por sua vez, quando se tornaram professores, utilizavam o mesmo livro

[53] Trataremos sobre oficina está na seção 4.4

para introduzir a escrita japonesa, sem a utilização da fita indicada pelo material. Aliás, todos ficaram surpresos por terem descoberto que existia um material de áudio acompanhando esse livro.

Poder-se-ia dizer que, supostamente, no decorrer do curso, a parte da pronúncia não foi destacada no planejamento do curso, ou o curso não buscou um material de áudio com gravações de produções orais de nativos como modelo. Por sinal, até então, o curso teve várias oportunidades de solicitar material didático às instituições como a Fundação Japão, porém, esta fita cassete nunca foi solicitada, e nenhum professor sentiu falta desse material. E, no lugar de utilizar a gravação do nativo como modelo, os professores utilizavam a sua própria pronúncia como modelo.

4.3.2 Apostila Kana Nyuumon-Introdução ao Kana

Segundo o questionário respondido pelos Sujeitos participantes A e B e a discussão durante a aula experimental, além do livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) da Fundação Japão, os professores sempre utilizavam vários materiais extras para completar o conteúdo deste livro, principalmente quando ensinavam *katakana* onde sentiam falta de vocábulos de uso frequente no dia-a-dia. Assim, sempre tinham sugestões, tanto por parte dos alunos como por parte dos professores, para que o curso adquirisse um livro mais organizado sobre o ensino de escrita japonesa. Dentro desse contexto, um professor do mesmo curso tomou a iniciativa de reorganizar os materiais.

Para elaborar essa apostila, foram referidos vários materiais. Em especial, em relação à pronúncia da língua japonesa, foram: *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980), Dicionário japonês-português romanizo (KAKINE; HINATA,1998), Dicionário português-japonês romanizado (HINATA, 1992), *Shin nihongo no kiso* – caderno de exercício de *Kana* japonês (AOTS, 1977), *Minna no nihongo Livro-tradução* e *notas gramaticai*(Ishizawa toyoda, 2000), *Minna no nihongo Livro-texto principal* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998) e *Nihongo Hatsuon Akusento jiten* (NHK[54],1998).[55] No Semestre II de 2007, a apostila foi aceita por todos os professores, e substituiu o livro e esta sendo utilizado até agora.

A apostila trata a pronúncia da língua japonesa, basicamente igual ao *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980), porém, incluiu um aspecto

[54] NHK: *Nihon Hōsō Kyoku.* A tradução em inglês é *Japan Broadcasting Corporation*.
[55] Dicionário de pronúncia e acento da língua japonesa (tradução nossa)

fonético da língua japonesa, isto é, o não pronunciamento da vogal em algumas *moras* de acordo com o japonês-padrão baseado no *Nihongo Hatsuon Akusento Jiten* (NHK, 1998). Esse aspecto não foi citado no livro da Fundação Japão, porém ocorre frequentemente na produção oral da língua japonesa. O termo "sílaba" é utilizado nessa apostila, adotando o termo mais conhecido da mesma maneira que o dicionário utilizava na sua explicação.

Nessa apostila, incluiu-se a explicação sobre o ritmo, não apenas a parte de pausa, mas também de prolongamento e de "や", "ゆ" e "よ" (ya, yu, yo) em tamanho menor que não era explicada no livro. As explicações foram baseadas no Dicionário de japonês - português (HINATA, 2001). Primeiramente, o prolongamento está descrito apenas como "vogais longas". E, quanto à parte de pausa (chamado na apostila de *sokuon*), em vez de dizer "pausa", ela foi substituída por:

> 促音 (*sokuon*) significa "som assimilado". Na ortografia moderna do japonês, ele é indicado por um「つ」(*tsu*) pequeno（ちいさい「つ」）(letra "つ" pequeno) e terá a duração de uma sílaba também. Em romaji ele é indicado dobrando-se a consoante que lhe segue. (MELO, 2007, p.25)

Em relação às escritas de "や", "ゆ" e "よ"(ya, yu, yo) em tamanho menor, a apostila explica:

> O 「よう音」(youon) é formado escrevendo 「や」「ゆ」「よ」(ya, yu, yo) em tamanho menor depois de *kanas* do I-dan（き・ぎ・し・ち・ぢ・に・ひ・び・ぴ・み・り）(ki, gi, shi, ji,chi di, ni, hi, bi, pi, mi, ri). 「よう音」(youon) também tem a duração de uma silaba só. (MELO, 2007, p.31)

O termo "sílaba" continua sendo utilizado nas explicações na apostila e não foi preparado um material de áudio acompanhando essa apostila.

4.3.3 Shin Nihongo no Kiso e Minnna no Nihongo

Como foi citado anteriormente, alguns dos Sujeitos participantes A e B, atuais professores do Curso de japonês do NLE, utilizaram o *Shin Nihongo no Kiso I e II*, e outros utilizaram (ou ainda utilizam) o *Minna no Nihongo I* e *II*. Porém, nenhum professor utilizou o *Kenshuusei no Nihongo* (Japonês para estagiários técnicos) e o *Kiso Nihongo* (Japonês básico). Então, nesta parte, analisamos os livros *Shin Nihongo no Kiso I* e *II* e *Minna no Nihongo I* e *II* focalizando a parte de ensino de pronúncia do japonês.

O livro *Shin Nihongo no Kiso* é direcionado para estagiários técnicos aprendizes de japonês. O livro *Minna no Nihongo* possui a mesma estrutura e mesmo método do *Shin nihongo no kiso*, porém:

> [...] a 'Surii ei cooporation' (3A Corporation) decidiu publicar *Minna no Nihongo* para atender as solicitação e opiniões das inúmeras pessoas que vêm se dedicando durante anos ao ensino do idioma japonês, tanto no Japão como no exterior. *Minna no Nihongo* apresenta a clareza e a facilidade de entendimento utilizado características especiais, e métodos de aprendizado de *Shin Nihongo no Kiso*, mas por outro lado, inclui cenas, situações e personagens mais abrangentes a fim de atender a necessidade de uma grande faixa de estudantes. Seu conteúdo foi elaborado para permitir que todos usem o livro para estudar o japonês com prazer. (ISHIZAWA; TOYODA, 2003, p.1 do prefácio)

Tanto no livro *Shin nihongo no kiso* (AOTS, 1989) quanto no livro *Minna no Nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) a pronúncia só é tratada em um único momento: na parte introdutória do livro, onde há uma explicação detalhada sobre pronúncia que ocupa cinco páginas.

Esta introdução é dividida em nove tópicos: 1) Tabela de *Hiragana* e *Katakana*, 2) Vogais longas, 3) Pronúncia do ん [N], 4) Pronúncia de pausa っ (tsu), 5) Pronúncia de palavras que contém glide (ゃ[ya], ゅ[yɯ] e ょ[yo] pequena), 6) Pronúncia da linha が(ga)[56], 7) Não pronunciamento das vogais [i] e [u], 8) Tonicidade, 9) Entoação. Mostraremos a explicação do livro onde cada um desses itens é tratado mais detalhadamente nos dois livros. A explicação está no anexo B.

No livro Livro-instrução de metodologia do livro-texto principal da coleção do *Minna no nihongo I* (ISHIZAWA; TANAKA; MAKINO; TSURUO; FUJISAKI, 2000) apresenta sobre como introduzir essa parte de pronúncia no anexo C.

4.3.4 A coleção do Minna no Nihongo

Como foi citado anteriormente, a coleção do *Minna no Nihongo I* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) contém, além do Livro-texto principal, o Livro tradução e notas gramaticais em vários idiomas e fita cassete gravada por um modelo nativo japonês com todos os textos e exercícios do livro-texto principal. No decorrer do tempo, a editora vem publicando os livros complementares desta coleção atendendo às necessidades e opiniões dos usuários. Hoje em

[56] A linha "ga" indica a letra 'ga' "gi" "gu" 'ge' e 'go' em ambos os tipos, *hiragana* e *katakana*. Veja anexo A.

dia, existem sete paradidáticos e seis materiais de áudio/áudio-visual acompanhando esta coleção no mercado[57].

O curso possui seis livros paradidáticos além dos livros citados anteriormente, tais como: *Shokyū de yomeru topikkusu*[58] (MAKINO; SAWADA; SHIGEKAWA; TANAKA; MIZUNO, 2000), *Chōkai tasuku 25* [59] (MAKINO; TANAKA; KITAGAWA, 2003) acompanhado de um CD, *Kaite oboeru bunkei renshūchō*[60] (HIRAI; MIWA, 2000), *Hyōjun mondaishū*[61] (3A Corporation, 1999), *kanji I-English edition* (SHINYA; KOGA; TAKADA; MIKOGAMI, 2000), e *Yasashī sakubun* (KADOWAKI; NISHIUMA, 1999).

Todavia, nenhum material trata especificamente da metodologia de ensino de pronúncia da língua japonesa.

4.3.4.1 Conteúdo e estrutura do material de áudio

Existem quatro CDs de material de áudio, três correspondem aos textos do Livro-texto principal. Nos três CDs, encontram-se gravados vocábulos, padrões de sentenças e conversações. E um dos CDs traz a gravação apenas da parte de exercício de compreensão auditiva no Livro texto principal.

Segundo o Livro-instrução de metodologia do livro-texto principal (ISHIZAWA; TANAKA; MAKINO; SURUO; FUJISAKI, 2000), a escolha da gravação foi o japonês padrão e a parte de vocabulário novo possui a pronúncia gravada com maior clareza. O restante das gravações é em velocidade e entoação o mais próximo possível do natural. A gravação começa pela parte de pronúncia de cada *mora*[62] e traz a leitura de exemplos de pares mínimos na parte da explicação sobre ritmo e acento da língua japonesa e expressões úteis na sala de aula. Depois dessa introdução, as gravações trazem os conteúdos correspondentes aos vinte e cinco capítulos.

O modo de utilizar esse material enfatiza que os alunos prestem atenção maior para se para se habituar à velocidade e o modo de falar dos japoneses nativos, e também para aprender indutivamente a pronúncia da língua japonesa. Esse tipo de metodologia é bastante típico do método Áudio-lingual, que pede a repetição do modelo-nativo.

---

[57] As informações foram obtidas pelo site <http://www.3anet.co.jp/japanese/minna_series.html> (Acesso em 6 de julho de 2010)
[58] Caderno de exercício para leitura de textos (tradução nossa)
[59] Caderno de exercícios 25 - compreensão auditiva (tradução nossa)
[60] Caderno de exercício estrutura gramatical (tradução nossa)
[61] Caderno de exercícios para uso da língua (tradução nosa)
[62] No Livro-instrução de metodologia do livro-texto principal, utiliza se o termo “sílaba”

Quanto à lista de vocábulos novos do Livro-tradução e notas gramaticais, no tom de cada vocábulo não há marca indicadora de acento. Então, a identificação de tom de cada vocábulo depende totalmente da percepção do aprendiz, ou seja, como o livro indica, os aprendizes têm de ouvir bastante e para habituar-se à sonoridade de cada vocábulo, portanto, o livro pede que os alunos ouçam e se acostumem com o material de áudio gravado com a fala dos nativos.

4.3.5 Reflexão sobre os materiais

O livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) explica, claramente, os itens que precisam ser ensinados: aspectos segmentais, tom e ritmo, porém não acompanha o material de áudio. Para quem tem contato pela primeira vez com a língua japonesa, pode ter sido um pouco complicado conhecer a sonoridade da língua japonesa e entender as características peculiares da pronúncia da língua japonesa.

Tomamos como exemplo o uso de *rōma-ji* ao ensinar o *Hiragana* e *Katakana*. Em vez de se utilizar a transcrição fonética, utiliza-se o *rōma-ji* para ajudar na leitura. Isso pode ajudar/interferir na aprendizagem da leitura de letras japonesas. Nem todos os aprendizes conhecem o símbolo fonético, então eles podem sentir dificuldades na sua leitura. Desse modo, a tabela de *Hiragana* e *katakana* com leituras indicadas com transcrição fonética pode se tornar um material de difícil acesso (Ver anexo A)

Assim, o *rōma-ji* pode facilitar a aprendizagem da maioria dos aprendizes que utilizam este material, por outro lado, pode influenciar na leitura do japonês devido ao sistema fonético e fonológico do português, nesse caso, o português falado no Ceará. De fato, pode-se observar frequentemente, por exemplo, a troca de vogais fechadas por vogais abertas. No japonês não se usa a vogal ‘e’ e ‘o’ abertas ([e] e [ɔ]), mas elas podem ser observadas nas produções orais dos aprendizes desta língua, não apenas dos professores, mas também dos alunos. A tabela apresenta apenas o som de cada *mora*, portanto, quando for dentro de uma palavra, a leitura do fonema pode ser alterada de acordo com o sistema do português, nesse caso o português falado em Fortaleza. Por exemplo, a palavra japonesa ‘*nabe’* (panela), com terminação ‘be’, se fosse lida seguindo as convecções do sistema de escrita do português, poderia ser pronunciada como [naˈbi], ao invés de [nabe] em japonês. Isso pode acontecer mesmo que a palavra esteja escrita em *hiragana*, visto que alguns alunos reescrevem em *rōma-ji* uma palavra que está escrita em *hiragana* e, no momento da leitura da mesma, acabam sendo influenciados pelo sistema de leitura do português. Assim, Este tipo de atenção

a uma determinada língua poderia ser mencionado no *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980), porém apesar de esse livro ter escrito em dois idiomas, português e japonês, não foi mencionada esta parte.

Por sua vez, o Livro-instrução de metodologia do livro-texto principal da coleção do *Minnna no nihongo I* explica que o objetivo dessa coleção é atender aqueles que não possuem a língua japonesa como língua materna para poderem utilizá-la como meio de comunicação em qualquer ambiente social. Assim, o livro aborda várias situações que poderiam ocorrer no dia-a-dia do Japão para que as pessoas possam relacionar seu material de estudo ao cotidiano e desenvolver o uso da língua. Desse modo, poderíamos observar a tentativa do livro de juntar as duas abordagens, áudio-lingual e comunicativa, no sentido de levar o assunto para a vida real. Porém, diferentemente da abordagem comunicativa, o livro exige repetição, substituição de palavras e várias sentenças padrões para auxiliar na fixação da gramática e dos vocabulários estruturadamente e para desenvolver a competência comunicativa na nova língua.

No que diz respeito ao ensino de pronúncia, o *Minnna no nihongo* (ISHIZAWA, TOYODA, 1998) explica claramente sobre a questão do acento e do ritmo da língua japonesa juntamente com as indicações de tom de palavras japonesas, como por exemplo, o acento de palavras homonímia, *hashi* (ponte) e *hashi* (um tipo de talher japonês, popularmente dito é pauzinho) como marca indicadora de acento, tais como はし はし, e acompanha material de áudio com todos os exemplos. Quanto ao ritmo, ele explica sobre a importância de existência (ou ausência) de prolongamento, som de /N/, pausa e /j/. Essas explicações sobre pronúncia são dadas antes da primeira lição. Porém, não traz os exercícios para praticar os aspectos mostrados nessa parte. E, durante o uso deste material, é indicado escutar várias vezes o áudio para aprender a pronúncia. Desse modo, o estudo de pronúncia depende totalmente da percepção dos aprendizes, através de repetição de escutar o áudio.

As explicações dadas no livro parecem ser claras para japoneses nativos, porém, para quem não possui a língua japonesa como língua materna, talvez seja difícil compreender e sentir a diferença no acento e no ritmo apenas com este material, mesmo com material de áudio. Os que sentem dificuldade em compreender as explicações dadas no livro podem ter dificuldade em perceber a pronúncia no material de áudio e na reprodução de sons, principalmente nas sequências dos sons que possuem características peculiares do sistema fonológico da língua japonesa no material. Ou seja, mesmo que haja o material de áudio, se os professores não souberem utilizá-lo, não conseguirão ensinar a pronúncia com grande eficiência.

Como a maioria dos Sujeitos participantes utilizam a introdução a escrita *Hiragana* e *Katakana* da apostila *Kana Nyūmon*, se os professores não derem importância ao ensino de pronúncia, esta parte do Livro-texto principal do *Minnna no nihongo* não tratará da pronúncia, e se os professores não derem uma orientação sobre o uso de material de áudio de todas as partes do livro durante o seu estudo com este material, enfatizando a atenção à pronúncia, será focalizado apenas o exercício de compreensão auditiva para realizar as tarefas.

Interessante ressaltar que, a coleção do *Minna no Nihongo II* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) não inclui a explicação de pronúncia nos dois livros, Livro-texto principal, nem no Livro-tradução e explicação gramatical. Isso talvez porque a atenção ao ensino de pronúncia deva ser dada no processo inicial da aprendizagem desta língua, ou seja, na coleção de *Minna no Nihongo I* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998).

O que poderia observar aqui é que o livro trata a pronúncia de modo expositivo, porém não inclui os exercícios para aprendê-la. Por sua vez, o planejamento do curso segue as instruções do livro e não inclui, também, os exercícios relativos à pronúncia.

4.4 Oficina de pronúncia da língua japonesa

Nesta sessão, refletiremos sobre o ensino de pronúncia com três materiais obtidos durante a pesquisa, isto é, os pontos observados através das discussões que ocorreram durante a oficina, as respostas recolhidas através de questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa aplicado com Sujeitos participantes A e B (apêndice G) e um questionário aplicado com a coordenadora deste curso (apêndice I).

A oficina de pronúncia da língua japonesa foi realizada entre os dias 11 a 15 e 25 a 28 de janeiro e 1 a 4 de fevereiro de 2010 (26 horas/aula), com o objetivo de conhecer as opinião dos professores sobre o ensino/aprendizagem desse tema, sob a orientação da coordenadora do curso de japonês do NLE como parte desta pesquisa. Como essa oficina foi a primeira tentativa de estudar especificamente a pronúncia de japonês com os professores deste curso, poderíamos tomar o resultado desta oficina como base de informação para refletir como trabalhar esse assunto no futuro dentro do curso.

Para tanto, essa oficina focalizou três assuntos: 1) Oferecer um momento para estudar o sistema fonético e fonológico da língua japonesa para aprimorar conhecimentos prévios; 2) Conhecer a abordagem/metodologia de ensino de pronúncia dos outros

professores; 3) Praticar a pronúncia para ter mais segurança na produção oral em língua japonesa.

No momento da oficina, em janeiro de 2010, duas professoras atuais (ano letivo 2010.2) que foram enquadradas como Sujeito participante B[63] ainda não tinham começado a ensinar no referido curso, porém incluímos estas duas professoras como Sujeitos participantes B. Dessa forma, ao todo, treze membros do grupo de formação de professores participaram: a coordenadora do curso, nove professores e três monitores.

Apresentaremos as discussões feitas durante a oficina de pronúncia da língua japonesa na seguinte ordem: 1) Uso de materiais didáticos; 2) O que ensinar; 3) Quando ensinar; 4) Como ensinar; e 5) Sobre a aula experimental de pronúncia da língua japonesa.

4.4.1 Uso de materiais didáticos

Sobre os materiais didáticos, todos os participantes da oficina estudaram pronúncia juntamente com a introdução da escrita japonesa sem ter acesso ao material de áudio, porque não havia material de áudio acompanhando o livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) nem a apostila *Kana nyūmon* (Curso de japonês do NLE, 2007). Existem explicações sobre pronúncia e escrita da língua japonesa no *Shin nihongo no kiso* (AOTS, 1989) e *Minna no nihongo I* (ISHIZAWA; TOYODA, 2000) antes de entrar na lição 1, a lição onde se iniciam as explicações gramaticais. Há material de áudio acompanhando a explicação da pronúncia da língua japonesa deste livro, porém, os professores Sujeitos participantes A e B utilizavam esse livro apenas para explicação gramatical. Então, os professores dos Sujeitos A e B entravam direto nas lições. Professores e alunos têm acesso ao material de áudio desse livro, porém, alguns Sujeitos participantes A e B comentaram que não sabiam da existência da gravação da parte de pronúncia. Assim, havia falta de conhecimento sobre o material de ensino no decorrer deste curso.

Vejamos aqui, a avaliação dos Sujeitos participantes A e B sobre o tratamento de pronúncia dos livros didáticos:

- No inglês tem vários exercícios de repetição com CDs e transcrições fonéticas; no japonês, não é dada tanta ênfase à pronúncia. (Sujeito A-3)
- Não tratam. Os professores eram completamente autônomos na aplicação de metodologias. (Sujeito A-4)

[63] Retomamos aqui, que os Sujeitos participantes A são quatro professores que realizaram o teste de leitura em voz alta e observação de aula, por sua vez, os Sujeitos participantes B são outros professores que participaram na aplicação de questionário e oficina de pronúncia da língua japonesa.

- Como uma parte do ensino do japonês, mas não em especial. (Sujeito B-2)

Tivemos apenas um comentário que considerou as explicações do livro como satisfatório:

- Preocupam-se com o ensino de pronúncia, pois a mesma é necessária para que o aprendiz desenvolva de uma maneira satisfatória a sua competência linguística. (Sujeito A-1)

Em resumo, os Sujeitos participantes A e B comentaram que os materiais didáticos poderiam trazer informações básicas sobre aspectos fonéticos e fonológicos da língua japonesa e oferecer, também, exercícios auditivos. Porém, disseram também que é difícil ensinar somente com o livro por si só ou mesmo com material de áudio, principalmente o acento que é muito diferente do português.

Quando os Sujeitos A e B se tornaram professores, da mesma forma que estudaram, não trataram a parte que explica a pronúncia no *Minna no nihongo I,* que o curso utiliza atualmente como livro didático. A razão para tal atitude talvez seja a concordância com o modo através do qual eles aprenderam, ou talvez a falta de conhecimento sobre os materiais que existem no curso ou sobre como utilizá-los.

Porém, para se habituarem aos sons da língua japonesa, os professores se esforçaram para procurar materiais que não fossem do curso de japonês, por exemplo, músicas, filmes, programas de televisão em japonês. Às vezes, nos materiais preparados para estrangeiros, a gravação do diálogo é feita com velocidade muito lenta e o vocabulário é limitado para que se facilite a compreensão por parte dos aprendizes. Isso seria bom para introduzir/revisar o conteúdo do capítulo, porém, os alunos não podem estar em cotato somente com esse tipo de diálogo planejado/ensaiado, porque a conversação real no dia-a-dia é bastante diferente.

Então, a maior preocupação sobre o material didático poderia ser a dificuldade de uso do material e a dificuldade de encontrar materiais que eles gostariam de utilizar na sala de aula.

4.4.2 Como aprendeu a pronúncia da língua japonesa?

Segundo o questionário aplicado com a coordenadora do curso, os professores que vêm ensinando no curso não haviam sido orientados de forma concreta sobre como ensinar a pronúncia da língua japonesa. Os atuais professores também, até agora, não haviam sido orientados para enfatizar o ensino de pronúncia desta língua. Para investigar a relação entre

como os Sujeitos participantes A e B aprenderam a pronúncia, incluímos uma pergunta no questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa.

A maioria dos Sujeitos participantes aprendeu através de repetição de pronúncia dos professores deles no início do curso quando aprenderam a escrita de *Hiragana* e *Katakana*. O conteúdo de ensino sobre pronúncia era o que foi explicado no livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980), e o modo de ensinar era a apresentação do sistema fonético e fonológico desta língua. Vejamos alguns comentários obtidos através das respostas dos questionários de Sujeitos participantes A e B acerca do ensino e aprendizagem da pronúncia japonesa:

- Apenas através de repetições, sendo eles próprios geralmente o modelo. (Sujeito A-1)
- Não tinham aulas especiais voltadas para isso. No entanto, uma vez ou outra, alguns professores diziam para tomar cuidado com palavras básicas, tais como *umi*, *ame*, *hashi*... (Sujeito A-3)
- Pediam para repetir o que eles falavam. (Sujeito A-4)
- Através dos cartões com os *kanas* eles pronunciavam o *kana* e o vocabulário e a classe repetia. O áudio era utilizado nas aulas de compreensão auditiva e não como base para a pronúncia da língua. Com a entrada do professor nativo, a pronúncia e correção da mesma era feita pelo professor. (Sujeito B-3)
- Por meio de exercícios de repetição de palavras e expressões. O professor colocava um CD e os alunos deveriam tentar imitar a pronúncia do nativo. (Sujeito B-4)
- Ensinavam através de repetição de áudios dos CDs e, às vezes, corrigindo a própria pronúncia na hora com a pronúncia deles mesmo. (Sujeito B-5)

Sobre a pergunta “Alguém corrige sua pronúncia?”, a maioria dos Sujeitos respondeu que sim. Quem corrige a pronúncia dos Sujeitos são japoneses nativos que eles têm contato ou colegas (outros professores do curso) durante a aula, quando há a inadequação na sua pronúncia, principalmente com prolongamento e pausa. Com os nativos, dois Sujeitos participantes A comentaram que;

- Algumas vezes pela internet (*SKYPE*/*MSN*) quando alguns amigos coreanos ou japoneses falam comigo e não entendem alguma palavra que pronunciei. Outras vezes, pergunto para alguns sensei qual seria a pronúncia certa, para que no momento da aula eu não pronuncie errado. Em último caso, durante a aula, já aconteceu de algum monitor/sensei (professor) levantar a mão e dizer “a pronúncia certa não seria X?”. (Sujeito A-3)

- Sim. Geralmente minha pronúncia só foi corrigida por nativos. Mas isso só acontece quando pronuncio algo que eles têm muita dificuldade de entender, ou que possa causar mal-entendidos. (Sujeito A-4)

Sobre seu próprio modo de estudo para melhorar a pronúncia. Cinco sujeitos comentaram que não há metodologia específica. Outros comentaram da seguinte maneira:

- Bem, o modo que tento melhorar a pronúncia é assistindo programas em japonês para acostumar bem o ouvido e consequentemente a pronúncia. (Sujeito A-1)
- Tentar imitar o que estou ouvindo. Sem querer, de tanto ver *animê*/*dorama* (novela) /filme, quando me deparo com tal expressão ou palavra, tento lembrar como aquele personagem pronunciou e tento fazer igual. (Sujeito A-2)
- Costumo repetir e gravar trechos de filmes e seriados para comparar com o original e ver onde está diferente. (Sujeito A-3)
- Escuto áudios de conversação em japonês, como novelas. Vejo programação da televisão japonesa. Tento imitar os textos que escuto. (sujeito B-1)

4.4.3 O que ensinam?

Como foi citado nas sessões anteriores, os livros que o curso de japonês adota indicam elementos para ensinar a pronúncia da língua japonesa. Além desses itens, surgiram algumas observações sobre a tendência de pronúncia da língua japonesa pelos falantes de português, neste caso, em Fortaleza, durante a discussão na aula. Incluindo esses itens, listaremos e mostraremos aqui os elementos que os Sujeitos participantes A e B dizem tratar sobre o ensino de pronúncia na sala de aula:

- Características fonético- fonológicas da língua japonesa:
  a) Vogal que não existe no português (う[ɯ]);
  b) Vogais das sílabas “き[ki]”, “く[kɯ]”, “し[ʃi]”, “す(su)”, “ち(chi)”, “つ(tsu)”, “ひ(hi)” e “ふ(fu)” que não são pronunciadas antes de consoantes desvozeadas “k”, “s”, “t” e “h” (きく[kikɯ]);
  c) Semivogais (sons como “や[ya], ゆ[yɯ] e [yo] “ょ” minúsculas) que não se pronunciam do mesmo modo que no português;
  d) Sons que não existem em português (つ[tsɯ], ふ[ɸɯ]);
  e) Prolongamento de vogal (きゅう[kyɯː], おじいさん [ojiːsan]);
  f) Pausa (きって[kiɋte]);
  g) Acento das palavras, por exemplo, a diferença entre 雨(あめ[ameˈ]) e 飴(あめ /aˈme/);
  h) Entoação frasal no final de frase (です[desɯ], ですか [desɯka], ましょう [maʃoː], etc.).

❖ Itens focados pelos Sujeitos participantes A e B

i) Inserção de /j/ e nasalização de vogal antes de consoante “n” ou “m” (せぃんせい [sẽjsei]) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa;
j) Inserção de /n/ e nasalização de vogal antes de uma consoante “n” ou “m” (なんに [nãni]) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa.

A seguir, veremos o número de professores que tratam, na sala de aula, de cada assunto mostrado acima no Semestre I, cujo conteúdo inclui a escrita japonesa, *Hiragana* e *Katakana*, que é muito ligada à sua pronúncia. Dentre os Sujeitos participantes B, havia dois professores que não tinham começado a ensinar no curso ainda, porém, o questionário foi aplicado antes do início do período 2010.1, o período em que eles começaram a ensinar no Semestre I. Os outros Sujeitos participantes A e B já possuíam experiência de ensino no Semestre I. Portanto, o número total neste quadro é de nove pessoas, incluindo todos os Sujeitos participantes.

Elementos de ensino	Sim	Não	Elementos de ensino	Sim	Não
a) Vogais	9	0	b) Vogal não pronunciada	8	1
c) Semivogais	8	1	d) Som de [tsɯ] e [ɸɯ]	9	0
e) Prolongamento da vogal	9	0	f) Pausa	9	0
g) Acento das palavra8	6	3	h) Entoação frasal	6	3
i) Inserção de /y/	8	1	j) Inserção ou nazalização de /n/	6	3

Quadro 30- Tratamento de elementos de pronúncia no Semestre I

Podemos entender que todos tratam dos itens que estavam sendo colocados no livro ou na apostila, para introduzir a escrita japonesa, isto é, prolongamento, pausa e acentuação. Segundo os comentários durante a aula, o item b) Vogal não pronunciada começou a ser tratado quando a apostila foi introduzida no curso.

Os elementos que não são tratados no livro vão ser tratados dependendo dos Sujeitos participantes A e B. Podemos resumir que o tratamento do ensino de pronúncia ocorre dependendo do entendimento dos Sujeitos participantes A e B de como o ensino de pronúncia deve ser avaliado em sala de aula.

Levantamos uma questão para os Sujeitos A e B sobre como a pronúncia lhes foi ensinada quando eles eram alunos. Segundo comentários, geralmente, os professores dos Sujeitos participantes A e B pediam para que eles repetissem o que o professor falava, e

também os mesmos escutavam materiais de áudio com a pronúncia de um nativo. Como um dos objetivos do curso visava (e ainda visa) a comunicação, é necessário que o professor se comunique constantemente na língua-alvo em sala de aula, induzindo os estudantes a utilizá-la também.

Existiam materiais de compreensão auditiva e alguns professores dos Sujeitos participantes A e B utilizavam esses materiais para ensinar a entoação frasal, pedindo atenção quando fossem escutar a fala dos nativos gravada nos materiais para repetir. Podemos resumir que, quando os Sujeitos A e B eram alunos, o ensino de pronúncia dependia totalmente da pronúncia do seu professor através da repetição da própria voz do professor, ou repetição de material de áudio.

Mais uma questão levantada é sobre o que se ensina na pronúncia na sala de aula no primeiro semestre quando se insere a escrita japonesa. Diferentemente da maioria dos professores do referido curso, dois Sujeitos participantes B não tinham experiência de ensino acima do Semestre II, então, excluímos esses dois Sujeitos B do número total deste quadro. A seguir, mostraremos o número de Sujeitos participantes A e B que tratam de cada elemento sobre ensino de pronúncia na sala de aula nas turmas do Semestre II em adiante. O número total na tabela é sete.

Elementos de ensino	Sim	Não	Elementos de ensino	Sim	Não
a) Vogais	2	7	b) Vogal não pronunciada	3	6
c) Semivogais	2	7	d) Som de [tsɯ] e [ɸɯ]	3	6
e) Prolongamento de vogal	5	4	f) Pausa	6	3
g) Acento	4	5	h) Entoação frasal	6	3
i) Inserção de /n/	4	5	j) Inserção de /j/	2	7

Quadro 31: Tratamento de elementos de pronúncia no Semestre II em diante

Parece que, em geral, o número de elementos de pronúncia tratados nas turmas de Semestre II em diante diminui um pouco, principalmente na questão fonética e fonológica relativa aos itens a, b, c, h e j. Considerando os dois quadros acima, podemos concluir que a tendência de tratar a pronúncia é mais frequente no Semestre I, porque entra na questão de ortografia da língua japonesa, porém, depois que os tópicos sobre a escrita do *hiragana* e *katakana* terminam, os elementos que os professores tratam na sala de aula diminuem, e os mesmos começam a focalizar as questões de nível frasal bem como de prolongamento e acento, mas não de aspectos segmentais.

Tivemos um comentário feito por um Sujeito participante B que tem experiência de ensino nas turmas de Semestre I em diante, enfatizando a importância da ligação entre escrita e pronúncia:

- Acho que a importância dos itens pode variar dependendo do semestre em que se está lecionando. No Semestre I e II, por exemplo, a caligrafia e vocabulário têm bastante importância durante o ensino dos *kanas*, juntamente com a pronúncia dos mesmos. (Sujeito B-3)

Como podemos observar pelos comentários nos questionários recolhidos, há uma tendência de tratar a pronúncia relacionando-a à introdução de caligrafia e vocábulos, ou seja, ela é mais focalizada no Semestre I. E no decorrer dos semestres, outros assuntos são mais focalizados. Vejamos o comentário do Sujeito B:

- A partir do 2º semestre, não trabalhei essa parte de pronúncia como foco, ou seja, não trabalhei em nada específico. Foquei-me mais na matéria e na prática de exercícios e tentei deixar que a pronúncia fosse adquirida apenas escutando os CDs e na prática do dia-a-dia. Apenas corrigia quando eu achava necessário. (Sujeito B-5)

Interessante observar que seis professores responderam que tratam de acento da língua japonesa na sala de aula, e, dentre eles, há dois Sujeitos participantes A. Porém, durante a observação de aula desses dois Sujeitos participantes A, a maneira com que eles trataram a acento não foi com a correção na produção oral dos alunos, foi dando ênfase à importância do acento durante a fala em japonês, alertando que se não for bem pronunciada, pode causar problemas na comunicação. Supostamente, o tratamento de pronúncia da língua japonesa dos professores desse curso não é a correção de pronúncia, mas sim, a explicação do sistema fonético e fonológico do japonês.

Quanto às metodologias, eles utilizam materiais de áudio preparados para compreensão auditiva ou música japonesa. Utilizam também, materiais audiovisuais tais como: novelas, filmes, clipes de música, programas de televisão japonesa, dentre outros. Assim, eles utilizam bastante os materiais com a gravação de nativos para demonstrar a pronúncia de um japonês nativo e o processo de conversas mais próximas ao natural na medida do possível, ou segundo o comentário de um Sujeito B-3.

- Como modo de compensar a pronúncia de um não nativo, utilizar ao máximo o áudio do material que acompanha o livro para que os alunos tenham a pronúncia nativa

> como base de comparação para sua própria pronúncia e para a do professor. (Sujeito B-3)

Dessa maneira, podemos observar o esforço dos Sujeitos participantes A e B em completar os materiais didáticos. Assim, estão sendo inseridos muitos materiais para *input*.

Quanto à explicação sobre elementos de pronúncia, tivemos uma discussão sobre o modo de como explicar a leitura de っ (tsu) em tamanho menor. A explicação dada nos dois materiais, *Nihongo*: *Kana – Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1992) e apostila *Kana nyuumon* (MELLO, 2007), foi sobre a ortografia, porém, inclui a expressão "duração de uma sílaba" indicando o ritmo da língua japonesa. Então, os professores têm que explicar como se pronuncia essa letra em tamanho menor, juntamente com a ortografia. Porém, todos os professores comentam que somente essa explicação não é suficiente para indicar a existência de uma "pausa" durante a produção de palavras que possuem esta letra っ /tsu/ (tsu) em tamanho menor.

Quando cada professor explicou sobre a letra っ /tsu/ (tsu) em tamanho menor, inserindo suas explicações, surgiu uma polêmica sobre o uso do termo "pausa". Existem professores que estudaram sobre a pronúncia dessa letra com outro livro *Hatsuon* (KAWASE; SUGIHARA; UENO, 1980). A explicação dada nesse livro diz que há um "prolongamento" dos fonemas /s/ e /ʃ/, quando os mesmos forem precedidos do っ /tsu/ (tsu) em tamanho menor, e tal assunto foi apresentado por um dos professores nessa oficina. O curso possui o livro *Hatsuon* (KAWASE, SUGIHARA e UENO, 1980) há muito tempo, porém, é raramente consultado pelos Sujeitos participantes A e B. Dessa forma, surgiu a discussão de uso de termos diferentes entre os Sujeitos participantes A e B que já haviam consultado esse livro e os que não haviam. A partir de tal discussão, chegou-se a conclusão de que o termo "pausa" seria utilizado com os fonemas /p/, /t/ e /k/ enquanto o termo "prolongamento" seria utilizado com os fonemas /s/ e /ʃ/.

4.4.4 Quando ensinam?

Para saber como eles separam o tempo para o ensino de pronúncia, foi perguntado sobre a distribuição de tempo de aula para tratar do ensino de pronúncia. A maioria dos professores não separa um tempo da aula especificamente para o ensino de pronúncia. Vejamos os comentários dos Sujeitos participantes A e B:

- Outros idiomas que não precisam estudar esses aspectos (escrita japonesa, por exemplo) podem focar mais na pronúncia, leitura, conversação, enquanto que para nós, estudantes de japonês, temos esses e muitos outros aspectos para tratar em sala de aula, dificultando a abordagem das quatro principais habilidades da língua. (Sujeito A-3)
- Demonstrar as nuance da pronúncia nas quais possuo mais facilidade é o mais fácil. Fazer os alunos experimentarem as novidades da língua mãe [64] e corrigir erros persistentes é o que considero mais difícil. (Sujeito B-1)

4.4.5 Como ensinam?

A maneira de ensinar a pronúncia não varia muito entre Sujeitos participantes. Sobre o modo de ensinar a pronúncia, vejamos comentários dos Sujeitos participantes A e B:

- Sim, na realidade eu passo a teoria e, em seguida, peço para os alunos repetirem exemplos de palavras sobre aquela pronúncia específica. A repetição ocorre tanto tendo eu mesmo (o professor) como exemplo ou através de áudio em japonês. (Sujeito A-1)
- Dava atenção a alguns cuidados e fazia correções quando encontrava erros mais graves no decorrer da aula, com o cuidado de não desestimular ninguém, pois uma boa pronúncia é algo gradativo e precisa de algum esforço para se conseguir. (Sujeito B-3)
- Observa a pronúncia do aluno durante a aula e já faz a correção na frente de todos e em todas as aulas enfatiza a importância da pronúncia correta das palavras e frases. (Sujeito B-4)
- Quando eu ensinei o primeiro semestre, não utilizei nenhum método específico para cada aspecto, praticamente, pedia para os alunos repetirem a minha pronúncia depois de mim, e em outros casos, usava um CD com pronúncia de palavras em japonês e pedia para eles escutarem e depois repetirem. Depois, escutava de novo, e escrevia como havia escutado. (Sujeito B-5)

Quanto a inserir o ritmo, um Sujeito participante B comentou durante a aula que, para enfatizar a existência de pausa ou prolongamento, faz algum barulho, por exemplo, bater palmas, tocar a mesa, e etc. para sentir a existência de *mora* visualmente e auditivamente. Assim, podemos entender que cada professor possui um pensamento diferente sobre o que, como, quando abordar esse assunto no ensino.

4.4.6 Sobre a oficina de pronúncia

Com base nas respostas no questionário aplicado, alguns Sujeitos participantes comentaram que puderam aprender noções gerais de pronúncia da língua japonesa, porém,

[64] Compreendemos esta parte de comentário como a pronúncia da língua japonesa que não há na sua língua materna, neste caso, a língua portuguesa.

quem já tinha estudado ou pesquisado livros sobre pronúncia da língua japonesa, sentiu algo repetitivo.

O benefício do curso foi, em geral, segundo comentários, o momento de aprendizado sobre as particularidades da pronúncia japonesa e, assim, conseguimos ter um panorama geral da pronúncia japonesa. Assim, o conteúdo foi relevante e voltado para as questões principais relativas à pronúncia. Foi colocado também que viram tudo o que nunca havia sido apresentado em aula antes e como utilizá-lo. Como não tiveram acesso ao material, ou melhor, não souberam como usar os materiais que existem no curso por muito tempo, foi útil para aprender como aprofundar o aprendizado e ensino da pronúncia desta língua.

E, em relação à prática durante a aula, um comentou que antes dessa aula, elementos que considerava de aquisição muito difícil seguindo um método, percebeu que através da prática e convivência no dia-a-dia era possível adquiri-los.

Dois Sujeitos participantes B responderam:

- É importante, embora exija muita sensibilidade para compreender. (Sujeito A-2)
- Funcionou para abrir os olhos em alguns aspectos da pronúncia que antes eu não conhecia ou passavam despercebidos. (Sujeito B-3)
- Depois do curso comecei a me policiar mais com relação à pronúncia e gostei muito do material utilizado. (Sujeito B-5)

O maior ponto negativo foi a falta de tempo e da prática de conteúdo mais complexo. Para aprender não somente a teoria, mas também, para adquirir a prática, precisaria de mais exercícios.

Além disso, continuam carregando a contradição de dar ênfase na comunicação oral e, ao mesmo tempo, dizer que não se deve ficar muito preocupado se está ou não sendo realizando uma pronúncia correta para que isso não interfira na sua produção oral. Veja o comentário:

- Agora, sabe que existe e que terão casos em que você pode cometer erros, mas em outros seria melhor pensar duas vezes antes de pronunciar qualquer coisa. É importante ter em mente que se ficarmos nos policiando antes de qualquer palavra, não conseguiremos fazer a conversação fluir, então, algumas vezes, mesmo que fale errado, devemos tentar falar algo. Com certeza o japonês vai se esforçar pra te entender e vai te corrigir da maneira mais gentil possível. (sujeiot A-3)

A atitude de como tratar o ensino de pronúncia também varia um pouco, por exemplo, os comentários dos Sujeitos participantes A e B revelaram que:

- Difícil ensinar sobre shi/chi e su/tsu no começo. Mas é fácil ensinar as sílabas e as vogais básicas por causa da proximidade com o som. (Sujeito A-2)
- Sinceramente ainda não me sinto capaz de trabalhar esse aspecto. Preciso pesquisar e estudar um livro com o qual eu me identifique para que, assim, possa levar para a sala de aula. Ainda não tenho uma boa pronúncia, por isso me falta mais conhecimento sobre o assunto. (Sujeito B-4)

Porém, por ser a primeira aula desta natureza oferecida aos Sujeitos desta pesquisa, em geral, a maioria comentou que o curso foi um incentivo à pesquisa aprofundada do lado dos professores, e ao mesmo tempo, os sujeitos comentaram que podem enfatizar mais o ensino de pronúncia na sala e aula, uma vez que o curso visa melhorar a competência comunicativa e, para tanto, não podem descartar o ensino de pronúncia. E também, um dos Sujeitos participantes B comentou que, desde o Semestre I, é necessário ensinar pronúncia para evitar vícios de linguagem e, nesse sentido, evitar a internalização de uma pronúncia "errada".

Assim, podemos entender que, cada um possui o seu jeito de tentar aprender e ensinar a pronúncia da língua japonesa, e todos possuem interesse em incluir o ensino de pronúncia. Porém, não há uma metodologia homogeneizada estabelecida no curso, e assim, podemos levar em consideração a relevância da contribuição dessa pesquisa como uma base de informação sobre ensino de pronúncia da língua japonesa na seção de proposta didática.

4.5 Discussão sobre os dados obtidos

Mostramos até aqui o resultado do diagnóstico sobre a leitura em voz alta dos Sujeitos participantes A, observação de aulas dos Sujeitos participantes A, materiais didáticos, oficina de pronúncia da língua japonesa juntamente com o questionário respondido pelos Sujeitos participantes A e B e pela Coordenadora do Curso de japonês do NLE. Temos três questões de pesquisa; a) Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE? b) De que forma e quais atividades didáticas são desenvolvidas pelos professores do curso de japonês do NLE para o ensino de pronúncia da língua japonesa, no que diz respeito ao tom, à duração e aos elementos segmentais? c) Quais atividades didáticas poderiam ser propostas a este curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas?

Retomamos as observações feitas durante a pesquisa aqui, para responder às primeiras duas questões de pesquisa e concluir esta sessão.

a) Quais fenômenos se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE?

A maior tendência observada na produção oral dos Sujeitos participantes A que não seguem o sistema fonético e fonológico da língua japonesa foi principalmente a questão de acento. Uma hipótese é que a pronúncia deles poderia ter algumas influências do sistema fonético e fonológico da língua materna, nesse caso, a língua portuguesa. Retomamos o caso de Sujeito A-4 na pronúncia da palavra *tāminaru*

	Acento da língua japonesa	Acento do Sujeito A-4
Pronúncia	*Tāminaru*	*taminā*ru
Distribuição de *mora*	/ta R mi na ru/	[ta mi na R ɾɯ]
Acento	**H L L L L**	**L L H L L**

O sujeito prolongou a penúltima *mora,* como o acento do português, que é paroxítona e pode-se perceber a maior intensidade na mesma *mora*. Porém, muitas vezes, a pronúncia inadequada poderia não ser por causa da influência da língua portuguesa, por exemplo, a pronúncia do Sujeito A-3, em que não podemos identificar exatamente a influência da língua portuguesa. Se a produção oral do mesmo fosse causada pela influência da língua portuguesa, não haveria prolongamento da última *mora* /a/, mas sim, da mora /e/, que se situa na posição paroxítona.

Acento em japonês	Acento do professor 3
ta to e ba	*ta to e ba a*
/ta to e ba/	[ta to e ba :]
L H L L	**L H H H L**

Foi observado também o prolongamento, a pausa e a pronúncia de /j/ que, eventualmente, confundem a percepção dos interlocutores.

Para analisar detalhadamente a evidência da influência de cada fenômeno tais como a alteração de tom e de número de *moras* que modifica o significado em língua japonesa, precisa-se de uma diferente abordagem como análise acústica. Porém, este trabalho não possui a intenção de descrever o resultado de análise detalhada sobre a pronúncia dos Sujeitos participantes A. Concluímos assim que, existem algumas produções orais que poderiam ter sido influência da língua materna, mas poderiam não ter sido por causa da língua materna. Contudo, o fato é que, foram observadas algumas inadequações de pronúncia que são diferentes do sistema fonético e fonológico da língua japonesa.

Com o ponto de vista da interlíngua, o que o japonês nativo precisa compreender é que, algumas inadequações na produção oral dos aprendizes de língua japonesa, especificamente na pronúncia, não serão erros, mas é um fato que nós estamos observando como um processo de aprendizagem de uma língua nova. Assim, a pronúncia dos aprendizes pode não ser tal qual a do nativo.

Dentro dessa consciência, não há nenhuma obrigação por parte do aprendiz, em saber pronunciar tal qual um nativo. Na realidade, pode-se pensar que, falantes da língua-alvo, neste caso a língua japonesa, devem ficar mais atentos para tentar entender a fala dos aprendizes. E, o contexto da conversa, mesmo em caso de ambiguidade na pronúncia dos falantes de uma língua alvo, no caso, a língua japonesa, pode ajudar a compreensão por parte de falantes nativos. Porém, dependendo da ocasião, essa atenção não será dada sempre do mesmo modo e consequentemente, pode haver casos em que o contexto da coversa pode não ajudar a compreensão por parte do interlocutor. Pela própria experiência da autora desta pesquisa, pode-se observar a importância de uma pronúncia clara. Apresentaremos abaixo, o exemplo de mau entendimento devido à pronúncia incorreta e aos fatores extra-linguisticos que não ajudaram a transmissão da intenção do falante.

Houve um diálogo com um amigo da autora desta pesquisa. A autora, nessa época morava perto da UECE, onde ela estudava e trabalhava como professora-bolsista do Curso de japonês do NLE. O amigo, por sua vez, também, estudava na mesma Universidade e trabalhavam juntos como professor de japonês. Como ele tentava aperfeiçoar a sua habilidade de comunicação oral, a autora utilizava a língua japonesa como meio de comunicação com ele diariamente.

Ele levava mais de uma hora para deslocar-se de casa até a Universidade, mas ele costumava voltar para casa para almoçar após a aula da graduação pela manhã. Após o almoço, voltava à UECE para dar aula de japonês no período da tarde e noite.

Certo dia, ele aceitou um trabalho de intérprete por alguns dias. O horário do trabalho não era fixo e, um dia, ele trabalhou apenas à tarde. Ele marcou o encontro com o cliente perto da Universidade, por volta das 16 horas. Pela rotina da família dele que almoça às duas horas ou um pouco mais tarde, era mais prático, ele almoçar perto da Universidade. Porém, ele voltou para casa dele depois que ele assistiu aula pela manhã.

Nesse dia, ele ligou para autora por volta de uma hora e trinta minutos da tarde e pediu que ela preparasse o ***meshi*** que significa refeição, em língua japonesa, no modo coloquial. Quase três horas da tarde, ele apareceu na porta da casa da autora, então a mesma ofereceu o prato logo que ele entrou na casa. Ele, em vez de aceitar o prato, começou a

perguntar sobre o ***meshi*** que ele havia pedido por telefone. Depois de uma pequena discussão, ambos começaram a rir, por um mau entendido que ocorreu durante a conversa pelo telefone. Esse mau entendido surgiu em razão da pronúncia do amigo da autora que acabou causando ambigüidade de sentido. Ele quis mencionar ***meishi*** que significa cartão de visita, cuja palavra possui três *moras*. Porém, a autora percebeu somente duas *moras* ao ouvir a fala dele por telefone.

Tanto ***meshi***, refeição, como ***meishi,*** cartão de visita caberiam perfeitamente no contexto da conversa. No caso do amigo, apesar de pronunciar ***meshi*** (refeição), teve a intenção de dizer ***meishi*** (cartão de visita), pois necessitava confeccionar os cartões e sabia que na casa da autora da pesquisa havia materiais. Por outro lado, a autora interpretou a palavra produzida oralmente, como ***meshi***, pois imaginou que o amigo ainda não havia almoçado, uma vez que, de acordo com a rotina acima descrita, ela sabia que ele almoçava tarde.

Assim, pudemos perceber, através do exemplo acima, que uma pronúncia clara, sem margem a ambiguidade na compreensão por parte do ouvinte, é importante quando for expressar algo na língua estudada, porque pode ocorrer um momento em que o contexto da conversa não ajuda a transmissão da mensagem do falante. E até pode ocorrer de um aprendiz de uma língua nova acabar passando uma imagem negativa para os interlocutores devido à pronúncia.

Temos de entender que não devemos evitar a comunicação oral por causa das dificuldades da língua alvo, porém, temos que compreender também que, poderíamos ter a possibilidade de receber uma avaliação negativa durante a comunicação oral caso não tenhamos uma pronúncia compreensível para os interlocutores da língua estudada. Assim, pronúncia é um subsídio indispensável para o estabelecimento de comunicação oral e ao mesmo tempo, é um subsídio que poderia causar um mau entendimento durante a comunicação oral se a pronúncia for incompreensível.

Os Sujeitos participantes A e B da nossa pesquisa também, estão muito cientes neste ponto e dão importância ao ensino de pronúncia desta língua pela sua própria experiência. Tivemos a seguinte pergunta no questionário: “Já sentiu dificuldade na comunicação oral com japoneses por causa da sua pronúncia?”. A maioria respondeu que sim. No entanto, apenas o Sujeito A-2 comentou que houve dificuldade na comunicação oral não por causa da pronúncia, mas pela falta de vocabulário, o que dificultou a compreensão por parte do nativo. Mostraremos comentários de outros sujeitos a seguir:

Sim. Já ocorreu de japoneses terem dificuldade de entender o que eu digo por eu ter errado uma acentuação

- Sim, eventualmente preciso repetir as frases para consertar erros de pronúncia. . (Sujeiot A-2)
- Às vezes percebo que o nativo, da maneira mais natural, vai pronunciar a palavra que eu queria ter dito, da forma correta, assim ele me mostra como é a real pronúncia. Com certeza o fato deles se esforçarem pra compreender nosso japonês, ajuda bastante bem como incentiva e nos corrige sem menosprezar. (Sujeiot A-3)
- Sim. Fui mal compreendida por pronunciar uma palavra com a sílaba tônica errada. (Sujeito B-1)
- Sim, em relação à acentuação, entonação. (Sujeiot B-2)
- Sim. Em conversas mais informais costuma ocorrer sem grandes problemas. Porém há vezes em que uma palavra mal pronunciada muda o sentido da frase, ou então quando se é perguntado qual o significado de uma palavra sem antes ter dado um contexto, raramente consigo me fazer entender sem pôr a palavra em contexto. (Sujeiot B-3)

Dando sequência às questões de pesquisa, encaminhemo-nos desenvolvendo a segunda questão.

b) De que forma e quais atividades didáticas são desenvolvidas pelos professores do curso de japonês do NLE para o ensino de pronúncia da língua japonesa, no que diz respeito ao tom, à duração e aos elementos segmentais?

Durante a observação de aula, não foi verificado um tratamento sistemático de ensino de pronúncia, observando-se, por sua vez, tratamentos sobre correção e questão de ritmo. O modo de ensinar a pronúncia dos professores, Sujeitos participantes A é semelhante à maneira como os mesmos aprenderam com seus professores de japonês. Tal modo, consiste na repetição de áudio ou repetição da própria pronúncia do professor.

Cada Sujeito participante A tenta trazer atividades que incluam produções orais: pede para os alunos fazerem leitura de textos de materiais que estavam sendo utilizados, vocábulos novos ou de suas próprias redações, introduzindo, também, exercícios de diálogo padrão do livro didático para desenvolver a prática oral. Assim, os Sujeitos participantes A tentam utilizar ao máximo a língua japonesa, usando frases úteis na sala de aula e no dia-a-dia, perguntas e respostas entre aluno-professor ou aluno-aluno, e, assim, incluem atividades comunicativas na sala. Porém, durante essas atividades, não havia momentos específicos para estudar sobre características peculiares de pronúncia da língua japonesa.

Quando há o tratamento focalizado na pronúncia, restringem-se à correção de ritmo, principalmente, à leitura de っ /tsu/ (tsu) escrita em tamanho menor e prolongamento de *mora*. Quanto ao tom, foi enfatizada a importância de diferenciação de tom, porém, não foi observada a correção de pronúncia relacionada a este elemento.

Outra atividade voltada ao ensino de pronúncia da língua japonesa observada foi a apresentação do elemento fonético pelo Sujeito participante A-2 em relação às possíveis realizações de /N/ ([n], [m] e [ŋ]) e a explicação sobre a importância de elementos fonológicos, especificamente o ritmo.

Quanto à correção de leitura em voz alta ou de fala espontânea dos alunos, observou-se que os quatro Sujeitos participantes A raramente apontaram as inadequações de pronúncia cometidos pelos alunos, mesmo que o significado da palavra fosse alterado.

Assim, os Sujeitos pesquisados tratam o ensino de pronúncia indicando as inadequações ocorridas durante a produção oral dos alunos, porém, não foram esclarecidos os critérios e momentos em que os Sujeitos interromperiam a fala dos alunos, a fim de fazer a orientação com relação à pronúncia.

Quanto ao material, nenhum material específico foi utilizado para ensinar pronúncia da língua japonesa durante a observação de aula. Os materiais didáticos adotados no curso que tratam da pronúncia da língua japonesa são, por exemplo, o livro *Nihongo: Kana - Uma Introdução ao Silabário Japonês* (KAWARAZAKI, 1980) e a apostila *Kana nyuumon* (MELLO, 2007) que explicam o princípio do sistema fonético e fonológico da língua japonesa, porém, em tais materiais não havia material de áudio, o que dificultou a compreensão das explicações do livro e, consequentemente, os Sujeitos pesquisados disseram que aprenderam a pronúncia da língua japonesa cada um a seu modo. O livro didático *Minnna no nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 1998) também trata de aspectos de pronúncia da língua japonesa. Porém, os livros apresentados acima tratam a pronúncia da língua japonesa de um modo expositivo e não trazem os exercícios concretos para aprendê-la. E durante o planejamento do curso, não é dada muita ênfase a essa parte.

O sujeito participante A-4 utilizou uma marca indicadora de acento melódica representada pelas seguintes setas: “→”,“↗”, ou “↓”. Tais sinais foram adotados pelos livros que ele utilizava quando aluno. No entanto, mais uma vez, tratou-se de um modo mais expositivo, e não pediu para que os alunos as pronunciassem, a fim de confirmar a pronúncia dos mesmos.

O curso de Japonês do NLE possui livros de instrução para os professores sobre pronúncia da língua japonesa no curso chamado *Hatsuon* (KAWASE, SUGIHARA, UENO,

1980) e *Hatsuon* (IMADA, 1989) que acompanham o material de áudio para ensinar a pronúncia da língua japonesa, porém, poucos Sujeitos participantes A e B conheciam esses livros, ou conhecem, mas não sabem como utilizá-los. Essas complicações talvez tivessem surgido pelo fato de os materiais, todo escrito em japonês, serem destinados a leitores japoneses nativos, e, dessa forma, as explicações não esclareceram o sistema fonético/fonológico da Língua Japonesa para os Sujeitos, que são brasileiros e ainda estão em fase de processo de aprendizagem da escrita e leitura na língua japonesa.

No livro didático *Minnna no nihongo* (ISHIZAWA; TOYODA, 2000), é recomendada a utilização do material de áudio que acompanha o livro, através do método de repetição do áudio.

Em uma situação ideal, seria desejável a presença de um professor de japonês que pudesse verificar dos professores deste curso, e, além disso, soubesse indicar como poderia melhorar a pronúncia do Sujeito, dando seu *feedback*, e assim o método adotado no livro poderia ter funcionado de modo mais eficiente. Porém, os Sujeitos participantes não tinham oportunidade, até então, de encontrar uma especialista para abordar esse assunto. Apesar de todos tentarem procurar uma maneira de ensinar a pronúncia da língua japonesa, não havia uma orientação organizada para os professores desse curso, por isso todos ensinavam do jeito que aprenderam, e, pela mesma razão, alguns sentem insegurança na maneira como ensinam e na sua própria capacidade de pronúncia. Quando começaram a ensinar no Curso, a própria aprendizagem foi tomad como uma referência de ensino de pronúncia, introduzindo a escrita japonesa juntamente com a explicação do sistema fonético e fonológico da língua japonesa, e repetição da fala do professor.

Quanto à oficina de pronúncia da língua japonesa, por ser a primeira tentativa de aula dessa natureza oferecida aos Sujeitos dessa pesquisa, em geral, a maioria comentou que o curso foi um incentivo à pesquisa aprofundada do lado dos professores, e também que podem enfatizar mais o ensino de pronúncia na sala de aula, uma vez que, se o curso visa melhorar a competência comunicativa, não podem descartar o ensino de pronúncia.

No capítulo seguinte, apresentaremos as atividades didáticas que poderiam ser aproveitadas na aprendizagem dos Sujeitos participantes A e B, bem como na sala de aula de cada Sujeito participante, de modo a responder a questão “c” desta dissertação.

5 PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADE DIDÁTICA

Nesta sessão, apresentaremos as propostas didáticas para responder à última questão desta pesquisa: “Quais atividades didáticas poderiam ser propostas a este curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas?”. A resposta para esta questão deve atender às dúvidas e necessidades dos Sujeitos participantes A e B de acordo com o objetivo do curso. Assim, poderíamos tomar o resultado da análise feita no capítulo 4 como base de informação para refletir como trabalhar esse assunto no curso futuramente.

Como vimos na sessão anterior, o ensino de pronúncia está sendo destacado no Semestre I quando se introduz a escrita japonesa *Hiragana* e *katakana*. Porém, o conteúdo sobre o ensino de pronúncia está limitado à explicação do sistema fonético e fonológico apresentado no livro de introdução da escrita japonesa. Ao mesmo tempo, a maioria dos professores revela que não trabalha a prática da pronúncia através de exercícios. Durante a observação, percebemos que o tratamento da pronúncia foi realizado durante a leitura de texto pelos alunos, limitando-se apenas à orientação quanto à atenção em relação ao ritmo e número de moras. Em resumo, a grande dúvida dos Sujeitos participantes A e B é: como e quando inserir o ensino de pronúncia em sala de aula.

A proposta de atividades didáticas que faremos nesta seção se baseará nas dificuldades descritas na coleta de dados desta pesquisa e deverá ser viável para o ambiente de ensino do Curso, no qual se baseou a nossa pesquisa

Nesta seção, refletiremos sobre a importância de ensino de pronúncia no Curso de japonês do NLE com base nas informações obtidas durante a pesquisa, e em seguida, faremos propostas de atividades didáticas que sejam adequadas ao objetivo do curso e realizáveis para os Sujeitos participantes A e B, em termos de tempo e material, dando ao Grupo de Formação de Professores de Japonês do referido curso uma base para analisar, desenvolver e incentivar o ensino de pronúncia da língua japonesa no seu âmbito do curso.

5.1 O quê, como e quando ensinar?

Como Isomura (2009) afirma, não há uma resposta única para o quê, como e quando ensinar a pronúncia da língua japonesa, porque a exigência de boa pronúncia depende da formalidade, ambiente e objetivo de comunicação.

Através da análise feita no capítulo 4, podemos afirmar que os Sujeitos participantes A e B raramente encontram um ambiente em que se exige apenas a língua japonesa. Quando surge uma oportunidade de encontrar um japonês nativo para conversar, na maioria dos casos, os japoneses demonstram simpatia por brasileiros, aprendizes de japonês. Considerando o ambiente desta pesquisa e o objetivo do curso como conversação, compreensão auditiva, compreensão textual, além de escrita fonossilábica *hiranga* a e *katakana*, podemos estabelecer o objetivo de ensino da pronúncia como: uma pronúncia inteligível para aqueles que tentam compreender a fala e não tal qual a pronúncia do nativo. Para tanto, precisamos primeiramente focalizar as questões de ritmo e acento que podem interferir na compreensão auditiva por parte dos japoneses nativos. O ensino de pronúncia não precisa ser limitado à relação estabelecida com a introdução da escrita japonesa na turma de Semestre I, mas seria desejável que houvesse uma continuidade no tratamento da pronúncia, esperando-se um maior desempenho na capacidade de comunicação oral dos alunos durante o curso.

Porém, será que o professor pode tratar este assunto apenas quando ensina a pronúncia para atingir o objetivo do curso? Compreendemos que, como os Sujeitos participantes são os atuais professores e, ao mesmo tempo, estão no processo de aprendizagem deste idioma, não há nenhuma necessidade de esperar uma melhoria de pronúncia do japonês dos referidos Sujeitos para introduzir o ensino de pronúncia na sua sala de aula.

Assim, será importante o Grupo de Formação de Professores do Curso de Japonês do NLE incentivar o estudo de pronúncia dos Sujeitos participantes A e B, primeiramente, desenvolvendo a capacidade de compreensão auditiva da pronúncia da língua japonesa dos Sujeitos participantes A e B. Porque, mesmo que não esteja atingindo o nível de pronúncia que o curso coloca como objetivo, o professor precisa ter conhecimento de como poderia analisar a pronúncia dos outros e introduzir ou incentivar os alunos a aprenderem a pronúncia deste idioma. Ao ensinar, os Sujeitos participantes A e B podem aperfeiçoar sua capacidade de pronúncia da língua japonesa. Para melhorar a capacidade de compreensão auditiva e de sua pronúncia, seria ideal ter companheiros tanto colegas quanto japoneses nativos.

Apresentamos aqui as atividades didáticas sobre pronúncia da língua japonesa baseado nos dois livros de ensino de japonês especificamente a pronúncia, *Onsei wo oshieru*[65] (ISOMURA, 2009), *Komyunikēshon no tame no hatsuon ressun*[66] (TODA, 2004) e *Nihongo*

[65] “Ensinar a Pronúncia da Língua Japonesa” (tradução nossa)
[66] “Exercícios de Pronúncia da Língua Japonesa voltado à Comunicação” (tradução nossa)

no hatsuon kyōshitsu - riron to renshū[67](KUBOZONO; TANAKA, 1999) As atividades serão focalizadas nas questões de tom e ritmo, cujos tópicos são mais voltados para os Sujeitos participantes A e B. Em seguida colocaremos sugestões de melhorias nas atividades que cada Sujeito participante vem aplicando atualmente.

Todas as atividades que serão mostradas na sessão seguinte poderiam ser utilizadas não apenas na sala de aula, mas também entre professores durante os seminários que ocorrem no grupo de formação de professores. E enfatizamos que, a melhoria da sua pronúncia, deve ser avaliada por outra pessoa, seja por um japonês nativo, seja por outros aprendizes de japonês. O importante é que para ter uma pronúncia inteligível, sempre se precisa ter uma confirmação de outros. O próprio aprendiz deveria também saber como avaliar a sua própria pronúncia. Para tanto, é interessante trabalhar o estudo de pronúncia em conjunto.

5.2 Atividades didáticas de pronúncia

Ambos os livros, *Onsei wo oshieru* (ISOMURA 2009) e *Komyiunikēshon no tame no nihongo hatsuon ressun* (TODA, 2004), tratam as características peculiares do sistema de pronúncia da língua japonesa para os professores não falantes de japonês poderem aperfeiçoar sua pronúncia e, também, apresentam atividades concretas que poderiam ser inseridas na sala de aula. Os livros utilizam pares mínimos e as combinações de homônimos para explicar sobre pronúncia de japonês no nível lexical com material de áudio e mostram algumas soluções para a melhoria de um aprendiz que não consiga produzir determinados sons, ritmos e acentuação. Para visualizar melhor a mudança melódica de acentuação ou de entonação, *Onsei wo oshieru* (ISOMURA, 2009) apresenta *softwares* como instrumentos gratuitos tais como: *Praat*, *Speech Analyzer* ou *Wave Surfer*[68], que podem ser adquiridos gratuitamente pela internet.

Os livros adotam os exercícios típicos do método áudio-lingual, a repetição de material de áudio gravado por japoneses nativos e adotam também exercícios como *role playing* e tarefas que exigem reflexão sobre a pronúncia da língua japonesa de outros e de sua própria pronúncia. E também, possuem atividades com características do *Verbo-tonal Method*.

[67] “Curso de pronúncia japonesa - Teoria e prática” (tradução nossa)
[68] Os sites apresentados no corpo são: *Praat* <http://www.baixaki.com.br/linux/download/praat.htm> *Speech Analyzer* <http://www.softpedia.com/get/Multimedia/Audio/Other-AUDIO-Tools/Speech-Analyzer.shtml>, e Wave Surfer <http://www.speech.kth.se/wavesurfer/download.html> Todos os sites foram acessados em 12 de julho de 2010.

Julgamos conveniente ressaltar aqui que o material de ensino de pronúncia que o curso adquiriu é publicado no Japão, e as metodologias de ensino apresentadas nesses livros refletem muito as tendências sobre metodologia de ensino da época em que os livros foram publicados. Porém, podemos dizer que os livros, que tratam as estratégias de ensino do método áudio-lingual, podem ser utilizados também para a abordagem comunicativa, conforme o uso criativo do professor.

Em seguida, apresentaremos as atividades trazidas pelos dois livros que poderíamos realizar com os materiais que o curso possui, para tentar responder à última questão de pesquisa: "Quais atividades didáticas poderiam ser propostas a este curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas?".

Para as atividades, selecionamos os aspectos segmentais, ritmo e acento, elementos fonéticos e fonológicos que foram discutidos durante a pesquisa. O ritmo e o acento são elementos essenciais que, segundo a análise, podem causar a ambigüidade na compreensão dos interlcutores. Quanto aos aspectos segmentais, tratamos o fonema [ɸ], focalizado durante a oficina, porque os Sujeitos participantes A e B sentiram dificuldade de pronunciá-lo.

5.2.1 Atividades para o ensino de aspectos segmentais

Os aspectos segmentais que não são pronunciados adequadamente pelos aprendizes da língua japonesa, não interfeririam no sentido da palavra se o número de *moras* não for alterado. Porém, durante a oficina, houve uma discussão sobre sons que eram difíceis de serem pronunciados. Um desses sons era [ɸ]. Apresentaremos aqui, um exercício para pronunciar o som [ɸ], cujo som não existe na língua portuguesa.

Atividade 1

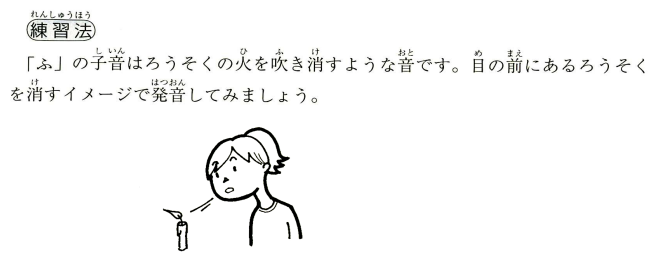
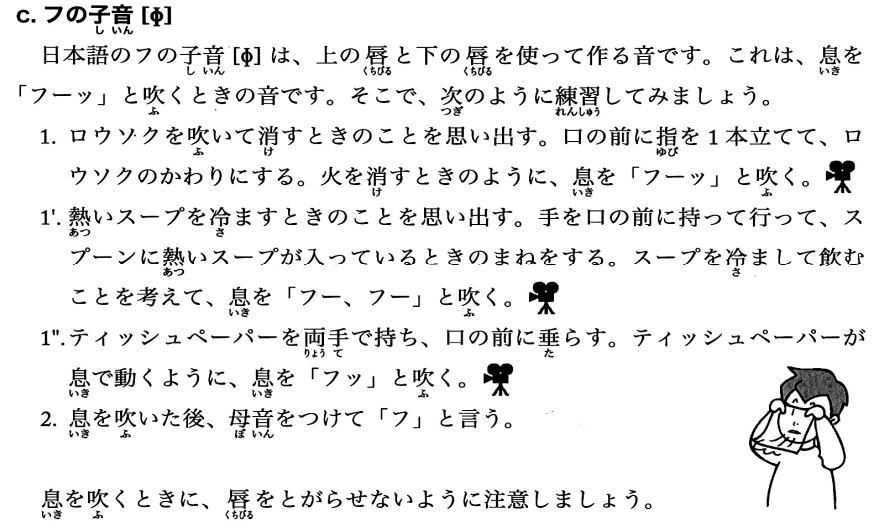


Figura 11 - Exercício para pronunciar o som de [ɸ] (TODA, 2004, p.100) [69]

[69] Tradução nossa do texto contido na figura 11:

A explicação dada aqui é imaginar-se soprando a chama de uma vela. Não há nenhuma explicação científica em relação à articulação sonora, porém poderia haver algum aprendiz que encontre o ponto de articulação assimilado através deste exercício.



c. フの子音 [ɸ]

日本語のフの子音 [ɸ] は、上の唇と下の唇を使って作る音です。これは、息を「フーッ」と吹くときの音です。そこで、次のように練習してみましょう。

1. ロウソクを吹いて消すときのことを思い出す。口の前に指を１本立てて、ロウソクのかわりにする。火を消すときのように、息を「フーッ」と吹く。
1'. 熱いスープを冷ますときのことを思い出す。手を口の前に持って行って、スプーンに熱いスープが入っているときのまねをする。スープを冷まして飲むことを考えて、息を「フー、フー」と吹く。
1". ティッシュペーパーを両手で持ち、口の前に垂らす。ティッシュペーパーが息で動くように、息を「フッ」と吹く。
2. 息を吹いた後、母音をつけて「フ」と言う。

息を吹くときに、唇をとがらせないように注意しましょう。

Figura 12 – Exercícios para pronunciar o som de [ɸ] - 2 (ISOMURA. 2009, p31) [70]

Aqui, temos dois modos para produzir o som explicado nesta parte. Primeiramente, do mesmo modo que foi explicado no livro de Toda (2008), a indicação dada é soprar a chama da vela ou imaginar que soprasse uma sopa quente. Outra indicação é soprar um lenço de papel aberto segurando com duas mãos, como foi mostrado na figura 12. Por fim, depois que fizer estes movimentos, insira a vogal /ɯ/. Aqui, temos dois modos para produzir o som explicado nesta parte. Primeiramente, do mesmo modo que foi explicado no livro de Toda (2008), a tecnica sugerida é soprar a chama da vela conforme mostrado na figura 11. Outra sugestão é soprar um lenço de papel aberto segurando com duas mãos, conforme mostrado na figura 12. Por fim, depois destes movimentos, inserir a vogal /ɯ/.

Modo do exercício: Porduz a consoante “fu” como se fosse apagar a chama de uma vela. Vamos pronunciar “fu” imaginando que estivéssemos apagando uma vela a nossa frente.

[70] Tradução nossa do texto contido da fegura 12:

Consoante da *mora* “fu”

O som da consoante da mora “fu” é produzido com os lábios. Este som é o mesmo som de quando você sopra algo. Então, vamos treinar da seguinte forma:

1 Lembre do momento de quando você apaga a chama da vela. Coloque um dedo na frente da sua boca no lugar de vela. Sopre como se estivesse apagando a chama.

1' Lembre do momento de quando você esfria a sopa na colher. Imagine que você está segurando uma colher com sopa quente e sopre como se estivesse esfriando-a.

1" Segure um lenço de papel com as duas mãos e deixe na frente da sua boca. Sopre até mover o papel.

2 Após após soprar, produz-se a vogal “u”.

5.2.2 Atividades para o ensino de ritmo

Sobre o ritmo da língua japonesa, os Sujeitos participantes já realizam algumas atividades a respeito no Semestre I quando ensinam a escrita japonesa, *Hiragana* e *Katakana*, com a apostila *Kana nyūmon* explicando sobre o sistema de pronúncia da língua japonesa. Segundo as respostas do questionário, alguns batem palmas junto com a turma para que todos possam sentir o número de *moras*, utilizando os pares mínimos como "*o ji* ***i*** *sa n*" (avô) e "*o ji sa n*" (tio). Infelizmente, os Sujeitos participantes não utilizam o material de áudio para relacionar a escrita com o som de *mora*, porque a apostila não o possui. Então, os Sujeitos participantes utilizam sua própria voz para apresentar o som de cada *mora* e palavras que contêm a questão do ritmo, da pausa, do prolongamento de vogal, o fonema /j/ que poderia modificar o número de *mora* que, consequentemente, alteraria o significado da palavra. Recomendamos aqui atividades que acompanham o material de áudio.

Atividade 2

A atividade que mostraremos aqui é sobre como introduzir a concepção de *mora*. Para compreender melhor sobre o ritmo da língua japonesa, Toda (2004) apresenta atividades utilizando o movimento das mãos para contar o número de *moras* das palavras. Através do questionário respondido, constatamos que alguns professores utilizavam um método parecido com este e relataram que os alunos compreendiam bem a questão de ritmo através desse método. Assim, recomendamos aqui esta atividade para reforçar a importância da introdução de ritmo da língua japonesa. Esta atividade é, supostamente, baseada no *Verbo-tonal Method*[71] pelo seu método de utilizar o movimento do corpo.

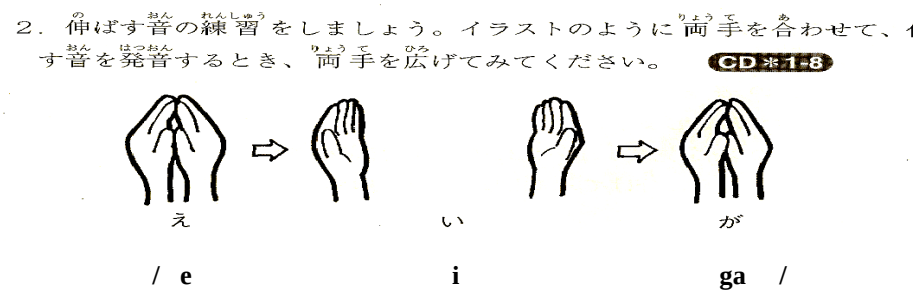


Figura 13 - Exercício de prolongamento da palavra *eiga* /e:ga/ - uso de movimento de mãos (TODA, 2004, p.18) [72]

[71] O método foi apresentado na sessão 2.2
[72] Tradução nossa do texto contido na figura 13:

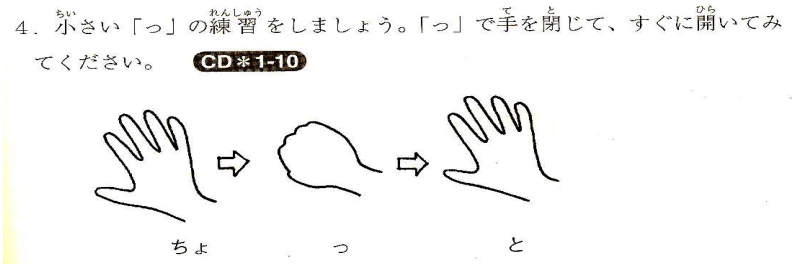


Figura 14 - Exercício de pausa da palavra *chotto* /tʃoQto/ - uso de movimento de mãos (TODA, 2004, p.19)[73]

Para elaborar as palavras para fazer este exercício, podemos utilizar um livro chamado *Hatsuon*[74] (IMADA, 2002), da biblioteca do Curso de Japonês, que reúne os exercícios de pares mínimos que abrangem características fonéticas e fonológicas da língua japonesa e que podem diferenciar o significado da palavra. Um material de áudio, gravação de voz por um falante nativo em fita cassete, acompanha o material.

Este tipo de exercício pode trazer beneficios para os aprendizes deste idioma como um exercício de pronúncia da unidade mínima que constrói o ritmo de fala da língua japonesa.

Atividade 3

Acrescentamos aqui uma atividade com um movimento maior do que a atividade 1. A atividade que mostraremos aqui é apresentada no livro de Isomura (2009). O objetivo é a contagem do número de *moras.* Porém, em vez de utilizar a mão, esta atividade utiliza os dedos para contar o número de *moras* ou utiliza o corpo todo para sentir o número de *moras.* Os alunos se levantam e dão passos de acordo com o número de *moras* de uma palavra. Esta atividade também é, supostamente, baseada no *Verbo-tonal Method* pelo seu método de utilizar o movimento do corpo.

"Vamos treinar o som prolongado. Junte duas mãos como na figura, e quando for pronunciar o som prolongado tente abri-las."

[73] Tradução nossa do texto contido na figura 14
"Vamos treinar o som de letra "tsu" escrita em tamanho menor. Vamos tentar fechar a mão na *mora* "tsu", e abri-la logo em seguida."

[74] "Pronúncia" (tradução nossa)

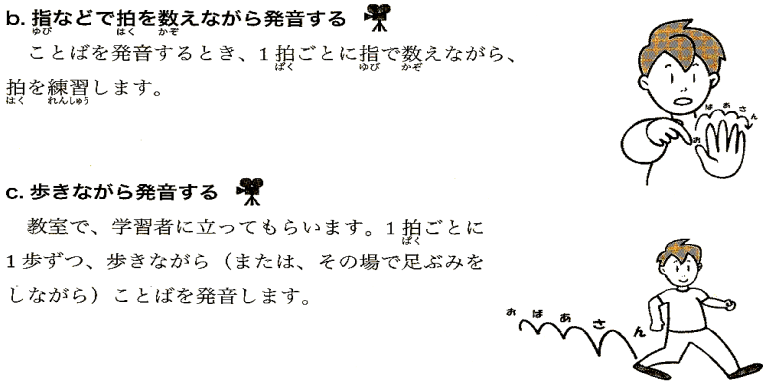


Figura15 - Exercício para fixar o número de *moras* da palavra – uso de movimento do corpo com a palavra *obaasan* /oba:san/ (TODA, 2004, p.19) [75]

Podemos acrescentar uma tarefa tanto na Atividade 1 como na 2, isto é, em vez de utilizar o material de áudio que acompanha o livro *Hatsuon* (pronúncia) de Imada (1999), poderíamos utilizar a voz de alunos para verificar se a pronúncia deles está inteligível no sentido de diferenciar claramente o número de *moras* ou não.

O espaço de sala de aula não é favorável para que todos se levantem e façam o movimento. Nesse caso, poderíamos dividir o papel de quem faz o movimento e quem oferece as palavras. Assim, poderíamos adequar essa atividade ao ambiente de cada sala de aula.

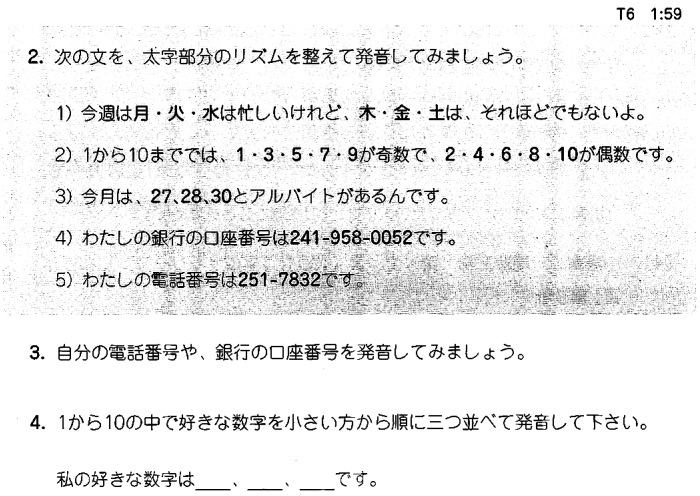
Atividade 4

O objetivo desta atividade é entender mais uma unidade rítmica da língua japonesa, isto é, o ritmo tendo como base principal duas *moras*, chamada pé. Muitos autores do ensino de pronúncia da língua japonesa como Kashima (2002) Tanaka, Kubozono (1999) e Isomura (2009) organizam os exercícios para aprender o ritmo de pé com áudio. Apresentamos aqui um exercício que foi apresentado no livro *Nihongo no hatsuon kyōshitsu - riron to renshū* [76] de Kubozono e Tanaka (1999). O exercício trata de alteração de número de *moras* arbitrariamente para criar o ritmo de pé.

---

[75] Tradução nossa do texto contido na figura 15
b. Pronuncie ao contar o número de *mora*.
Quando for pronunciar uma palavra, treine a fala contando o número de *mora* que a palavra possui.
c. Pronuncie andando
Peça para os alunos ficarem de pé na sala de aula. Pronuncie uma palavra ao marchar.

[76] "Curso de Pronúncia da Língua Japonesa – Teoria e Prática" (tradução nossa)


T6 1:59

2. 次の文を、太字部分のリズムを整えて発音してみましょう。

1) 今週は月・火・水は忙しいけれど、木・金・土は、それほどでもないよ。

2) 1から10までは、1・3・5・7・9が奇数で、2・4・6・8・10が偶数です。

3) 今月は、27、28、30とアルバイトがあるんです。

4) わたしの銀行の口座番号は241-958-0052です。

5) わたしの電話番号は251-7832です。

3. 自分の電話番号や、銀行の口座番号を発音してみましょう。

4. 1から10の中で好きな数字を小さい方から順に三つ並べて発音して下さい。

私の好きな数字は___、___、___です。

Figura16 - Exercícios para aprender o ritmo com a unidade de "pé" (TANAKA; KUBOZONO, 1999, p. 53)[77]

Veremos um exemplo de manutenção de ritmo de pé que ocorre no exercício (1). Nesta frase incluem-se três palavras *getsu*, *ka* e *sui*. São nomes de dias de semana, e quando se vai pronunciar estas três palavras na frase, ocorre uma alteração do número de *moras* para manter o ritmo pé entre essas três palavras. A palavra *ka* originalmente possui apenas uma *mora*, porém, quando se realiza a leitura, acrescenta-se uma *mora* e pronuncia-se como *kaa* [ka:]. Afinal, as três palavras vão ser lidas como *getsu* /getsu/, *kaa* /kaR/ *sui* /sui/ dentro desta frase. Assim, esse exercício reuniu frases que enfatizam a unidade rítmica bimoraica para treinar a questão de pé.

Atividade 5

Toda (2004) recomenda o uso de *Haiku* ou *Senryū*[78] como atividade de ensino de pronúncia da língua japonesa. O objetivo é, mais uma vez, sentir o ritmo da língua japonesa, mas essa atividade inclui uma forma poética, o *Haiku*. Colocamos um exemplo em Quadro30.

---

[77] Tradução nossa do texto contido na figura 16
Vamos tentar pronunciar as seguintes frases dando atenção à manutenção do ritmo das palavras em negrito.
1) Konshū wa **getu kā sui** wa isogashīkeredo, **moku kin dō** wa sorehodo demo naiyo.
(Esta semana, estarei ocupado na segunda, terça e quarta-feira, mas não estarei muito ocupado na quinta, sexta-feira e sábado.)
2) Ichi kara jyū madedewa, **ichi san gō nana kyū** ga kisū de **nī yon roku hachi jyū** ga gūsū desu.
(De um a dez, um, três, cinco e nove são números impares, e dois quatro seis oito e dez são números pares)
3) Kongetsu wa, **njyū nanna, njyū hachi**, **sanjyū** to arubaito ga arundesu.
(Este mês, trabalharei no dia vinte sete, vinte oito e trinta.)
4) Watashino ginkō no kōzabangō wa **nī yon ichi no hachi gō hachi no zero zero gō nī** desu
(O número da conta do meu banco é dois quatro um digito oito cinco oito digito zero zero cinco dois)
5) Watashi no denwa bagō wa **nī gō ichi no nana hachi san nī** desu.
(Meu número de telefone é dois cinco um sete oito três dois.)

Escrita em japonês	とびだすな	くるまはきゅうに	とまれない
Transcrição em *rōma-ji*	to bi da su na	ku ru ma wa kyu u ni	to ma re na i
Número de *mora*	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5
Tradução em português	Não corra! Porque o carro não pode parar de repente.		

Quadro 32- Divisão de *mora* de um slogan de regras de trânsito no Japão

Para elaborar o texto, poderíamos acessar a internet para procurar os *sites* que oferecem obras feitas. Este tipo de cultura de curtir o ritmo da língua é um dos lazeres da cultura japonesa, e assim, o acesso a esse tipo de obra não causaria transtorno no processo de preparação de material.

5.2.3 Atividades para o ensino de acento

Através do questionário respondido, entendemos que sentir a diferença do tom da palavra é complicado para os Sujeitos participantes tanto na percepção quanto a produção. Este elemento é bastante diferente da língua portuguesa, primeiramente, porque não há indicação de acento na escrita em japonês; por sua vez, o português indica claramente o acento na ortografia e, quando não há acento, automaticamente o acento cai na paroxítona.

Para facilitar o ensino de acento da língua japonesa, poder-se-ia ensinar as regras do acento no nível lexical e frasal na sala de aula. Porém, após o experimento de apresentar as regras gerais de acento da língua japonesa na aula experimental, percebemos que os Sujeitos participantes A e B ficaram assustados com explicação de regras do acento da língua japonesa, o que os desestimulou por terem muitas exceções.

Porém, não podemos deixar de ensinar o acento da língua, porque, como vimos na análise, poderia interferir a identificação do significado da fala dos aprendizes caso não pronunciada de acordo com o acento de uma determinada palavra.

Em seguida, apresentamos algumas atividades relacionadas ao ensino de acento da língua japonesa para tentar procurar um modo interessante para os Sujeitos participantes ensinarem/aprenderem o acento da língua japonesa.

---

[78] Ambos *Haiku* e *Senryū* são tipos de poesia. O *Haiku* possui um ritmo padrão da sua obra organizado pelos três segmentos dividido por cinco, sete e cinco *moras*. Além de organização rítmica, o *Haiku* pede os elementos linguísticos, por exemplo, interjeições, na linguagem arcaica e pelo menos uma palavra metafórica que indica uma das quatro estações, isto é, primavera, verão, outono ou inverno. O *Senryū*, exige apenas esta regra rítmica do *Haiku*, e quanto ao tema, poderia ser qualquer acontecimento do dia-a-dia. Existem também propagandas ou *slogans* que adotam esta regra rítmica.

Atividade 6

Isomura (2009) apresenta um modo de sentir o acento do nível lexical da língua japonesa utilizando o movimento do corpo. O acento de uma palavra poderia ser alterado dentro de uma frase. Isomura (2009) esclarece que, esta atividade é para reconhecer onde teria a queda de tom de uma palavra, para poder levar este conhecimento para a pronúncia da frase e não como atividade de treinar a entonação. Esta atividade também é, supostamente, baseada no *Verbo-tonal Method* pelo seu método, utilizar o movimento do corpo. Vejamos a Figura 17e 18 para poder entender o movimento.

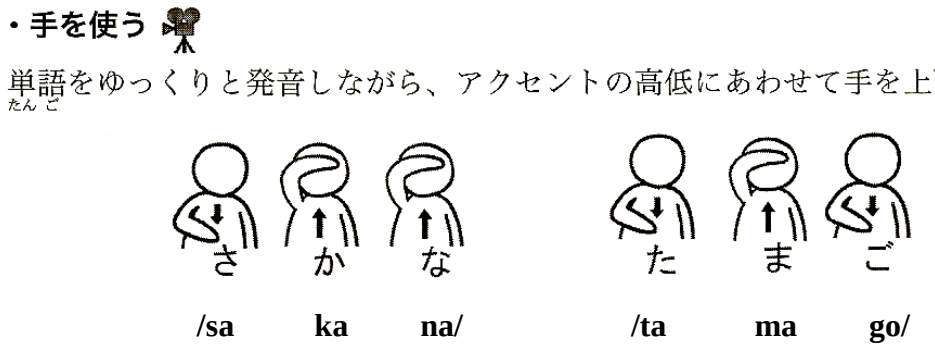


Figura 17 - Exercício para fixar acento da palavra: uso do movimento de braço com as palavras *sakana* /sakaNa/ e *tamago* /tamago/ (ISOMURA, 2009, p.92)[79]

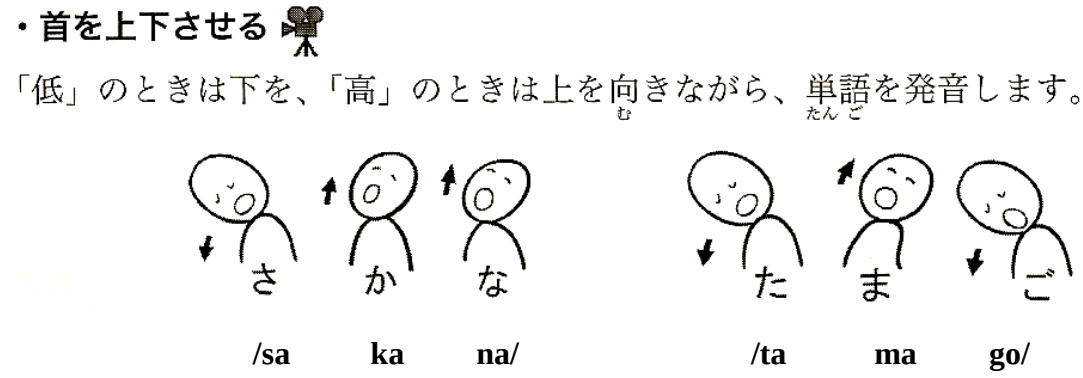


Figura 18 - Exercício para fixar acento da palava: uso do movimento de cabeça com palavras *sakana* /sakaNa/ e *tamago* /tamago/ (ISOMURA, 2009, p.93)[80]

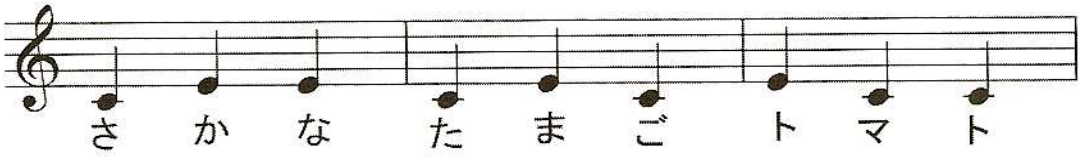
A figura 17utiliza o mrovimento do braço para indicar o tom alto e baixo, e a 18 utiliza o movimento da cabeça para entender a mudança de tom da palavra *sakana* (peixe) e *tamago* (ovo). Como podemos verificar na figura, o caso de *sakana* /sakaNa/, somente a

[79] Tradução do texto contido na figura 17
Utilize o braço: Ao pronunciar a palavra, mobiliza-se o braço de acordo com acento de cada palavra (alto e baixo).

[80] Tradução do texto contido na figura 19
Balançe a cabeça: Pronuncie as palavras ao levantar ou baixar a cabeça de acordo com o acento (alto e baixo)

mora /sa/ é alta e outras *moras* /ka/ e /Na/ são tons baixos. Quanto à palavra *tamago* /tamago/,as moras /ta/ e /go/ são baixos e /ma/ é alto. De acordo com a alteração de tom, utiliza o movimento do corpo para indicar o acento. Importante lembrar para os alunos não nasalizarem a *mora* que vem antes de fonema /N/, ou seja, /ka/ de palavra *sakana* e /ta/ da palavra *tamago*, que é um fato observadas nas pronúncias dos Sujeitos participantes A e B.

Outra maneira de mostrar a diferença de tom é utilizar a partitura musical. Utiliza dois sons diferentes para indicar o tom alto e baixo. Verificamos tons altos e baixos de três palavras, *sakana* /sakaNa/, *tamago* /tamago/ e *tomato* /tomato/.



/sa ka na/ /ta ma go/ /to ma to/

Figura 19 – Exercíco para fixar acento – uso de partitura musical com palavras *sakana* /sakaNa/, *tamago* /tamago/ e *tomato* /tomato/ (ISOMURA, 2009, p.93)

Porém, infelizmente, Isomura (2009), explica que precisamos conhecer o acento de cada palavra sistematicamente. Segundo Isomura (2009), mesmo os aprendizes precisam conhecer o acento de todas as palavras, pois existe um padrão de acento para o verbo e um tipo de adjetivo[81]. Entre verbos, existem apenas dois padrões: o primeiro padrão é que os verbos que não têm queda de tom dentro desses verbos, e outro padrão é que existe uma queda de tom na penúltima *mora*. Existem algumas exceções, porém esse caso se encontra em poucas ocasiões.

Quanto ao adjetivo, isso poderia ajudar para conhecer o acento de palavras de língua japonesa. O primeiro padrão é que estes não têm queda de tom dentro desses adjetivos, e outro padrão éque a queda de tom sempre se encontra antes de /i/

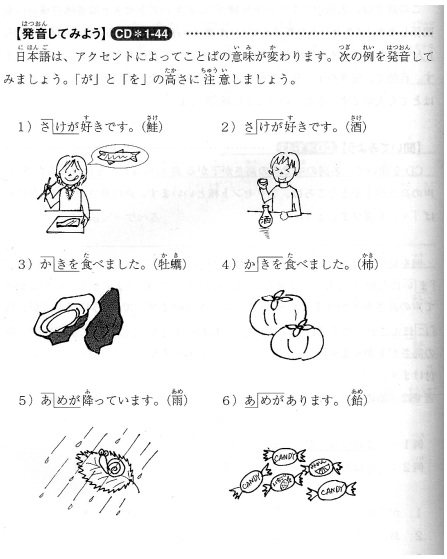
Atividade 7

O livro *Hatsuon* (IMADA, 1989) traz os exercícios que organizam os pares mínimos e homônimos que abrangem os elementos de tom e ritmo. Poder-se-ia utilizar esse tipo de

[81] Imada (2009) utiliza o termo para este adjetivo “adjetivo-i”. Este tipo de adjetivo sempre termina com /i/ numa forma que se encontra no dicionário.

exercícios para treinar a audição para diferenciar o acento de cada palavra e as palavras de pares mínimos dentro de frases (ver anexo D e E). O objetivo desse exercício é aprender a diferenciar o tom, assim, os Sujeitos participantes A e B podem introduzir este tipo de exercício independente de nível da turma.

Porém, o livro de Toda (2004) apresenta os exercícios prontos para treinar os pares mínimos e homônimos juntamente com a figura e com o áudio, junção essa que poderia ajudar para uma compreensão mais eficaz.


【発音してみよう】CD※1-44

日本語は、アクセントによってことばの意味が変わります。次の例を発音してみましょう。「が」と「を」の高さに注意しましょう。

1）さ|けが好きです。（鮭）

2）さ|けが好きです。（酒）

3）か|きを食べました。（牡蠣）

4）か|きを食べました。（柿）

5）あ|めが降っています。（雨）

6）あ|めがあります。（飴）

Figura 20 - Exercício para aprender a pronúncia de palavras homônima (Toda, 2008, p.42)[82]

Atividade 8

Para aprender a entoação da língua japonesa, poder-se-ia utilizar o *Prosody Graf* apresentado no livro chamado *Ichinichi jyuppun no hatsuon renshū* (Kawano; Kushida; Tsukiji; Matsuzaki, 2004) [83]. O curso possui esse livro, porém ainda não foi utilizado na sala de aula. Durante a aula experimental, este livro foi apresentado por Sujeitos participantes A e B. Confirmamos que os Sujeitos participantes A e B nunca aprenderam e nunca ensinaram a

[82] Tradução do texto contido na figura 20:
Vamos tentar pronunciar.

A língua japonesa possui uma característica fonológica que, de acordo com a posição do acento, modifica o significado da palavra. Vamos treinar a pronúncia com seguintes frases. Vamos tomar cuidado com a altura do tom das partículas “ga” e “wa”.

(1) Sake ga sukidesu (Eu gosto de salmão)
(2) Sake ga sukidesu (Eu gosto de *sake*, bebida alcoólica japonesa)
(3) Kaki wo tabemashita (Eu comi ostra)
(4) Kaki wo tabemashita (eu comi caqui)
(5) Ame ga futte imasu (Está chovendo)
(6) Amega arimasu (Há balas)

[83] “Exercícios de pronúncia da língua japonesa, dez minutos por dia” (tradução nossa)

questão de entoação deste idioma e, assim, conheciam este livro, porém nunca utilizaram em sala de aula.

A unidade mínima de que o livro trata não é a nível lexical, mas a nível frasal. A diferença na abordagem deste livro está na aprendizagem da mudança melódica de determinada frase na forma visual, tratando da entoação com a marca indicadora de mudança melódica de forma diferente de outros livros. Em outros livros, a marca indicadora de acento é colocada em cada palavra, porém, este gráfico indica tanto o acento como a entoação. Vejamos aqui, na figura 21, o gráfico chamado *Prosody Graf*.

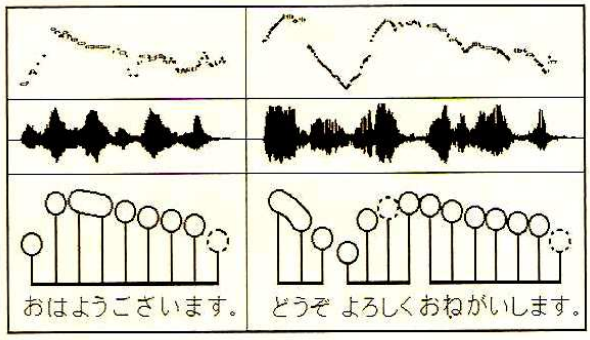


Figura 21 - *Prosody Graf* (KAWANO; KUSHIDA; TSUKIJI; MATSUZAKI, 2004 p. iv)

Os autores deste livro denominaram a diferença de tom como “montanha”. Tal termo está sendo utilizado para indicar um segmento composto de apenas uma subida de tom dentro de uma frase. No gráfico do lado esquerdo na figura 21, existe apenas uma “montanha”, enquanto no gráfico da direita, existem duas montanhas em apenas uma frase. Cada *mora* é indicada por um desenho como uma bola e a *mora* prolongada é representada pela imagem de uma elipse.

Quanto à mudança melódica frasal, ela está representada com a linha vertical diferenciada pela altura. E a questão fonética é tratada apenas no não pronunciamento da vogal indicado por uma bola ou elipse com a linha ponteada. Existe um site que oferece exercícios contidos nesse livro, junto com o áudio. Então, podem entrar no *site* para experimentar este material[84].

Os sujeitos poderiam juntar os dois tipos de atividades, atividades de aprender o ritmo e acento, como no caso de **Atividade 1 e 2,** e **Atividade 5**, contando número de *moras* com o movimento do corpo e ao mesmo tempo, utilizar o movimento do corpo para enfatizar a mudança de tom. A partir dessas atividades apresentados acima, poder-se-ia desenvolver muito mais atividades que poderiam ser inseridas na sala de aula no seu ambiente de ensino.

[84] http://home.hiroshima-u.ac.jp/hiroshim/pg.html. Acesso em 10 de maio de 2010.

5.2.4 Sugestões para o desenvolvimento de atividades a serem inseridas por Sujeitos participantes A e B.

Os sujeitos participantes mostravam sua criatividade para introduzir a prática oral da língua japonesa. Podemos desenvolver as atividades de ensino de pronúncia da língua japonesa a partir das atividades atuais já inseridas na sala de aula com a criatividade de cada professor. Em seguida, apresentaremos as atividades que podemos realizar com material do curso ou material que poderiam ser adquiridos com facilidade através da rede digial, ou seja, internet.

5.2.4.1 Modificação de atividades adotadas nos livros

O curso possui um livro chamado *Ofukurowa fukuro? Kanchigai* 50 – *Is My Mother a Bag*?[85] O livro é organizado com base num programa de rádio coreano que estava sendo transmitido entre 1999 a 2000. Este livro juntou cinquenta diálogos que podem causar mal-entendidos, ocasionalmente, mesmo entre os japoneses, por causa da pronúncia, da estrutura gramatical e da diferença de costume entre culturas diferentes visando o público como aprendizes de língua japonesa no nível intermediário.

Originalmente, esse livro é utilizado como exercício de compreensão auditiva com a gravação de japoneses nativos, porém, podemos aproveitar alguns diálogos apresentados neste livro focalizando o mal-entendido causado pelo ritmo e pelo acento. Apresentamos um exemplo de exercício utilizando o exercício 11 deste livro para explicar o processo da atividade. Descrevemos aqui, o diálogo em japonês e transcrição em *rōma-ji*, e a tradução do diálogo em português. O roteiro do diálogo foi extraído da página 55 deste livro.

Escrita em japonês	Transcrição em *Rōma-ji*
男：山田さんがビールをつくったんだって。	*Otoko*: *Yamadasan ga bīru wo tsukuttandatte.*
女：うらやましいわあ。	*Onna*: *Urayamashiiwaa.*
男：僕も作るんだ。	*Otoko*: *Bokumo tsukurunda.*
女：あなたも？みんな金持ちなのねえ。	*Onna*: *Anatamo? Minna kanemochi nanonee.*
男：どうして？ビールをつくるだけだよ。君だってできるよ。	*Otoko*: *Doushite? Bīru wo tsukuru dake dayo. Kimi datte dekiruyo.*

Quadro 33-Roteiro do diálogo do Exercício 11

[85] "Minha mãe é uma sacola? Mau entendimento 50" (BONJINSHA, 2002). (tradução nossa)

- Tradução em português -

Homem: Ouvi falar que o Sr. Yamada fez uma cerveja caseira.

Mulher: Nossa, que bom.

Homem: Eu farei isso também.

Mulher: Você também? Nossa, mas todos têm dinheiro, hein?

Homem: Por quê? Farei apenas uma cerveja caseira. Você também pode fazer.

Neste diálogo, a mulher entendeu a palavra *bīru* [biːrɯ] como *biru* [birɯ]. A palavra "*bīru*" possui três moras tendo prolongamento na *mora* /i/, por sua vez, a palavra "*biru*" possui duas *moras* sem ter prolongamento. A primeira significa cerveja, e a segunda significa prédio. Assim, a mulher entendeu que Sr Yamada construiu um prédio, e achou que o homem também faria isso facilmente. Por isso, ela comentou no diálogo, "Nossa, mas todos têm dinheiro, hein?". É subtendido fazer uma cerveja caseira não é uma atividade que tem custo alto. Vejamos aqui, as propostas novas para utilizar este material.

O principal objetivo desta atividade modificada do exercício é utilizar a gravação de produção oral dos alunos. Os alunos vão realizar este diálogo para ser gravado. A gravação será utilizada no lugar de material de áudio gravado por japoneses nativos. Assim, os alunos precisam diferenciar bem a existência/ausência de prolongamento na segunda *mora* /i/. O procedimento desta atividade é o seguinte:

1. Escolher dois alunos para realizar este diálogo.
2. Dois alunos praticam bastante este diálogo ao ouvir o material de áudio do livro.
3. Gravar a produção deste diálogo produzido pelos mesmos.
4. Utilizar a gravação do diálogo dos alunos na sala de aula no lugar de material de áudio que acompanha esse livro.
5. Outros alunos fazem o exercício do modo original, mas desta vez, será com o diálogo feito com os colegas da sala.

A vantagem da gravação é que os dois alunos refletem sobre suas pronúncias e, ao mesmo tempo, o professor também poderia aperfeiçoar sua capacidade de avaliação junto com os alunos ao acompanhar a gravação.

Também, em vez de fazer a gravação, poder-se-ia realizar o diálogo dos alunos na sala de aula. Seria interessante os alunos inserirem algumas ações como teatro, para que o diálogo se torne mais real. Através desta atividade, poder-se-ia mostrar para os alunos a importância

de uma pronúncia inteligível para os outros. Ao mesmo tempo, esperamos criar o hábito de avaliar a pronúncia dos outros.

Assim, com este livro, podemos trazer um exercício no nível frasal para treinar a pronúncia da língua japonesa levando em consideração o contexto em que poderia acontecer no dia-a-dia.

5.2.4.2 Gravação de produção oral

Recomendamos aqui, mais uma atividade para utilizar a gravação de voz dos Sujeitos participantes A e B e trabalhar junto com os nativos para criar o parâmetro de avaliação de pronúncia dos alunos e, ao mesmo tempo, dos próprios Sujeitos participantes.

Durante a observação de aula dos Sujeitos participantes A, acompanhamos também a prova oral de três Sujeitos: Sujeitos participantes A-1, 3 e 4. O modo de aplicar a prova oral mostra a criatividade de cada Sujeito participante. Porém, percebemos que o critério de avaliação de prova oral não estava claro. A partir dessa observação, a sugestão que faremos aqui será o restabelecimento sobre a avaliação de pronúncia da língua japonesa durante a prova oral. O objetivo principal da prova oral estava sendo a confirmação do grau de compreensão dos alunos sobre estruturas e regras gramaticais que apareceram nos capítulos estudados através de produção oral, mas como os alunos vão ter oportunidade de se expressar em língua japonesa neste momento, poderia ser avaliada também a pronúncia deles.

Para efetuar a avaliação de pronúncia dos alunos na prova oral, recomendamos utilizar um aparelho que possa gravar a voz durante a prova oral, porque durante a prova oral, seria interessante focalizar mais na manutenção de comunicação oral do que na pronúncia. Como os Sujeitos A e B comentaram que ainda não estão seguros para avaliar a pronúncia dos outros, nesse momento, a avaliação de pronúncia, poderia pedir a colaboração de um japonês nativo. Através da avaliação junto com um nativo, poder-se-ia perceber em que pontos os nativos sentem dificuldade na compreensão do significado na produção oral dos alunos. Seria importante se acostumarem a ouvir a pronúncia dos outros.

Como foi citado anteriormente, no curso é difícil encontrar um japonês nativo ou pessoas que poderiam avaliar a pronúncia da íngua japonesa. Porém, atualmente, o uso de internet é bastante comum para maioria dos Sujeitos participantes A e B, pois é interessante manter o contato com os japoneses que os Sujeitos participantes conheceram e que têm interesse em colaborar no ensino de japonês para o curso. Através de questionário, podemos entender que alguns Sujeitos participantes já possuem este tipo de contato pessoalmente, mas

podemos organizar esses contatos para que se possa criar uma comunidade de troca de ajuda, tanto para os Sujeitos participantes poderem receber colaboração dos japoneses nativos, como para os Sujeitos participantes poderem oferecer algumas colaborações para os japoneses.

Assim, os Sujeitos participantes poderiam criar um parâmetro de avaliação de pronúncia da língua japonesa dos alunos focalizando os pontos que não serão inteligíveis para os japoneses nativos e, ao mesmo tempo, poderiam verificar as diferenças entre japoneses nativos e Sujeitos participantes sobre a percepção dos japoneses nativos sobre a pronúncia de aprendizagem desta língua.

5.2.4.3 Teatro

Outra sugestão que podemos fazer aqui é sobre a peça teatral que os alunos do Sujeito participante A-4. Sujeito participante A-4 organiza peças teatrais para sua turma. Quando há apresentação de peça teatral, geralmente é realizada na sala de aula no final de semestre, porém todos os alunos são convidados para assistir. Como o ambiente da turma é favorável para fazer brincadeiras entre eles, inclusive o professor, esta atividade é uma das atividades em que os alunos se divertem tanto de participar como de assistir.

Dentro desta atividade, os participantes se expõem bem, porém eles raramente decoram a sua fala que está no roteiro da peça e, consequentemente, acabam lendo o roteiro no momento da apresentação. Quanto à pronúncia, como eles se concentram somente na leitura, não se preocupam com a pronúncia. O objetivo principal dessa atividade talvez seja o desenvolvimento comunicativo ou o incentivo ao uso da língua japonesa, porém, esta atividade poderia ser modificada de modo que se incluam atividades de prática de pronúncia da língua japonesa.

Então, poder-se-ia aproveitar os materiais extras que muitos Sujeitos participantes A e B utilizam, isto é, materiais audiovisuais em japonês adquiridos através de várias maneiras, tais como: internet, gravações de programas de televisão transmitidos ou filmes lançados no Brasil. Escolher uma das cenas interessantes, e primeiramente, fazer a transcrição de fala das personagens de novela para eles fazerem o roteiro de uma cena para fazer a encenação. Nesse momento, os alunos têm que prestar atenção maior na fala dos personagens, e assim, poderem se acostumar à velocidade da fala autêntica. Depois que terminar de fazer o roteiro, os alunos vão treinar a fala da sua personagem ao ouvir a fala original de um personagem do material audiovisual. Durante esse processo, podemos esperar a melhoria da compreensão auditiva da

fala que acontece no dia-a-dia dos japoneses. Consequentemente poder-se-ia esperar o melhoramento de pronúncia ao acostumar-se a avaliar o som da língua japonesa

Talvez, para turmas de nível inicial tenha-se dificuldade na elaboração de roteiro através de compreensão auditiva, por nessas turmas haver menos conhecimento linguístico de japonês. Neste caso, propomos uma alternativa a esta atividade. Em vez de organizar o roteiro que segue a fala de um modelo, eles criam o diálogo de acordo com estruturas gramaticais que aprenderam até então. Neste caso, o Sujeito participante que acompanha essa atividade não teria o modelo de fala dos nativos, porém, poderia indicar as principais características de pronúncia da língua japonesa para não deixar esta atividade simplesmente como uma diversão no curso.

5.2.4.4 Pesquisa sobre materiais para o estudo de pronúncia

Nesta seção, apresentamos algumas indicações de material de ensino de pronúncia da língua japonesa que pertencem ao curso de japonês do NLE para facilitar a aprendizagem de estudo de pronúncia da língua japonesa, isto é, aprender a identificação de acerto. Por terem uma maneira de identificar o acento da língua japonesa, acreditamos que, facilitará sua aprendizagem de pronúncia deste idioma.

Mais uma vez, citamos o livro *Hatsuon* (IMADA, 1989), que apresenta várias formas de indicação de acento adotadas por vários materiais, tais como: dicionários de japonês, dicionários de acentuação de japonês, dicionários de japonês-inglês, livros sobre acento da língua japonesa, livros de ensino de japonês pra estrangeiros, entre outros. (ver o anexo D e E) Os Sujeitos participantes podem escolher uma maneira de indicação de acento que fique melhor para eles utilizarem no seu estudo individual, por exemplo, quando fore, fazer o exercício de compreensão auditiva.

O Dicionário de Japonês-Português (Jaime Nuno Cepeda Coelho, 1998) seria mais um material que oferece o modo de indicação de acento de palavras japonês. Neste dicionário, as palavras japonesas estão escritas em *rōma-ji* e os significados estão escritos em português. Nas palavras japonesas, há uma indicação de acento em cada palavra. O sistema da indicação do acento é colocar um acento agudo, como o do sistema de ortografia do português, em cima da vogal de cada *mora*, onde possuem os tons altos. (ver anexo G) Recomendaremos consultar esse dicionário para conhecer esse tipo de marca indicadora de acento para os Sujeitos participantes ter mais uma opção da sua maneira de anotar o acento da língua japonesa além do livro *Hatsuon* (IMADA, 1989).

Mais um material do referido curso que poderia apoiar a aprendizagem de pronúncia da língua japonesa para os Sujeitos participantes A e B é Dicionário de acento da língua japonesa (NHK, 1998). Sugerimos que os Sujeitos participantes façam um estudo sobre o acento dos vocabulários da língua japonesa. O dicionário indica onde cai o acento dentro de uma palavra, então os Sujeitos participantes A e B poderiam se acostumar com a indicação de acento do dicionário (ver o anexo H). Existem alguns Sujeitos participantes que utilizam o material de áudio para introduzir os vocabulários novos. A metodologia que se utiliza é a repetição de áudio. Então, seria interessante fazer um pré-estudo sobre o acento de cada palavra nova e assim, poderiam ficar mais seguros para avaliar a pronúncia dos alunos quando for indicar os vocabulários novos na sala de aula.

Assim, tendo um estudo organizado sobre metodologia de ensino de pronúncia da língua japonesa, os professores poderiam desenvolver o ensino e aprendizagem de pronúncia da língua japonesa no referido curso.

Para finalizar esta seção, ressaltamos que as atividades e indicações sugeridas não são prontas e acabadas. Os dados são apenas umas ideias para os Sujeitos participantes poderem se referir como base de informação para desenvolver outras atividades considerando a necessidade e perfil de cada turma. E, esses dados poderão ser analisados e discutidos durante a atividade do Grupo de formação de professores de japonês do NLE como incentivo para trabalhar pronúncia de língua japonesa.

No próximo capítulo, apresentaremos sucintamente todo o trabalho para finalizar esta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral realizar uma investigação sobre o tratamento do ensino de pronúncia no Curso de Japonês do Núcleo de Línguas da UECE e elaborar uma proposta didática para contribuir com a melhoria do processo de ensino e aprendizagem da língua japonesa no referido curso. Nossos objetivos específicos pretendiam verificar os fenômenos que se manifestam na produção oral dos professores do Curso de Japonês do NLE; as metodologias que os professores do curso de japonês adotam para ensino de pronúncia no que se refere ao tom, à duração e aos elementos segmentais da língua japonesa; as atividades didáticas adotadas pelos professores para o ensino da pronúncia na mesma instituição; as atividades didáticas que poderiam ser propostas a este curso para que as peculiaridades essenciais da pronúncia do idioma japonês sejam destacadas.

Para fundamentar nossas intenções de pesquisa, baseamo-nos, principalmente, nos estudos fonéticos e fonológicos de Cagliari (1999), Massini-Cagliari (1992), Barbosa (2000), Collischonn (1996), Kashima (2005), Koizumi (1993), nos pressupostos teóricos sobre ensino de linguas estrangeiras de Brown (2000), Sasaki (1994), sobre a interlíngua de Corder (1972), Ellis (198), Gass. Susan M & Gass.Larry Selinker (1997), e nas pesquisas acerca de problemas de pronúncia de aprendizes de linguas estrangeiras de Silva (2006), Toda (2003), Tasugawa (1999) Ogawara (1997), e nas propostas didáticas de Toda (2004, 2008), Isomura (2009), Imada (1989).

Tendo em vista tais objetivos e referenciais teóricos, optamos por um caráter qualitativo-descritivo como natureza dessa pesquisa e desenvolvemos a metodologia desta pesquisa com coleta de dados em várias etapas: teste de leitura em voz alta; análise de materiais didáticos utilizados no referido curso; observação de aulas; oficina de pronúncia da língua japonesa dos professores do curso de japonês do NLE; aplicação de questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa com professores do referido curso e um questionário com a coordenadora do mesmo para conhecer sobre o perfil do curso.

Denominamos quatro professores como Sujeitos participantes A-1, A-2, A-3 e A-4 para realizar a gravação de leitura em voz alta e as observações de aula. Os professores que não foram enquadrados como Sujeitos participantes A foram denominados como Sujeitos participantes B. Todos os professores, em outras palavras, Sujeitos participantes A e B responderam ao questionário e participaram da oficina de pronúncia da língua japonesa.

Todos os Sujeitos participantes A e B são concludentes do mesmo curso onde eles ensinam atualmente.

Para analisar a pronúncia dos Sujeitos participantes A, efetivamos um teste de leitura em voz alta dos Sujeitos participantes A com os colaboradores japoneses como um suporte de análise, para não depender da impressão/percepção de uma japonesa nativa, autora desta pesquisa.

No segundo momento do diagnóstico, verificamos o tratamento de pronúncia dentro de materiais didáticos utilizados no referido curso.

No terceiro momento, observamos as aulas de quatro professores do curso de japonês do NLE. Os dados colhidos nas observações da prática dos professores nos permitiram verificar qual a pronúncia de japonês durante a fala espontânea, o tratamento dado ao ensino de pronúncia, bem como quais as estratégias didáticas e metodológicas utilizadas por cada professor.

Por fim, realizamos uma oficina de pronúncia da língua japonesa para oferecer um espaço para estudar a pronúncia da língua japonesa e discutir sobre ensino e aprendizagem de pronúncia da língua japonesa.

Procedemos à aplicação de um questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa tanto com Sujeitos participantes A como Sujeitos participantes B. O objetivo maior do questionário é verificar a metodologia, as dúvidas e a postura sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa como atual professor, e também refletir sobre quando eram alunos da instituição onde eles ensinam agora.

No outro momento de diagnóstico, aplicamos um questionário com a coordenadora do curso de japonês do NLE para obtermos mais informações obre o funcionamento da instituição, objetivo do curso e sobre o ensino de pronúncia deste idioma.

A análise dos resultados obtidos durante a fase de diagnóstico do teste de leitura em voz alta dos Sujeitos participantes A nos revelou que há algumas inadequações de pronúncia dos Sujeitos que deixa alguma ambiguidade na compreensão por parte dos nativos japoneses. O resultado da análise de pronúncia dos colaboradores japoneses reforçou a análise de pronúncia dos Sujeitos participantes pela autora desta pesquisa.

Durante a análise de materiais didáticos, verificamos que tais materiais tratam sobre a pronúncia de língua japonesa de modo expositivo, porém, não trazem os exercícios concretos voltados para treinar a pronúncia deste idioma. A estratégia mostrada na instrução de uso do material orienta para que cada aprendiz atente ao áudio no sentido de se familiarizar com a velocidade e pronúncia de fala dos nativos.

A análise dos resultados obtidos na fase das observações de aula nos revelou que os Sujeitos participantes A introduzem o ensino de pronúncia quando utilizam o material de introdução à escrita japonesa, *Hiratага* e *Katakana* e incluem a explicação sobre sistema fonético e fonológico da língua japonesa. Assim, quando terminam o ensino de escrita *Hiratага* e *Katakana*, os Sujeitos participantes A se esforçam para estabelecer um ambiente de comunicação oral em japonês, porém, o único tratamento de pronúncia foi a correção ou indicação durante a leitura de texto em voz alta dos alunos, onde ocorreu eliminação de pausa ou inclusão de prolongamento. Quanto ao acento, não foi mencionado por eles. A mesma tendência foi verificada pelos dados do questionário e pelas discussões feitas durante a oficina de pronúncia da língua japonesa, o ensino de pronúncia deste idioma não foi bem trabalhado por todo nível de turma. Porém, verificamos também que os Sujeitos participantes estão em duvidas sobre o quê, como e quando inserir este tema. Por isso, foi limitado ao Semestre I quando introduziam a escrita japonesa, *Hiragana* e *Katakana*.

Conforme o questionário aplicado aos Sujeitos Participantes A e B, foi verificado que a estratégia de ensino, segundo eles, é parecida com a que os professores deles utilizavam, isto é, repetição de áudio ou repetição da própria pronúncia dos professores.

Apesar dos problemas detectados, percebemos, por muitas vezes durante nossa pesquisa, que os professores têm a consciência de que o ensino de pronúncia é um aspecto que deve ser inserido no seu planejamento de aula do referido curso. O que parecia faltar-lhes, em nossa opinião, eram direcionamentos para esta prática. Confirmamos essa necessidade de orientação didática a partir das respostas afirmativas dos professores quando indagados, no questionário, sobre a importância de existir no NLE uma proposta para o ensino de pronúncia.

No momento de discussão dos dados, averiguamos que até então não houve, no Curso de japonês, uma proposta didática voltada para o ensino de pronúncia da Língua Japonesa.

Nossa proposta, pautada nas dificuldades de ensino detectadas na fase do diagnóstico, visa contribuir com algumas orientações para o tratamento dos elementos de pronuncia em sala de aula. Nossa ideia foi de sugerir algumas atividades que contemplam os elementos segmentais e suprassegmentais.

Nossa proposta, no entanto, não tem a intenção de limitar a atuação dos professores, mas deve servir apenas como uma sugestão, passível de ser adaptada às peculiaridades de cada contexto de ensino.

Apesar dos esforços, este estudo apresenta algumas limitações resultantes de diferentes fatores. Com relação ao diagnóstico, seria mais proveitoso se as observações

tivessem ocorrido por um período maior de tempo e com mais professores, para que pudéssemos verificar o tratamento de ensino de pronúncia do curso como um todo.

Seria enriquecedor observar, também, a mudança de tratamento de pronúncia da língua japonesa antes e depois da oficina de pronúncia para que pudéssemos investigar a importância de uma orientação e estudo conjunto sobre pronúncia da língua e as dificuldades mais recorrentes dos Sujeitos participantes A e B com relação à pronúncia da língua japonesa para tornar a proposta mais completa.

Uma vez que os professores do Curso são também aprendizes da língua japonesa, precisam ter aulas de aperfeiçoamento de habilidades lingüísticas. Estando eles em processo de aprendizagem, podem bem conpreender as dificuldades de aquisição de língua japonesa por parte dos alunos, em nosso caso especialmente em relação à pronúncia. É um fato plausível que esses professores se esforcem para adquirir o conhecimento mais aprofundado sobre esse tema, e também, refletir como levar em prática no seu ensino na sala de aula.

A partir das limitações apresentadas acima e de nossa reflexão sobre os resultados obtidos na pesquisa, apontamos algumas sugestões para possíveis trabalhos futuros:

- Estudos longitudinais sobre os efeitos da abordagem de ensino da pronúncia adotada pelo professor no processo de aquisição dos elementos de pronúncia;
- Pesquisas sobre as dificuldades de pronúncia mais recorrentes de estudantes cearenses aprendizes de japonês, inclusive os professores, abordando aspectos segmentais e suprassegmentais;
- Inclusão de materiais e atividades que contemplem conteúdos necessários para o desenvolvimento de pronúncia de todos os aprendizes.

Com os dados apresentados nessa pesquisa e, a partir de nossa proposta didática, esperamos contribuir para a melhoria do desempenho de prática de ensino, no que se refere ao ensino de pronúncia da língua japonesa. Pretendemos também, com a divulgação de nossos resultados no curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras, conscientizar e incentivar os professores em direção a uma atuação mais eficiente em sala de aula no que diz respeito ao ensino de pronúncia da língua japonesa.

Desejamos que nosso estudo sirva para todos aqueles que lidam com o ensino do japonês .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AOTS (The Association for Overseas Technical Scholarship) S*hin Nihongo no Kiso* (Novo Japonês básico). Tokyo: 3A Network. 1989.

BARBOSA. Plínio A. *Syllable-timing in Brasilian portuguese:* uma crítica a Roy Major. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a06v16n2.pdf> Acesso em: 20 de agosto de 2010.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching.* 3rd. ed. Englewood Cliffs. N.J: Prentice Hall: 1993.

CANTONI, M.M. O acento no português brasileiro segundo uma abordagem baseada no uso. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 38 (1): 1-385, jan.-abr. 2009. p.930p.102. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_INTEGRA.pdf>. Acesso em 10 de outubro. 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Acento em português* – estudos sobre as regras de atribuição de acento em português. Campinas: Edição do Autor. 1999.

COELHO, Jaime Nuno Cepeda. *Dicionário de japonês-português*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1998.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.95-130.

COLLISCHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.131-164.

CORDER, S.P. *Error Analyses and Interlanguage.* Oxford: Oxford University Press, 1981.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DÖRNYEI, Z. *Questionnaires in Second Language Research – Construcution, Administration, and Processing*. Malwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. Tradução de YSHIMA, T; TAKEUCHI O. Tóquio: Shōhakusha, 2009.

ELLIS, Rod**.** The Origins of Interlanguage. *Applied linguistic*, vol III, n.3, p.207- 223. 1982.

GASS, Susan M. GASS, Larry Selinker. *Secondn language acquisition: An introductory course*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.

GONÇALVES, H. A. *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Avercamp, 2005.

HINATA, Noemia. *Dicionário japonês-português romanizado*. Tóquio: Kashiwa Shyobō, 1992.

HIRAI, Etsuko. MIWA, Sachiko. *Kaite oboeru bunkei renshūchō*. Tóquio: 3A Network, 2000.

IMADA, Shigeko. *Hatsuon*. Tóquio: Bonjinsha, 1989.

ISHII, Shouji. *Shougakusei no Shin Reinboo Kanji Yomi Kaki Jiten*. Tóquio, Gakken, 2006.

ISHIZAWA, Hiroko; TOYODA, H. *Minna no nihongo.* Tóquio: 3A Network, 1998.

ISHIZAWA, Hiroko; TOYODA, H. *Minna no nihongo.* Livro-tradução e notas gramaticais. Tóquio: 3A Network, 2000.

ISOMURA, Kazuhiro. *Onsei wo oshieru.* Tóquio: Hitsuji shobō, 2009.

JOKO, A.T. Análise Contrastiva dos Sistemas Fonológicos do Japonês e do Português: Subsídios para o Ensino do Japonês para falantes do Português do Brasil. 1987.103f. Dissertação (Mestrado em Lnguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1987.

KADOWAKI, Kaoru. NISHIUMA, Kaoru. *Yasashī Sakubun* (Caderno de exercício de redação) Tóquio: 3A Network, 1999.

KASHIMA, Tanomu. *Nihongo kyōiku wo mezasu hitono tameno kisokara manabu onseigaku*. Tóquio: 3A Network, 2005.

KAWAGUCHI, Yoshikazu. *VT (verubo tonaru) hou ni yoru niei shidō.* In: Toda. *Nihongo kyōiku to Onsē***.** Tóqio: Kuroshio Shuppan, p.117-138, 2008.

KAWARAZAKI, Mikio. *Nihongo: Kana – Uma introdução ao silabário japonês*. Tóquio: Binjinsha, 1980.

KAWANO, Toshiyuki; TSUKIJI, Nobumi; MATSUZAKI, Hiroshi, KUSHIDA, Machiko. *Ichinichi Jyuppun no Hatsuon Renshū* . Tóquio: Kuroshio Shuppan, 2004.

KAWANO, Toshiyuki, *Ichinichi Jyuppun no Hatsuon Renshū.* Disponível em <http://home.hiroshima-u.ac.jp/hiroshim/pg.html> Acesso em: novembro de 2009.

KAWASE, Ikuo. SUGIHARA, Masakatsu; UENO, Tazuko. *Hatsuon*. Tóquio: Binjinsha, 1980.

KOIZUMI, Tamotsu. *Nihongo kyoushi no tameno gengogaku nyūmon.* Tóquio: Taisyuukan shoten, 1993.

KUBOZONO, Haruo; TANAKA, Shinichi. *Nihongo no hatsuon kyōshitsu - riron to renshū.* Tóquio: Kuroshio syuppan, 1999.

KURIHARA, Akiko et al. *Progressive nihongo shokyu:* Curso básico de japonês 1. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MAKINO, Akiko; TANAKA, Yone; KITAGAWA, Itsuko. *Chōkai tasuku 25* Tóquio: 3A Network. 2003.

MAKINO, Akiko; SAWADA, Sachiko; SHIGEKAWA, Akemi; TANAKA, Yone; MIZUNO, Mariko. *Shokyū de yomeru topikkusu 25* (Caderno de exercício para leitura de textos). Tóquio: 3A Network 2001

MELLO, N, Wadison. Apostila *Kana nyuumon* – Introdução ao *Kana*. 2007. (Material não publicado).

NHK. *Nihongo hatsuon akusento jiten*. Tóquio: NHK Hōsō Bunka Kenkyūjo, 1998.

OGAWARA, Yoshirou. *Gaikokujin nihongo gakusyūsya no hatsuon gakusyūni okeru jiko monitā no kenkyū.* 1997. Disponível em <http://ir.library.tohoku.ac.jp/re/handle/10097/14260>. Acesso em 14 de maio. 2009.

PAIVA,V.L.M.O. Ensino de vocabulário. In: DUTRA, D.P & MELLO, H. A gramática e o vocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2004. (Estudos Lingüísticos; 7). Disponível em <http://www.veramenezes.com/vocabulario.htm> Acesso em 10 de julho. 2010.

RIBEIRO, Maria Alice Capocchi. Século XX: o século da controvérsia na Lingüística Aplicada e no ensino de Gramática. Disponível em <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2006.html>. Acesso em 10 de julho. 2010.

SAKANE, Shigeru. HINATA, Noemia. *Dicionário português-japonês romanizado.* Tóquio: Kashiwa Shyobō, 1992.

SASAKI, Mizue. *Ōdio ringaru mesoddo to komyunikatibu apurōchi no yūgō wo mezashite* (The Communicative Approach and the Audio-Lingual Method in the Teaching of Japanese as a Foreign Language) PP.38-54 Departmental Bulletin Paper Jan-1994. Disponível em <http://hdl.handle.net/10131/1112> Acesso em: 10 de junho. 2010.

SHINYA. Makiko, KOGA. Chiyoko, TAKADA. Ryou, MIKOGAMI. Keiko. *Kanji I - English edition*, Tóquio: 3A Network 2000.

SILVA, Thaïs, Cristofaro. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo**:** Contexto, 2005.

_____. *O Ensino de pronúncia na aula de língua estrangeira.* Disponível em <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/ensinopronuncia-2006-ms.pdf>Acesso em: 27 maio. 2009

TASUGAWA, Yasuhiko. *Burajirujin nihongo gakushuūsya no 2 mora to 3 mora no pitch* jitsugen. In: *Onsei kenkyū* (Journal of the Phonetics Society of Japan), Tóquio, vol.3, n.3, p.13-25, dezembro. 1999.

TODA, Takako. *Gaikokujin gakushūsha no nihongo tokushu on no shūtoku* In: *Onsei kenkyū*. Tóquio vol.7, n.2, p.70-83, 2003.

_____. *Nihongo kyōiku to Onsei*. Tóqio: Kuroshio Shuppan, 2008.

3A Network, Minnna no nihongo Livro-instrução de metodologia. Tóquio: 3A Network, 1999.

Apêndice A: Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia (pesquisa-piloto)

Dados pessoais	1. Nome 2. Turma
Experiência de estudo da língua japonesa	1. Idade com que iniciou o estudo 2. Tempo de estudo Tempo de ensino 3. Freqüência de uso da língua japonesa oralmente. 4. Tem contatos com japoneses nativos? Qual é a freqüência? Comunica-se em que língua? 5. Já foi ao Japão / Ficou quanto tempo? Comentários
Nível da língua japonesa (auto-avaliação)	1. Escrita (muito boa / boa / razoável / ruim / muito ruim) 2. Fala (muito boa / boa / razoável / ruim / muito ruim) 3. Compreensão auditiva (muito boa / boa / razoável / ruim / muito ruim) 4. Nível de pronúncia (muito boa / boa / razoável / ruim / muito ruim) Comentários
Ensino de pronúncia	1. Como você trata o ensino de pronúncia na sua sala de aula? Qual material você utiliza? 2. Você corrige pronúncia dos alunos? Qual freqüência?
Estudo de pronúncia	1. Tem experiência de aulas de pronúncia? (sim/não) 2. Se alguém corrigir sua pronúncia, você acha que sua pronúncia pode melhorar? (sim/não) 3. Você está satisfeito com sua capacidade de pronúncia? (sim/não) 4. Qual a freqüência da correção da sua pronúncia pelo seu colega? 5. Você gostaria que o interlocutor achasse sua pronúncia igual à de um nativo? (sim/não) 6. Você acha suficiente manter uma comunicação razoável mesmo sem ter uma boa pronúncia? (sim/não). 7. Você acha que se não tiver uma boa pronúncia será difícil transmitir suas idéias? (sim/não) 8. Você sentiria vergonha se não tivesse uma boa pronúncia? (sim/não) 9. Você acha desvantagem não ter uma boa pronúncia? (sim/não) 10. Você acha que seria difícil ser aceito na sociedade se não tivesse uma boa pronúncia? (sim/não) 11. Você quer ter aulas de pronúncia? (sim/não) 12. Você acha que pode melhorar sua pronúncia com materiais auditivos ou áudio-visual? (sim/não) 13. Você acha que precisa ter mais tempo para ensinar sobre pronuncia da língua japonesa na sala de aula? Comentários:

Atitude sobre estudo de pronúncia	1. A matéria sobre pronúncia é importante na aprendizagem de língua japonesa. (sim/não) 2. Qual o grau de importância de ter a pronúncia igual à de um japonês nativo? 3. Quero se comunicar em japonês com japoneses nativos (sim/não) 4. Quero trabalhar ou estudar com japoneses nativos (sim/não) 5. Quero conversar com um japonês nativo com uma pronúncia igual ao nativo. (sim/não) 6. Sempre tenho preocupação de como os japoneses nativos e os outros aprendizes pensam sobre a minha pronúncia. 7. Quero me esforçar para melhorar minha pronúncia. (sim/não) 8. Não ficarei satisfeito (a) com o nível de pronúncia atual e continuarei me esforçando para adquirir uma pronúncia igual ao nativo. (sim/não) 9. Gostaria de ter mais aulas ou orientações sobre a pronúncia. (sim/não) Comentários
Estratégia de auto-avaliação	1. Quando alguém corrige minha pronúncia, sinto a diferença entre antes e depois da correção. (sim/não) 2. Tento imitar a pronúncia dos materiais de áudio ou dos professores. (sim/não) 3. Comparo minha pronúncia e com modelo tais como; filmes, programas de TV, músicas, materiais de compreensão auditiva. (sim/não) 4. Comparo minha pronúncia com a dos outros aprendizes. (sim/não) 5. Aproveito as dicas dos colegas para melhorar minha pronúncia. (sim/não) 6. Sempre tomo cuidado com minha pronúncia quando vou pronunciar algo em japonês. (sim/não) 7. Tento saber como aquelas pessoas que possuem uma boa pronúncia estudam pronúncia. (sim/não) 8. Sempre comparo aspectos comuns e diferentes da pronúncia da língua portuguesa e da língua japonesa. (sim/não) 9. Você tem alguma metodologia própria para avaliar sua pronúncia? Comentários
Modo de estudar a pronúncia	1. Tenho uma meta para aprender a pronúncia. (sim/não) Como? 2. Tenho e aproveito o livro sobre pronúncia japonesa. (sim/não) 3. Treino pronúncia quando tenho tempo. Como? (sim/não)

	4. Eu corrijo minha pronúncia procurando uma maneira certa até eu achar que ela está correta (razoável) (sim/não) 5. Peço as indicações ou instruções aos professores ou amigos sobre pronúncia. (sim/não) 6. Peço aos japoneses nativos ou colegas para me corrigir. (sim/não) 7. Escuto material de áudio várias vezes para estabelecer uma imagem da pronúncia correta para aprender a pronúncia. (sim/não) 8. Pronuncio imitando a forma da boca do professor. (sim/não) 9. Presto atenção nas posições dos meus lábios ou da língua ao pronunciar. (sim/não) 10. Na hora de treinar a pronúncia, tento falar alto e claro. (sim/não) 11. Tenho uma metodologia própria para melhorar minha pronúncia. (sim/não) Comentário

Muito obrigada!

Apêndice B: Roteiro de leitura em voz alta para os Sujeitos participantes A

UECE
Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Pós-Graduação em Lingüística Aplicada
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada – CMLA

(O teste está escrito em japonês com guia de leitura em *Hiragana* em cima de cada ideograma para facilitar a leitura e o significado de palavras e frases estão em parentes).

１．次の言葉を読んでください。(Leia as palavras seguintes)

１．角(かど) (esquina) ２．佐渡(さど) (o nome de uma ilha no Japão) ３．ビール(cerveja)

４．華道 (caminho de arte das flores) ５．輸送(ゆそう) (envoi pelos correios)

２．次の文を読んでください。(Leia as frases seguintes)

1. ここに来(き)て、おじいさんとおじさんに聞(き)いてください。
   (Venha aqui e pergunte ao avô e tio, por favor.)
2. ゆきという子(こ)は勇気(ゆうき)がある。
   (A menina chamada Yuki é corajosa)
3. 大場(おおば)さんのおばさんは沖(おき)で大木(おおき)さんと泳(およ)いでいる。
   (A tia Ooba está nadando na parte fundo do mar com Sr. Ooki)
4. 奥(おく)に多(おお)くの本(ほん)がある。
   (Tem muitos livros no fundo (do quarto)

３．次の言葉を読んでください。(Leia as palavras seguintes)

１．客(きゃく) (cliente) ２．今日(きょう) (hoje) ３．使用人(しようにん) (empregado) ４．石屋(いしや) (loja que vende pedras)

４．次の文を読んでください。(Leia as frasess seguintes)

１．氷(ひょう)が降(ふ)って屋根(やね)の修理(しゅうり)に費用(ひよう)がかかった。
(caiu granizo e gastei muito dinheiro para consertar o telhado.)

２．百(ひゃく)まで飛躍(ひやく)したい。
(quero fazer sucesso até os cem anos de idade)

３．病院(びょういん)を曲(ま)がると美容院(びよういん)があります。
(Dobre a esquina do hospital, você encontrará um cabeleireiro)

５．次の言葉を発音してください。(Leia as palavras seguintes)

１．人物 (pessoa)　２．品名 (nome do produto)　３．インド (Índia)

４．課題 (tarefa)　５．元気 (saudável)　６．火事 (incêndio)

６．次の文を読んでください。(Leia as frases seguintes)

１．自分は人文科学の勉強をしたい。

(Quero estudar a área de ciências humanas.)

２．その意見には過激派も感激した。

(Até o grupo de radicalistas ficou emocionado com a idéia.)

３．部下が文化について話した。

(o subordinado falou sobre cultura)

４．大統領は二期の任期を終えた。

(O presidente concluiu dois turnos)

７．次の言葉を読んでください。(Leia as palavras seguintes)

１．スパイ (espião)　２．一通 (uma carta)　３．活気 (animo)　４．一世 (primeira geração)　５．火災 (incêndio)

８．次の文を読んでください。(Leia as frases seguintes)

１．今ここにいた人は何処へいったのだろう。

(Para onde será que foi aquele homem que estava aqui nesse instante?)

２．新しい歌のレコードを売った。

(Vendi um disco de uma música nova)

３．今日の実習は自習だ。

(a aula prática de hoje será auto-estudo)

９．次の言葉を読んでください。 (Leia as palavras seguintes)

１．赤　(vermelho)　２．イカ (lula)　３．海 (mar)　４．演技 (apresentação)

５．置く (por)　６．厳禁　(proibição)　７．ご縁 (carma)　８．裂く (rasgar)

９．墨 (tinta carvão)　１０．聖書 (biblia)　１１．早朝 (manhã cedo)

１２．対象 (alvo)　１３．誓い (juramento)　１４．電気 (eletricidade)

１５．二本 (dois objetos compridos)　１６．履く (calçar)

１７．拾う (pegar algo do chão)　１８．負債 (divida)　１９．兵器 (armament)

２０．火照る (sentir calor)　２１．道 (rua)　２２．虫 (inceto)

２３．焼く (queimar)　２４．容器 (vazilha)　２５．和解 (reconsilhação)

１０．　次の文を読んでください。(Leia as frases seguintes)

１．医師(いし)が石(いし)につまづいた。
(o médico tropeçou na pedra)

２．五日(いつか)の事件(じけん)についてはいつか話(はな)そう。
(conversaremos sobre o acidente um dia)

３．依然(いぜん)として以前(いぜん)のままだ。
(ainda está do mesmo jeito)

４．貸家(かしや)の 隣(となり) に菓子屋(かしや)がある。
(Há uma confeitaria ao lado da casa de aluguel.)

５．このかめにカメがいる。
(Há uma tartaruga nesta vasilha)

６．現金(げんきん)の持ち出しは厳禁(げんきん)だ。
(É proibido sair com dinheiro)

７．資料(しりょう)を公開(こうかい)して後悔(こうかい)した。
(Fiquei arrependida de ter publicado este documento)

８．産科医へ３回(さんかい) 行(おこな)った。
(Fui à ginecologista três vezes)

９．静養(せいよう)のために西洋(せいよう)に行(い)く。
(Irei ao ocidente para descansar)

１０．席にもどってせき(せき)をした。
(Tossi quando voltei ao meu assento)

１１．　次の文を読んでください。 (Leia as frases seguintes)

1. あなたははっきりと思想(しそう)を語(かた)るべきです。
(você deve contar sua opinião)

あなたははっきりと真相(しんそう)を語(かた)るべきです。
(você deve contar a verdade)

2. ちょっと兄(にい)さん、質問(しつもん)していいですか。
(com licença, posso fazer uma pergunta, meu irmão?)

ちょっと二三(にさん)、質問(しつもん)していいですか。
(com licença, posso fazer umas duas ou três perguntas?)

3. 残念(ざんねん)だったねえ。紹介(しょうかい)するのが遅(おそ)かったようだ。
(que pena, mas foi um pouco tarde para apresentá-lo)

残念(ざんねん)だったねぇ。消化(しょうか)するのが遅(おそ)かったようだ。
(que pena, mas demorou um pouco para ser digerido)

じっけんご　　しんじつ　かくにん
4. 実験後やっと真実を確認した。
(confirmamos a realidade após o experimento)
じけんご　　しんじつ
事件後やっと真実を確認した。
(confirmamos a realidade após o incidente)
ゆめ　なか　きり　かこ
5. 夢の中で霧に囲まれていた。
(estava envolto pelo nevoeiro no meu sonho)
ゆめ　なか　　かこ
夢の中でキリンに囲まれていた。
(estava rodeado pelas girafas no meu sonho)
いたい　どこ　み
6. 遺体、何処で見つかったんですか。
(o cadáver foi descoberto aonde?)
どこ　み
いったい、何処で見つかったんですか。
(mas onde é que isso foi descoberto?)
きょうじゅう　とど
7. これを今日中に届けていただけませんか。
(pode entregá-lo ainda hoje?)
きょうじゅ　とど
これを教授に届けていただけませんか。
(pode o entregar ao professor?)

１２．　次の文を読んでください。(Leia as frases seguintes)

わたし　す　た　もの
1. 私の好きな食べ物はかれいです
(minha comida preferida é *curry*)
わたし　す　た　もの
私の好きな食べ物はカレーです
(meu peixe preferido (para comer) é karei)
わたし　もう
2. それは私が申しました。
(foi eu que disse isso)
わたし
それは私がもうしました。
(eu já fiz isso)
く　ま
3. はい、それでは来るまで待っています。
(esperarei então, até você chegar)
くるま　ま
はい、それでは車で待っています。
(esperarei então, no carro)

Apêndice C: Teste de leitura em voz alta

Universidade Estadual do Ceará
Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada
Aluna: YUKA ITO

1. どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão. A opção "c"significa "não entendi")

１．a.角・b. カード・c.分からない　　２．a.佐渡　b.サード・c.分からない
３．a.ビル・b.ビール・c.分からない　４．a.角・b 華道・c.分からない
５．a.輸送・b.郵送・c.分からない

2. （　　）に聞き取ったとおりに言葉を入れてください。
(Escreva as palavras de acordo com sua compreensão)

１．ここに来て、（　　）と(　　)に聞いてください。
２．（　　）という子は（　　）がある。
３．（　　）さんの（　　）は（　　）で（　　）さんと泳いでいる。
４．（　　）に（　　）の本がある。

3. どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．a.客・b.規約・c.分からない　２．a.今日・b.器用・c.分からない
３．a.承認・b.使用人・c.分からない　４．a.医者・b.石屋・c.分からない

4. （　　）に聞き取ったとおりに言葉を入れてください。
(Escreva as palavras de acordo com sua compreensão)

１．（　　）が降って屋根の修理に（　　）がかかった。
２．（　　）まで（　　）したい。
３．（　　）を曲がると（　　）があります。

5. どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．a.人物・b.事物・c.分からな　　２．a.品名・b.悲鳴・c.分からない
３．a.インド・b.井戸・c.分からない　４．a. 寛大・b. 課題・c.分からない
５．a.元気・b.劇・c.分からない　　６．a. 幹事・b. 火事・c.分からない

6. （　　）に、聞き取ったとおりに言葉を入れてください。
(Escreva as palavras de acordo com sua compreensão)

１．（　　）は（　　）科学の勉強をしたい。
２．その意見には（　　）派も（　　）した。
３．（　　）が（　　）について話した。
４．大統領は(　　)の（　　）を終えた。

7. どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．すっぱい・スパイ・c.分からない　　２．一通・胃痛・c.分からない
３．活気・柿・c.分からない　　４．一世・異性・c.分からない
５．喝采・火災・c.分からない

8. （　　）に、聞き取ったとおりに言葉を入れてください。

１．今ここに（　　）人は何処へ（　　）のだろう。
２．新しい（　　）のレコードを（　　）。
３．今日の（　　）は（　　）だ。

9. どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．a.赤・b.アカ・c.分からない　　２．a. イカ・b.医 科・c.分からない
３．a.海・b.膿（うみ）・c.分からない　　４．a.演技・b.縁起・c.分からない
５.a. 置く・b.奥・c.分からない　　６．a.現金・b.厳禁・c.分からない
７．a.ご縁・b.五円・c.分からない　　８．a. 咲く・b. 裂く・c.分からない
９．a.司会・b.歯科医・c.分からない　　１０．a.墨・b.隅・c.分からない
１１．a.聖書・b.清書・c.分からない　１２．a.総長・b.早朝・c.分からない
１３．a.対象・b.大将・c.分からない　　１４．a.誓い・b.近い・c.分からない
１５．a.電気・b.伝記・c.分からない　　１６．a.日本・b.２本・c.分からない
１７．a.履く・b. 吐く・c.分からない　１８．a.披露・b.拾う・c.分からない
１９．a.負債・b.夫妻・c.分からない　２０．a.平気・b.兵器・c.分からない
２１．a.火照る・b.ホテル・c.分からない２２．a.道・b. 未知・c.分からない
２３．a.虫・b.無視・c.分からない　　２４．a.約・b.焼く・c.分からない
２５・a.容器・b.陽気 ・c.分からない　２６．a.和解・b 若い・c.分からない

10.（　　）に、聞き取ったとおりに言葉を入れてください。 (Escreva as palavras de acordo com sua compreensão)

1. （　　）が（　　）につまづいた。
2. （　　）の事件については（　　）話そう。
3. （　　）として（　　）のままだ。
4. （　　）の隣に（　　）がある。
5. この（　　）に（　　）がいる。
6. （　　）の持ち出しは（　　）だ。
7. 資料を（　　）して（　　）した。
8. （　　）へ（　　）行った。
9. （　　）のために（　　）に行く。
10. （　　）にもどって（　　）をした。

11.次の文を聞いて、どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．あなたははっきりと（思想(しそう)／真 相(しんそう)／？）を語(かた)るべきです。
あなたははっきりと（思想(しそう)／真 相(しんそう)／？）を語(かた)るべきです。

２．ちょっと（二三／兄さん）、質問していいですか。
ちょっと（二三／兄さん）、質問していいですか。
３．残念だったねえ。（消化／紹介／？）するのが遅かったようだ。
残念だったねぇ。（消化／紹介／？）するのが遅かったようだ。
４．（事件後／実験後／？）やっと真実を確認した。
（事件後／実験後／？）やっと真実を確認した。
５．　夢の中で（霧／キリン／？）に囲まれていた。
夢の中で（霧／キリン／？）に囲まれていた。
６．（遺体／いったい／？）、何処で見つかったんですか。
（遺体／いったい／？）、何処で見つかったんですか。
７．　これを（教授／今日中／？）に届けていただけませんか。
これを（教授／今日中／？）に届けていただけませんか。

12.次の文を聞いて、どちらの言葉を発音したか、聞き取ったものに〇をつけてください。
(Marque as palavras de acordo com sua compreensão)

１．　私の好きな食べ物は（カレー／かれい／？）です
私の好きな食べ物は（カレー／かれい／？）です
２．　それは私が（もうしました／申しました／？）。
それは私が（もうしました／申しました／？）。
３．　はい、それでは（車で／来るまで／？）待っています。
はい、それでは（車／来るまで／？）待っています。

Apêndice D: Tradução do roteiro de leitura em voz alta

2. As traduções em português estão em entre parênteses.
3. *Mora* que possui tonicidade alta está em vermelho.
4. As palavras destacadas em cores são elementos focalizados a análise
5. A ordem colocada neste documento acompanha os dois testes, análise de compreensão auditiva dos nativos e leitura de voz alta dos sujeitos.

1.

1. a. /kado/ (esquina) ・b. /kaRdo/(cartão)

2. a./sado/ (o nome de uma ilha no Japão)・ b./saRdo/ (terceira base no jogo de beisebol)

3. a. /biɾɯ/ (edifício)・b. /biRɾɯ/ (cerveja)

4. a./kado/(esquina)・b. /kadoR/ (caminho da arte das flores)

5. a. /yɯsoR/ (transporte)・b. /yɯRsoR/ (envio pelos correios)

2.

1. / kokoni kite odʒiRsaN to odʒisaN ni ki:te kɯdasai /
(Venha aqui e pergunte ao avô e tio, por favor.)
Obs. /ojiRsaN/ = avô /ojisaN/ = tio
2. / yɯki to iuɯ ko wa yuRkiga arɯ /
(A menina chamada Yuki é corajosa)
Obs./yɯki/ = nome de uma menina, /yɯRki/ = coragem
3. / oRbasaN no obasaN wa oki de oRkisaN to oyoide irɯ /
(A tia Ooba está nadando na parte fundo do mar com Sr. Ooki)
Obs. /oRbasaN/ = sobrenome japonês, /obasaN/ = tia, /oki/ = fundo do mar, /o:ki/ = sobrenome japonês
4. / okɯ ni oRkɯ no hoNga arɯ /
(Tem muitos livros no fundo (do quarto)
Obs. /okɯ/=fundo, /oRkɯ/=muito

3.

1. a./kjakɯ/ (cliente)・b./kijakɯ/ (regra) 2. a./ kjo:/ (hoje)・b./ kijoR/ (hábil)
3. a. /ʃjoRnin/ (aceitação) ・b. /ʃiyorniN/(empregado)
4. a./iʃja/ (médico)・b. /iʃija/ (loja que vende pedra)

4.

1. / hjou ga fuQte yane no ʃyɯRrini hijoR ga kakaQta /
(caiu granizo e gastei muito dinheiro para consertar o telhado.)
Obs./hyou/ = granizo, /hijoR/ = despesa
2. / hjakɯ made hijakɯ ʃitai /
(quero fazer sucesso até os cem anos de idade)
Obs. /hjakɯ/ = cem, /hijakɯ/ = fazer sucesso
3. / bjoRiN wo magaru to bijoRiN ga arimasɯ /
(Dobre a esquina do hospital, você encontrará um cabeleireiro)
Obs. /bjoRiN/ = hospital, /bijoRiN/ = cabeleireiro

5.

1. a./ ʤiNbutsɯ/ (pessoa) • b. /ʤibutsɯ / (coisas e objetos)
2. a./hiNmeR/ (nome do produto) • b./ himeR/ (grito)
3. a./iNdo/ (Índia) • b./ido/ (poço)
4. a. /kaNdaj/ (generosidade) • b. /kadaj/ (tarefa)
5. a./geNki/ (saudável) • b./geki/ (teatro)
6. a. /kaNʤi/ (*kanji*, ideograma) • b. /kaʤi/ (incêndio)

6.

1. / ʤibɯN wa ʤiNbgN kagakɯ no beNkyR wo ʃitai /
(Quero estudar a área de ciências humanas.)
Obs. / ʤibuN/ =eu, /ʤiNbuN/ =ciências humanas

2./ sono ikeN niwa kagekiha mo kaNgeki wo ʃita /
(Até o grupo de radicalistas ficou emocionado com a idéia.)
Obs. /kageki/ = grupo de radicalistas , /kaNgeki/ = emocionar-se

3./ bɯka ga bɯNka ni tʃuite hanaʃi wo ʃita /
(o subordinado falou sobre cultura)
Obs. /bɯka/ = subordinado /buNka/=cultura

4. / daitoRryo: wa niki no niNki wo oeta /
(O presidente concluiu dois turnos)
Obs. /niki/ = dois turnos, /ninki/ = período de exercício de um cargo

7.

1. /sɯQpai/ (azedo) • /sɯpai/ (espião)
2. /iQtʃuR/ (uma carta) • /itʃuR/ (dor no estômago)
3. /kaQki/ (animo) • /kaki/ (fruta caqui)
4./iQsei/ (primeira geração) • /isei/ (diferentes sexos)
5. /kaQsai/ (aplauso) • /kasai/ (incêndio)

8.

1. / ima koko ni ita hito wa doko e iQta no darowɯ /
(Para onde será que foi aquele homem que estava aqui nesse instante?)
Obs. /ita/ = tempo passado do verbo “estar”, /iQta/ = tempo passado do verbo “ir”
2./ataraʃi: ɯta no reko:do wo ɯQta /
(Vendi um disco de uma música nova)
Obs. /ɯta/ = música, / ɯQta/ = tempo passado do verbo “vender”
3./ kyoR no jiQʃjɯR wa jiʃjɯR da /
(a aula prática de hoje será auto-estudo)
Obs. / jiQʃyuR/ = aula prática, /jiQʃyuR/ = auto-estudo

9.

1.a. /aka/ (vermelho) b. /aka/ (sebo) 2. a. /ika/ (lula) • b. /ika/ (área de medicina)
3. a./ɯmi/ (mar) • b./ɯmi/ (pus) 4. a./eNgi/(apresentação) • b. ./eNgi/ (sorte)
5.a. /okɯ/ (por) • b. /okɯ/ (fundo) 6. a./geNkiN/ (em dinheiro) • /geNkiN/(proibição)

7. a./goeN/ (carma) · b. /goeN/ (cinco ienes) 8. a. /sakɯ/ (florescer) · b. /sakɯ/ (rasgar) 9. a./sɯmi/ (tinta carvão) b../sɯmi/ (canto) 10. a./seiʃjo/ (bíblia) · b. /seiʃyo/ (trabalho passado a limpo) 11. a. /soRtʃoR/ (chefe geral) · b. /soRtʃoR/ (manhã cedo) 12. a./taiʃoR/ (alvo) · b. ./taiʃoR/ (capitão) 13. a./tʃikai/(juramento) · b. /tʃikai/(perto) 14. a./deNki/(eletricidade) · b../deNki/ (autobiografia) 15. a./nihoN/(Japão) · b ./nihoN/(dois objetos compridos) 16. a./hakɯ/(calçar) · b. ./hakɯ/(vomitar) 17. a. ./hiroR/ (apresentação) · b./hiroR/ (cansaço) 18.a./fɯsai/ (divida) · b. ./fɯsai/ (casal) 19. a./he:ki/(calma) · b ./he:ki/ (armamento) 20. a./hoterɯ/ (sentir calor) · b./hoterɯ/ (hotel) 21.a./mitʃi/(rua) · b. ./mitʃi/(desconhecido) 22. a./mɯʃi/(inseto) · b./mɯʃi/ (ignorar) 23. a./yakɯ/ (cerca de) · b./jakɯ/(queimar) 24. a./yoRki/ (vasilha) · b./yoRki/ (extrovertido) 25. a./wakai/ (reconciliação) · b. /wakai/(juventude)

10.

1. / iʃi ga iʃi ni tsumazɯita /
(o médico tropeçou na pedra)
Obs. / iʃi / = médico / iʃi / = pedra
2. / itsɯka no jikeN ni tsɯite wa itsɯka hanaso:/
(conversaremos sobre o acidente um dia)
Obs. / itsɯka / = um dia., / itsɯka / = dia cinco
3. / izeN to ʃite izeN no mama da /
(ainda está do mesmo jeito)
Obs. / izeN/ = ainda, /izeN/ = antes
4. / kaʃiya no tonari ni kaʃiya ga aru /
(Há uma confeitaria ao lado da casa de aluguel.)
Obs. / kaʃiya / = confeitaria, / kaʃiya / = casa de aluguel
5. / kono kame ni kame ga iru /
(Há uma tartaruga nesta vasilha)
Obs. /kame/ = vasilha, /kame/ = tartaruga
6. / geNkiN no motʃidaʃi wa geNkiN da /
(É proibido sair com dinheiro)
Obs. / geNkin/ = dinheiro vivo / geNkin / = proibição
7. / ʃiryo: wo ko:kay ʃhite ko:kay ʃita /
(Fiquei arrependida de ter publicado este documento)
Obs. /ko:kay/ = publicar /ko:kay/ = arrepender-se
8. / saNkay e saNkay iQta /
(Fui à ginecologista três vezes)
Obs. / saNkay / = ginecologista, / saNkay / = três vezes
9. / seRjoR no tame ni seRjoR ni ikɯ /
(Irei ao ocidente para descansar)
Obs. / seRyor/ = descansar. / seRyoR/ = país ocidental
10. / seki ni modoQte seki wo ʃita /
(Tossi quando voltei ao meu assento)
Obs. /seki/ = assento, /seki/ = tossir.

11.

1. / anata wa haQkirito ʃisoR wo kataruɯ beki desɯ /
(você deve contar sua opinião)
/ anata wa haQkirito ʃiNsoR wo kataruɯ beki desɯ /
(você deve contar a verdade)
Obs. / ʃisoR/ = opinião, / ʃiNsoR/ = realidade

2. / tʃoQto niRsaN ʃitsɯmoN ʃitemo iRdesɯ ka /
(com licença, posso fazer uma pergunta, meu irmão?)
/ tʃoQto nisaN ʃitsɯmoN ʃitemo i:desɯ ka /
(com licença, posso fazer umas duas ou três perguntas?)
Obs. / niRsaN/ = irmão mais velho, /nisaN/ = umas, uns

3. / zaNneN daQta neR /. / ʃoRkai sɯrɯnoga osokaQta joRda /
(que pena, mas foi um pouco tarde para apresentá-lo)
/ zaNneN daQta neR / / ʃoRka sɯrɯnoga osokaQta yo:da /
(que pena, mas demorou um pouco para ser digerido)
Obs. / ʃoRkay / = apresentar, / ʃoRka / = digestão

4. / jiQkeN go yaQto ʤiʤitsɯ wo kakɯniN ʃita /
(confirmamos a realidade após o experimento)
/ jikeN go yaQto ʤiʤitsɯ wo kakɯniN ʃita /
(confirmamos a realidade após o incidente)
Obs. / jiQkeN / = experimento, / jiQkeN / = incidente

5. / jɯme no naka de kiri ni kakomarete ita /
(estava envolto pelo nevoeiro no meu sonho)
/ jɯme no naka de kiriN ni kakomarete ita /
(estava rodeado pelas girafas no meu sonho)
Obs. / kiri / = nevoeiro, / kiriN/ = girafa

6. / itai doko de mitsɯkaQtaNdesɯka /
(o cadáver foi descoberto aonde?)
/ iQtai doko de mitsɯkaQtaNdesɯka /
(mas onde é que isso foi descoberto?)
Obs. / itai/ = cadáver, /iQtai/ = enfatiza a interrogação

7. / kore wo kyoRʤɯR ni todokete itadakemaseNka /
(pode entregá-lo ainda hoje?)
/ kore wo kyoRʤɯ ni todokete itadakemaseNka /
(pode o entregar ao professor?)
Obs. / kyoRʤɯR / = hoje ainda, / kyoRʤɯ / = professor

12.

1. / wataʃi no sɯkina tabemono wa kare: desɯ /
(minha comida preferida é *curry*)
/ wataʃi no sɯkina tabemono wa kare: desɯ /
(meu peixe preferido (para comer) é karei)

Obs. / kareR / = uma refeição popular no Japão, / kareR / = o nome de um tipo de peixe em japonês

2./ sore wa wataʃi ga moRʃimaʃita /
(foi eu que disse isso)
/ sore wa wataʃi ga moR ʃimaʃita /
(eu já fiz isso)

Obs. / mo:ʃimaʃita / = tempo passado do verbo “dizer”, / moRʃimaʃita / = literalmente “já fiz”

3. / hai, soredewa kɯrɯma de maQte imasɯ /
(esperarei então, até você chegar)
/ hai, soredewa kɯrɯ made maQte imasɯ /
(esperarei então, no carro)

Obs. / kɯrɯmade / = /kɯrɯ/ “vir” + /made/ “até”.
/ kɯrɯmade / = /kɯrɯma/ “carro” + /de/ partícula indicando o lugar “em”

Apêndice E: Perfil dos Sujeitos participantes A

Sujeito participante A-1

1. Idade	26
2. Sexo	Masculino
3. Cidade natal e de criação	Fortaleza
4. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
5. Nível e área de estudo	Superior completo. Letras Licenciatura Português/Inglês da Universidade Federal do Ceará
6. Motivo do seu estudo de japonês	Assistir programas de *animê*, escutar músicas em japonês
7. O período de ingresso no curso de japonês	Março de 2000
8. O período de término do curso de japonês	Novembro de 2003 (terminou até oitavo semestre)
9. Curso onde estudou japonês	Curso de japonês do NLE
10. Livro didático utilizado no curso	• *Kana Nyuumo I* • *Shin Nihongo no Kiso I*
11. Livro didático utilizado pessoalmente além do oferecido pelo curso	• Vários livros de *Kanj* (ideograma) e de gramática. • Sites na internet para não perder o contato com o idioma.
12. Nível de japonês	Não possui certificado, porém, poderia ser considerado como intermediário.
13. Interação com japonês nativo	• Amigos japoneses nativos na internet. • Alguns dias com japoneses nativos quando esteve em São Paulo.
14. Experiência de estadia no Japão	Não
15. Experiência de ensino de língua estrangeira em outro curso	Sim, Inglês.
16. Experiência e período como monitor do curso de japonês do NLE	Não. Entrou no grupo de monitoria para ser professor no Curso de japonês do NLE sem passar tempo como monitor.
17. Período e instituição em que começou a ensinar japonês	PROLIN[86]: 2006.2 e 2007.1 NLE: 2009.2
18. Semestre da turma que já ensinou no NLE	Semestre I

[86] Projeto de Inclusão de Línguas. Sobre os detalhes veja no a de rodapé 47.

Sujeito participante A-2

1. Idade	21
2. Sexo	Masculino
3. Cidade natal e de criação	Fortaleza
4. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
5. Nível e área de estudo	Superior incompleto. Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará
6. Motivo do seu estudo de japonês	Influência dos programas de TV (*animê*)
7. O período de ingresso no curso de japonês	2005.1 (Senac) 2006.1 (teste de nível – 3º semestre)
8. O período de termino do curso de japonês	2008.2 (terminou até oitavo semestre)
9. Curso onde estudou japonês	Senac (até segundo semestre) NLE (de terceiro até oitavo semestre)
10. Livro didático utilizado no curso	*Minna no Nihongo* I, II (3A Network)
11. Livro didático utilizado pessoalmente além do que oferecido pelo curso	• Progressive *nihongo shokyu*: Curso básico de japonês 1e 2 • A coleção de *Minna no nihongo* –1 e 2 • *Shin nihongo no kiso* – módulo de *kanji*
12. Nível de japonês	Não possui certificado, porém, poderia ser considerado como intermediário.
13. Interação com japonês nativo	Não
14. Experiência de estadia no Japão	Não
15. Experiência de ensino de língua estrangeira em outro curso	Sim. Japonês
16. Experiência e período como monitor do curso de japonês do NLE	Março de 2007 até novembro de 2008
17. O período e instituição de que começou a ensinar o japonês	Março de 2008 NLE
18. Semestre da turma que já ensinou no NLE	Semestre I a IV

Sujeito participante A-3

1. Idade	23
2. Sexo	Masculino
3. Cidade natal e de criação	Fortaleza
4. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
5. Nível de estudo	Superior completo. Curso de Letras Inglês da Universidade Esadual do Ceará
6. Motivo do seu estudo de japonês	Curiosidade sobre escrita japonesa assistir *animê, tokusatsu*[87]
7. O período de ingresso no curso de japonês	Março de 2002
8. O período de termino do curso de japonês	Ovembro de 2005 (terminou até oitavo semestre)
9. Curso onde estudou japonês	NLE
10. Livro didático utilizado no curso	• *Shin Nihongo no* Kiso *I* • Final do *Minna no Nihongo I* • Quatro primeiras lições do *Minna no Nihongo II*.
11. Livro didático utilizado pessoalmente além do que oferecido pelo curso	• *Principalmente* para o estudo do *Kanji* ou gramática. • Livros como caderno de *Kanji* da coleção do *Miinna no Nihongo* e do *Shin Nihongo no kiso.*
13. Nível de japonês	Não possui certificado, porém, poderia ser considerado como intermediário.
12. Interação com japonês nativo	Sim. • Hospedou duas japonesas na sua residência. (no entanto sempre falávamos em português, uma vez que elas vieram pra aprender essa língua). • Durante a experiência de estadia no Japão por seis semanas. • No *SKYPE*, com meus amigos coreanos falantes de japonês.
13. Experiência de estadia no Japão	Sim. Seis semanas (Janeiro a Fevereiro de 2009)
14. Experiência de ensino de língua estrangeira em outro curso	Sim. Inglês
15. Experiência e período como monitor do curso de japonês do NLE	2005.2 até 2008.2
16. O período e instituição de que começou a ensinar o japonês	2008.2 NLE
17. Semestre da turma que já ensinou no NLE	Semestre I a V

[87] Uma abreviação de palavra japonesa *Tokushusatsuei*, *Tokushu* "efeito especial" e *satsue* "filmagem" traduzida como filmagem de efeito especial. Este termo está sendo utilizado como um sinônimo de filme japonês com efeito especial.

Sujeito participante A-4

1. Idade	26
2. Sexo	Masculino
3. Cidade natal e de criação	Fortaleza
4. Necessidade de uso da língua japonesa no ambiente de sua criação	Não
5. Nível e área de estudo	Superior incompleto. Letras Francês, Licenciatura na Universidade Estadual do Ceará
6. Motivação do seu estudo de japonês	Assistir programas de *animê*
7. O período de ingresso no curso de japonês	Agosto de 2001
8. O período de término do curso de japonês	Junho de 2005
9. Curso onde estudou japonês	NLE
10. Livro didático utilizado no curso	• *Shin Nihongo no Kiso I* • *Minna no Nihongo II*
11. Livro didático utilizado pessoalmente além do oferecido pelo curso	Vários • Livros de gramática • Livros de interpretação de texto
14. Nível de japonês	Não possui certificado, porém, poderia ser considerado como intermediário.
12. Interação com japonês nativo	Sim. • Seis meses na sua residência com um japonês • No total, quatro meses com outro japonês • Hospedou mais de 10 japoneses na sua residência que chegaram a Fortaleza com período diferente.
13. Experiência de estadia no Japão	Não
14. Experiência de ensino de língua estrangeira em outro curso	Sim. Japonês.
15. Experiência e período como monitor do curso de japonês do NLE	No semestre 2006.2 (seis meses)
16. O período e instituição de que começou a ensinar o japonês	2005.2 PROLIN 2006.1 NLE
17. Semestre da turma que já ensinou no NLE	Semestre I a VII

Apêndice F: Perfil dos colaboradores japoneses

Colaborador 1

Sexo	Feminino
Idade	21
Profissão	Voluntária universitária na comunidade onde a ONG da colaboradora se atua.
Tempo de estadia no Brasil no momento da pesquisa	Dois meses
Cidade em que nasceu	Kawasaki, na província de Kanagawa, vizinha a Tóquio

Colaboradora 2

Sexo	Feminino
Idade	21
Profissão	Universitária voluntária na comunidade onde a ONG da colaboradora 01 atua.
Tempo de estadia no Brasil no momento da pesquisa	Dois meses
Cidade em que nasceu	Yokohama, na província de Kanagawa, vizinha a Tóquio

Colaborador 3

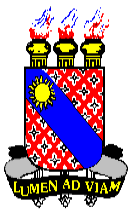
Sexo	Feminino
Idade	32 anos
Profissão	Coordenadora de uma ONG japonesa estabelecida numa comunidade no Ceará
Tempo de estadia no Brasil no momento da pesquisa	11 anos
Cidade em que nasceu	*Yokohama*, na província de *Kanagawa*, vizinha a *Tóquio*

Colaborador 4 [88]

Sexo	Masculino
Idade	-
Profissão	-
Tempo de estadia no Brasil no momento da pesquisa	-
Cidade em que nasceu	Tóquio

[88] Não conseguimos recolher o questionário, porque perdemos contato com este colaborador

Apêndice G: Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa



UECE
Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Pós-Graduação em Lingüística Aplicada
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada – CMLA

Prezado (a) professor (a)

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa sobre o ensino de pronúncia de japonês, desenvolvida para a elaboração de minha dissertação de Mestrado, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, sob orientação do Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho.
Com o objetivo de conhecer o funcionamento das aulas do curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiros da Universidade Estadual do Ceará - UECE, solicito sua colaboração para o desenvolvimento da pesquisa, por meio do preenchimento deste questionário. Informo que será preservado o anonimato dos informantes.
Desde já agradeço a colaboração, colocando-me à disposição para quaisquer esclarecimentos complementares pelo e-mail: otiyus@hotmail.co.jp

1. Dados pessoais

1 Quantos anos você tem?
2 Sexo- (masculino / feminino)
3 Escolaridade -
Caso for universitário ou formado, qual é (era) o seu curso na universidade?
4 Onde você foi criado a maioria do tempo da sua vida?
5 No ambiente em que você foi criado utilizava a língua japonesa? (sim / não)
6 Em caso afirmativo, com que regularidade?

2. Sobre estudo de japonês e pronúncia deste idioma

1 Qual foi o ano e mês do seu ingresso a um curso de japonês? Quando terminou?
2 Onde você estudou (ou estuda) japonês?
3 Por que você começou a estudar japonês?
4 Durante o período que você estudou no curso, o motivo que o levou a estudar japonês mudou?
5 Depois que começou a ensinar japonês, o motivo que lhe fez continuar estudando japonês mudou?
6 Quais livros didáticos você utilizou no curso que você estudou?
7 Você utilizava (utiliza) os materiais extras para estudo de japonês além do livro didático oferecido pelo curso? Explique o que e para que.
8 Se você estudou (ou estuda) japonês no N L E, responda:
Quem foi seu professor de japonês nos do NLE nos seguintes semestres ?

Primeiro semestre - Segundo semestre -

Terceiro o semestre - Quarto semestre -

Quinto semestre - Sexto semestre -

Sétimo semestre - Oitavo semestre -

9 Você tem algum certificado oficial de proficiência da língua japonesa ou já realizou alguma prova simulada deste gênero? (sim/não)
10 Qual nível de proficiência do *Japanese Language Proficiency Test* (Avaliação de proficiência em língua japonesa, 日本語能力試験)?
11 Já teve convivência com pessoas que utilizam a língua japonesa? (sim/não)
Em caso afirmativo, quando e como?
12 Já realizou algum estudo no Japão? (sim/não) Em caso afirmativo, quando?
13 Em relação às últimas duas questões, 11 e 12, você acha que a resposta influencia sua pronúncia? (sim/não) Explique por quê.
14 Como seus professores ensinavam a pronúncia da língua japonesa?
15 Você se sente seguro em relação à sua pronúncia da língua japonesa? (sim/não)
Em que ponto você se sente seguro/inseguro na sua pronúncia da língua japonesa? Explique.
16 Já sentiu dificuldade na comunicação oral com japoneses por causa da sua pronúncia? (sim/não) Em caso afirmativo, explique como.
17 Alguém corrige sua pronúncia? (sim/não)

Em caso afirmativo, detalhe quem e de que modo (por exemplo, pela internet, pelo contato diário, com aprendizes e professores de japonês, etc.).

18 Sobre seu estudo de pronúncia da língua japonesa, marque os itens com que você se identifica.

a. Reconheço minhas dificuldades na pronúncia da língua japonesa. (sim / não)
b. Peço uma orientação aos professores, japoneses nativos ou amigos para ensinar/mostrar a pronúncia em língua japonesa. (sim / não)
c. Peço aos professores, japoneses nativos ou amigos para avaliarem e corrigirem minha pronúncia. (sim / não)
d. Verifico o melhoramento da minha pronúncia. (sim / não)
e. Leio e pesquiso os materiais de ensino de pronúncia da língua japonesa. (sim / não)
f. Tento imitar a pronúncia do professor ou material de áudio. (sim / não)
g. Treino minha pronúncia até achar que consegui chegar à orientação dada ou ao parâmetro que eu estabeleci através de material de áudio. (sim / não)
h. Quando for falar em japonês, tenho consciência da minha pronúncia. (sim / não)
i. Sempre tento procurar saber por que não consigo pronunciar determinada palavra ou frase. (sim / não)
j. Quando vejo um estudante de língua japonesa que tem uma boa pronúncia, costumo pensar em como ele estuda a pronúncia. (sim / não)
k. Sempre comparo e procuro as diferenças entre minha pronúncia e a de materiais de áudio ou dos japoneses nativos.
l. Conheço as diferenças e semelhanças de pronúncia da língua portuguesa e da língua japonesa. (sim / não)
m. Quando falo em língua japonesa, observo as reações do ouvinte para avaliar se a minha pronúncia é inteligível ou não. (sim / não)
n. Quando achar que estou pronunciando errado ou diferente em relação ao que estudei, pronuncio mais vezes. (sim / não)

o. Tomo cuidado com a forma e a posição das articulações motoras (boca, língua ou lábios) quando for falar em língua japonesa. (sim / não)

p. Observo a forma e a posição das articulações motoras dos professores, dos japoneses nativos ou dos amigos. (sim / não)

19 Quando encontrar uma palavra desconhecida, como você pronuncia em relação à entonação e acentuação?

20 Você tem alguma metodologia própria para melhorar sua pronúncia? (sim / não) Explique como você a utiliza.

21 Quando for fazer a leitura em voz alta em língua japonesa, quais pontos que você presta atenção?

3. Sobre ensino de língua japonesa

1 Você tem experiência como monitor? (sim / não) Qual foi o período?

2 Quando você começou a ensinar língua japonesa no Núcleo de Línguas Estrangeiras (NLE)?

3 Quais turmas você já ensinou e ensina atualmente no NLE?

4 Você ensina (ou ensinou) língua estrangeira em outra instituição? (sim/não)

Em caso afirmativo, responda seguintes perguntas.

1 Qual é o idioma que você ensina (ensinou)?

2 A metodologia na outra instituição é diferente da adotada no NLE? (sim/não)

3 Qual é o livro didático adotado por outra instituição?

4 Como eles tratam o ensino de pronúncia?

5 Organize os itens seguintes de acordo com a sua idéia de como você dar uma importância ao ensino de japonês na sua sala de aula. Numere de 1 a 5 como nível de importância (1= menos importante, 5 = mais importante)

Escrita (caligrafia) ( )	Escrita (redação) ( )
Conhecimento de *Kanji* (escrita) ( )	Conhecimento de *Kanji* (leitura) ( )
Gramática ( )	Compreensão textual ( )
Pronúncia ( )	Comunicação ( )
Compreensão auditiva ( )	Vocabulário ( )
Outros (esplique)	

4. Sobre o ensino de pronúncia da língua japonesa

No ensino de pronúncia da língua japonesa, existem os elementos que precisam ser destacados. Estes elementos são;

a) Vogal que não existe no português (う / ɯ /)

b) Vogais de silabas como “き(ki)”, “く(kɯ)”, “し(shi)”, “す(su)”, “ち(chi)”, “つ(tsu)”, “ひ(hi)” e “ふ(fu)” que se tornam desvozeadas antes de consoantes desvozeadas “k”, “s”, “t” e “h” (きく(/ kikɯ /)

c) Semivogais (letras como “や/ya/, ゆ/y ɯ/ e /yo/ “ょ” minúsculas) que não se pronuncia do mesmo modo que no português
d) Sílabas que não existem em português (つ/tsɯ/, ふ/ɸɯ/)
e) Prolongamento (きゅう/ kyu**:** /, おじいさん / ojiRsan /)
f) Pausa (きって/ kiǫte /)
g) Acentuação das palavras, por exemp˳lo, diferença entre 雨(あめ/ame /) e 飴(あめ /ame /)
h) Entonação frasal no final de frase (です(/desɯ/), ですか /desɯka/, ましょう /maʃo**:**/, etc.)
i) A inserção de /y/ e nasalização de vogal antes de uma consoante “n” ou “m” (せぃんせい /sẽysei/) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa
j) A inserção de /n/ e nasalização de vogal antes de uma consoante “n” ou “m” (なんに /nãni/) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa

1. Marque com X os elementos que você trabalhou quando ensinou o primeiro semestre.

a) Vogais ( )	b) Vogal não pronunciada ( )
c) Semivogais ( )	d) Som de [tsɯ] e [ɸɯ] ( )
e) Prolongamento da vogal ( )	f) Pausa ( )
g) Acentuação das palavras ( )	h) Entonação frasal ( )
i) Inserção de /y/ ( )	j) Inserção ou nazalização de /n/ ( )

2. Marque com X os elementos que você trabalha na sua aula a partir do segundo semestre.

a) Vogais ( )	b) Vogal desvozeada ( )
c) Semivogais ( )	d) Som de [tsɯ] e [ɸɯ] ( )
e) Prolongamento da vogal ( )	f) Pausa ( )
g) Acentuação das palavras ( )	h) Entonação frasal ( )
i) Inserção de /y/ ( )	j) Inserção ou nazalização d /n/ ( )

3. Se tiver outros elementos que você trabalhou dentro da sala de aula além dos elementos mostrados nas últimas questões (4. 1 e 4.2), explique o que, como e em que semestre você trabalhou esses elementos.
4. Sobre material didático, o que você acha que os livros podem oferecer ao ensino de pronúncia na sua sala de aula?
5. Você utiliza os materiais extras para o ensino da pronúncia? Qual é o material e qual o objetivo de utilizar este recurso?
6. No seu planejamento de aula, você separa um tempo para tratar do ensino de pronúncia? (sim/não) Em caso afirmativo, você está satisfeito com seu plano?
7. Sobre as atitudes dos alunos em relação ao ensino de pronúncia, você sente alguma dificuldade de tratar esse assunto na sala de aula?
8. Que tipo de dificuldades/facilidades relativas ao ensino da pronúncia você sente?

5. Sobre o curso de pronúncia da língua japonesa

Você participou do curso de pronúncia da língua japonesa realizado em janeiro de 2010? (sim/não) Em caso afirmativo, responda às seguintes perguntas.

1. O que você achou em relação ao conteúdo?
2. Indique os pontos positivos e os negativos sobre o curso todo.
3. O que você aprendeu durante o curso?
4. O curso de pronúncia ofereceu algum benefício sobre sua prática de ensino? Quais aspectos você acha que podem ser beneficiado?
5. Gostaria de ter mais orientação sobre melhoramento da *sua pronúncia* da língua japonesa? Que elemento você gostaria de praticar mais?
6. Gostaria de ter mais orientação sobre o melhoramento do *ensino de pronúncia* da língua japonesa na sala de aula? Que elemento você gostaria de aprofundar mais?

Obrigado pela colaboração.

Apêndice H: Respostas do Questionário sobre ensino/aprendizagem de pronúncia da língua japonesa

As respostas do questionário estão colocadas em ordem como: Sujeito A-1, A-2, A-3, A-4, B-1, B-2, B-3, B-4 e B-5.

1 Dados pessoais

1 Quantos anos você tem?
26/21/23/26/22/31/32/22/24
2 Sexo- (masculino / feminino)
M/M/M/M/F/F/M/F/M
3 Escolaridade -

***Sujeito A-1*:** Superior Completo. Letras português/inglês – Universidade Federal do Ceará

***Sujeito A-2*:** Universitário- Letras Inglês – Bacharelado (UECE – CH)

***Sujeito A-3*:** Universitário – Estudante da faculdade de direito da universidade federal do Ceará.

***Sujeito A-4*:** Universitário- Letras Frances – Licenciatura (UECE)

***Sujeito B-1*:** Graduação incompleta. Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas.

***Sujeito B-2*:** Superior, Serviço Social - UECE

***Sujeito B-3*:** Universitário – Engenheira Civil - UFC

***Sujeito B-4*:** Universitária, Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Ceará

***Sujeito B-5*:** Universitário. Curso Bacharelado em Filosofia

4 Onde você foi criado a maioria do tempo da sua vida?
Fortaleza/ Fortaleza/ Fortaleza/ Fortaleza/ Fortaleza /Fortaleza/ Fortaleza/ Fortaleza/ Fortaleza
5 No ambiente em que você foi criado utilizava a língua japonesa? (Sim / Não)
Não/ Não/ Não/ Não/ Não/ Não/ Não/ Não/ Não
6 Em caso afirmativo, com que regularidade?
Não/ Não/ Não/ Não/ Não/Não/ Não/ Não/ Não

2 Sobre estudo de japonês e pronúncia deste idioma

1. Qual foi o ano e mês do seu ingresso a um curso de japonês? Quando terminou?

***Sujeito A-1*:** Março de 2000 (início). Novembro de 2003 (término)

Sujeito A-2: Ano de ingresso: 2006.1 (teste de nível – 3º semestre), Ano de conclusão: 2008.2 (8º semestre)

***Sujeito A-3*:** 2002.1~2005.2 (8 semestres). E em 2007~2008.

***Sujeito A-4*:** Entrei em agosto de 2001 e acabei junho de 2005.

***Sujeito B-1*:** Março de 2007. Previsto para terminar no fim de 2010

***Sujeito B-2*:** Março/2006. Continuo estudando. Cursando 8° semestre

Sujeito B-3: Início - 2005.1 (março) término – 2008.2 (novembro)

Pulei o 3º semestre e fui pro 4º. Como não houve o 8º semestre no período em que deveria cursá-lo esperei 6 meses e o concluí junto com a minha turma de início do curso.

***Sujeito B-4*:** Ano de ingresso: 2003.1. Ano de conclusão: 2007.1

***Sujeito B-5*:** Eu entrei pro curso de japonês no ano de 2006.1. Terminei o Avançado I no ano de 2009.1, faltando ainda concluir o Avançado II.

2. Onde você estudou (ou estuda) japonês?

***Sujeito A-1*:** NLE

***Sujeito A-2*:** Semestres 1 e 2 – centro de línguas do SENAC, semestres 3 a 8 - Curso de Japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará.

***Sujeito A-3*:** NLE e Kumon

***Sujeito A-4*:** NLE

***Sujeito B-1*:** NLE

***Sujeito B-2*:** Estudei do 1º ao 3° no PROLIN-UECE e 3° ao 8º no NLE/

***Sujeito B-3*:** NLE

***Sujeito B-4*:** NLE

***Sujeito-5*:** NLE

3. Por que você estudou (ou estuda) japonês?

***Sujeito A-1*:** Comecei a estudar porque assistia anime e escutava músicas em japonês. Isso me fez ficar interessado pelo idioma e então decidi fazer o curso.

***Sujeito A-2*:** Durante boa parte da minha infância acompanhei a transmissão de alguns desenhos animados bem famosos, como "Cavaleiros do zodíaco" e "Dragonball", e de seriados de efeitos especiais (os conhecidos como *tokusatsu*), como "Jaspion", "Ninja Jiraya" e "Kamen Rider", todos criados e produzidos no Japão. Também nesse período treinei Karatê por quatro anos, até 1998, e com isso aprendi um pouco sobre o Japão e o modo de vida dos japoneses tradicionais, antigos. Essa parte da cultura me interessou bastante, mas não o suficiente pra querer aprender a língua.

O ponto mais responsável pela vontade de aprender japonês veio logo depois, quando em 1999 explodiu no Brasil o fenômeno de consumo do "Pokemon". Influenciado pelo jogo do "Pokemon", resolvi estudar inglês. À medida que o tempo foi passando, novos anime foram chegando ao Brasil, enquanto eu estudava inglês. Nesse período, apenas algumas séries animadas eram exibidas na tevê aberta brasileira e dezenas eram acessíveis aos falantes de inglês, enquanto centenas de títulos novos saíam no Japão, apenas para quem entendesse japonês. Percebi então que não era em inglês que eu queria consumir os produtos do mercado cultural do Japão. Sentia inveja das pessoas que assistiam aos episódios de anime totalmente sem legenda. Eu queria fazer o mesmo, assistir episódios de anime sem legenda, ler *mangá* sem tradução.

Um certo dia, comprei numa banca uma edição de uma revista que trazia o *katakaná* e o *hiraganá* no verso. O formato das letras me fascinou. Aquilo podia representar um monte de desenhos estranhos, pra maioria das pessoas que eu conhecia, mas pra mim representava ser

capaz de ler um mundo inteiro de aventuras. Eu tinha doze anos, nem imaginava o quanto podia demorar pra conseguir fazer o que queria com a língua japonesa - ler, escrever, entender e falar - mas foi nesse dia que resolvi que queria saber japonês.

***Sujeito A-3*:** O japonês é um idioma que possui não só um sistema de escrita único, ma s também toda uma história por trás. Isso me despertou a curiosidade, uma vez que gosto de desafios e coisas diferentes. Além disso, o anime fez parte da minha infância, bem como o *tokusatsu*. Ambos tinham aberturas e encerramentos todos escritos em *nihongo*. Sem saber o que era aquilo, sempre quis ser capaz de conseguir ler aquelas 'casinhas'. Mesmo não fazendo idéia de que idioma se tratava, o fato de eu não ter sido capaz de ler, me despertou ainda mais a curiosidade. Com 14 anos, comecei a estudar japonês sozinho, transcrevendo nomes de amigos e personagens de anime para o *katakana*. Nessa época, por influência do meu pai dizendo que se eu levasse a sério e estudasse pra valer mesmo, algum dia eu poderia ir trabalhar no Japão (uma vez que a essa altura eu já considerava o Japão como um país com uma cultura única e empolgante)! Foi aí que uma tia minha me falou do curso de japonês da UECE. Mesmo não tendo idade para entrar pro curso, continuei meus estudos sozinho de *hiragana*, *katakana* e *kanji*, com materiais pela internet e revistas de anime e *mangá*, até que eu completasse 15 anos e pudesse me matricular (em fevereiro de 2002).

***Sujeito A-4*:** Porque fiquei curioso e interessado depois que joguei jogos de vídeo game em japonês.

***Sujeito B-1*:** Por gostar de anime e *mangá* e pela influência de alguns amigos que já estudavam.

***Sujeito B-2*:** Por causa dos *animes*

***Sujeito B-3*:** Porque sempre achei interessante a cultura japonesa, curiosidades sobre o Japão um país que fica exatamente do outro lado do mundo e também quando criança adorava os *animês*, super sentais e *tokusatsus*

***Sujeito B-4*:** Porque todos os jogos que eu gostava de jogar no “Super Nintendo” estavam em japonês e eu não entendia nada.

***Sujeito B-5*:** Desde os 13 anos de idade, eu sempre gostei de artes marciais e outras coisas mais relacionadas ao oriente (China, Coréia e Japão). É besteira mais, nessa época, eu tinha o sonho de ir pro oriente, principalmente Japão, e treinar muito e depois sair pelo oriente desafiando mestres e academias inteiras, depois quando cheguei aos 17 ou 18 anos, passei a querer estudar japonês para poder ir pro Japão fazer faculdade, antes de entrar pro curso de japonês da UECE, ainda estudei 1 ano sozinho em casa, pois não sabia da existência desse curso, apesar de o mesmo ter cerca de 16 anos de existência.

4. Durante o período que você estudou no curso, o motivo que o levou a estudar japonês mudou?

***Sujeito A-1*:** Na verdade, digamos que os motivos apenas aumentaram. Fiquei interessado na língua em si. Gosto muito de estudar idiomas e o Japonês realmente me fascinou. Além disso, comecei a fazer amizades com japoneses e meu interesse por outros aspectos da cultura nipônica apenas aumentaram.

***Sujeito A-2*:** A mudança na minha motivação foi bem clara, perceptível. Obviamente, continuo fã do produto audiovisual japonês, pois o anime se inclui na categoria. Entretanto, à medida que estudava, meu contato com a cultura japonesa me fez ter uma visualização mais abrangente do que é produzido, em termos de cultura, pelo Japão. Conheci mais a cultura pop, com a moda, a musica, as artes visuais, conheci um pouco da tecnologia presente no dia-a-dia

do povo japonês, como as maquinas de venda, as maquinas de cozinhar "*gohan*" (arroz), os carros ecologicamente amigáveis, e conheci bem mais, consideravelmente mais, sobre o pensamento humano e o espírito guerreiro que habita o coração do povo japonês. Conhecer esse universo da cultura pop além do anime foi um dos fatores que me fez ter ainda mais vontade de estudar japonês.

De todo o conteúdo cultural que absorvi sobre o Japão durante o curso, certamente a noção de coletividade, o valor dado à educação, o esforço constante e a cidadania do povo japonês foram os responsáveis por mudar meu motivo de estudar a língua. Passei a sentir que nosso país tem muito a aprender com o Japão, sobre civilização, cidadania e desenvolvimento humano. Durante o curso, além de me fascinar cada vez mais com a língua - eu passei a estudar o imaginário que norteia a formação do *kanji*, o ideograma usado na língua, derivado da china - resolvi que um dia queria trazer ao Brasil um pedacinho do Japão, pra mostrar os pontos bons da cultura que podem ser aprendidos pelos brasileiros. Pra isso, precisaria ir ao Japão para conhecê-lo, e conseguir repassar bem o que aprendesse, daí a necessidade de aprender a ensinar. Nessa época, já no final do curso, comecei a querer ser professor de japonês, e isso me incentivou a estudar mais.

Passei inclusive a freqüentar aulas de outras turmas, com a autorização da professora, para tentar ajudar os estudantes dos primeiros semestres.

***Sujeito A-3*:** O motivo não mudou, pelo contrário. Ao entrar pro curso, apelei meus planos para com o japonês. Dessa vez, eu não queria apenas trabalhar no Japão, como também queria estudar para me tornar melhor nesse idioma. Foi aí que, ao final do 5º semestre, fiquei sabendo das bolsas de estudo do Governo Japonês, *Monbushou* (Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão).

Alguns amigos da época iriam tentar para graduação, no entanto, como eu não sabia inglês, não pude fazer. Foi aí que, decidi fazer faculdade de inglês para então aprender esse outro idioma e, juntamente com o estudo do japonês, poderia unir os dois e um dia fazer a prova do *Monbusho* (Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão). No entanto, o tempo passou e, quando aprendi inglês de fato, de acordo com o conselho dado por alguns amigos na época, decidi me formar para tentar essa prova. O tempo que levei pra me formar, foi o tempo que estudei mais japonês e me dediquei mais ao curso. Sempre tentando contribuir de alguma forma, ao mesmo tempo em que melhorava meu nível de inglês e japonês, bem como me tornava mais responsável. Acredito que durante o curso, a responsabilidade foi a maior conquista, ou seja, o motivo para com o japonês se intensificou ainda mais.

***Sujeito A-4*:** Mudou. Depois que comecei a estudar no curso, quis estudar no Japão.

***Sujeito B-1*:** Sim. Agora eu quero aprender mais pelo conhecimento em língua estrangeira e também quero poder estudar no Japão.

***Sujeito B-2*:** Sim. No começo era só por diversão (para assistir anime sem legenda), mas me apaixonei pelo idioma e passei a ter interesse por outras atividades envolvendo a cultura japonesa, e querer me aprofundar mais no estudo do idioma e futuramente ensiná-lo e ir ao Japão para estudar.

***Sujeito B-3*:** Não necessariamente. Ainda gosto e tenho interesse pelas mesmas coisas, mas outros fatores foram agregados tais como a própria língua, música, mangas, capacitação profissional, etc..

***Sujeito B-4*:** Sim. Agora tenho interesse em estudar japonês para fazer mestrado no Japão.

***Sujeito B-5*:** Depois que entrei pro curso passei a objetivar aprender o japonês cada vez mais, para depois tentar conseguir uma bolsa de mestrado no Japão, e claro, no tempo livre poder praticar artes marciais.

5. Depois que começou a ensinar japonês, o motivo que lhe fez continuar estudando japonês mudou?

***Sujeito A-1*:** Sim. Agora além de aprender japonês para poder me comunicar na língua, preciso estudar para desenvolver minha fluência não apenas para efeitos de me tornar um falante competente, mas também de poder ajudar meus alunos a trilharem o caminho para que possam adquirir a fluência que almejam no idioma.

***Sujeito A-2*:** Na essência, o motivo básico não mudou. Continuo querendo trazer um pedacinho do Japão para o Brasil, através de projetos futuros de educação, como a criação de uma escola especializada no ensino de língua e cultura japonesa aqui no ceará ou algo próximo disso. Mas, depois de começar a ensinar, o incentivo para o meu próprio estudo também passou a incluir entender o japonês de modo sistemático, entendendo as estruturas não apenas intuitivamente, mas através de um método que me permita facilitar a compreensão e a assimilação da língua pelos estudantes. Daí, o meu próprio modo de estudo mudou. Passei a estudar métodos de simplificar o estudo do japonês dos alunos.

A compreensão da língua está diretamente ligada à aceitação da cultura pelos estudantes, então faz parte do meu papel de professor saber transpor a cultura para os estudantes, de modo que a língua seja mais facilmente assimilada.

Também passei a estudar mais exaustivamente os assuntos, esgotando as possíveis dúvidas que pudessem surgir. Eventualmente aparecem assuntos que nem os japoneses conseguem explicar muito bem, exatamente por ser intuitivo demais para eles, em nuances sutis de significado e compreensão. Apesar das partes difíceis, cada vez que dou uma aula sobre um determinado assunto me torno mais confiante nele, as vezes confiante o suficiente para tentar uma metodologia nova ou uma abordagem fora do padrão. Passei a testar novas maneiras de estudar o japonês, indo além do meu objetivo básico de sala de aula, para poder melhorar a própria qualidade do ensino. Nesse ponto, meu motivo de estudar japonês passou a incluir a melhoria no ensino da língua como objetivo simultâneo ao objetivo de trazer um pouco do Japão ao Brasil.

***Sujeito A-3*:** O motivo para com o japonês após o ensino, com certeza foi intensificado. Acredito que, como dito anteriormente, a responsabilidade aumentou! Em outras palavras, ao tentar contribuir com o curso desde 2005 quando ajudei a pesquisa do Professor 1 com a monitoria, me tornei mais responsável. Me envolvi mais ainda com o curso (eventos, aulas..). Foi aí que surgiu a preocupação de ajudar os alunos de japonês, sempre tentando manter o interesse deles para com o curso. Ao me tornar professor, me esforcei ao máximo para passar o japonês da forma mais lúdica, em prol do interesse pessoal de cada aluno. Sempre quis mostrar que, cada um tinha um objetivo com o *Nihongo* (Língua Japonesa), e que deveriam usar essa motivação para alcançar seus sonhos. O meu parecia ser um sonho possível, mas eu nunca tinha desistido. Queria passar isso para os alunos. Foi aí que me deparei com os pontos positivos de cada aluno, bem como suas fraquezas. Me interessei muito no estudo do *kanji*, e tentei de várias formas passar isso pros alunos que tinham mais dificuldade. Desde a minha época como aluno, tentava ajudar com ordem de traços, significado e leituras.. Fui muito elogiado pelo Professor 2 quanto a minha letra e esforço. Acredito que isso me incentivou ainda mais pra estudar. Quando era aluno, tinha o Professor 2 como ídolo e sempre falava 'um dia vou saber muitos *kanji* como o Professor 2!'. Mesmo pensando assim, ao me tornar

professor, ajudar os alunos se tornou o meu foco. Por isso, acredito que, mais uma vez, meus planos para o futuro, foram intensificados; agora tenho o objetivo de pesquisar ainda mais a minha área favorita do *Nihongo*, para que possa fazer os estrangeiros estudantes de *Nihongo* tomarem cada vez mais gosto por esse idioma complexo e ao mesmo tempo interessante!!

***Sujeito A-4*:** Sim. Conheci muitas coisas além da língua, como modo de vida no Japão, cultura, música, cinema e TV do Japão, etc. Tudo isso me incentivou a estudar mais japonês.

***Sujeito B-1*:** Sim. Não pensava em ensinar nada a ninguém antes de começar a ensinar o japonês. Agora quero ser melhor ensinando.

***Sujeito B-2*:** Não, só sinto que a responsabilidade aumentou. Tenho que me capacitar mais e mais para conseguir passar o conteúdo pros alunos. No ensino de pronúncia da língua japonesa, existem os elementos que precisam ser destacados. Como você ensina?

***Sujeito B-3*:** Também não, Porém antes os motivos eram apenas pessoais, assuntos do meu próprio interesse, agora como professor tenho que ter mais responsabilidade tenho que conciliar os meus interesses e os dos alunos, tenho que me esforçar pra entender e repassar os assuntos que eu e os alunos têm interesse da melhor forma possível. E ensinando a gente com certeza aprende bem mais do que quando era aluno.

***Sujeito B-4*:** Um pouco. Além de querer fazer mestrado no Japão, continuo a estudar japonês para me aperfeiçoar como professora.

***Sujeito B-5*:** Não tinha objetivo de ser professor, no máximo queria ser monitor do curso, mas quando foi me feito o convite, vi como uma grande responsabilidade, e que se eu já estudava muito (ou não), tinha que estudar mais ainda agora, meu objetivo anterior se manteve, mas foi acrescentado outro, o de ajudar ao máximo para melhorar cada vez mais o curso de japonês. Devido as dificuldades que o curso já enfrentou para chegar ao que é hoje, sinto que é uma responsabilidade dos novos professores manter tudo que foi conquistado e fortalecer mais ainda o curso.

6. Quais livros didáticos você utilizou no curso que você estudou?

***Sujeito A-1*:** *Shin Nihongo no Kiso*

***Sujeito A-2*:** *Shin Nihongo no Kiso*, final do *Minna no Nihongo I*, 4 lições do *Minna II*.

***Sujeito A-3*:** Aliança cultural Brasil-Japão – livros 1 e 2

> *Minna no nihongo* - *shokyuu* 1 e 2, - tradução e notas gramaticais, - exercicios, - *choukai tasuku 25* (caderno de exercício de audição), - *bunpou renshuu chou* (caderno de exercício de aprender estruturas gramaticais), - modulo *de kanji*, *Shin nihongo no kiso* – módulo de *kanji*

***Sujeito A-4*:** *Shin Nihongo no Kiso* e *Minna no Nihongo*

***Sujeito B-1*:** *Kana Nyuumon* (introdução ao silabário japonês), *Minna no Nihongo*, *Kaze no Tsubasa* (um livro didático), *Mainichi no Kikitori* (livro de exercício de audição).

***Sujeito B-2*:** 日本語かな入門 (introdução ao silabário japonês); *Minna no Nihongo* I e II

***Sujeito B-3*:** *Minna no nihongo* - *honsatsu* (pronúnica) e *bunpou* (gramática), como complemento os demais livros da mesma coleção.

***Sujeito B-4*:** Coleção do *Minna no nihongo* (I e II *shokyuu*), *Kaze no tsubasa*, *Shin nihongo no kiso I*, *Yan-san* (material audio-visual), *Mainichi no kikitori* (livro de exercício de audição).

Sujeito B-5*: *KanaNyuumon (introdução ao silabário japonês) e *Minna no Nihongo* I.

7. Você utilizava (utiliza) os materiais extras para estudo de japonês além do livro didático oferecido pelo curso? Explique o que e para que.

***Sujeito A-1*:** Sim, utilizo livros de *kanji* e gramática, bem como sites na Internet para não perder contato com o idioma.

***Sujeito A-1*:** Sim, dicionários para expandir o vocabulário, livros de outras séries para exercícios, livros de *kanji* para melhorar caligrafia, matérias adicionais para estudo através de vídeo e áudio.

***Sujeito A-1*:** Sim. Principalmente para o estudo do *Kanji* ou gramática. Livros como caderno de *kanji* do *Minna (no Nihongo)* e do *Shin nihongo no kiso*.

***Sujeito A-1*:** Sim, usava outros livros de gramática para aprender mais estruturas e livros de interpretação de texto para ampliar meu vocabulário.

***Sujeito B-1*:** Sim. Livros que comprei/ganhei, além da internet. Aprender vocabulário e *kanj*.

***Sujeito B-2*:** Sim. Apostila de Introdução ao Kana – Wadison Melo (para aplicar com os alunos do 1° semestre)

Novo Curso Básico de Japonês- Aliança Cultural Brasil-Japão (gramática e vocabulário)
日本語の発音教室―理論と練習 (curso de pronúncia da língua japonesa – teoria e prática) para melhorar pronúncia
おぼえよう漢字 (vamos aprender *kanjis*) para estudar *kanji*
どんなときどうつかう? (quando e como utiliza?) para estudar gramática

***Sujeito B-3*:** Os livros principais são o *Minna no Nihongo* ("*honsatsu*"- pronúncia e "*bunpou*"- gramática). Porém as aulas costumam ser complementadas com outros livros da mesma coleção como um somente para compreensão auditiva, outro com textos para compreensão textual, etc. E ocasionalmente algum outro livro, vídeo, música, etc, com o propósito lúdico, curiosidade, gerar debate, etc...

***Sujeito B-4*:** Sim. Livros e dicionários de *kanji* para melhorar escrita e leitura do ideograma; Livro de gramática para complementar o aprendizado das formas vistas no *Minna no Nihongo*.

***Sujeito B-5*:** Sim. Utilizava materiais que encontrava na internet com objetivo de aprender outras formas de passar a informação que eu queria, normalmente, formas que ainda não tinha visto no curso de japonês.

8. Se você estudou (ou estuda) japonês no N L E, responda quem foi seu professor de japonês nos do NLE nos seguintes semestres?

***Por se tratarem de informações pessoais, não mencionaremos as respostas à esta questão.**

9. Você tem algum certificado oficial de proficiência da língua japonesa ou já realizou alguma prova simulada deste gênero? (sim/não)

***Sujeito A-1*:** Não

***Sujeito A-2*:** Sim. Não Tenho O Certificado, Mas já fiz vários simulados.

***Sujeito A-3*:** Certificado não, mas já fiz simulado

***Sujeito A-4*:** Sim (simulado)

***Sujeito B-1*:** Não

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-3*:** Sim. Fiz diversos simulados com base na prova de proficiência, porém em nenhum desses simulados foi utilizado a parte de compreensão auditiva.

***Sujeito B-4*:** Sim

***Sujeito B-5*:** Não

10. Qual nível de proficiência do *Japanese Language Proficiency Test* (日本語能力試験, Avaliação de proficiência em língua japonesa)?

***Sujeito A-1*:** Não sei

***Sujeito A-2*:** Nível 3

***Sujeito A-3*:** Tentei o Nível 2 (mas não recebi resultado ainda)

***Sujeito A-4*:** Acredito que seja N2.

***Sujeito B-1*:** Não sei

***Sujeito B-2*:** Não sei

***Sujeito B-3*:** Baseado nos simulados, creio que seja 3 級 (3º nível). Com base no novo teste de proficiência creio que seja algo próximo do Nível 3.

***Sujeito B-4*:** Nível 3

***Sujeito B-5*:** Não sei

11. Já teve convivência com pessoas que utilizam a língua japonesa? (sim/não)
Em caso afirmativo, quando e como?

***Sujeito A-1*:** Sim, tenho vários amigos nativos de japonês que converso pela Internet, bem como já tive a chance de conviver por alguns dias com japoneses quando estive em São Paulo em duas oportunidades.

***Sujeito A-2*:** Não

***Sujeito A-3*:** Já ficaram hospedadas na minha casa, duas japonesas (no entanto sempre falávamos em português, uma vez que elas vieram pra aprender essa língua). Além disso, quando fui ao Japão, tive que usar japonês por seis semanas. No SKYPE, com meus amigos coreanos falantes de japonês. Algumas vezes com alunos e professores do curso de japonês (essa era pra ser a maneira mais comum de utilização da língua japonesa, mas infelizmente não é).

***Sujeito A-4*:** Sim, desde que ingressei no 4° semestre em 2003 que hospedo japoneses na minha casa todos os anos, e também conheci alguns que estiveram de passagem em Fortaleza. Geralmente eles vêm em época de férias escolares do Japão.

***Sujeito B-1*:** Sim. Dentro do grupo de monitoria (com a YUKA). No início de 2010 durante o *Kenshuu* (curso de japonês de curto período para universitários) na Fundação Japão.

***Sujeito B-2*:** Sim. Quando algum japonês vem visitar o curso de japonês do NLE

***Sujeito B2*:** Sim. Bem, foi mais pra um contato um pouco prolongado, do que uma convivência. Eles não sabiam falar ou falavam pouco português, mas estavam aqui para aprender. Então o maior contato foi durante um período de 2 meses (não diariamente). A conversa girava em torno do uso de 70% japonês e 30% português.

E se deu no começo do meu curso 2005 – 2006. Outros contatos de menor período aconteceram com a quantidade de japonês utilizado na conversa girando em torno de 70% – 80%.

***Sujeito B-4*:** Sim. Com professores e estudantes japoneses que visitaram o curso e participaram de eventos.

***Sujeito B-5*:** Em agosto de 2009 viajei para a cidade Palhano-CE para ajudar como intérprete em uma pesquisa de um professor de medicina e cinco estudantes de medicina de uma Universidade Japonesa.

12. Já realizou algum estudo no Japão? (sim/não) Em caso afirmativo, quando?
    Não/Não/2009.1 (Janeiro a Fevereiro) seis semanas/Não/ Não/Não /Não/Não/Não

13. Em relação às últimas duas questões, 11 e 12, você acha que a resposta influencia sua pronúncia? (sim/não) Explique por quê.

***Sujeito A-1*:** Creio que a convivência com nativos de qualquer idioma, não somente de japonês, facilita, com toda a certeza, a aquisição de uma pronúncia que se assemelhe com a "ideal".

***Sujeito A-2*:** Sim. Caso tivesse contato frequente com falantes ou tivesse morado no Japão, minha pronúncia seria melhor.

***Sujeito A-3*:** Sim, porque acabo querendo pronunciar igual aos nativos, e estes também me ajudam, às vezes, me corrigindo quando não pronuncio japonês corretamente.

***Sujeito A-4*:** Com certeza. Se não fosse esses contatos que tive, minha pronúncia poderia ser pior. Tentar imitar o que estou escutando ou o que está ao meu redor, sempre foi uma das maneiras que utilizei para aprender mais.

***Sujeito B-1*:** Sim. Se eu tivesse mais convivência com a língua poderia me condicionar melhor a alcançar uma pronuncia melhor

***Sujeito B-2*:** Sim, porque no Japão além de conviver só com japoneses, sendo obrigado a falar japonês 24 horas, eu aprenderia novas metodologias para aplicar em sala de aula.

***Sujeito B-2*:** Sim. Um pouco. Como o meu nível de japonês não era e ainda não é muito elevado, a concentração necessária para entender o que é dito e responder criando assim a comunicação ainda é alta, prejudicando a tranquilidade necessária para perceber outras nuances da língua como algumas entonações e pronúncias de algumas palavras.

***Sujeito B-2*:** Sim. Porque a minha percepção da pronúncia japonesa poderia ser melhor se eu tivesse mais contato com japoneses ou se já tivesse ido para o Japão.

***Sujeito B-2*:** Sim. Acredito que se tivesse mais contatos com japoneses nativos que não soubessem falar português, me sentiria mais pressionado a falar japonês e assim também com a convivência, poderia perceber melhor a pronúncia e corrigir a minha.

14. Como seus professores ensinavam a pronúncia da língua japonesa?

***Sujeito A-1*:** Apenas através de repetições, sendo eles próprios geralmente o modelo.

***Sujeito A-2*:** Professor 3 - por repetição, Professor 4- por indução, Professor 2 - por indução e coerção, Professor 5 - por imersão e indução

***Sujeito A-3*:** Não tinham aulas especiais voltadas para isso. No entanto, uma vez ou outras, alguns professores diziam para tomar cuidado com palavras básicas, tais como 'umi', 'ame', 'hashi'...

***Sujeito A-4*:** Pediam para repetir o que eles falavam.

Sujeito B-1: Através de exercícios auditivos de pergunta e resposta e exercícios de conversação

***Sujeito B-2*:** Material de áudio do *Minna (no Nihongo)* I e II; músicas, vídeos

Sujeito B-3: Através dos cartões com os *kanas* eles pronunciavam o *kana* e o vocabulário e a classe repetia. O áudio era utilizado nas aulas de compreensão auditiva e não como base para a pronúncia da língua. Com a entrada do professor nativo a pronúncia e correção da mesma era feita pelo professor.

***Sujeito B-4*:** Por meio de exercícios de repetição de palavras e expressões. O professor colocava um CD e os alunos deveriam tentar imitar a pronúncia do nativo.

***Sujeito B-5*:** Ensinavam através de repetição dos áudios do CDs e às vezes corrigindo a pronúncia na hora mesmo com a pronúncia deles mesmo.

15. Você se sente seguro em relação à sua pronúncia da língua japonesa? (sim/não)
Em que ponto você se sente seguro/inseguro na sua pronúncia da língua japonesa? Explique.

***Sujeito A-1*:** Não. Eu não me sinto seguro em relação à entoação, pois às vezes sinto que não pronuncio corretamente certos agrupamentos lexicais, e é difícil trabalhar essa questão, pois nem sempre tenho um *feedback* de um falante nativo.

***Sujeito A-2*:** Embora saiba que os japoneses vão se esforçar para entender o que digo, sempre confundo as tonalidades das palavras com mesma construção silábica (ex: úmi / umí)

***Sujeito A-1*:** Não. Algumas vezes que falo japonês, algum nativo pergunta 'hai?' ou então, logo pronuncia alguma palavra que eu tenha falado de uma maneira diferente, para me mostrar qual a real pronuncia. Além disso, os homófonos são os maiores problemas, pois na língua falada, precisamos fazer a diferenciação através da pronúncia correta. No caso da escrita, a saída seria a escolha do ideograma correto.

***Sujeito A-1*:** Não. Acentuação, porque acho que não a faço corretamente.

***Sujeito B-1*:** Não. Acredito ter menos dificuldade em sílabas contraídas e longas, e particularidades como o tsu (っ). O ponto mais fraco, do meu ponto de vista, é certas diferenças de entonações e vogal nasal/

***Sujeito B-2*:** Não sou fluente. E às vezes, por distração, não pronuncio palavras corretamente provocando mal entendidos.

***Sujeito B-3*:** Percebo que às vezes tenho uma pronúncia mais distante do que alguns companheiros com o mesmo tempo de estudo, mas acho ainda assim consigo me fazer entender razoavelmente bem

***Sujeito B-4*:** Às vezes não pronuncio o *chiisai tsu* ("tsu" pequeno) adequadamente e a minha entonação não é boa. Também não conheço bem a acentuação das palavras.

***Sujeito B-5*:** Sim. Sei que minha pronúncia não é tão correta, porém sinto seguro porque normalmente consigo passar o as informações que desejo, às vezes sinto vontade de melhorar minha pronúncia, isso quando eu pronuncio algo de uma maneira e em seguida um japonês pronuncia a mesma coisa um pouco diferente.

16. Já sentiu dificuldade na comunicação oral com japoneses por causa da sua pronúncia? (sim/não), Em caso afirmativo, explique como.

***Sujeito A-1*:** Já, mas sim por falta de vocabulário e não de pronúncia.

***Sujeito A-2*:** Sim, eventualmente preciso repetir as frases para consertar erros de pronúncia.

***Sujeito A-3*:** Às vezes percebo que o nativo, da maneira mais natural, vai pronunciar a palavra que eu queria ter dito, da forma correta, assim ele me mostra como é a real pronúncia. Com certeza o fato deles se esforçarem pra compreender nosso japonês, ajuda bastante bem como incentiva e nos corrige sem menosprezar.

***Sujeito A-4*:** Sim, já ocorreu de japoneses terem dificuldade de entender o que eu digo por eu ter errado uma acentuação

***Sujeito B-1*:** Sim. Fui mal compreendida por pronunciar uma palavra com a sílaba tônica errada

***Sujeito B-2*:** Sim, em relação à acentuação, entonação

***Sujeito B-3*:** Sim. Em conversas mais informais costuma ocorrer sem grandes problemas. Porém há vezes em que uma palavra mal pronunciada muda o sentido da frase, ou então quando se é perguntado qual o significado de uma palavra sem antes ter dado um contexto, raramente consigo me fazer entender sem por a palavra em contexto.

***Sujeito B-4*:** Sim

Sujeito B-5: Não

17. Alguém corrige sua pronúncia? (sim/não)

Em caso afirmativo, detalhe quem e de que modo (por exemplo, pela internet, pelo contato diário, com aprendizes e professores de japonês, etc.).

***Sujeito A-1*:** Não. Isso só ocorre quando estou falando com algum nativo e eu mesmo peço para que ele/ela faça a correção.

***Sujeito A-2*:** Professor 5, sempre que eu faço errado me corrige. outros professores mais experientes também me corrigem.

***Sujeito A-3*:** Algumas vezes pela internet (SKYPE/MSN) quando alguns amigos coreanos ou japoneses falam comigo e não entendem alguma palavra que pronunciei. Outras vezes, pergunto para alguns sensei (professor) qual seria a pronúncia certa, para que no momento da aula eu não pronuncie errado. Em último caso, durante a aula, já aconteceu de algum monitor/sensei (professor) levantar a mão e dizer “a pronúncia certa não seria X?”.

***Sujeito A-4*:** Sim. Geralmente minha pronúncia só foi corrigida por nativos. Mas isso só acontece quando pronuncio algo que eles têm muita dificuldade de entender, ou que possa causar mal-entendidos.

***Sujeito B-1*:** Sim. Contato com professores.

Sujeito B-2: Por professores, na sala de aula.

Sujeito B-3**:** Sim. Bem, a correção aconteceu principalmente durante o mini-curso de pronúncia dado pela professora. Em outras oportunidades houve algumas correções, mas nada tão significativo quanto as feitas durante o mini-curso.

Sujeito B-4**:** Sim. Correções feitas por outros professores do curso (Professor 5, Professor 6).

Sujeito B-5**:** Normalmente professores japoneses e alguns japoneses nativos, corrigem não diretamente, mas normalmente, depois de eu pronúncia de alguma maneira estranha, eles repetem a palavra confirmando, isso ao mesmo tempo me parece uma correção.

18. Sobre seu estudo de pronúncia da língua japonesa, marque os itens com que você se identifica.

a. Reconheço minhas dificuldades na pronúncia da língua japonesa. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

b. Peço uma orientação aos professores, japoneses nativos ou amigos para ensinar/mostrar a pronúncia em língua japonesa. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

c. Peço aos professores, japoneses nativos ou amigos para avaliarem e corrigirem minha pronúncia. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Não/Não/Sim/Não/Não/Não

d. Verifico o melhoramento da minha pronúncia. (Sim / Não)

Não/Sim/Sim/Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Não

e. Leio e pesquiso os materiais de ensino de pronúncia da língua japonesa. (Sim / Não)

Não/Sim/Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Não

f. Tento imitar a pronúncia do professor ou material de áudio. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

g. Treino minha pronúncia até achar que consegui chegar à orientação dada ou ao parâmetro que eu estabeleci através de material de áudio. (Sim / Não)

Não/Sim/Sim/Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

h. Quando for falar em japonês, tenho consciência da minha pronúncia. (Sim / Não)

Sim/Não/Sim/Não/Não/Sim/Sim/Não/Sim

i. Sempre tento procurar saber por que não consigo pronunciar determinada palavra ou frase. (Sim / Não)

Sim/Sim/Não/Não/Sim/Sim/Não/Sim/Não

j. Quando vejo um estudante de língua japonesa que tem uma boa pronúncia, costumo pensar em como ele estuda a pronúncia. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Não/Sim/Não/Não/Sim/Não

k. Sempre comparo e procuro as diferenças entre minha pronúncia e a de materiais de áudio ou dos japoneses nativos.

Não/Sim/Sim/Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

l. Conheço as diferenças e semelhanças de pronúncia da língua portuguesa e da língua japonesa. (Sim / Não)

Não/Sim/Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

m. Quando falo em língua japonesa, observo as reações do ouvinte para avaliar se a minha pronúncia é inteligível ou não. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

n. Quando achar que estou pronunciando errado ou diferente em relação ao que estudei, pronuncio mais vezes. (Sim / Não)

Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

o. Tomo cuidado com a forma e a posição das articulações motoras (boca, língua ou lábios) quando for falar em língua japonesa. (Sim / Não)

Não. Dificilmente penso nisso/Sim/Não/Sim/Não/Não/Não/Não/Não

p. Observo a forma e a posição das articulações motoras dos professores, dos japoneses nativos ou dos amigos. (Sim / Não)

Não/Sim/Não/Não/Sim/Não/Não/Não/Sim

19. Quando encontrar uma palavra desconhecida, como você pronuncia em relação à entonação e acentuação?

***Sujeito A-1*:** Apenas por intuição.

***Sujeito A-2*:** Tento assemelhá-la a palavras conhecidas.

***Sujeito A-3*:** Da primeira vez que vêm a cabeça. Muitas vezes não tenho como descobrir, na maioria das vezes, é mais viável procurar um nativo e pedir pra ele pronunciar e eu tentar imitar.

***Sujeito A-4*:** Invento na hora

***Sujeito B-1*:** Como oxítona

***Sujeito B-2*:** Pergunto a um professor primeiro e repito várias vezes

***Sujeito B-3*:** Tento lembrar de alguma palavra parecida para tentar buscar a pronúncia mais próxima. Porém, normalmente nós brasileiros temos o costume de por a sílaba tônica das palavras na penúltima sílaba e isso se reflete nas pronúncias das palavras em japonês que não conhecemos e não raramente nas palavras que conhecemos também.

***Sujeito B-4*:** Como não tenho dicionário de acentuação japonesa, pronuncio de acordo com as regras de pronúncia que eu já aprendi.

***Sujeito B-5*:** Não tenho uma regra exata, às vezes, simplesmente como eu acho que seja. Outras vezes, quando acho parecida a escrita com de outra palavra, e as vezes pela leitura do *kanji*. Mas normalmente, apenas leio como acho que seja.

20. Você tem alguma metodologia própria para melhorar sua pronúncia? (Sim/Não) Explique como você a utiliza.

***Sujeito A-1*:** Bem, o modo que tento melhorar a pronúncia é assistindo programas em japonês para acostumar bem o ouvido e conseqüentemente a pronúncia.

***Sujeito A-2*:** Tentar imitar o que estou ouvindo. Sem querer, de tanto ver anime/dorama (seriado ou novela) /filme, quando me deparo com tal expressão ou palavra, tento lembrar como aquele personagem pronunciou, e tento fazer igual.

Sujeito A-3: Costumo repetir e gravar trechos de filmes e seriados para comparar com o original e ver onde está diferente.

***Sujeito A-4*:** Não

***Sujeito B-1*:** Escuto áudios de conversação em japonês, como novelas. Vejo programação da TV japonesa. Tento imitar os textos que escuto

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-1*:** Não

***Sujeito B-4*:** Não

***Sujeito B-5*:** Não

21. Quando for fazer a leitura em voz alta em língua japonesa, quais pontos que você presta atenção?

***Sujeito A-1*:** Tento prestar atenção ao "timing" para ver se minhas pronúncia/entonação estão parecidas com o de um nativo.

***Sujeito A-2*:** Entonação da frase e tonalidade das palavras.

***Sujeito A-3*:** Partículas, pois acho que vão me indicar pausas e elementos importantes na frase. *Kanji*, pois se não souber ler, a leitura não flui. *Katakana*, pois por ser menos praticada, torna a leitura mais lenta.

***Sujeito A-4*:** Entonação

***Sujeito B-1*:** Se estou pronunciando da mesma maneira que estou lendo/está escrito.

***Sujeito B-2*:** Acentuação e tonicidade, prolongamento, 小さいつ (a letra "tsu" escrita em menor tamaho)

***Sujeito B-3*:** Tento falar de forma clara e com o mesmo ritmo, para isso tento na minha mente ligar a palavra que estou lendo com a seguinte para achar um ritmo e entonação mais apropriados. Quando no texto há muitas palavras que não conheço a minha leitura fica muito prejudicada.

***Sujeito B-4*:** Entonação, respiração, pausas

***Sujeito B-5*:** Tento pronunciar como vem a minha cabeça os sons que lembro. Tipo diferenciando som fechado de som aberto.

3 Sobre ensino de língua japonesa

1. Você tem experiência como monitor? Qual foi o período?

***Sujeito A-1*:** Não

***Sujeito A-2*:** Sim. De mar/2007 até nov/2008.

***Sujeito A-3*:** Fui o primeiro monitor/pesquisador do curso (de 2005.2~2008.2) (três anos)

***Sujeito A-4*:** Sim, só durante o semestre 2006.2 (6meses)

***Sujeito B-1*:** De 2008 a 2009 (1 ano)

***Sujeito B-2*:** Sim. Julho/2007 a Dezembro/2009

***Sujeito B-3*:** Sim. Fui monitor de 2007.2 até 2008.2 (1 ano).

***Sujeito B-4*:** Sim. Período: 2007.2 (6 meses)

***Sujeito B-5*:** Sim. Fui monitor do 3º semestre de japonês no período 2008.1 (6 meses)

2. Quando você começou a ensinar língua japonesa no Núcleo de Línguas Estrangeiras (NLE)?

***Sujeito A-1*:** Na realidade, ensinei dois semestres no Prolin (Projeto de Línguas da UECE) e apenas um semestre no NLE (em 2009.2)

***Sujeito A-2*:** Mar/2008

***Sujeito A-3*:** 2008.2. Turma de primeiro semestre (vai completar 2 anos)

***Sujeito A-4*:** No semestre 2005.2 (vai completar 5 anos agora)

***Sujeito B-1*:** Março de 2010 (vai completar 1 semestre)

***Sujeito B-2*:** Março/2010 (vai completar 1 semestre)

***Sujeito B-3*:** Em 2008.2. (vai completar 2 anos), mas durante o período em que estava como monitor substituí o professor em diversas aulas.

***Sujeito B-4*:** Em 2008.1 (vai completar 2 anos e 1 semestre)

***Sujeito B-5*:** Comecei a ensinar no semestre de 2008.2 (vai completar 2 anos)

3. Quais turmas você já ensinou e ensina atualmente no NLE?

***Sujeito A-1*:** 1º

***Sujeito A-2*:** 2008.1 – S1 E S3, 2008.2 – S2 E S4, 2009.1 – S3 E S4, 2009.2 – S1, 2010.1 – S2

***Sujeito A-3*:** 1, 2, 3, 4, 5. Atualmente: semestre I(Sáb), IV(seg-qua) e V(ter-qui).

***Sujeito A-4*:** 1, 2, 3, 4, 5, 6. Atualmente: 6° e 8°

***Sujeito B-1*:** 1º

***Sujeito B-2*:** 1º

Sujeito B-3: 4º, atualmente 2. (2,3 enquanto era monitor)

I, II, III (enquanto era monitor) e IV semestres. Atualmente estou com o II semestre.

***Sujeito B-4*:** 1, 2, 3, 4. Atual 1.

Já ensinei o quarto semestre (atual avançado II), terceiro semestre (atual sexto), primeiro e segundo semestre (atual terceiro). Ensino o primeiro semestre 2009.1 do sábado.

***Sujeito B-5*:** 1, 2, 3, 4, atual 3

Já ensinei desde o 1º semestre até o 4º semestre. E, atualmente, estou ensinando o 3º semestre.

4. Você ensina (ou ensinou) língua estrangeira em outra instituição? (sim/não)
   Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Não/Não/Não/Sim

Em caso afirmativo, responda seguintes perguntas.

1. Qual é o idioma que você ensina (ensinou)?

   Inglês/Japonês/Inglês e Japonês/Japonês/Japonês/não/não/não/ /Japonês

2. A metodologia na outra instituição é diferente da adotada no NLE? (sim/não)

   Sim/Sim/Não/Sim/Sim/Não/Não/Não/Sim

3. Qual é o livro didático adotado por outra instituição?

***Sujeito A-1*:** Material Próprio

***Sujeito A-2*:** *Minna no Nihongo*.

***Sujeito A-3*:** Inglês (Top Notch); Japonês (*Minna no Nihongo*).

***Sujeito A-4*:** Curso Básico de Japonês da Aliança Cultural Brasil-Japão

***Sujeito B-1*:** Aliança Brasil Japão. E Apostila própria da instituição

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-3*:** Não

***Sujeito B-4*:** Não

***Sujeito B-5*:** É um material próprio

4. Como eles tratam o ensino de pronúncia?

***Sujeito A-1*:** Preocupam-se com o ensino de pronúncia, pois a mesma é necessária para que o aprendiz desenvolva de uma maneira satisfatória a sua competência linguística.

***Sujeito A-2*:** Como prioridade, por ser um curso comunicativo, é exigido que o professor se comunique constantemente na língua-alvo em sala de aula, induzindo os estudantes a utilizá-la também.

***Sujeito A-3*:** No inglês tem vários exercícios de repetição com CDs e transcrições fonéticas; No japonês, não é dada tanta ênfase na pronúncia.

***Sujeito A-4*:** Não tratam. Os professores são completamente autônomos na aplicação de metodologias.

***Sujeito B-2*:** Como uma parte do ensino do japonês, mas não em especial. Pregam a conversação como o mais importante.

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-3*:** Não

***Sujeito B-4*:** Não

***Sujeito B-5*:** Os alunos repetem o que o professor fala e também escutam um CD com a pronúncia de um nativo.

5. Organize os itens seguintes de acordo com a sua idéia de como você dar uma importância ao ensino de japonês na sua sala de aula. Numere de 1 a 5 como nível de importância (1= menos importante, 5 = mais importante)

Escrita (caligrafia) (2/5/2/3/3/5/5/4/2)

Escrita (redação) (2/4/2/2/4//5/4/2/3)

Conhecimento de *Kanji* (escrita) (1/4/3/1/2/3/2/3/3)

Conhecimento de *Kanji* (leitura) (3/5/5/1/4//4/ 3/4/4)

Gramática (4/3/3/4/5/5/3/4/4)

Compreensão textual (4/5/4/3/4/5/5/5/5)

Pronúncia (2/3/3/5/4/3/4/3/4)

Comunicação (5/4/3/5/4/5/5/3/5)

Compreensão auditiva (5/4/5/3/4//4/4/4//5/)

Vocabulário (1/5/5/2/4/5/4/5/5)

Outros (explique) (não/não/não/não/não/ não/sim*/não/não)

Comentário:

Sujeito B-3

Acho que a importância dos itens pode variar dependendo do semestre em que se está lecionando. No 1º e 2º semestres, por exemplo, a caligrafia e vocabulário tenham bastante importância durante o ensino dos *kanas*. Juntamente com a pronúncia dos mesmos.

4 Sobre o ensino de pronúncia da língua japonesa

No ensino de pronúncia da língua japonesa, existem os elementos que precisam ser destacados. Estes elementos são;

a) Vogal que não existe no português (う[ɯ])
b) Vogais de silabas como き“ki”, く“ku”, し“shi”,す“su”,ち“chi”,つ“tsu”, ひ“hi” e ふ “fu” que não são pronunciadas antes de consoantes desvozeadas “k”, “s”, “t” e “h” (きく/kiku/)
c) Semivogais (letras como “や/ya/, ゆ/yu/ e /yo/ “ょ” minúsculas) que não se pronuncia do mesmo modo que no português
d) Sílabas que não existem em português (つ/tsu/, ふ/ɸu/)
e) Prolongamento (きゅう/kyu:/, おじいさん /oji:san/)
f) Pausa (きって/kiQte/)
g) Acento das palavras, por exemplo, diferença entre 雨(あめ/ame/) e 飴(あめ/ame/)
h) Entoação frasal no final de frase (です(/desu/), ですか /desuka/, ましょう /maʃo:/, etc.)
i) A inserção de /y/ e nasalização de vogal antes de uma consoante “n” ou “m” (せぃんせい /sẽysei/) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa
j) A inserção de /n/ e nasalização de vogal antes de uma consoante “n” ou “m” (なんに /nãni/) como produções possivelmente ocasionadas pela influência da língua portuguesa

1. Marque com X os elementos que você trabalhou quando ensinou o primeiro semestre.

a) Vogais (x/x/x/x/x/x/x/x/x)	b) Vogal não pronunciada (-/x//x/x/x/x/x/x)
c) Semivogais (-/x/x/x/x/x/x/x/x)	d) Som de [tsɯ] e [ɸɯ] (x/x/x/x/x/x/x/x/x)
e) Prolongamento da vogal (x/x/x/x/x/x/x/x/x)	f) Pausa (x/x/x/x/x/x/x/x/x)
g) Acento das palavras (-/x/x/-/x/x/x/-/x)	h) Entoação frasal (-/x/x/-/x/-/x/x/x)
i) Inserção de /y/ (x/x/x/-/x/x/x/x/x)	j) Inserção ounazalização de den/y/ (x/x/-/-/x/x/x/-/-)

2. Marque com X os elementos que você trabalha na sua aula a partir do segundo semestre.

a) Vogais (-/-/-/x/-/-/x/-/-)	b) Vogal não pronunciada (-/-/-/x/-/-/x/x/-)
c) Semivogais (-/-/-/x/-/-/x/-/-)	d) Consoantes (-/-/-/x/-/-/x/x/-)
e) Prolongamento da vogal (-/x/-/x/x/x/x/-/-)	f) Pausa (-/x/-/x/-/x/x/x/-)
g) Acento das palavras (-/x/-/-/x/x/x/-/-)	h) Entoação frasal (-/x/-/x/x/x/x/x/-)
i) Inserção de /y/ (-/x/-/x/-/-/x/x/-)	j) Inserção ou nazalização de /n/ (-/x/-/-/-/-/x/-/-)

Sujeito A-1 marcou não em todas porque só ensinei primeiro semestre.

Comentários sobre o ensino da pronúncia nos diferentes níveis de conhecimento em língua japonesa da(s) turma(s)

***Sujeito A-1*:** Sim, na realidade eu passo a teoria e, em seguida, peço para os alunos repetirem exemplos de palavras sobre aquela pronúncia específica. A repetição ocorre tanto tendo eu mesmo (o professor) como exemplo ou através de áudio em japonês.

***Sujeito A-3*:** No primeiro semestre acho importante abordar a questão das consoantes e vogais. Sempre digo pros alunos que as vogais são as mesmas que as nossas, no entanto, o “e” e o “o” são fechadas, falem das 5 vogais, a, i, u , e, o, o japonês possui as consoantes mas SEMPRE formando sílabas. A única "consoante" que está sozinha, seria o som do "n". Todas as outras estão juntas das 5 vogais ensinadas logo no primeiro encontro. Depois de iniciar o estudo do *hiragana*, os sons longos (*chou-on*), sons de consoante dobrada (*soku-on*), sons de consoante sonora (*daku-on*) também são muito importantes. Escrevo palavras com e sem esses "fenomenos" do japonês, para que os alunos percebam a diferença. Depois disso, os pronuncio e peço para os alunos repetirem. Por exemplo: *Oji-san* e *Ojiisan*, *Oba-san* e *Obaa-san*. Para perceberem que tem o som longo e que devem SIM pronunciar, para que não se torne outra palavra. Mesma coisa com *soku-on* e *daku-on* !! Tento fazer os alunos perceberam a diferença com a pronuncia de cada palavra em voz alta. *Kakitori* (exercício de audição) também é muito bom para treinar essa percepção. Com a inserção do (semivogal) “y” pequeno, a mesma coisa. Palavras com e sem semivogal “y” (ou letras como “ya”, “yu” ou “yo”) pequeno, são escritas e trabalhadas em voz alta e com ditados.

Já no decorrer dos semestres, como essa base introdutória já está mais solidificada, seria interessante trabalhar a questão da entonação das palavras e das frases. Mas sempre que

possível, tento retomar a questão do TSU pequeno, já que muitos alunos costumam esquecer da "pausa". Assim como *chou-on* (sons longos) também. Trabalho com frases completas e a pronúncia das mesmas, sempre respeitando as pausas e as partículas. Diferenças de *Úmi* (mar) e *Umí*,(pus) com *kanji* na sentença, ajuda a compreensão da palavra que está sendo dita.

***Sujeito B-5*:** Quando eu ensinei o primeiro semestre, não utilizei nenhum método específico para cada aspecto, praticamente, pedia para os alunos repetirem a minha pronúncia depois de mim, e em outros casos, usava um CD com pronúncia de palavras em japonês e pedia para eles escutarem e depois repetirem. Depois, escutava de novo, e escrevia como havia escutado.

3. Se tiver outros elementos que você trabalhou dentro da sala de aula além dos elementos mostrados nas últimas questões (4. 1 e 4.2), explique o que, como e em que semestre você trabalhou esses elementos.

***Sujeito A-1*:** Não

***Sujeito A-2*:** Não

***Sujeito A-3*:** Acho que a “pausa” em partículas ou pontuações é bastante importante para que os alunos possam ler mais naturalmente. Muitos alunos querem ler rápido só porque escutam japoneses falando rápido. Mas é importante ressaltar em qualquer semestre a questão da pausa entre palavras, pontuações e partículas. Dessa forma, cada elemento pode ser pronunciado da maneira correta.

***Sujeito A-4*:** Não

***Sujeito B-1*:** Não

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-3*:** Não

***Sujeito B-4*:** Não

***Sujeito B-5*:** A partir do 2º semestre não trabalhei essa parte de pronúncia como foco, ou seja, não trabalhei em nada específico. Me foquei mais na matéria e praticar de exercícios, e tentei deixar que a pronúncia fosse adquirida através apenas escutando os CDs e prática no dia-a-dia. Apenas corrigia quando eu achava necessário.

4. Sobre material didático, o que você acha que os livros podem oferecer ao ensino de pronúncia na sua sala de aula?

***Sujeito A-1*:** Eles podem trazer aspectos sobre pronúncia que são comprovadamente difíceis ou bastante relevantes para estudantes de língua estrangeira para aquele determinado idioma.

***Sujeito A-2*:** Livros podem ajudar a dar um ponto de partida e referência gráfica ao estudo da pronúncia.

***Sujeito A-3*:** Os livros podem oferecer a transcrição fonética das palavras bem como a acentuação por meio de sinais. No entanto, só o CD pode oferecer a pronúncia correta de cada palavra. Juntando os dois, poderíamos trabalhar melhor a questão da pronúncia dos nossos alunos e de nós professores.

***Sujeito A-4*:** Poderiam ter sinais de indicação de acentuação.

***Sujeito B-1*:** Do material atualmente usado, seriam os exercícios auditivos.

***Sujeito B-2*:** Em relação ao material usado no 1° semestre (o qual ensino) não muito. Vai depender totalmente do professor já q não tem material de áudio.

***Sujeito B-3*:** Regras básicas para pronúncia do japonês e no final juntamente com o glossário das palavras e tradução a pronúncia correta como em 雨(あめ/áme /) e 飴(あめ/amé /)

***Sujeito B-4*:** Livros com a acentuação japonesa indicada nas palavras podem ajudar os alunos a terem uma noção de como devem pronunciar, mas só o livro por si só não é suficiente. A pronúncia deve ser estudada utilizando-se em conjunto livros, CDs com falantes nativos e DVDs.

***Sujeito B-5*:** O livro em si, acredito que só pode oferecer um apoio ao ensino de pronúncia quando possui algum CD de áudio para acompanhar o livro, ou talvez alguma indicação de como pronunciar, apesar de que acredito que o CD ainda seria melhor, ainda mais se tiver sido gravado por um nativo.

5. Você utiliza os materiais extras para o ensino da pronúncia? Qual é o material e qual o objetivo de utilizar este recurso?

***Sujeito A-1*:** Ainda não utilizei.

***Sujeito A-2*:** Vídeos acompanhados por texto, para que os estudantes percebam a diferença entre compreender um texto escrito e reproduzir um texto falado.

***Sujeito A-3*:** Não utilizo. Sinceramente ainda não me sinto capaz de trabalhar esse aspecto. Preciso pesquisar e estudar um livro com o qual eu me identifique, para que, assim, possa levar para a sala de aula.

***Sujeito A-4*:** Não

***Sujeito B-1*:** Sim. *Kaze no tsubasa* (livro didático com material de áudio), *Mainichi no kikitori* (livro de exercício de audição), *Erin ga chosen* (um desafio de Erin, material audio-visual). Demonstrar a pronúncia de um japonês nativo e processo de conversa mais próximo ao natural, na medida do possível.

***Sujeito B-2*:** Músicas e vídeos. Com o objetivo de mostrar aos alunos a pronúncia de nativos para que eles percebam a acentuação, palavras parecidas, mas que possuem pronúncias e significados diferentes.

***Sujeito B-3*:** Como modo de compensar a pronúncia de um não nativo, tento utilizar ao máximo o áudio do material que acompanha o livro para os alunos terem a pronúncia nativa como base de comparação para a pronúncia deles e do professor.

***Sujeito B-4*:** Sim. Utilizei o livro *Mainichi no kikitori* (livro de exercício de audição) com alunos do terceiro e quarto semestre (na época em que ensinei nessas turmas). Os alunos ouviam o áudio e tentavam imitar a pronúncia.

***Sujeito B-5*:** Utilizo materiais extras, porém não para o ensino de pronúncia, e sim para dar um apoio a matéria ensinada, ou para dar mais outra oportunidade de prática aos alunos.

6. No seu planejamento de aula, você separa um tempo para tratar do ensino de pronúncia? (sim/não) Em caso afirmativo, você está satisfeito com seu plano?

***Sujeito A-1*:** Não

***Sujeito A-2*:** Sim, mas ainda não tenho treino suficiente para abordar com segurança o tema em sala de aula.

***Sujeito A-3*:** Infelizmente, não estou satisfeito. Temos muitas habilidades para tratar quanto ao ensino da língua japonesa, desde caligrafia até o estudo do *kanji* (essas são habilidades A MAIS no ensino da língua japonesa, por exemplo). Outros idiomas que não precisam estudar esses aspectos podem se prender mais à pronúncia, leitura, conversação, enquanto para nós estudantes de japonês, temos esses e muitos outros aspectos para tratar em sala de aula, dificultando a abordagem das quatro principais habilidades da língua.

***Sujeito A-4*:** Não

***Sujeito B-1*:** Sim. Mas acho que ainda tenho muito a melhorar.

***Sujeito B-2*:** Sim, mas não estou satisfeito, pois não faço isso todas as aulas.

***Sujeito B-3*:** Não. Mas no decorrer da aula atento para alguns cuidados e faço algumas correções em casos que acho mais grave, com o cuidado de não desestimular ninguém pois uma boa pronúncia é algo gradativo e precisa de algum esforço para se conseguir.

***Sujeito B-4*:** Observo a pronúncia do aluno durante a aula e já faço a correção na frente de todos. E em todas as aulas enfatizo a importância da pronúncia correta das palavras e frases.

***Sujeito B-5*:** Não

7. Sobre as atitudes dos alunos em relação ao ensino de pronúncia, você sente alguma dificuldade de tratar esse assunto na sala de aula?

***Sujeito A-1*:** Na realidade não. A questão da pronúncia deve ser tratada como algo importante na aprendizagem de uma língua estrangeira, desse modo, o professor deve, desde o início, monitorar seus alunos e, de vez em quando, executar atividades que envolvam esse tipo de aspecto lingüístico fazendo assim com que os mesmo se acostumem naturalmente com esse assunto.

***Sujeito A-2*:** Não. A maioria dos alunos deseja se comunicar, e por isso dá importância ao estudo da pronúncia.

***Sujeito A-3*:** Com certeza. Como não me sinto preparado, algumas vezes quando os alunos fazem perguntas como ‘a pronúncia é /KÁsa/ ou /kaSÁ/? Se eu não souber, fico meio sem jeito e digo, ‘vou pesquisar com calma e na próxima aula eu te digo’. No entanto, seria mais conveniente se eu já soubesse responder na mesma hora que a pergunta fosse feita. Isso aumentaria minha auto-estima dentro da sala, deixando os alunos à vontade para qualquer tipo de pergunta relacionada a esse tópico.

***Sujeito A-4*:** Não

***Sujeito B-1*:** Sim. Há cerca inibição e medo, por parte dos alunos, ao tentar pronunciar alguma coisa nova.

***Sujeito B-2*:** Não

***Sujeito B-3*:** Os alunos se sentem curiosos e dispostos a aprender a pronúncia, mas também podem se sentir extremamente frustrados, desestimulados e confusos com a dificuldade de reproduzir os sons. O cuidado há meu ver seria mostrar que existem diferenças e que eles têm que estar cientes que esta diferença existe, mas sem sobrecarregar o aluno com muitos detalhes (regras, exceções, etc.), é algo que se tem que ir percebendo, sentido e treinando para ir se adaptando.

***Sujeito B-4*:** Alguns alunos sentem-se envergonhados de falar em voz alta, então às vezes é difícil conseguir fazer a avaliação da pronúncia desses estudantes.

***Sujeito B-5*:** Não

8. Que tipo de dificuldades/facilidades relativas ao ensino da pronúncia você sente?

***Sujeito A-1*:** O que facilita é o fato de grande parte dos fonemas encontrados em japonês existirem também na língua portuguesa, isso faz com que os alunos não sintam dificuldades com a maior parte dos *kanas*. Entretanto, a questão da entonação com certeza é o calcanhar de Aquiles de qualquer estudante.

***Sujeito A-2*:** Difícil ensinar sobre shi/chi e su/tsu no começo. É fácil ensinar as silabas e as vogais básicas por causa da proximidade do som.

***Sujeito A-3*:** O uso do *kanji* facilita a pronúncia/diferenciação dos homófonos. Acho bastante útil quanto ao ensino da pronúncia. No entanto, na fala, infelizmente isso não pode ser tratado.

***Sujeito A-4*:** Acho que os alunos gostariam de realizar uma pronúncia igual ao do nativo, portanto sempre que eles têm sua pronúncia corrigida, sinto que eles ficam satisfeitos achando que sua pronúncia está mais parecida com a do nativo.

***Sujeito B-1*:** Demonstrar as nuance da pronuncia nas quais possuo mais facilidade é o mais fácil. Fazer os alunos experimentarem as novidades a língua mãe e corrigir erros persistentes são o mais difícil.

***Sujeito B-2*:** Insegurança de estar ensinando a pronúncia correta.

***Sujeito B-3*:** Há realmente alguns sons bastante difíceis de se reproduzir, a facilidade é que o grau de "aceitação" da variação do som ajuda o falante a não se sentir tão desanimado pra tentar corrigir a pronúncia. Mas não se deve ficar acomodado com sua atual pronúncia, isto é um fator bastante importante e dever ser levado em conta.

***Sujeito B-4*:** Ainda não tenho uma boa pronúncia, por isso me falta mais conhecimento sobre o assunto.

***Sujeito B-5*:** Até hoje, nenhum aluno se posicionou de alguma maneira se sentindo contrariado nesse ponto, todos sempre aceitaram as correções, ou qualquer outra coisa em relação a esse ponto.

5 Sobre oficina de pronúncia da língua japonesa

Você participou da oficina de pronúncia da língua japonesa realizada em janeiro de 2010? (sim/não)

Não/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim/Sim

Em caso afirmativo, responda às seguintes perguntas.

7. O que você achou em relação ao conteúdo?

***Sujeito A-1*:** Não participei

***Sujeito A-2*:** Importante, embora exija muita sensibilidade para compreender

***Sujeito A-3*:** Interessante

***Sujeito A-4*:** Interessante e bem escolhido

Sujeito B-1: Muito esclarecedor. Houve tópicos que pude trabalhar no dia a dia e sentir sua utilidade

***Sujeito B-2*:** Bom, principalmente por abordar pontos que são ensinados no 1 semestre.

***Sujeito B-3*:** Muito bom, funcionou para abrir os olhos em alguns aspectos da pronúncia que antes eu não conhecia ou passavam despercebidos.

***Sujeito B-4*:** Conteúdo bem trabalhado, voltado para as questões principais relativas a pronúncia.

***Sujeito B-5*:** Achei muito bom. Achei que depois do curso comecei a me policiar mais com relação à pronúncia e gostei muito do material utilizado.

8. Indique os pontos positivos e os negativos sobre o curso todo.

***Sujeito A-1*:** Não participei da oficina

***Sujeito A-2*:** Não tive acesso ao material, então passei a maior parte do curso sem ponto de referência gráfica. Como ponto negativo, foi muito depressa. Como ponto positivo, teve bastante conteúdo.

***Sujeito A-3*:** Foi bastante básico e rápido. Sabemos que um assunto como esses requerem maior empenho, pesquisa e estudo de ambos os alunos e professor. Infelizmente tiveram pontos um tanto complicados, mas que, devido ao curto prazo, não puderam ser aprofundados.

***Sujeito A-4*:** Positivos: conseguimos ter um panorama geral da pronúncia japonesa. Negativos: faltou tempo para prática

***Sujeito B-1*:** O positivo foi ver tudo o que nunca havia sido apresentado em aula antes, e como utilizá-lo. O negativo seria o pouco tempo para explorar um assunto tão amplo

***Sujeito B-2*:** Positivos: os professores e monitores treinaram a pronúncia; tiveram oportunidade de corrigir erros; e a explicação de pontos abordados (divisão em grupos) no 1 semestre para dois convidados. Negativos: o curso foi curto

***Sujeito B-3*:** PONTOS POSITIVOS: foi a explicação sobre como funciona a pronúncia da língua japonesa. Como o curso teve curta duração tivemos uma introdução dos vários tópicos do tema. Também foi levado em conta como seria a melhor forma de apresentar o conteúdo aos alunos. Ao final do curso cada um em grupos ministrou uma aula sobre um ponto diferente da pronúncia. O MAIOR PONTO NEGATIVO: foi a duração, 2 semanas (1 semana teórica – 1 semana prática) talvez seja um pouco curto para um tema um pouco difícil e complicado.

***Sujeito B-4*:** Positivos: aprendizado sobre as particularidades da pronúncia japonesa; exercícios para melhorar a pronúncia; livro acessível. Negativos: o curso poderia ter sido de maior duração.

***Sujeito B-5*:** Os pontos positivos, acredito que tenha sido o material utilizado, e também com o a professora os utilizou. O ponto negativo (não é bem um ponto negativo), seria mais o fato que pensei que é muito difícil de se adquirir uma pronúncia seguindo um método, passei a pensar que é possível se adquirir através da prática e convivência do dia-a-dia.

9. O que você aprendeu durante o curso?

***Sujeito A-1*:** Não participei da oficina

***Sujeito A-2*:** Além da importância da pronúncia, as complicações que uma pronúncia ruim pode causar e modos de evitar que isso atrapalhe a comunicação.

***Sujeito A-3*:** Marcações nas palavras para indicar a pronúncia. Aprendi que existem diversas e que todas são bastante úteis para ensinar melhor. Passei a utilizá-las, em alguns casos.

***Sujeito A-4*:** De novo, somente algumas regras de acentuação.

***Sujeito B-1*:** Diferenças de entonação que mudam sentidos por completo, pronúncia singular das vogais em relação ao português, técnicas de estudo de pronúncia.

***Sujeito B-2*:** Mora; sílaba; acentuação (pude corrigir erros na minha pronúncia de certas palavras). Mais esclarecimentos sobre prolongamentos, 小さいつ(“tsu” pequeno) e 子音 (consoantes)

***Sujeito B-3*:** Formas de abordar o tema de pronúncia em sala de aula, formas de estudar sobre o tema, de perceber as minhas dificuldades e as dificuldades dos outros professores e monitores, etc.

***Sujeito B-4*:** Noções gerais de pronúncia japonesa. Exercícios que podem ser aplicados com os alunos em sala de aula. As diferenças entre a pronúncia portuguesa e japonesa.

***Sujeito B-5*:** Aprendi maneiras de como eu poderia levar o ensino de pronúncia pra sala de aula e como eu mesmo poderia melhorar a minha. E passei a prestar mais atenção na pronúncia de nativos ou aqueles que me parecem ter uma boa pronúncia.

10. O curso de pronúncia ofereceu algum benefício sobre sua prática de ensino? Quais aspectos você acha que podem ser beneficiado?

Sujeito A-1: Não participei da oficina.

***Sujeito A-2*:** Sim, passei a dar mais ênfase a pronuncia dos estudantes e a corrigi-los mais frequentemente, sempre evitando que eles permaneçam com um vicio de pronuncia.

***Sujeito A-3*:** O incentivo à pesquisa/estudo aprofundado desse assunto. È bastante complicado e nem todos conseguem se dedicar a isso. Agora, sabem que existe e que terão casos em que você pode cometer erros, mas em outros seria melhor pensar duas vezes antes de pronunciar qualquer coisa. É importante ter em mente que se ficarmos nos policiando antes de qualquer palavra, não conseguiremos fazer a conversação fluir, então, algumas vezes, mesmo que fale errado, devemos tentar falar algo. Com certeza o japonês vai se esforçar pra te entender e vai te corrigir da maneira mais gentil possível.

***Sujeito A-4*:** Sim, pude enxergar bem quais os pontos que devo enfatizar para os meus alunos em sala de aula.

***Sujeito B-1*:** Sim. Tópicos que devem ser passados aos alunos desde o primeiro semestre para evitar vícios de linguagem. Exemplo de como uma pronúncia errada pode ser problemático.

***Sujeito B-2*:** Como já citei pude corrigir erros de pronúncia e na aula q precisamos dar aos convidados, pude observar a maneira como outros professores explicam e isso me ajudou a pensar em várias formas de fazer com os alunos entendam os pontos citados acima.

***Sujeito B-3*:** Sim, os métodos e conceitos foram bastante úteis.

***Sujeito B-4*:** Sim. Fiquei mais preocupada em inserir as questões de pronúncia em sala de aula e depois de ver as diferenças entre a pronúncia do português e japonês, pude perceber quais os sons precisam ser mais trabalhados em sala de aula.

***Sujeito B-5*:** Acredito que sim, como disse anteriormente, no fato de me mostrar métodos e materiais que eu poderia utilizar, porém que ainda teria que ver como eu poderia encaixar isso a maneira em que ensino. Sobre os aspectos que podem ser beneficiados, realmente, não tenho uma idéia exata de algum aspecto, pois toda vez que penso em pronuncio, não consigo visualizar muito com aspectos e sim como um todo, um geral.

11. Gostaria de ter mais orientação sobre melhoramento da *sua pronúncia* da língua japonesa? Que elemento você gostaria de praticar mais?

***Sujeito A-1*:** Sim, gostaria de praticar mais a entonação, principalmente daquelas palavras e expressões que são escritas da mesma forma em *kana*, mas o "stress" ou entonação

***Sujeito A-2*:** Gostaria de praticar mais a entonação das frases e a acentuação das palavras.

***Sujeito A-3*:** Acentuação das palavras nas frases. Vimos que esse ponto é o mais complicado, uma vez que, palavras homófonas, causam bastante equívocos durante um diálogo. Apenas uma acentuação diferente, causa um sentido completamente diferente no que está sendo dito, mesmo o japonês não sendo uma língua tonal como o chinês.

***Sujeito A-4*:** Sim, acentuação.

***Sujeito B-1*:** Sim. Entonação de sentenças.

***Sujeito B-2*:** Sim. Acentuação/Tonicidade

***Sujeito B-3*:** Sim. Gostaria de focar mais na prática em si. Técnicas de aquecimento vocal, relaxamento, etc. Essas técnicas de fonoaudiologia poderiam ser um ótimo acréscimo a um possível novo curso de pronúncia

***Sujeito B-4*:** Sim. Acentuação.

***Sujeito B-5*:** Sim. Gostaria de praticar mais a entonação das palavras e dentro das frases.

12. Gostaria de ter mais orientação sobre o melhoramento do **ensino de pronúncia** da língua japonesa na sala de aula? Que elemento você gostaria de aprofundar mais?

***Sujeito A-1*:** Sim, da mesma forma da questão anterior, gostaria de ter mais base teórica e exemplos práticos para poder exercitar com os alunos as questões da pronúncia. A princípio, pode parecer para os alunos que a pronúncia japonesa é bastante simples, mas na verdade eles devem ter cuidado com alguns aspectos que podem acabar dificultando a comunicação. Dessa forma, acredito que o ensino de entonação seja bem significativo.

***Sujeito A-2*:** Sim! Gostaria de aprofundar mais a questão de palavras com leituras iguais, no entanto com significados e acentuação diferentes e em frases diferentes. Por exemplo, "Rika-chan to benkyoushimasu" (Estudarei com amiguinha Rika) ou "Rika chanto benkyoushimasu" (Estudarei a matéria de ciência firmemente).

***Sujeito A-3*:** Sim, acentuação.

***Sujeito A-4*:** Sim. Gostaria de aprender a coordenar o estudo de pronuncia em sala de aula sem correr o risco de ensinar algo errado aos estudantes.

***Sujeito B-1*:** Sim. Como mostrar da melhor maneira, o mais compreensível, possível a diferença entre a tonicidade das palavras.

***Sujeito B-2*:** Sim. Acentuação/Tonicidade

Sujeito B-3: Sim. O mesmo nas duas últimas respostas.

***Sujeito B-4*:** Sim. Todos.

***Sujeito B-5*:** Sim. Gostaria de orientação também na parte de entonação das palavras e dentro das frases, pois acredito ser o mais difícil de se conseguir.

Apêndice I: Questionário para coordenadora do curso de japonês do NLE

UECE
Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Pós-Graduação em Lingüística Aplicada
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada – CMLA

Prezada coordenadora do curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras
Este questionário é parte integrante de uma pesquisa sobre o ensino de pronúncia de japonês, desenvolvida para a elaboração de minha dissertação de Mestrado, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, sob orientação do Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho.
Com o objetivo de conhecer o funcionamento das aulas do curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiros da Universidade Estadual - UECE, solicito sua colaboração para o desenvolvimento da pesquisa, por meio do preenchimento deste questionário. Desde já agradeço a colaboração, colocando-me à disposição para quaisquer esclarecimentos complementares pelo e-mail: otiyus@hotmail.co.jp

Questionário

1. Como e por que foi inserido o curso de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da UECE?
2. Qual é o objetivo do ensino de japonês no NLE? Houve alguma alteração do seu objetivo desde início até agora?
3. Como funciona o curso de japonês do NLE dentro do sistema da instituição?
4. Como funciona a seleção dos professores bolsistas do curso de japonês?
5. Quais seriam os critérios para ser professor de japonês?
6. Quais características foram observadas nos professores, ao longo do curso?
7. Como será definida a distribuição de professores para cada turma?
8. Como foi a seleção de material didático? Houve alguma mudança ao decorrer da existência do curso?
9. A coordenação do curso de japonês realiza alguma orientação pedagógica e metodológica sobre o ensino da língua japonesa?
10. Há algumas atividades organizadas pelo curso fora da sala de aula?
11. Há alguma proposta de ensino ou ementa do curso que indique quais elementos da língua japonesa devem ser abordados?

12. Como o curso visa o ensino da produção oral, em especial, a pronúncia em sala de aula?
13. Em relação à pergunta anterior (12), como foi tratado este assunto?
14. Quais habilidades que precisam ser desenvolvidas nos professores atuais.

Muito obrigada

Anexo A: Tabela de escrita japonesa: *Hiragana, katakana* e *Rōmaji* (Minnna no nihongo I, p.3)

III. Pronúncia da Língua Japonesa

1. Kana (hiragana e katakana) e sílabas

Legenda

あ ア — hiragana / katakana
a — letras romanas

	Fila あ	Fila い	Fila う	Fila え	Fila お
Linha あ	あ ア a	い イ i	う ウ u	え エ e	お オ o
Linha か k	か カ ka	き キ ki	く ク ku	け ケ ke	こ コ ko
Linha さ s	さ サ sa	し シ shi	す ス su	せ セ se	そ ソ so
Linha た t	た タ ta	ち チ chi	つ ツ tsu	て テ te	と ト to
Linha な n	な ナ na	に ニ ni	ぬ ヌ nu	ね ネ ne	の ノ no
Linha は h	は ハ ha	ひ ヒ hi	ふ フ fu	へ ヘ he	ほ ホ ho
Linha ま m	ま マ ma	み ミ mi	む ム mu	め メ me	も モ mo
Linha や y	や ヤ ya	(い イ) (i)	ゆ ユ yu	(え エ) (e)	よ ヨ yo
Linha ら r	ら ラ ra	り リ ri	る ル ru	れ レ re	ろ ロ ro
Linha わ w	わ ワ wa	(い イ) (i)	(う ウ) (u)	(え エ) (e)	を ヲ o
	ん ン n				

きゃ キャ kya	きゅ キュ kyu	きょ キョ kyo
しゃ シャ sha	しゅ シュ shu	しょ ショ sho
ちゃ チャ cha	ちゅ チュ chu	ちょ チョ cho
にゃ ニャ nya	にゅ ニュ nyu	にょ ニョ nyo
ひゃ ヒャ hya	ひゅ ヒュ hyu	ひょ ヒョ hyo
みゃ ミャ mya	みゅ ミュ myu	みょ ミョ myo
りゃ リャ rya	りゅ リュ ryu	りょ リョ ryo

3

Linha が g	が ガ ga	ぎ ギ gi	ぐ グ gu	げ ゲ ge	ご ゴ go
Linha ざ z	ざ ザ za	じ ジ ji	ず ズ zu	ぜ ゼ ze	ぞ ゾ zo
Linha だ d	だ ダ da	ぢ ヂ ji	づ ヅ zu	で デ de	ど ド do
Linha ば b	ば バ ba	び ビ bi	ぶ ブ bu	べ ベ be	ぼ ボ bo
Linha ぱ p	ぱ パ pa	ぴ ピ pi	ぷ プ pu	ぺ ペ pe	ぽ ポ po

ぎゃ ギャ gya	ぎゅ ギュ gyu	ぎょ ギョ gyo
じゃ ジャ ja	じゅ ジュ ju	じょ ジョ jo
びゃ ビャ bya	びゅ ビュ byu	びょ ビョ byo
ぴゃ ピャ pya	ぴゅ ピュ pyu	ぴょ ピョ pyo

As letras indicadas no quadro à direita se referem a sons não incluídos na tabela acima ainda que sejam escritas em katakana. Elas são usadas para representar sons não originalmente japoneses, mas necessários para escrever os estrangeirismos.

	ウィ wi		ウェ we	ウォ wo
			シェ she	
			チェ che	
ツァ tsa			ツェ tse	ツォ tso
	ティ ti	トゥ tu		
ファ fa	フィ fi		フェ fe	フォ fo
			ジェ je	
	ディ di	ドゥ du		
		デュ dyu		

O som do idioma japonês é baseado em cinco sons vocálicos: あ(a), い(i), う(u), え(e), お(o) (Veja a tabela na página anterior.). Todos os sons falados são derivados destas cinco vogais. Elas são usadas sozinhas ou são agregadas a uma consoante (Ex.: k+a=か) ou a uma consoante e uma semi-vogal "y" (Ex.: k+y+a =きゃ). A exceção a essa regra é a sílaba especial ん(n), que não é seguida de vogal.

Todos esses sons são do mesmo comprimento quando falados.

[Nota 1] A sílaba é uma unidade de som na língua japonesa.

[Nota 2] Para escrever o japonês de acordo com a pronúncia, usam-se os kanas. (Veja "Kana e sílabas", na página anterior.) Basicamente, um caractere kana, ou um caractere kana acompanhado do kana pequeno (Ex.: きゃ) corresponde a uma sílaba.

Anexo B: Explicação sobre pronúncia (Livro-tradução e notas gramaticais do *Minnna no Nihongo* p.4-7)

O som do idioma japonês é baseado em cinco sons vocálicos: あ(a), い(i), う(u), え(e), お(o) (Veja a tabela na página anterior.). Todos os sons falados são derivados destas cinco vogais. Elas são usadas sozinhas ou são agregadas a uma consoante (Ex.: k+a=か) ou a uma consoante e uma semi-vogal "y" (Ex.: k+y+a =きゃ). A exceção a essa regra é a sílaba especial ん(n), que não é seguida de vogal.

Todos esses sons são do mesmo comprimento quando falados.

[Nota 1] A sílaba é uma unidade de som na língua japonesa.

[Nota 2] Para escrever o japonês de acordo com a pronúncia, usam-se os kanas. (Veja "Kana e sílabas", na página anterior.) Basicamente, um caractere kana, ou um caractere kana acompanhado do kana pequeno (Ex.: きゃ) corresponde a uma sílaba.

2. Vogais longas

A pronúncia de uma vogal longa tem um comprimento duas vezes maior que as vogais comuns (あ,い,う,え e お). Considerando-se o comprimento da vogal あ como uma unidade, o comprimento da vogal longa ああ será de duas unidades. Em outras palavras, se a vogal あ é do comprimento de uma sílaba, a vogal longa será de 2 sílabas (ああ).

O comprimento da pronúncia da vogal pode mudar o significado da palavra.

Exemplo:
おばさん (tia): おばあさん (avó)
おじさん (tio): おじいさん (avô)
ゆき (neve) : ゆうき (coragem)
え (pintura) : ええ (sim)
とる (tirar) : とおる (passar)
ここ (aqui) : こうこう (escola colegial)
へや (quarto) : へいや (planície)
カード (cartão) タクシー (táxi) スーパー (supermercado)
テープ (fita) ノート (caderno)

[Nota]
1) Representação das vogais longas em hiragana
(1) Vogais longas da fila あ
Acrescente あ às letras de hiragana que pertencem à fila あ.
(2) Vogais longas da fila い
Acrescente い às letras de hiragana que pertencem à fila い.
(3) Vogais longas da fila う
Acrescente う às letras de hiragana que pertencem à fila う.
(4) Vogais longas da fila え
Acrescente い às letras de hiragana que pertencem à fila え.
(Exceções: ええ sim, ねえ olha, おねえさん irmã mais velha)
(5) Vogais longas da fila お
Acrescente う às letras de hiragana que pertencem à fila お.
(Exceções: おおきい grande, おおい muito, とおい longe, etc.)

2) Representação das vogais longas em katakana
Para qualquer som, acrescente "ー".

3. Pronúncia do ん

ん nunca aparece no começo de uma palavra. ん é uma sílaba. O modo de pronunciar muda ligeiramente conforme o som da sílaba que vem em seguida.
1) É pronunciada como /n/ antes de sons das linhas た, だ, ら e な.
Exemplo: はんたい (oposto) うんどう (esporte) せんろ (trilho) みんな (todos)
2) É pronunciada como /m/ antes de sons das linhas ば, ぱ e ま.
Exemplo: しんぶん (jornal) えんぴつ (lápis) うんめい (destino)
3) É pronunciada como /ŋ/ antes de sons das linhas か e が.
Exemplo: てんき (tempo) けんがく (visita)

4. Pronúncia do っ

っ aparece antes de sons que pertencem às linhas か, さ, た ou ぱ. Ao escrever estrangeirismos, usa-se também antes dos sons pertencentes à linha ザ, linha ダ, etc. É uma sílaba e tem o comprimento de uma sílaba.
Exemplo: ぶか (subordinado) : ぶっか (custo de vida)
かさい (incêndio) : かっさい (aplauso)
おと (som) : おっと (marido)
にっき (diário) ざっし (revista) きって (selo)
いっぱい (um copo de ～) コップ (copo) ベッド (cama)

5. Pronúncia de letras combinadas com や, ゆ ou よ

As letras き, ぎ, し, じ, ち, に, ひ, び, ぴ, み ou り podem ser combinadas com や, ゆ ou よ, para constituírem juntas uma sílaba.
Exemplo: ひやく (saltar) : ひゃく (cem)
じゆう (liberdade) : じゅう (dez)
びよういん (salão de beleza) : びょういん (hospital)
シャツ (camisa) おちゃ (chá) ぎゅうにゅう (leite)
きょう (hoje) ぶちょう (chefe de departamento) りょこう (viagem)

6. Pronúncia da linha が

A consoante desta linha, quando se apresenta no início de uma palavra, é pronunciada [g]. Em outros casos, é normalmente pronunciada [ŋ]. Recentemente, alguns japoneses não sabem diferenciar entre [g]e[ŋ], usando sempre [g].

7. Não pronunciamento das vogais [i] e [u]

As vogais "i" e "u" não são pronunciadas e são inaudíveis quando elas vêm entre consoantes átonas. A vogal "u" em す(su) em ～です ou ～ます também não é pronunciada quando a sentença termina em ～です ou ～ます.
Exemplo: すき (gostar) したいです (querer fazer) きます (ouvir)

8. Tonicidade

A palavra em japonês possui tonicidade aguda e grave. Ou seja, numa palavra existem sílabas tônicas e átonas. As palavras são divididas em dois tipos, ou seja, se a palavra tem tonicidade decrescente ou não. Palavras com tonicidade decrescente são subdivididas em três tipos, dependendo do local onde ocorre a queda de tonicidade. A tonicidade padrão da língua japonesa é caracterizada pelo fato de que a primeira e a segunda sílabas têm tonicidades diferentes, e que a tonicidade nunca sobe de novo quando cai uma vez.

Tipos de tonicidade:
1) Não ocorre queda de tonicidade. 【┘￣】
Exemplo:
にわ (jardim) はな (nariz) なまえ (nome) にほんご (idioma japonês)
2) A queda de tonicidade ocorre depois da primeira sílaba. 【┌┘_】
Exemplo:
ほん (livro) てんき (tempo) らいげつ (mês que vem)
3) A queda de tonicidade ocorre na palavra em algum lugar depois da segunda sílaba. 【┘┌┘_】
Exemplo:
たまご (ovo) ひこうき (avião) せんせい (professor)
4) A queda de tonicidade ocorre depois da última sílaba. 【┘￣┐】
Exemplo:
くつ (sapatos) はな (flor) やすみ (feriado) おとうと (irmão mais novo)

"はな(nariz)" em 1) e "はな(flor)" em 4) têm pronúncias parecidas, porém o tipo de tonicidade é diferente, porque se uma partícula como が é adicionada depois de cada palavra, 1) é pronunciado はなが e 4) はなが. Abaixo apresentamos alguns exemplos de palavras que têm significados diferentes dependendo do tipo de tonicidade.
Exemplo:
はし (ponte) : はし (palitos para comer) いち (um) : いち (local)
Existem diferenças de tonicidade dependendo da região. Por exemplo, a tonicidade da região de Osaka é diferente do idioma padrão. A seguir apresentamos alguns exemplos.
Exemplo:
Tonicidade de Tóquio: Tonicidade de Osaka
(padrão japonês)
はな : はな (flor)
りんご : りんご (maçã)
おんがく : おんがく (música)

9. Entonação

Existem três padrões. São 1) plano, 2) crescente e 3) decrescente. As perguntas são pronunciadas com entonação crescente. Outras sentenças têm, normalmente, pronúncia plana, mas, algumas vezes apresentam entonação decrescente. A entonação decrescente pode expressar sentimentos tais como acordo, desapontamento, e outros.

Exemplo: 佐藤(さとう)さん と 友達(ともだち) と お花見(はなみ)を します。【→ plano】
ミラーさんも いっしょに 行(い)きませんか。【↗ crescente】
ミラー:ああ、いいですねえ。【↘ decrescente】
Sato: Vou apreciar as cerejeiras em flor com meus amigos amanhã.
Não quer ir conosco, Sr. Miller?
Miller: Parece boa idéia.

Anexo C: Instrução de ensino pronúncia (Livro-instrução de metodologia do livro-texto principal *Minnna no nihongo I*, p 30-34)

.

第１課に入る前に（準備課）

第１課に入る前に、日本語の発音、アクセント、イントネーション、教室の指示のことば、毎日のあいさつと会話表現、数字を導入する。

Ⅰ．日本語の発音

１．かなと拍

ここでは、かなを使って、発音のしかたと注意点を学ぶ。かなの書き方の指導については、特にここでは行わない。

練習１ 五十音図を見せて、まず「あ、い、う、え、お」の行をTのあとについて、繰り返させる。

例 T：あ → S：あ
T：い → S：い
T：あ、い → S：あ、い
T：い、う → S：い、う
T：あ、い、う、え、お → S：あ、い、う、え、お

2 「か行」以下、同様に順番に清音を練習する。

3 次に「゛」のある濁音、「゜」のある半濁音の練習に移る。まず清音を言わせてから濁音、半濁音を練習する。

例 T：か → S：か
T：が → S：が
T：か、き、く、け、こ → S：か、き、く、け、こ
T：が、ぎ、ぐ、げ、ご → S：が、ぎ、ぐ、げ、ご
T：は → S：は
T：ば → S：ば
T：は、ひ、ふ、へ、ほ → S：は、ひ、ふ、へ、ほ
T：ば、び、ぶ、べ、ぼ → S：ば、び、ぶ、べ、ぼ

4 拗音の練習
まず大きい文字、次に小さい文字「ゃ、ゅ、ょ」、それから大小の文字をいっしょに発音させる。

例 T：き → S：き
T：や → S：や
T：き、や、きゃ → S：き、や、きゃ
T：きゃ、きゅ、きょ → S：きゃ、きゅ、きょ

２．長音

短音、長音の区別はことばの意味の違いにかかわるものなので、短音（１拍）に対し、長音（２拍）の長さを２倍に取って発音しわけるように気をつけさせる。

練習１ 教科書の対になったことばを見せ、テープまたはTのあとについて、繰り返させる。

例 T：おばさん → S：おばさん
T：おばあさん → S：おばあさん

2 Tは手拍子を打ちながら、短音のことばと長音のことばの拍の数の違いを確認しながら、繰り返させる。拍は音符で示す。

例 T：おばさん（4拍） → S：おばさん
（♩♩♩♩） （♩♩♩♩）
T：おばあさん（5拍） → S：おばあさん
（♩♩♩♩♩） （♩♩♩♩♩）

3 短音、長音のことばを書いたカードを用意し、カードを見せて発音させる。
教科書以外のものも例組が準備する。

例１T：「ふじさん」のカード → S：ふじさん
T：「ふじいさん」のカード → S：ふじいさん
例２T：「さと」のカード → S：さと
T：「さとう」のカード → S：さとう

4 Tが両手に対になったカードを持って、どちらかのことばを発音し、長音のことばか短音のことばか答えさせる。

３．撥音

「ん」の音はうしろに来る音によって、発音のしかたが変わる。音の出し方は特に難しくないが、音の長さに気をつけさせる。

練習１ 教科書のことばを見せながら、テープまたはTのあとについて繰り返させる。
その際、うしろに来る音によって「ん」の発音が変わることに注意させる。
Tの口元に注目させる。

例 T：えんぴつ 「ん」の発音時に唇が閉じていることに注意させる。
→ S：えんぴつ
T：みんな 「ん」の発音時に舌が歯茎の裏についていることに注意させる。
→ S：みんな
T：てんき 「ん」の発音時に唇が開いていることに注意させる。
→ S：てんき

2 手拍子に合わせて、拍の数に注意して教科書のことばを読ませる。

例 T：えんぴつ（4拍） → S：えんぴつ
（♩♩♩♩） （♩♩♩♩）
T：みんな（3拍） → S：みんな
（♩♩♩） （♩♩♩）

４．促音

促音「っ」もことばの意味の違いに大きくかかわるので１拍分の間隔を取って発音するように注意させる。

練習１ テープまたはTのあとについて、教科書のことばの例を読む。

2 手拍子で拍の数を確認させる。

例 T：ぶか、ぶっか（2拍、3拍） → S：ぶか、ぶっか
（♩♩）（♩𝅗𝅥） （♩♩）（♩𝅗𝅥♩）
T：かさい、かっさい（3拍、4拍） → S：かさい、かっさい
（♩♩♩）（♩𝅗𝅥♩♩） （♩♩♩）（♩𝅗𝅥♩♩）

3 教科書以外のことばも含め、ことばのカードを用意し読ませる。

例 T：「いき」のカード → S：いき
T：「いっき」のカード → S：いっき

4 長音の場合と同様、Tがことばを言い、促音か否か、ことばのカードを用いて答えさせる。

５．拗音

「病院」「美容院」のように拗音の有無は意味の違いに大きくかかわる。拗音は、「きゃ、きゅ、きょ」のように「ゃ、ゅ、ょ」を添えた音で１拍となる。

練習１ テープまたはTのあとについて、教科書のことばの例を読む。拍の数に注意する。

例 T：ひやく、ひゃく（3拍、2拍） → S：ひやく、ひゃく
（♩♩♩）（♩ ♩） （♩♩♩）（♩ ♩）

2 教科書以外のことばも含め、ことばのカードを用意し読ませる。

例 T：「きやく」のカード → S：きやく
T：「きゃく」のカード → S：きゃく

3 長音の場合と同様、Tがことばを言い、拗音か否か、ことばのカードを用いて答えさせる。

６．アクセント

日本語のアクセントは「高低アクセント」である。共通語（東京アクセント）では１語中に必ず高さの変化があり、また、第１音目と第２音目の高さが違う。教科書には４つのアクセントの型が示してある。同音異義語の多い日本語では、このアクセント型の違いに意味の違いを示す機能がある。

アクセントの機能には［ニワニワトリガイタ］（①二羽鶏がいた。②庭には鳥がいた。）の例のように意味の伝達にかかわる語句の切れ目を示す働きもあるがここでは触れない。

この教科書では共通語の東京アクセントを教える。しかし、アクセントは方言によって違いがあるので、ここでは参考までに大阪アクセントを紹介してある。

例 テープで「６．アクセント」のことばをいくつか聞かせる。初めの音と２番目の音の高さが違うことに注意させる。本冊p4-6を見せて、アクセントの型が４つあることを示し、Tまたはテープのあとについて繰り返させる。
T：にわ → S：にわ
T：ほん → S：ほん
T：たまご → S：たまご
T：くつ → S：くつ
翻訳・文法解説p.8-6を見せて、「はし」(橋)：はし (箸)、「いも」(一)：いも (位置)」の例で、アクセントで意味が変わることを示す。
東京アクセントと大阪アクセントの例を聞かせ、地域によって違うことを紹介する。Sに応じた地域アクセントをTが紹介してもよい。

＜留意点＞1）第1音と第2音の違いがわかるように、簡単なアクセント表示の書き方を教え、今後の語彙導入の際に自分でメモするように言うと発音に対し注意深くなる。

2）①平板型（なまえ）と②尾高型（やすみ）がどう違うのかという質問が出ることがある。文の中で平板型は後接の助詞のアクセントが高いままで、尾高型は後接の助詞のアクセントが低くなる。説明に代えて、翻訳・文法解説p.6の説明を読ませてもよい。

7．イントネーション

ここではイントネーションの代表的な3つの型、①［→］、②［↗］、③「↘」を紹介する。①は断定文、②は疑問文、③は感嘆文である。このように文に加えられる音声の上がり下りをイントネーションと言い、断定、疑問、意志、驚き、悲しみなど、話し手の意図や感情によって変わる。

例　テープで「7．イントネーション」の部分を聞かせてイントネーションの違いを紹介する。

佐　藤：①あした友達とお花見をします。［→］　平板調

②ミラーさんもいっしょに行きませんか。［↗］　上昇調

ミラー：③ああ、いいですね。［↘］　下降調

＜留意点＞①は断定文、②は疑問文、そして③は感嘆文であることを意味(訳)とともに確認する。ただしこの段階では、まだ文の意味までわからないので「イントネーション」の項目は無理に行わなくてもよい。各課に入ってから、平叙文、疑問文などの文の種類や発話者の心理などによってもイントネーションが変わることを例文や会話文の中で指摘し指導する。

8．その他

母音の無声化

「いくつ」「聞きます」などのことばでは、母音の無声化［ikútsú］［kǐkimasú］が起こる。いくつか例をあげて、自然な発音を聞かせ、無理に母音を発音しないことを示す。敏感な学習者は質問してくるが、質問がない場合でも、自然な発音を身につけさせるために一応紹介しておくとよい。（参考：翻訳・文法解説p.6–7）

Anexo D: Pares mínimos de *moras* especiais de livro *Hatsuon* (IMADA, 1989, p.164-167)

12 元気で劇に出る。
13 参加者は坂を上った。
14 二期の任期を終えた。
15 部下が文化について話す。
16 幹事の家が火事だ。
17 感心しても過信してはいけない。
18 火星の研究はまだ完成していない。
19 ダンスのポスターを出す。
20 文士が武士について書いた。

12 促　音

1) ミニマル・ペア（拍数の差に注意）

≪[pp]≫

1 a スッパイ（酸っぱい）
b スパイ

≪[tt]≫

1 a	イッタ（言った，行った）	4 a	イッツー（1通）
b	イタ（いた）	b	イツー（胃痛）
2 a	イッタ（いった）	5 a	ウッタ（売った）
b	イタ（板）	b	ウタ（歌）
3 a	イッチ（一致）	6 a	オット（夫）
b	イチ（一）	b	オト（音）

7 a	カッタ（勝った，飼った）	14 a	トッタン（突端）
b	カタ（肩）	b	トタン（途端，トタン）
8 a	㊤ッテ，㊤ッデ（切手）	15 a	ネッタイ（熱帯）
b	㊤テ（来て）	b	ネタイ（寝たい）
9 a	コットー（骨とう）	16 a	ハッタ（張った）
b	コトー（孤島）	b	ハタ（旗）
10 a	サッチ（察知）	17 a	バッター
b	サチ（幸）	b	バター
11 a	㋑ッタ（知った）	18 a	㋐ットー（沸騰）
b	㋑タ（下）	b	㋐トー（不当）
12 a	㋑ッテ（知って）	19 a	モット（もっと）
b	㋑テ（して）	b	モト（元）
13 a	㋑ッタ（釣った）	20 a	ワッタ（割った）
b	㋑タ	b	ワタ（綿）

≪[kk]≫

1 a	アッカ（悪貨）	5 a	カッケ（かっけ）
b	アカ（赤）	b	カケ（かけ）
2 a	アッキ（悪鬼）	6 a	カッコ（括弧）
b	アキ（秋）	b	カコ（過去）
3 a	イッケン（1軒）	7 a	ゲッコー（月光）
b	イケン（意見）	b	ゲコー（下校）
4 a	カッキ（活気）	8 a	コッケー（こっけい）
b	カキ（柿）	b	コケー（固形）

9 a	サッカ（作家）	15 a	㋑ッコー（失効，執行）
b	サカ（坂）	b	㋑コー（思考）
10 a	㋑ッカ（失火）	16 a	ジッコー（実行，実効）
b	㋑カ	b	ジコー（時候，時効）
11 a	㋑ッカク（失格）	17 a	セッキ（石器）
b	㋑カク（四角）	b	セキ（せき）
12 a	ジッカン（実感）	18 a	テッキ（鉄器）
b	ジカン（時間）	b	テキ（敵）
13 a	㋑ッキ（漆器）	19 a	ハッカ（発火，薄荷）
b	㋑キ（四季，式）	b	ハカ（墓）
14 a	ジッケン（10軒）	20 a	ハッケン（発見）
b	ジケン（事件）	b	ハケン（派遣）

≪[ss, ʃʃ]≫

1 a	アッシ（圧死）	6 a	ガッショー（合唱，合掌）
b	アシ（足）	b	ガショー（画商）
2 a	イッセー（いっせい）	7 a	カッセン（合戦）
b	イセー（異性，威勢）	b	カセン（化繊）
3 a	イッセキ（1隻）	8 a	カッソー（滑走）
b	イセキ（遺跡）	b	カソー（火葬）
4 a	イッソ（いっそ）	9 a	ケッ㋑テ（決して）
b	イソ（いそ）	b	ケ㋑テ（消して）
5 a	カッサイ（かっさい）	10 a	ジッシュー（実習）
b	カサイ（火災）	b	ジシュー（自習）

11 a	ジッスー（実数）	16 a	トッシン（突進）
b	ジスー（字数）	b	トシン（都心）
12 a	㋑ッセキ（しっ責）	17 a	ニッシ（日誌）
b	㋑セキ，シセキ（史跡）	b	ニシ（西）
13 a	ジッセツ（実説）	18 a	ハッセー（発声，発生）
b	ジセツ（自説）	b	ハセー（派生）
14 a	㋑ッソー（失そう，疾走）	19 a	プッシ（物資）
b	㋑ソー（思想）	b	プシ（武士）
15 a	ジッソク（実測）	20 a	ホッソク（発足）
b	ジソク（時速）	b	ホソク（補足）

2) 短　文

1 スパイは酸っぱいジュースを作った。
2 今ここにいた人はどこへ行ったのだろう。
3 1軒の家の位置について意見が一致しない。
4 手紙を1通書いたら胃痛がひどくなった。
5 新しい歌のレコードを売った。
6 切手を持ってきてほしい。
7 バッターはバターが好きだ。
8 カキ（柿）取り競争は活気があった。
9 いつかっけが治るか，かけをした。
10 括弧の中は過去の形だ。
11 せきをしながら石器を調べた。
12 1隻の舟で遺跡を回った。

Ⅲ アクセント

1) ミニマル・ペア

≪ア行≫

1 a アオイ（青井，葵—姓）
b アオイ（青い）
2 a アカ（赤）
b アカ（垢）
3 a アキ（空き）
b アキ（秋）
c アキ（飽き）
4 a アク（開く）
b アク（悪）
5 a アサ（朝）
b アサ（麻）
6 a アシ
b アシ（足，脚）
7 a アタリ（当たり）
b アタリ（辺り）
8 a アツイ（厚い）
b アツイ（暑い，熱い）
9 a アッカ（悪化）
b アッカ（悪貨）
10 a アツサ（厚さ）
b アツサ（暑さ，熱さ）
11 a アメ（飴）
b アメ（雨）
12 a アラワレル（洗われる）
b アラワレル（現れる）
13 a アリ
b アリ（有り，在り）
14 a アワ
b アワ（泡）
15 a アンカ（あんか）
b アンカ（安価）
16 a アンキ（暗記）
b アンキ（安気，安危）
17 a アンザン（暗算）
b アンザン（安産）
18 a イ（胃）
b イ（医，意）
19 a イカ
b イカ（医科）

2) 短　文

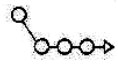
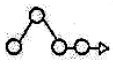
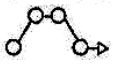
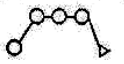
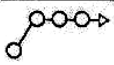
1 青井さんは青いスキーが好きだ。
2 空き家に引っ越したが，秋には飽きが来た。
3 悪の世界のドアが開く。
4 アクセントで悪戦苦闘する。
5 朝は麻の着物を着る。
6 足でアシをかき分けた。
7 厚いコートではもう暑い。
8 悪貨のために社会が悪化した。
9 雨の日にあめを買う。
10 アリがアワを食べてあわを吹いた。
11 このあんかは安価だ。
12 医科の学生はイカが好きだ。
13 行きに息が苦しくなった。
14 一人で池まで行ける。
15 彼の意見ではそれは違憲だ。
16 医師が石につまずいた。
17 遺児は意地になってそれを維持した。
18 衣装に意匠を凝らす。
19 それ以上は異常だ。
20 依然として以前のままだ。
21 市（いち）の位置のことは一から十まで知っている。
22 五日の事件について，いつか話そう。
23 あの建物は一見，1軒の家に見える。
24 米1升のために一生懸命働いた。

Anexo F: Marcas indicadoras de acento da língua japonesa do livro *Hatsuon (*IMADA, 1989 p.102)

第4章　アクセントなど

第42表　＜4拍名詞の5つの型＞とその表記法

東京アクセント体系における〈4拍名詞の5つの型〉とその表記法

い	起伏式				平板式
ろ	頭高型	中高型		尾高型	平板型
は					
に	上下下下	下上下下	下上上下	下上上上(下)	下上上上(止)
ほ	●○○○▷	○●○○▷	○●●○▷	○●●●▷	○●●●▸
へ	フジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト	トモダチ
と	フジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト┐	トモダチ
ち	ラジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト(ガ)	トモダチ(ガ)
り	ラジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト	トモダチ
ぬ	ラジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト	トモダチ
る	ラジサン	シラユキ	アオゾラ	イモオト	トモダチ
を	Fu┐jisan	shi┌ra┐yuki	a┌ozo┐ra	i┌mōto┐	to┌modachi
わ	┌Fu┐jisan	shi┌ra┐yuki	a┌ozo┐ra	i┌mōto┐	tomodachi
か	/フ┐ジサン/	/シラ┐ユキ/	/アオゾ┐ラ/	/イモオト┐/	/トモダチ/
よ	/○┐○○○/	/○○┐○○/	/○○○┐○/	/○○○○┐/	/○○○○/
た	①	②	③	④	⓪
れ	フ	ラ	ゾ	ト	0

Anexo G: Dicionário de japonês português (COELHO, 1998, p.11)

a, **A,** (Primeira letra e vogal do silabário japonês. As vogais no J. enunciam-se por esta ordem: a, i, u, e, o. Ver o resto do silabário na pág. 9).

a, a) Ah!; Ai meu Deus! (Exprime surpresa repentina); b) Ai! (Exprime dor). **Loc.** *~ itai,* Ai! *~ jishin da,* Ah! É um terra[e]moto! *~ shimatta,* Ai que desgraça [Pouca sorte]! (Usa-se muito quando se esqueceu algo, houve um contratempo, etc.). *~ wakatta,* Ah! Já sei!/Agora compreendo! *vd.* **átto.**

ā[1], (áa) Claro!; Sim!; Naturalmente!; Ah!; Ah sim!; Não; Pois!; Está bem! (Exprime assentimento, pelo menos exterior). **Ex.** *~ sō desu ka,* Ah, sim!? *Kore o karite mo ii desu ka – ~ ii desu yo,* Podia emprestar-me isto? – Posso, sim.

ā[2], (áa) Oh!; Ah!; Ai! (Exprime alegria, tristeza, desagrado). **Ex.** *~ atsui,* (Ai) que calor! *~ isogashii,* Ai, que ocupado eu ando! *~ komatta,* Estou perdido! *~ kutabireta,* Ai que cansado (eu estou)! *~ odoroita,* Ai que surpresa!/Como é possível?! *~ okashii,* Ai que engraçado! *~ chichi ga ikite itara nā,* Oh [Ah; Ai]! Quem me dera [Oxalá] que [Se o] meu pai fosse vivo! *~ subarashii nagame da,* Ai, que vista tão linda [panorama maravilhoso]! *~ yatto tsuita,* Ah! Até que enfim (que) cheguei «a casa»!

ā[3], (áa) Assim; como aquele/a. **Ex.** *~ made kare o semenakute mo yosasō na mono da,* Parece que não era preciso censurá-lo tanto [daquela maneira; até àquele ponto]. *~ wa iu mono no yahari musuko wa kawaii no da,* Ele fala assim, mas gosta do filho. *Ano otoko wa itsu ~ demo nai kō demo nai to urusai koto o iu,* Ele [Aquele sujeito] é difícil de contentar, implica com tudo. *Ano shachō no yari-kuchi wa itsumo ~ da,* Aquele presidente (de firma) faz sempre as coisas assim [é mesmo daquele jeito]. *Kare wa itsumo ~ ieba kō iu,* Ele há-de dizer sempre o contrário do que os outros dizem [Ele é sempre assim, se a gente diz que é branco ele diz que é preto]. *Keiken-sha de nai to ~ wa ikanai,* Vê-se logo que tem (muita) prática [Coisa tão bem feita, só quem sabe (é que a pode fazer)]. **Loc.** *~ iu baai,* Num caso assim [desses]. *~ iu fū ni,* Daquela maneira. *~ iu hito,* Pessoas assim [como ele/a]. *~ shita shigusa,* Aquela maneira de ser [proceder]. *vd.* **kō; sō.**

abáku, 1 Desenterrar; exumar. **Loc.** *Haka o ~,* a) Exumar [Desenterrar] «os ossos» (**Sin.** Horí-dású); b) Violar uma sepultura. **2** Revelar; desmascarar; descobrir [pôr a descoberto]. **Loc.** *Gizen-sha no shōtai o ~,* Desmascarar os hipócritas. *Tanin no himitsu o ~,* Revelar um segredo. **Sin.** Bákuro suru.

ában, (<Ing. urban<L. urbs) Urbano; da cidade. **Pc.** *~ dezáin,* O arranjo [risco] ~. *~ rinyūaru,* A renovação ~. *vd.* tokai.

abáńchúru, (úu) (*<Fr.* aventure) Uma aventura amorosa. **Loc.** *~ o tanoshimu,* Desfrutar uma ~.

abáńgyárudo, (*<Fr.* avant-garde) A vanguarda. **Pc.** *~ geijutsu,* A arte de ~. **Sin.** Zeń-éí(+).

abárá, 1 [*vd.* **abárá-bóne**]. **2** Uma costeleta. **Loc.** *Buta no ~,* As costeletas de porco. **Pc.** *~ niku, vd.* **bara [sanmai] -niku.**

abárá-bóne, (<...+honé) A(s) costela(s) (De homens e animais). **Sin.** Rokkótsú(+).

abárá-ya, Uma casa em ruínas. **Sin.** Háika.

abáré-dásu, (<abárérú+...) Ficar bravo.

abáré-máwáru, (<abárérú+...) Correr furiosamente de um lado para outro; devastar tudo à sua passagem. **Loc.** *Bōto ga ~,* Os amotinados destroem tudo o que encontram. *Taifū ga ~,* O tufão leva tudo diante dele.

abáré-mónó, (<abárérú+...) Um indivíduo violento; um bruto; um desordeiro. **Sin.** Abáréńbó; ranbó-mónó(+).

abáréń-bó, (<abárérú+bōzu) *vd.* **abáré-mónó.**

abárérú, 1 Agir com violência; amotinar-se. **Ex.** *Demo-tai ga abarete tatemono ni hi o tsuketa,* Os manifestantes amotinaram-se e deitaram fogo ao(s) edifício(s). *Kodomo ga chūsha o iyagatte abarete iru,* A criança está a espernear [mexer-se toda] com medo da inje(c)ção. **Loc.** *Sake o nonde ~,* Bulhar com a bebedeira. *Uma ga ~,* O cavalo espanta-se. **2** Fazer muito. **Ex.** *Kare wa zaikai de ōi ni abareta,* Ele desenvolveu grande a(c)tividade no mundo financeiro [dos negócios].

abáré-uma, (<abárérú+...) O cavalo bravo [espantadiço; rebelão].

abátá, Os sinais de varíola; as marcas das bexigas, *(g.).* **Prov.** *~ mo ekubo,* O amor é cego. **Pc.** *vd.* **~ zura.**

abátá-zúrá, (<...+tsurá) O rosto com sinais da varíola; a cara bexiguenta.

ábayo, *(g.)* Até logo, pá; adeusinho. **Sin.** Sayónárá(+).

abázúré(ónna), *(g.)* Uma (mulher) libertina [devassa; despudorada]. **Sin.** Surékkáráshí.

abékáwá-(mochi), «Mochi» com farinha de feijão-soja e açúcar.

abékku, (*<Fr.* avec) Um par de namorados. **Loc.** *~ de dekakeru,* Sair aos pares [com o/a namorado/a]. *vd.* **Futárí-zúré.**

abékóbé, O contrário; o avesso; o inverso. **Ex.** *Homerare tsumori ga ~ ni shikarareta,* Eu pensava [a pensar] que ia ser louvado e afinal fui repreendido. *Junjo ga ~ da,* A ordem é inversa [É/Está ao contrário]. **Loc.** *~ ni kutsu o haku,* Calçar os sapatos trocados. **Sin.** Gyakú(+); hańtáí(+).

ábikyōkan, *(e.)* (*<Sân.* avici) Avici e Raurava (Duas das oito fornalhas do inferno budista). **Ex.** *Jiko no genba wa ~ no chimata to kashita,* O local do acidente era [ficou] um inferno. *vd.* **mugótáráshíi.**

abírú, (*vd.* **abísérú**) **1** Deitar sobre si. **Loc.** *Atama kara mizu o ~,* Deitar [Deixar cair a] água pela cabeça abaixo. *Shawā o ~,* Tomar um (banho de) chuveiro. *Wain o ~ yō ni nomu,* Despejar copos de vinho (pela goela abaixo). **Sin.** Kabúru. **2** Entrar na água. **Loc.** *Hito-furo ~,* Tomar um banhito. **3** Receber em cheio. **Loc.** *Hokori o ~,* Ficar cheio [coberto] de pó. *Nikkō [Tsuki no hikari] o ~,* Estar ao sol [luar]. **Sin.** Ukéru. **4** Receber. **Ex.** *Kare wa fu-dōtoku na okonai o shite seken no hinan o abita,* Ele foi censurado por toda a gente por ter praticado aquela imoralidade [má a(c)ção]. **Loc.** *Hōka o ~,* Estar debaixo de fogo. *Kassai o ~,* Receber aplausos; ser aplaudido [aclamado]. **Sin.** Ukéru.

abísékákéru, *vd.* **abísérú.**

abísérú, (<abírú) **1** Deitar sobre. **Loc.** *Atama kara mizu o ~,* Deitar água sobre todo o corpo. *Teki ni hōka ~,* Disparar sobre o inimigo. *vd.* **Kabúséru; sosógú. 2** Fazer. **Loc.** *Hinan (no ya) o ~,* Criticar severamente. *Hito ni shitsumon o,* Bombardear com [Fazer muitas] perguntas. **Sin.** Kőmúráséru. **3 Loc.** *Hito-tachi ~,* Ferir com a espada. **Sin.** Kirí-tsúkéru(+).

Abíshíníá, *(a.)* Abissínia (*vd.* **Echíópíá**).

ábu, *(zool.)* O moscardo. **Prov.** *~ hachi torazu,* «Quem tudo quer, tudo perde»/«Quem muito abarca, pouco aperta». *vd.* **hachí.**

Anexo H: Dicionário de acento da língua japonesa (NHK, 1998, p. 6-7)

アカイワシ　赤いわし《鰯》

アカエイ　赤えい《鱏》〔動〕

アカエボシ　赤えぼし《烏帽子》

アカオケ　あかおけ《閼伽桶》〔仏〕

アカオニ　赤鬼

アカオビ　赤帯

アカガイ　赤貝〔動〕

アカガエル　あかがえる《赤蛙》〔動〕

アカガシ，アカガシ　あかがし《赤樫》〔植〕

アカガネ　あかがね《銅》

アカガネイロ　あかがね色《銅》

アカカブ　赤かぶ《蕪》

アカガミ　赤紙

アカガワ　赤革

アカガワラ　赤がわら《瓦》

アガキ，アガキ　あがき《足掻》

アカギレ　あかぎれ《皹》

アガク　あがく《足掻》

アカグツ　赤靴

アカグマ　あかぐま《赤熊》〔動〕

アカグロイ，アカグロイ　赤黒い

アカゲ　赤毛

アカゲット　赤（blanket）

アカゴ　赤子

アカゴーノー　赤行のう《嚢》

アカゴメ　赤米

アカザ　あかざ《藜》〔植〕

アカザトー　赤砂糖

アカサビ　赤さび《錆》

アカザラ　赤ざら（砂糖）

アカサンゴ　赤さんご《珊瑚》

アカシ　明石〔織物〕

アカシ　あかし《灯，証》

アカジ　赤字，赤地

アカシア　acacia〔植〕

アカシオ　赤潮

アカジミル　あかじみる《垢染》

アカシンゴー　赤信号

アカシンブン　赤新聞

アカス　飽かす

アカス　明かす（夜を～）

アカス，アカス　あかす《証》

アカズ　開かず（～の踏切）

アカズ，アカズ，アカズ　飽かず（～眺める）

アカズキン　赤ずきん《頭巾》

アカスリ，アカスリ，アカスリ　あかすり《垢擦》

アカダイコン　赤大根〔植〕

アカダシ　赤だし《出汁》〔料〕

アカダナ　あか棚《閼伽》〔仏〕

アカチャイロ　赤茶色

アカチャケル　赤茶ける

アカチャン　赤ちゃん

アカチョーチン　赤ちょうちん《提灯》

アカチン　赤（tinctuur）〔オ〕〔俗〕

アカツキ　暁

アカツキヤミ，アカツキヤミ　暁やみ《闇》

アガッタリ，アガッタリ　上がったり

アカツチ　赤土

アカッチャケル　赤っ茶ける

アカデミー，アカデミー　academy

アカデミズム　academism

￣は高く発音。˥は次が下がる。○内は母音無声化。ガギグゲゴはガ行鼻音。～は発音表記などの省略。複合名詞・固有名詞などは，巻末付録を参照されたい。

アカデミック　academic

アカテン　赤点

アカデン　赤電（電車）

アカデンシャ　赤電車

アカデンワ　赤電話

アカトンボ，（伝　アカトンボ）　あかとんぼ《赤蜻蛉》

アガナイ，アガナイ　あがない《贖》

アガナウ　あがなう《贖，購》

アカナス　赤なす《茄子》〔植〕

アカヌケ，アカヌケ　あか抜け《垢》

アカヌケル　あか抜ける

アカネ　《茜》〔植〕

アカネイロ　あかね色《茜》

アカネゾメ　あかね染め

アカネモメン　《茜木綿》

アカノゴハン　赤のごはん《御飯》

アカノタニン　赤の他人

アカノマンマ　赤のまんま〔植〕

アカハジ　赤恥

アカハタ　赤旗

アカハダ　赤肌

アカハダカ　赤裸

アカバナ，アカハナ　赤鼻

アカハラ　赤腹〔動〕

アカビカリ　あか光り《垢》

アカヒゲ　赤ひげ《髭，髯》

アカブサ　赤房

アカフダ　赤札

アカペラ，アカペラ　a cappella〔イ〕〔音〕

アカボー　赤帽

アカホン　赤本〔文〕

アカマイシ　赤間石

アカマツ，アカマツ　赤松〔植〕

アカミ　赤身，赤み《味》

アカミソ　赤みそ《味噌》

アカムケ　赤むけ《剝》

アカムラサキ　赤紫

アカメ　赤目

アカメイモ　赤芽芋〔植〕

アカメル，アカメル　赤める

アガメル，アガメル　あがめる《崇》

アカモン　赤門

アカラガオ，アカラガオ　赤ら顔

アカラサマ，アカラサマ　あからさま《明》

アカラム，アカラム　赤らむ

アカラメル，アカラメル　赤らめる（顔を～）

アカランプ　赤lamp

アカリ　明かり《灯》

アガリ　上がり，揚がり

アガリオリ　上がり降り

アガリガマチ　上がりがまち《框》

アガリグチ，アガリグチ，アガリグチ，アガリグチ　上がり口

アガリコム　上がり込む

アガリサガリ，アガリサガリ　上がり下がり

アカリショージ　明かり障子

アガリダカ，アガリダカ　上がり高

アガリダン，アガリダン　上がり段

アカリトリ，アカリトリ　明かり取り（窓）

アガリバ　上がり場

発音表記の（　）内は場合により許される発音・アクセントまたは接頭語のついた形。〔　〕は品詞，説明語の略記。《　》内の漢字は原則として使わない。文字表記の（　）内は用例または説明。